

Para a História do Português Brasileiro

- Pernambuco -

**Manuscritos e os Impressos
Pernambucanos dos Séculos XVIII,**

XIX E XX

[edição semidiplomática]

Cleber Alves de Ataíde

(Org.)



Apresentação

O presente material faz parte da documentação que foi coletada por mim, Cleber Alves de Ataíde, e a equipe¹ pernambucana para constituir o *corpus* mínimo comum de textos manuscritos e impressos de Pernambuco para o Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). O *corpus* coletado serviu de análise para a elaboração de minha tese de doutorado intitulada ***Da esquerda para a direita: descrição e uso das cláusulas VS em textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX***, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba

O objetivo desta edição dos textos pernambucanos é fornecer material de pesquisa aos investigadores, não só do PHPB, mas também de outros projetos que visem buscar fontes históricas para contar, a partir de realidades linguísticas de sincronias passadas, a verdadeira evolução do português brasileiro.

As amostras pernambucanas de manuscritos e impressos selecionadas para compor o banco nacional de dados do PHPB foram recolhidas e editadas a partir de edições de jornais, contendo artigos, crônicas, anúncios e demais matérias publicadas, disponíveis no arquivo, no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, da Fundação Gilberto Freyre, do Arquivo Público do Estado de Pernambuco e da Paraíba, do Arquivo da Ordem do Mosteiro de São Bento, em Olinda, e do Arquivo Ultramarino, em Lisboa.

O *corpus* pernambucano aqui editado compreende, assim como no caso do projeto PHPB nacional, os gêneros de língua escrita recortados por séculos e pertencentes aos dados do *corpus* mínimo comum do Projeto. Todo o acervo coletado transcrito de manuscritos oficiais e particulares totaliza um volume de dados de 172.848,00 palavras.

A organização do *corpus* pela equipe pernambucana seguiu os seguintes passos: a) seleção de textos, considerando o período inicial do século XVIII e o período final do XX; b) organização dos textos coletados em acervo fotográfico; c) transcrição, digitação e revisão da transcrição conforme as orientações filológicas para documentos manuscritos e impressos – edição semi-diplomática, seguindo as notações para a transcrição organizadas por Guedes & Berlinck (2000, p. 12):

¹ Participaram da equipe de coleta e transcrição dos textos os seguintes colaboradores: Andréa de Souza e Silva, Ana Paula Macena, Carolina Cavalcanti, Cláudia Silva, Cleber Ataíde, Daniela Forcioni, Danielly Vieira, Jemima Vitória Leite de Souza, Jéssica Pereira da Silva, Manoel Pedro Vieira Filho, Mari Noeli Kiehl Iapechino, Maurício Vieira da Silva, Patrícia Siqueira C. Ferreira, Priscilla Elizabeth da Silva Costa Ferreira, Pedro Henrique Corrêa Silva, Rose Mary Fraga, Samara Falcão, Tarcísia Travassos, Thiago Nunes Soares e Valéria Severina Gomes.

Quadro 4 – Notações para transcrição

[]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [] vender; para o verão e arti[]s de modas.
[[]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex.: drigi[[gi]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo] [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de tres andares; de profição agrônomo. [espaço] com boas referências.
	na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: <i>Senhor, réis, número, Excelentíssimo, Nossa Senhora, ReVerendíssima.</i>

Os textos selecionados do nosso *corpus* reúnem amostras distintas de quatro tipologias de gêneros de textos estabelecidos no âmbito do projeto PHPB: *manuscritos oficiais*² e *particulares, editoriais e cartas do leitor*. Nessa edição, são encontrados 30 exemplares de cada gênero escrito, divididos por séculos. No total, foram editados 120 textos, o que totaliza 58.213 palavras, sendo 13.204 dos manuscritos oficiais, 15.051 dos manuscritos particulares, 16.675 dos editoriais e 13.283 das cartas do leitor.

²A categoria “*manuscritos oficiais*” concentra um grupo de textos administrativos como declaração, atestado, certidão, ofício, requerimento *etc.* que, socialmente, atende a propósitos comunicativos diferentes. Entendo que este aspecto pode alterar, de algum modo, os resultados aqui obtidos. Porém, assumo o risco de analisar os contextos da ordenação nestes gêneros.

M. J. C. S. M.

Haq he servido, q
vondete no Cons. Ultramarini as du
licios incluzas do Propoziti, emais Pa
Congregacao de Sao Filippe Neri do Recife
Pernambuco, sobre o qual com effeito
parece sobre as mesmas representai.
a S. C. Paes e L. de Agosto de 1711.

Manuscritos oficiais

Diogo de M. Correia



Ant. Marques de
Penabaz

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta a Sebastião de Castro e Caldas [Governador da Capitania de Pernambuco] sobre a ordem de reedificar a capela de Nossa Senhora da Assunção [feita pelo mestre de campo do Terço da Gente Preta da Guarnição dessa Capitania – Domingos Rodrigues Carneiro].
4. Data do documento: 20 de abril de 1708.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 22, D. 2066).
7. Identificação do autor: Diogo Sylveyra Velloso
8. Número de palavras: 163
9. Informações Levantadas: As únicas informações encontradas atestam que o sargento-mor Diogo da Sylveyra Velloso foi engenheiro atuante em vários projetos arquitetônicos deste período histórico, com construções [notadamente fortificações] no Ceará, na Paraíba e no Rio de Janeiro. Sabe-se ainda [Miranda, 2005: 105] que ele escreveu os tratados Geometria Prática [1699] e Opúsculos Geométricos, além de, a partir de 1720, ter sido professor da Aula de Fortificação do Recife.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 4.

Senhor Governador

Em comprimento da ordem de *Vossa Senhoria* fuy ver a capella da estan-|Cia do terço das minas para efeito de orçar junto com os mestres| juizes do officio de pedreiro o custo que poderá fazer ahedifica-|ção da dita capella na mesma forma em que se acha feita: e| porque esta no estado em que estâ não cousa alguma que se lhe| possa aproveitar mais que alguma
5 pouca telha, neces[?]ita de se tor-|nar a fazer toda denovo, para oque entendo pello orçamento que fiz| junto com os ditos mestres juizes do officio seraõ necesarios seis|centos mil Reis, e em quanto[?] que no mesmo sitio estâ principia-|da de pedra e cal para esta se acabar julgo serem necesarios,| conforme o orçamento que tambem fis, dous mil cruzados fazendo-|se atal obra pellos preços ordinários que valem na terra, isto he| aqui posso
10 informar a *Vossa Senhoria* que mandarâ o que for mais conveniente ao Real Serviço como estima. Ao 20 de Abril de 1708.

[Assinatura de Diogo da Sylveyra Velloso]

Nota:

MIRANDA, Bruno Romero. Aulas de fortificação do Recife – 1701. Pergaminho, Revista Eletrônica de História – UFPB, ano 1 – número zero, out. 2005, pp. 99-108.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Certificação de autoria de Marçalino Leytão de Oliveira e Albuquerque sobre o ajudante Manoel A. Ribeiro, da Fortaleza Santa Cruz de Itamaracá.
4. Data do documento: 24 de maio de 1710.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 23, D. 2137).
7. Identificação do autor: Marçalino Leytão de Oliveira Albuquerque, da Fortaleza Santa Cruz de Itamaracá.
8. Número de palavras: 140
9. Informações Levantadas: *Não se localizaram outras informações sobre Marcelino Leytão de Oliveira e Albuquerque
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 5.

Marçalino Leytão de Oliveira e Albuquerque Fidalgo| da caza de Sua Majestade que Deus
guarde Mampos[?] mor da Sancti-|ssima Trindade redenção decaptivos, Capitão de
Infantaria| pago da Fortaleza Sancta Cruz de Itamaracá tudo pello| mesmo Senhor.
[rubrica]

Certifico que o Ajudante Manoel Alz[?] Ribeiro está morando, eassistindo nesta Fortaleza|
ensinando, eexercitando os soldados della, nomanejo das armas, e formatura| dos
esquadroins com minha ausencia edo Capitam Lucas [inint.] Pays, tem ficado muitas| vezes
porcabo, easeu cargo as monçoims, epetuchos da Artilharia, noque| seouve sempre
5 combom prossedimento, esatisfaçam, edamesma sorte seha| nomais que selhe emCarrega
do Real Serviço, por cuja vizam sefaz digno da|honra, que Sua Majestade for servido
fazerlhe: Passa haver d[?] pedida [inint.] certidam, apassey| pormim a signada, e selada,
com a signete deminhas armas, nesta For-|taleza de Itamaracá aos 24 de Mayo do anno mil
eSete centos e dez.

10

[Rubrica de Marçalino Leytão de Oliveira Albuquerque]

Nota:

1. Há, na margem inferior do texto, cinco linhas em que se podem identificar algumas poucas palavras [texto marcado pela ilegibilidade das palavras].

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta de Sebastião Castro e Caldas [Governador da Capitania de Pernambuco] ao rei D. João V sobre o envio da relação de oficiais pagos para servir a Capitania de Pernambuco.
4. Data do documento: 20 de junho de 1710.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 23, D. 2140).
7. Identificação do autor: Sebastião Castro e Caldas / Governador da Capitania de Pernambuco.
8. Número de palavras: 283
9. Informações Levantadas: O episódio mais marcante do governo do português Sebastião Castro e Caldas em Pernambuco foi o da Guerra dos Mascates. Uma Carta Régia, de 19 de novembro de 1709, elevou Recife à categoria de Vila e permitiu a colocação de um pelourinho nessa nova vila. Em outubro de 1710, por ter apoio os comerciantes portugueses, levantando o pelourinho, e pela tentativa de demarcar os limites territoriais entre as vilas de Recife e Olinda, Sebastião de Castro e Caldas sofreu um atentado e, junto de uma comitiva, fugiu para Salvador. Recife foi, então, ocupada por olindenses que destruíram o pelourinho e promoveram a prisão de autoridades recém-nomeadas.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 6, folhas 1 e 2.

[*inint.*]

Com esta remeto a Vossa Majestade a relação dos offeç| ays pagos que Servem nesta capitania.|| Os dous Sargentos Mayores destes Terços, ambos| satisfazem as Suas obrigaçõs, com muyto cuydado,| e zelo nellas, eSaõ capases deSerem acrescentados, cada|

5 hum conforme oSeo mereçimento, [*inint.*] aoSeosGo|vernadores.|| OAdjudante deTenente Francisco Gil Ribey|RO, hã dou meses que assisto pontualmente aSua| obrigação, com melhora nosSeos achaques.|| OsCapitans mays caoases diaPresentamen|to, saõ, Manoel Carvalho, Antonio Pereyra de Aze|vedo, Manoel da Rocha Lima, Eusébio deoLiveira,| Manoel da Fonseca Jayme, Manoel Marques, Luis| Lobo, Pedro Roiz Plasidio de Azevedo, ainda que|

10 oCapitaõ João da Mota, é muyto valorozo, comboa| dispocisaõ, vive taõ sô com Sigo, que por essa visaõ onaõ| prefiro aos mays.|| OAdjudante do [*inint.*] Simaõ Mendes, estaem| bomserviço eassistebem asua obrigação, tem mays| de 30 annos de serviço, com muytos embarques na Junta,| é pobre, écasado, é digno da Comiseracão de Vossa Majestade.|| OAdjudante do [*inint.*] Antonio Vieyra, sabe| muyto bem, naõ é dos que melhor assistem

15 aSua obriga|saõ, nem dâ boa conta das deligençias queselheem|carregaõ, porser filho daterra.|| Os dous Adjudantes su[*inint.*], Gaspar Pereira| deAzevedo, e Bernardo de A[?]emaõ, saõ capazes,| deSerem acrescentados, eServem comSatisfacão, e| fidelidade aosSeos mayores, ecom vantagens na ca|paçidade o dito Gaspar Pereira de Azevedo.|| OSargento do [*inint.*] Manoel Fey[*inint.*] da Companhia do| Capitaõ Joaõ daMota,

20 sobre Serpardo, é visto| e já [fol.2r] compouco proximo, echegado occuparem huma| das
Fortalezas, com o mesmo gosto.|| O Capitaõ da Artilharia Francisco Mendes| da Pa[inint.],
serve com muyto cuydado, ezelo, etem toda| acapacidade, para o Seo posto: [espaço] Os
dous gentil[?] [inint.], e Condestaveyo, todos saõ capazes, das Suas o|cupaçõs.|| A real
25 pessoa de Vossa Majestade guarde Deos muitos annos| como todos Seos vassallos
dezejamos, e Sabemos mister.| Pernambuco 20 de Junho de 1710 [rubrica]

[Assinatura de Sebastião de Castro e Caldas]

30

Nota:

1. Observa-se, na margem superior direita, em caligrafia distinta da apresentada na carta transcrita, a inscrição "Pernambuco| 20 de Junho| 1710".
2. O texto é iniciado por uma abreviação ininteligível.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta de José da Costa [Prepósito da Congregação do Oratório de Recife] ao rei D. João V sobre as falsidades levantadas contra aquela Congregação da Câmara de Olinda, com solicitação de ajuda para que se continuassem as obras de sua igreja.
4. Data do documento: 20 de novembro de 1711.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 24, D. 2210).
7. Identificação do autor: José da Costa / prepósito da Congregação do Oratório de Recife.
8. Número de palavras: 1.329
9. Informações Levantadas: *Não se localizaram outras informações sobre José da Costa.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. *Cartas Oficiais - Carta 7*, folhas 1 a 3.

Senhor,

[fol.1r] Agradecidos ao Real zelo, e summa caridade comque Vossa Majestade é servi-|do
amparar e favorecer com tanta magnificencia esta sua Congregação que tem tomado|
debaixo de sua Real proteçaõ ordenando senós desse da sua Real fazenda sinco| mil
cruzados para ajuda daobra da nossa Igreja deque tanto necessitamos, pella
5 pequena|[*inint.*] daque temos a respeyto do numeroso povo que para os nossos exercicios a
Ella com[?]rro,| e que se continuasse adita obra que á Camara da Cidade de Olinda por
opposiçaõ, que| tem ao Recife tinha mandado suspender sem que nós valessem contra a sua
determinaçã] as cartas, que de Vossa Majestade lhes apresentamos, assim a do Padroado,
como a emque foy| servido ordenar semedisso a dita obra para effeyto de secontinuar com
10 ajuda da esmolla| que já a Vossa Majestade aviamos pedido, por hum e outro beneficio
Rendemos humildemente| a Vossa Majestade as graças cuja merce e esmola redundava a
Deos, de quem é totalmente ao braço| e a Vossa Majestade grande gloria enas pequena
utilidade as almas. Ecomo o demônio se resente| tanto desta, naõ cessou para a [*inint*]
queremos maquinar sua grande ruina.|| [espaço] Depoys do Levante que houve contra o
15 Governador Sebastiam de Castro, e Caldas, que| ja a Vossa Majestade foy notorio nos
arguirãõ falsamente os motores eparcyais do dito Levante, que a[?][?]tao| nossa
Congregação vinhaõ algumas pessoas desta villa do Recife a fazerem papeys contra| elles sem
outro motivo mays para assim [?]rem e publicarem que tem-se odito Governador mostrado
encli-|nado aesta Casa, como Vossa Majestade foy servido recomendarlhe; e naõ bastaraõ os
20 repetidos enga-|nos que nesta materia damos ao Reverendo Bispo, nem onaõ seacharem
athe presente indicios| alguns dos ditos papeys por mais deligencias que para isso mandou
fazer, para assentir ànossa| verdade, e quiça, que onaõ assentir aesta fosse omotivo demays

se radicar nos corações sobre|ditos motores eparcyais este testemunho, para nos
intentarem maquinar [?] como publicamente dezias nes-|te novo levante aultima ruina, o
25 que farias se Deos como author da verdade nos não defendesse.|| [espaço] Levantou-se a
18 de Junho deste prezente anno a Infantaria desta praça do| Recife, aqui seuniraõ todos os
moradores della, para se parem em defesa de algu'as pessoas de fora,| que
aggregandooutras de sua facção sedezia tinhaõ intentado invadiradita praça rouballa ma-
|tarem as familias principay della, e fazeremse senhores das Fortalezas e praça de Vossa
30 Majestade| sitiaram-na [?] cujo sitio durou athe achegada do novo Governador. [inint.]
roubando logo muytas casas| do Lugar das Salinas, proximo adita praça, que pertencia aos
moradores desta, e muytos es-|cravos que apontavaõ, como tambem tyrannamente obraraõ
na Villa de Goyana, e freguezia| do Cabo assolando tudo oque era dos moradores do Recife e
dosque os seguiaõ sem perdoar| aninguem. Passados alguns dias do levante apanharaõ hu'a
35 carta do Governador da| Parahiba para hum Padre desta casa, emque lhe faltava naprezente
materia ja succedida, na| qual senaõ continha couza, deque opudessem argüir [?]. E como
odito Governador sempre abominou| pelo intender assim, o cerco que haviaõ posto apraça
de Vossa Majestade impedindolhe o sustento. || [fol.2r] Osustento, basta acharem esta
Carta para acrescentaram oque nella senaõ continha, epara dizerem| ajudados da mã
40 intençaõ que ja dantes nos tinhaõ pello testemunho ja Referido que se en[?]|trassem na
praça nõs haviaõ por ofogo impondonos tambem falsamente, alhe ochegarem| apersuadir ao
Reverendo Bispo que nõs fomos acausa do dito levante (tam cruel como isto| foy aguerra
que nõs fez odemonio) do qual Levante, como Deos é testemunha, não fomos| sabedores,
poys nos não pertencia o sabello, senaõ quando vimos; ebasta para abono desta ver-|dade o
45 acharse entaõ anossa Casa desprovida do sustento, deque certamente nos proveriamos Se|
dantes osouberamos; mas esse pouco comque nos achamos entendemos que evidentemente
acrescentou| Deos, poys com trinta alqueyres de farinha, que unicamente tinhamos se
sustentou por sincoenta| dias esta Comunidade que constava devinte e sete congregados,
evinte eoyto escravos, dandosse| aportaria esmola todos estes dias amays deoytenta
50 pobres; que a ella chegavaõ morrendo| afome, socorrendose tambem amuytas pessoas
graves homens e mulheres que empessoa vinhaõ| pedir hu'a esmola, oque nunca fizeraõ em
sua vida.|| [espaço] Vendo nos por sua parte este povo parecendo sem sustento algum|
comendo somente huns mariscos que chamaõ pedras pella sua dureza, doque nunca se fez
caso, eainda estes| não podiaõ colher, porque os sitiadores furtavaõ, ematavaõ
55 tyrannamente aos escravos, que os hiaõ ma-| riscar, e por outra parte oevidente perigo de
perderem todos as vidas, honras e fazendas, e senhore-|arem-se os sitiadores da praça e
Fortalezas de Vossa Majestade com zelo de fieys vassallos, e| com caridade, e fé em Deos
animavamos a estes miseraveis, o que tambem fizeraõ os mays re-|ligiosos, principalmente
os da Reforma do Carmo para que não desmayassem, e defendessem as suas| vidas pello
60 infallivel perigo emque estavaõ, poys ja neste tempo publicaraõ os sitiadores,| que
sechegassem a invadir a praça ninguem havia escapar com vida, equetivessem confianca
na| misericordia Divina, que supposto tinha permitido pellas nossas culpas a afflicãõ, o
angustias| emque serviraõ, não lhes havia faltar com oultimo remedio; como não faltou,
pellas preces pub-|licas que ao mesmo Deos sefizeraõ ajudadas com os piedosos clamores
65 dos inocentes, que cortavaõ e| lastimavaõ ocoraçãõ, queyxando-se alguns de os

desamparar, quem naterra tinha obrigacão de os| defender, eamparar; e assim começou
aconcorrer por maõ o sustento vindo da Parahiba Rio de São| Francisco, Alagoas, Portocalvo,
Tamandaré, e Bahia, cujos povos estavaõ pella parte eafavor des-|ta praça, solicitando
aconduçãõ de algu'as destas partes o Governador dos Índios D. Sebastião Pinheyro|
70 Camaraõ, e o Capitam Mayor de Lna Cristovaõ Paes Barreto, que no socorro desta praça
com| grande zelo semostraraõ os mays empenhados, chegando este aempenhar a sua prata
para| o dito socorro, e aquelle a conduzir as suas cestas para os barcos as Canas de a Sucar,
batatas, e outras| miudezas para se repartirem pellos mininos do Recife, acçaõ
verdadeiramente [*inint.*] e de excès-|siva caridade.|| [espaço] Reconhecendo o Capitam
75 mandante desta praça João da Motta| que [fol.3r] | que na sua defensa se houve com
excessivo zelo, fidelidade, constancia, e trabalho, acaridade| comque nos obramos, coamor
que mostravamos de fieys vassallos de Vossa Majestade nos pedio por| carta que a Vossa
Majestade apresentamos alguns Padres para irem á Parahiba, e Tamandaré à soli-|citar o
socorro para a defensa da dita praça, e por entendermos que nisso faziamos serviço a Deos,|
80 e a Vossa Majestade selha concederaõ, sem Repararmos nos perigos aque se expunhaõ oque
estimu-|lou os ânimos dos sitiadores da praça, edosque os governavãõ por verem, que com
estas deligencias| selhes frustrava, e difficultava mays o tyrannico intento que tinhaõ de
invadir a dita praça aacen-|dendo-se mays nosseos coraçoes contra nõs hum infernal odio,
como bem mostraraõ noque obraraõ| com hum congregado nosso que vinha danossa missaõ
85 do Arorobà, ao qual Leonardo Bezerra Ca-|valcanti, e o Ajudante Bernardo de Alamaõ, que
estavaõ pondo cerco a Fortaleza de Taman-|daré, que tambem estava pella praça, despiraõ
a roupeta atandolhe a correa comque se cingia| aopescoço, prendendo-o a hum pa[?] quasi
afogado, peandolhe os pes, puxandolhe pellas bar-|bas, dandolhe baforadas e buscando
o[?]igas para o açoutarem, cobrando outras mays acções, qual nem bárbaros fazem.||
90 [espaço] Todos estes, e outros opobrios, Senhor, nos parecem suaves, porque tudo|
suportamos por entendermos, que noque obravamos faziamos algum serviço a Deos e a
Vossa Majestade| e beneficio as vidas deste povo sitiado, de que não pretendemos outro
premio nesta vida mays| doque reconhecer Vossa Majestade a fidelidade, zelo, e amor
comque o desejamos servir pedindo hu-|mildemente a Vossa Majestade o faça assim
95 entender pello caminho que lhe parecer aquelles, que nos saõ| oppostos, para que
conhecendo-o assim possamos continuar nas missoens de ambulatorios sem semelha-|te
perigo, e com aproveitamento das almas, poys da boa ou má expectaçãõ do auditorio,
depende[?]| ofazer-se ou não fruto nas almas. Deos Vosso Senhor prospere e augmente
avida e saúde a Vossa|Majestade para beneficio do seu Reino Consolação dos Seus vassallos.
100 Congregaçaõ do Oratorio da Villa do Recife 20 de Novembro de 1711.||

De Vossa Majestade

Muy humilde Despacho

105

[Assinatura de José da Costa]

[*inint.*] da Congregaçaõ

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta dos oficiais da Câmara de Recife a D. João V, ressaltando a importância de a vila possuir um escrivão da Câmara que não exercesse, ao mesmo tempo, igual função em Olinda.
4. Data do documento: 13 de julho de 1712.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 25, D. 2264).
7. Identificação do autor: aparecem as assinaturas de Paulo de Carvalho [?] e [?] Costa de Araújo.
8. Número de palavras: 148
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 8.

Senhor.

Foy Vossa Majestade Servido mandarce informar acerca da Ser-|ventia do officio deescrivaõ dacamara serconviniente exercer-|se pelo mesmo emambas ascameras, aSaber não estavilla| e nadeoLinda, ouvindo os oficiais de[?]las oD[?] ouvidor| geral, sobre oque [inint.] vista depois deresponde-|rem os deoLinda não achas inconviniente damos anossa| resposta, representando o quejâ experimentamos porque | nos temsucedido muitas vezes valermos das sub[inint.]| dostabelioins em alguns papeis quesedespachaõ por| este [?]mado: [espaço] Como também nasfunçoins publicas|queconcorrem aomesmo dia emque sedeve cada uma câmera| incorporar sempre nos faltou o [?]servi[?]aõ por seemcorporar| com odeoLinda, efinalmente porque sevindo oemam[?]as sefazsuspeito sendo o mesmo Escrivão porquanto nunca| pode servir comsatisfação e detodos quando [?]publico| aõ [inint.] que adeoLindatem por oppociação destavilla| esendo oprovimento namesmapeçoa resulta grande [inint.]|Cômmodo, pello querogamos aVossa Majestade sedignesepa-|rarnos escrivão quenacamera destavilla sirva semque| nadeoLinda exerça aServentia noque seentereza| avis[?]idade daquitação que tanto dezejamos.

A Rial Peçoa de Vossa Majestade goarde Deus.

[inint. + três linhas]

[Assinaturas de Paulo de Carvalho [?] e de [?] Costa de Araújo]

Nota:

1. 148 palavras e mais três linhas ininteligíveis

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta do engenheiro Diogo da Silveira Veloso ao rei de Portugal [D. João V], relacionando as fortificações da Capitania de Pernambuco e o estado geral/utilidade delas.
4. Data do documento: 05 de maio de 1713.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 25, D. 2311).
7. Identificação do autor: Dyogo Sylveyra Velloso
8. Número de palavras: 3.512
9. Informações Levantadas: As únicas informações encontradas atestam que o sargento-mor Diogo da Sylveyra Velloso foi engenheiro atuante em vários projetos arquitetônicos deste período histórico, com construções [notadamente fortificações] no Ceará, na Paraíba e no Rio de Janeiro. Sabe-se ainda [Miranda, 2005: 105] que ele escreveu os tratados Geometria Prática [1699] e Opúsculos Geométricos, além de, a partir de 1720, ter sido professor da Aula de Fortificação do Recife.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 9, folhas 1 a 7.

Relação dos fortes, e Reductos que se achão feytos, e se| vão| continuando nesta
Costa de Pernambuco e suas utilidades

Me[*inint.*] o primeyro forte o do Brum, cuja forma he quadrada, fortificaçãõ [*inint.*]
holandeza| com dous baluartes inteyros para a parte do Rio e dous meynos baluartes
para a par-|te do mar, he aprincipal defença da barra deste Recife, esô o defeyto que
tem de não| ter agua dentro para se poder defender algum tempo, enão tem
5 commodo para se lhe| poder fazer cisterna.|| Osegundo he o forte de Santo Antonio,
no sitio que chamaõ oburaco sua forma he| quadrada, fortificado pella proporção do
Methodo Luzitanico, com dous meynos baluar-|tes para a parte de terra, e outros dous
para a parte do mar, cujos ramais se ataõ com| dous Reve[?]ins de huma eoutra
parte do Recife e cidade; tambem he util à defença| da barra^B, mas de muy pouca
10 capacidade, tanto que na cortina do mar principal bata-|[*inint.*] da barra, mas tem a
artelharia e Recuo necessario, pois tem [?] tinta e dous palmos| deLargo do
parapeyto à contramuralha, sendo que os AA. Lhe assignão quarenta esin-|co palmos
por ultimo termo. Tambem está condenado da parte de terra, porque della| se
descobrem as [?]nteyras das carretas que estão na bateria do mar, em Razaõ deque|
15 fizeraõ esta mais superior e ada parte do Rio mais baixa, com que vem a ficar os
de|fençores descobertos pellas costas, sem os inimigo ser necessario Levantar
bateria, ou| ou|tro defeyto lhe concidero tambem que he ter as defenças Laterais

para a parte do mar| e do Rio, devendo telhas para a parte da Cidade e Recife, que
he por donde pode ser| atacado, tambem padece amesma falta de agua que o
20 Brum.|| Oterceyro he o forte de Santa Cruz domar, sua forma he octagonica de
piqueno Re|cinto, pois o tem por cada Lado vinte esete palmos emeyo, mas he de
grande utilidade| e consecuencia para adefença da barra, porque aLem de seus tiros
poderem offender| aoinimigo antes de chegar à barra, ao entrar por esta, lhe passã
25 taõ perto que sem du| vida podem desse Receber grande danno. aLem de que
precizamente hande dar fun-|do debaixo da artelharia deste forte, e dos dous assima
apontados, por não poderem| surgir assima delles em Razaõ do banco que lhe
impede o passo, este forte tem sua cis-|terna de que podia beber aguarniçaõ que
tem, mas agoa salgada que nas mares che-|as salva oparapeyto, elhe entra dentro,
a faz incapas.|| O quarto he o forte da Madre de Deos; está situado no ultimo fim da
30 povoaçãõ| do Recife; sua forma he de hum simicirculo para a parte do Rio, sobre
cujo diâmetro se| Levantaõ dous meynos baLuartes para a parte de terra; já em outra
ReLaçaõ digo que| está por acabar em muyta parte, he totalmente inútil para
adefença deste porto, eoque| mais he que serve degravissimo perjuizo aomesmo
35 porto no danno que fas as enco|radores dos navios. Primeiramente he inútil para
adefença deste porto, porque| lhe não defende abarra, pois anaõ descobre, equando
adescobrir, não chegaõ| [fol.2r] seus tiros a ella, pella grande distancia em que lhe
fica; segunda, não pode de ne-|nhuma sorte impedir, o desembarque, em qualquer
parte que o inimigo ointentar; tre-|ceyra por qualquer parte que o inimigo intente
senhorear o Recife, primeyro o fará| muyto aseu salvo, do que do dito forte seja
40 visto; quarta dado que inimigo| entre o Recife não pode este forte servir de nelle se
Recolher algum preciozo, pois não| poderá defenderse vinte equatro horas, e ainda
nem meyo dio; pois seus defençores| ficaõ expostos aos tiros que de dentro das
mesmas casas (aquem fica muyto mistico)| lhe fizerem, por lhe ficarem estas
supperiores, porque està fundado na parte mais bai-|xa que tem a villa do Recife.||
45 Neste forte se Levantou hum Reducto proLongado aque deraõ onome de Ca-|vaLeyro
de S. Pedro: Ofim comque esta obra se fes, não foy outro mais que dize-|rem que
com a artelharia delle fariaõ afastar os navios que da parte de fora dos| Recifes
quizessem bombear a villa; isto he questaõ de nome, e verdadeyramente sem|
nenhum fundamento, por duas Razoens, primeyra, que os navios que tal intentarem|
50 não tem necessidade de se virem pôr emparte donde os tais tiros os possaõ
offender,| pois opodem fazer muytos aseu salvo de parte mais fronteyra à villa
donde não chegaõ os tiros do dito cavaLeyro, nem os do forte domar; salvo huns e
outros forem| por eLevaçaõ, e estes sabem todos oquanto saõ incertos, eo pouco
efeyto que fazem; bem| pudera tratar aqui da conveniencia que terà oinimigo em vir
55 bombear a villa dapar-|te de fora, ficando tam impossibiliLado para aganhar, como
antes de abombear, mas| por não fazer mais extença a Relaçaõ omito essa questaõ.
[espaço] A segunda enaõ menos for-|çoza Razaõ, que ja acima vay [?]scada, he, que
os tiros do tal cavaLeyro não podem| chegar aos navios que fora dos Recifes devem
fundo, porque se metem tres distan-|cias que vencer; primeyra aLargura do Rio que
60 nesta parte he amayor que tem; segunda| aLargurados Recifes, que he tambem

grande, treceyra, a distancia dos Recifes aona-|vio, que sempre hade dar fundo em parte donde esteja Livre do lixo que corre na| vizinhança dos mesmos Recifes, que he o mayor inimigo que elle aqui tem; etodas estas| distancias excedem em dobro o alcance do tiro vehemente de artelheria, segundo a| taboada que delles tras

65 [inint.]fino. Emfim esta obra sô seria boa se fosse feyta so-|bre os mesmos Recifes, como votou o Sargento Mor Engenheiro que entaõ servia Luis| Francisco Pimentel, que para muyto mayor obra tem Largura.|| Que este forte sirva de gravissimo perjuizo a este porto, e ancoradouro dos| navios, naõ necessita de prova, porque a experiencia o està mostrando ad ocuLum,| e chamemse todos os mestres, e piLotos

70 das naos de guerra, emercantes que navegaõ| a elle, com opatraõ, emais praticos da barra, evejasse oque dizem sobre este ponto.|| Elle tem feyto criar hum banco, ou coroa de área (como chamaõ os naturaes) que tem| oytocentos palmos de Largo para aLargura do Rio, naõ fallo no comprimento que he| em dobro; isto he oque eu pude medir por estar em seco de marê vazia, que he sem duvida que he muyto

75 mayor, e cada vez crece mais.|| [fol.3r] Intentou Antonio Fernandes de Matos fazer hum cais de pedra que principias|se da ponte que divide estas povoações e fosse acabar ao forte do Brum, com o pretex|to de lhe darem toda a terra que entulhasse: neste cais Recebia esta villa eomesmo Rio| huma grande utilidade, e como assim fosse lhe prohibio o senado da Camera de OLinda| (que entaõ dominava) a fundação

80 delle, talvez por naõ verem o Recife mais aumenta|do, ainda que o aparente pretexto foy outro, como por este caminho naõ conseguiu o seu| intento, que era alcançar terreno para fazer moradas de casas, offereceo fazer odito| forte à sua custa, com que veyo a ficar senhor de tanta, que fes nella mais de trinta mo-|radas, enaõ foy outro ofim comque fes odito forte, que Sua Majestade lhe Remunerou com

85 Real| grandesa. Julgo ser muyto conveniente o demulirse toda esta obra, para oque se de-|vem ouvir os pareceres das pessoas que nesta materia puderem estar, enaõ deve fi-|car em siLencio como athe agora, naõ sendo esta a primeyra ves que nella tenho arcado,| pois he de tanta consequencia.|| Sobre hum dos meynos baLuartes das portas desta villa do Recife da parte| domar se Levantou outro Reducto de bem Limitada capacidade, aque devaõ o titulo| de cavaLeyro do Bom Jesus das portas; o fim foy omesmo que assim disse de fazer| afastar as embarcaçoens que intentavam bombear a villa, e contra isso temos as mes-|mas Razoens que para o outro se apontaraõ, como nos mostrou a experiencia quando| huma balan[?]va Francesa, depois de tomar hum patacho das Ilhas que estava fora|dado fundo, esperando marê

90 para entrar, deu caça ahu'a sumaca da Bahia, athe| bem perto de terra, que fazendoselhe tiro deste Reducto, por mais do treceyro ponto de| eLevação lhe faltou muyto para Lá chegar aballa; e para adefença do Rio, emais da| povoação, estava melhor na sua primeyra altura, por serem seus tiros mais aoLume| da agoa; e se pudesse servir para o fim pretendido, em tal cazo se devia Levantar| todo omeyo

95 baLuarte, no que se naõ gastava mais hum vintem, e ficava mais ca-|pas de Laborar a artelheria.|| No fim da povoação de Santo Antonio, e prencipio da campina dos afogados, es|tá oforte das sinco pontas, he de quatro baLuartes inteyros, com tresentos esinco-|enta palmos de Lado de poLigno exterior; aserventia deste forte se

100

105 vio nesta occasião| em que o Recife esteve de cerco, mas se não foraõ as trincheyras
que se fizeraõ pel-|La mesma parte que lhe domina, não impedira a entrada da villa;
serve tambem| para defender abarrehinha, por donde de marê cheya podem entrar
Lanchas, mas| para este fim menos bastava, ou tapar a dita barrehinha, oque não he
muy dificultozo,| etálvez fosse conveniente para o Rio. ||Na praya da cidade de
110 OLinda ha hum Reducto piqueno que chamaõ de| *São Francisco* fica de frente de
hum aberta que aLi fazem os Recifes, donde ha annos| pertenderaõ os moradores
della se lhe fizesse hum molhe para estarem os navios a-|brigados, mas não o
conseguiraõ, por ser couza de grande custo, e incerta duraçaõ,| julgo esta obra de
muy pouca utilidade, pois os inimigos não tem necessidade de| [fol.4r] vir
115 desembarcar debaixo de seus tiros, porque muytos aseu salvo desembarcaraõ ma-|is
para baixo, eviraõ à cidade e Recife sem do Reducto lhe poderem fazer mal, antes|
vendida a cidade, fica condenado, pois toda ella lhe serve de padrao por lhe ficar|
muyto eminente.|| Aonorte da cidade tres Lagoas de frente da barra que chamaõ do
pao ama-|rello hia outro Reducto proLongado de cento esincoenta palmos de frente,
que està para| se acabar, como digo em outra ReLaçaõ, donde [?]ato do estado
120 emque estaõ as obras| aserventia deste Reducto, he poder impedir a entrada da
barra, e [?]ungidouro, aqual-|quer navio que a intentar, oquel por força hade dar
fundo debaixo de seus tiros,| pois não tem mais que hum piqueno Lagomar emque
surgir, etudo omais para hum| e outra parte he baixo; ao navio que aqui entrar,
naõ poderà sahir para fora sem evi-|debtissimo Risco de encalhar, ou nos Recifes da
125 parte do mar, ou no bai[?]a que tem da| banda de terra, pella estreyteza do canal;
enaõ acho noticia alguma deque aLi en-|trasse algum dia navio, nem por
necessidade, que se os HoLandezes entraraõ por ella| quando invadiraõ estas
Cappitanias, ofizeraõ em Lanchas, ficando os navios da| parte de fora, esabemos
muyto bem que em quanto estiveraõ Senhores dellas, cuyda-|rão muyto em fortificar
130 todas aquellas barras por onde temiaõ ser accometidos, e| nesta nem hum só torraõ
de terra Levantaraõ, pode ser porque conhecessem que| era de muy pouca
entidade.|| Mais para onorte outras tres Legoas fica o forte de *Santa Cruz* da barra
da Ilha| de Itamaraca, he dequatro baLuartes inteyros, eo mayor que tem odistricto
deste gover-|no, porque seu Lado de poLigno exterior he de quatrocentos pès; não
135 ojulgo de pouca| serventia, porque os navios que entraram pella barra, ou hande
surgir debaixo de seu ti-|ros, ou quando queyraõ subir pello Rio arriba hande passar
taõ perto, que quazi selhe| podem meter as buchas da artelheria dentro; mas se o
inimigo intentar botar gente na| Ilha em Lanchas, isso não poderà impedir odito
forte, e tem o outeyro que chamaõ do| conde donde pode ser Retido com artelheria,
140 por lhe ficar este muyto superior; mas| o inimigo que Là a conduzir, a pode
facilmente perder, porque pode ser atacado pel-|La Retaguarda, que tudo he mato
bem serrado, elhe fica tambem superior ao dito oyteyro,| ea[*inint.*] custo será
dezaLojado, comque viva aperder todo otrabalho que tiver tido, na| conducçaõ da
artelheria, que nunca hade ser muyto groça; e ainda a de campanha| lhe concidero
145 grande dificuldade por cauza do terreno, que tudo são areais, haven-|do de seu
precizamente conduzida à força de braço; e assim lhe será muy custozo o| Render

oforte, não tendo comque se cobrir com facilidade, pella falta de terra capaz| de
Levantar trincheyra, que tudo he huma area solta que se não pode sustentar
nem|huam continuo egrande trabalho.|| Trez Legoas mais para onorte fica a barra
150 da Catuama, e he a segunda que fas| a Ilha; esta barra não he de menos
consequencia, antes entendo que de mayor que| a primeyra; porque seu fundo he de
vinte eseis palmos de praya mar de agoas vivas| [fol.5r] donde chamaõ o picaõ, que
he omais baixo della, etudo omais he de sinco braças de| fundo, com bom
surgidouro; e aLem de ficar aquella Ilha por esta parte indefeza, fica| também
155 exposta aterra firme, emuytas povoações e engenhos, donde podem passarem|
Lanchas, eathe a villa de Igaracû, huma das principais emais antigas destas cap-
|pitanias, hindo desembarcar dentro a ella, eàs mais que digo; e por conehcer
aimpor-|tancia desta barra o HoLandes, cuydou muyto em a fortificar quando se fes
Senhor| da Ilha, e não só cuydou na defença da barra, se não também das bocas dos
160 Rios| que se comonicaõ pella terra dentro; fazendolhe cazas fortes de madeyra sobre
esta-|cas para defender a entrada às embarcações de Remo, etambem asabida às
nossas| de que varias vezes foy acometido; eno anno de setecentos esete hindo na
compa-|nhia do governador que foy desta praça Sebastiaõ de Castro e Caldas a ver
esta| barra achamos ainda vestigios de algumas, etambem de hum casco de hum
165 navio| HoLandes que os nossos lhe queymarão donde ainda se vem catorze pessoas
de arte-|lgaria, por cujas cauzas he *Sua Magestade* que Deos *Guarde* servido mandar
se fortifique esta| dita barra, fazendo nella hum forte quadrado com trez meyo
baLuartes para apar-| te de terra ao qual se quer dar principio brevissimamente.||
Mais ao norte desta barra fica aenseada do Petimbû, ou porto dos Francezes| na qual
170 ha hum Reducto de terra, oqual entendo ser conveniente se faça de pedra| e cal,
porquanto este porto dizem ser obrigado, e com fundo capaz de entrarem na-|vios
de bom Lte[?], ainda que delle não tenho a noticia certa, porque ainda se não man-
|dou sondar e examinar sua capacidade; pode qualquer inimigo penetrar opais por|
esta parte, esempre he conveniente haja aqui quem o incomode edetenha, ather ter|
175 tempo ase juntar quem lhe possa impedir o passo. A enseada he toda cercada de|
barreyras apique inaccessibleis, esô na ponta da parte do Sul, tem hum Limitado|
tranzito que bem se fende com o Reducto: e isto a fas mais defençavel.|| Na barra
do Rio grande, sobre aponta dos Recifes que acercaõ ha hum forte| de forma
quadrada, obra antiga, mas de grande utiLidade para adefença della,| porque os
180 navios que entraõ por ella de necessidade vaõ tocando com as vergas na mu-|ralha
por ser por esta parte o canal mais fundo, e por se Livrarem de hum grande ban-|co
de area que ha da outra parte, onde muytos tem perigado, por pucharem muyto| as
aguas para aquella parte as embarcações. [espaço] Da parte de terra lhe fica hum
mor-|ro de area que lhe serve de padraço, mas como julgo cauza impossivel o
185 conduzir| se assimia delle artelheria, por ser muyto movedissa, não se deve Recear
que delle| seja batida; tem sua cisterna muyto boa de que bebe todo o anno huma
companhia| que tem de prezidio, conveniencia que poucas tem nesta costa.|| O
ultimo forte para aparte do norte he o do Cearà grande, dista desta barra| do Recife
duzentas e sincoenta Legoas; he de pao apique; sua forma quadrada de| quatro

190 baLuartes inteyros muyto piquenos, sem Regra nem medida feytos, como obra que|
naõ foy desenhada por Engenheyro. Aserventia e utilidade deste forte naõ he outra|
[fol.6r] mais que concervar debaixo d'elle domestico, ogentio aldeado, e enfrear o
decorço e para| este fim he o que basta. [espaço] E ainda que neste sitio se apontou
era conveniente o fazerse| hum forte de pedra e cal, aLem de por falta destes
195 materiais se naõ poder conseguir esta| obra, eu ajulgo inutil e denecessaria, como
saõ todas aquellas que naõ fazem conse-|guir ofim para que se mandaõ fazer, e he o
que se deve ponderar com muyta attençãõ por| naõ fazer gastar o dinheyro do
Principe de balde, podendose aplicar para outras de| mayor utiLidade.|| Trez saõ os
fins porque esta obra se devia fazer, primeyro a defença de alguma| barra, segundo,
200 impedir o desembarque, ou penetrar o paiz os inimigo, treceyro defender| a
povoaçãõ de alguma invazaõ Repentina, e de se Recolher a ella algum preciozo para
o| Livrar do saque; para nenhum destes fins acho que pode servir. Naõ pode servir
para| defender a barra, porque neste sitio a naõ ha, nem em cem Legoas em Roda,
tirando a de| Jaguaribe emque so entraõ sumacas piquenas, porque tudo omais he
205 costa direyta com| muytas obras enseadas. [espaço] Tambem naõ pode impedir o
desembarque, porque este se po-|de fazer todo o anno, e atoda ahora em qualquer
enseada, ou da parte do Sul ou da| do norte, sem que do dito forte sejaõ vistos,
quanto mais offendidos, e penetrar o paiz muito| aseu salvo. Bem podia servir para
defender a povoaçãõ se a houvesse, mas para defen-| ça de cinco cazas de barro
210 cubertas de palha, cujas Riquezas constaõ de huma Rede,| e hum cachimbros, e hum
banco, se o hà, me naõ parecia acertado fazer huma obra que| com cem mil
cruzados se naõ havia de acabar. [espaço] Pudese instar aisto dizendo, que| se de
presente he tam Limitada, que pellos annos adiante vira aser mayor, porque à|
sombra da fortaleza concorreraõ muytos moradores a fazer cazas e assento na villa,|
215 isto he o que naõ concedo, porque naquelle paiz naõ ha outro negocio mais que
acria-|çaõ de gados, e quem vay para o Cearà com este fim, naõ he a morar efazer
assento na| villa, mas sim nos currais que estaõ sincoenta, cem, eduzentas Legoas
pella terra den-|tro; isto tem mostrado a experiencia de tantos annos; em fim o paiz
he tal que se naõ| fora todos os annos hum barco Levar a companhia que vay de
220 guarniçaõ, nunca Là fora| embarcaçaõ pella Roim navegaçaõ que ha para aquella
costa, pois sendo povo Là de| breves dias a volta costuma ser de dous mezes, etal
houve ja que gastou dez mezes;| etoda a embarcaçaõ que vindo da Europa, por mal
navegada, ou por causa de ventos| escaços, Làfoy tomar acabou por huma vez,
porque de Là naõ tornou a sahir; enaõ| chega ainda a dous mezes emeyo que para
225 aquellas partes devaõ duas huma que| vinha para este porto; outra para a Bahia,
evejasse o fim que Levaraõ aLem de outras| muytas dos annos passados e assim que
por todas estas Razoens se deve naõ cuy-|dar na obra de pedra e cal, mas sò em
Reparar aque està feyta, em melhor forma, que| naõ sò he oque basta, mas ainda
oque sobeja para aquelle sitio.|| Para a parte do Sul desta barra do Recife sete
230 Legoas no cabo de Santo Agostinho| fica a barra de Nossa Senhora de Nasareth, na
qual ha hum forte da mesma invocaçaõ; sua| forma he quadrada irregular; consta de
duas batarias huma alta outra baixa| [fol.7r] para a defença da barra he de grande

utilidade, e bom se sabe no tempo do Holan-|dez de quanta consequencia foy; mas
pella parte de terra està sem defença e conde-|nado, por lhe ficar todo omonte que
235 <Î> fas o dito cabo muyto superior.||
O utlimo forte desta costa da parte do Sul he o de Parnandavè, quadrado de| quatro
baLuartes inteyros, com quatrocentos palmos de Lado de poligno exterior; està|
situado no meyo de huma enseada grande, cercada de Recifes, que a fazem
240 abrigada,| capas de estarem nella juntos vinte esinco ou trinta navios de mediana
grandeza; es-| te forte não pode impedir a entrada da barra que fazem os Recifes
por lhe ficar distante,| nem tam pouco o desembarque que se pode fazer junto ao
Rio das Mambucabas, e por| esta Razão houve ja nesta parte hum Reducto de area e
fachina, que otempo demollio| de todo, para impedir o desembarque ao inimigo; sò
245 pode servir de forte de abrigo| às embasrçaçoens que corridas do inimigo se forem
abrigar debaixo delle.|| Todos os fortes e Reductos de que assima fas[?] menção tem
os terraplenos de area| solta, e alguns tal que aLeva ovento defeyto que se não pode
evitar pella falta que tem| tudo este paiz de terra capaz, eo conduzisse de outra
parte he couza impraticavel.|| Estas são as forças desta costa de Pernambuco, esuas
utilidade: a obediencia| de subdito me foçrou segunda vez a pegar na penna, e
250 escrever sobre esta materia, po-| dendo servirme a primeyra de exemplo para não
tornar a discorrer sobre ella. Não fis| menção nesta ReLação do forte de cabedello da
Barra da Parahiba por ser de juris|dição à parte. Villa de Santo Antonio do Recife 5
de Mayo de 1713.

[Assinatura de Dyogo Sylveyra Vellozo]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta de Félix José Machado [Governador da Capitania de Pernambuco] ao rei D. João V sobre a vaga para o posto de Capitão de Infantaria da Praça de Recife, decorrente do falecimento do Capitão Luis Lobo.
4. Data do documento: 04 de dezembro de 1714.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 26, D. 2413).
7. Identificação do autor: Félix José Machado / Governador da Capitania de Pernambuco.
8. Número de palavras: 79
9. Informações Levantadas: Português que governou a Capitania de Pernambuco entre 1711 e 1715.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 10.

Senhor

Dou conta aVossa Majestade deque Seacha vago oposto de| Capitaõ de Infantaria da Praça do Recife por faleci-|mento de Luis Lobo que aexercitava os officia eo| que meparecem mais [*inint.*] para occupallo, [?]amos de| que faço menção naCarta deste mesmo [*inint.*], como dey| contadaCompanhia que vagoupor Manuel da Rocha| Vossa Majestade mandará oquefor Servido. | | A Real pessoa de Vossa Majestade guarde Nosso Senhor| felicitamos ambos como desejam e necessitam os seus| vasallos. Pernambuco 4 de Dezembro de 1714.

10

Machado]

[Assinatura de Felix Jose

Notas:

1. Observa-se, no canto superior esquerdo da carta, duas linhas com inscrições ininteligíveis, seguidas de três rubricas; e
2. No canto inferior direito, há a inscrição "1ª via".

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta de João de Macedo Costa Real e Diogo da Silveira Veloso para João do Rego Barros [Provedor da Fazenda Real da Capitania de Pernambuco], sobre a reedificação da igreja matriz de São Pedro Mártir.
4. Data do documento: 23 de setembro de 1718.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 28, D. 2548).
7. Identificação do autor: João de Macedo Costa Real e Diogo da Silveira Veloso
8. Número de palavras: 229
9. Informações Levantadas: *Não se localizaram outras informações sobre João de Macedo Costa Real. Quanto a Diogo da Sylveyra Velloso, sabe-se que foi engenheiro atuante em vários projetos arquitetônicos deste período histórico, com construções [notadamente fortificações] no Ceará, na Paraíba e no Rio de Janeiro 10.
Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 11.

[*inint.*]

Senhor Provedor da Fazenda Real

Em observancia da ordem de Sua Majestade que *Deus guarde* vimos a Igreja matriz|
de Sam Pedro da Cidade de Olinda e achamos estar ameaçando ruína mais| de
ametade da parede da parte da Epistula, equazi ametade do frontespicio, e| huma e
ri[?]a ariza necessita de se desmanchar athe o fundo o fundo do alicerce para se||he
5 buscar melhor fundamentos; e como por esta parte fica adita Igreja sobre hum des-
|penhadeyro de terreno movediço em oqual fazem muyto dano as águas da chuva|
no inverno, carece percizamente de se lhe continuar omuro que ja tem principiado
pa-|ra com este evitar odano que pelo tempo adiante pode ter toda a igreja.|| E
10 fazendo orcamento em virtude da mesma ordem doque poderá custar, tanto| a
reedificação das ruínas da obra quinhentas e treze braças de alvenaria, as quais
avaliamos acima mil e duzen-|tos reis, presso que podem valer naquelle sitio, e vem
aimportar 2667φ600; tem mais [?]a|cantaria de hum cunhal de que necessita adita
Igreja para mayor segurança seiscentos| setenta e cinco palmos os quais avaliemos
15 acento esessenta reis, evem aimportar cento| conto mil Reis, que juntos com
aimportancia asima fazem aquantia de 2773φ600 Reis| e tanto achamos que poderá
custar mais ou menos com pouca differença; istohe oque podemos informar a *Vossa*
Majestade. Villa de Santo Antonio do Recife. 23 de Setembro de 1718.

20 [Assinaturas de João Maçedo Costa Real e de Diogo da Sylveyra Velloso]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Segunda via de Provisão do rei D. João V, concedendo a Antonio Tavares de Azevedo [Mestre de Capela em Olinda] aumento de salário, para exercer seu Ministério.
4. Data do documento: 29 de outubro de 1722.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 29, D. 2656).
7. Identificação do autor: D. João V / Rei de Portugal
8. Número de palavras: 378
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 12.

5 Ell Rey faço saber aos que esta minha Provisaõ virem, que tendo consideraçãõ ao-
|que sem elaapresentou por parte dolicenciado Antonio Tavares de Azevedo Mestre
da Cappe-|lla da [*inint.*] da Cidade de Olinda Cappitania de Pernambuco a Respeito
da Limitada congñia | comquefoi creada aquellas ocupaçaõ, por ser sô dequarenta
10 mil reis os quaes bas-|tavaõ para pagar os muitos que asistem nadita [*inint.*] porsua
conta nas festas solemnes,| semana sancta, Advento e solemñidades deprimeira e
segunda clace que tudo está aseu| cargo, sem que algu'a por ela|ver desobrigado
porordem minha ao Mestre daCappella da villa do Recife e as da villa de| Igarasû das
proçoos que lhEPagariaõ para suprir com ellas, a grande despesa que fazia com| os
15 Músicos e instrmentos, que costumachamar nas Referidas festas aque não chega
ale-|metada porcaõ de quarenta mil reis, deixando desfaserem algu'as celebridades
pores-|ta causa. Pedindome lhemandasse acrescentar adita [?]ngua alem mil reis,
paraque| com mais veneraçãõ sepossaõ fazer os cultos Divinos nadita [*inint.*].
Esendo pormyvisto es-|te Requerimento, e oque sobre elle informou o Governador de
20 Pernambuco e Respondeo o| Procurador de minha fazenda. [espaço] Hey porbem de
acrecentar ao Mestre daCapella da| [*inint.*] daCidade de Olinda outros
quarentamilreis alem dos que ja tem para ter ao to-|do outenta milreis para o dito
Ministério osquaes lheseraõ pagos pellos mesmos effei-|tos em que athegora se
lhEPagava. Pello que mando ao Meu Governador e Cappitam General daCappitania de
25 Pernambuco e ao Provedor deminha fazenda della façaõ fa-|zer pagamento ao
Mestre daCappella da [*inint.*] de Olinda dos ditos outentamilreis| de Côngrua em
cada hum anno, elançar na folha eclisiastica para lheserem pagos,| na forma
deminhas ordens poresta Provizaõ aqual se cumprirá inteiramente como| nella
seconstem sem duvida algu'a evaler é como certa sem embargo da ordenaçãõ do L.º
S.º N.º 40. em contrario, esepassou porduas vias, [*inint.*] só haverá effeito Dionizio

Cardoso Pereyra a ter em Lisboa occidental| a vinte e nove de outubro de mil setecentos e vinte e dois.

[*inint.* + 1 linha]

[rubrica]

30 Provisão porque *Vossa* Majestade ha por bem de acrescentar ao Mestre da Cappella da Cidade de Olinda| outros quarenta milreis alem dos que ja tem para ter ao todo outenta milreis para o dito Ministério| os quaes lheseraõ pagos pellos mesmos effeitos em que atehora se lhe pagava. Comonella se declara que vay| por duas vias.

Para *Vossa* Majestade [?]

35 **Nota:**

1. Há a inserção, no canto inferior direito, da inscrição "2ª via".

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta de Duarte Sodré Pereira Tibão [Governador da Capitania de Pernambuco] ao rei D. João V sobre as propinas que se devem dar aos capitães do Rio Grande e da Paraíba para as despesas com as festas pelo casamento dos príncipes do Brasil e das Astúrias.
4. Data do documento: 12 de julho de 1732.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 42, D. 3801).
7. Identificação do autor: Duarte Sodré Pereira Tibão /Governador da Capitania de Pernambuco.
8. Número de palavras: 280
9. Informações Levantadas: Duarte Sodré Pereira Tibão foi donatário da vila de Águas Belas, assim como de prédios no Mosteiro de Santa Iria, e governador da Capitania de Pernambuco, nomeado por carta patente, de 13 de fevereiro de 1727 a 24 de agosto de 1737.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. *Cartas Oficiais - Carta 13*, folhas 1 e 2.

Senhor

O Capitaõ mor doRyoGrande em carta de 10 deMa-|yo de 1729 Representou a *Vossa* Majestade por este *Concelho*; que| com a occasiaõ do aviso que lhe fez o *Governador* dePernambuco| Duarte Sodré Pereyra de estarem celebrados os despozo-|rios dos

5 *Ilustríssimos* Príncipes do Brazil e Asturias, se| festejasse taõ plauzivel noticia, oque ele fizera em| nove dias successivos com Comedias, evarias fes-|tas deCavallo, e outras celebridades, illuminandose| [*inint.*] noutes todas as cazas da[?]Cidade; festejandose| as ruas poiz seacendia nellas outenta luzes cada| noute, sendo toda

10 [*inint.*] despeza' a sua Custa; o que| procurandose, se havia algu'a ordem para se darem| propinas de Cera, só se descobrira que na Paraíba| sederaõ ao Capitaõ mor quatro arrobas de Cera da| fazenda Real; a cujo exemplo as pedira o Pro-|vedor daquela Capitania: segurando oseu valor,| no cazo emque [*inint.*] lhe naõ permita ad[?] propina.|| Eordenandose ao mesmo Governador de Per-|nambuco em carta de

15 13 de agosto de 1730 infor-|masse com seuparecer, satisfez: dizendo: Que| este Capitaõ mor festejou os despozorios dos *Ilustríssimos* | Senhores Príncipes do Brazil e Asturias co'maiz| aplauzo, que pedia a terra; E que aos Governadores| daquellas capitancias manda *Vossa* Majestade darlhes propina nestas, Eoutras festas semelhantes [*inint.*]| arrobas de Cera por cada vez, Eao Providencia fa-|lenda [*inint.*] arroba: [*inint.*] que| sendo *Vossa* Majestade Servido lhemande dar duas arrobas e

20 meya de cera de propina, deque o [*inint.*] Emerecedor porque alem das Referidas despesas| servio a*Vossa* Majestade com bomprocedimento neste l [fol.2r] Lugar, que temsido no tempodo seugoverno.| Edandosevista ao Procurador da fazenda,

25 Respondo, *que* lhe pareciadomesmo*que* ao Provedor informante.|| Ao Concelho
parecedomesmo*que* ao Procurador | de Pernambuco Duarte Sodré Pereyra
informante.| Pernambuco Em doze de julho de mil sette| Centos trintaedous
[Assinaturas de José [*inint.*] Moreira; João [*inint.*]; e Gonçalo M. Galvão [*inint.*]
Cardoso]

30 **Nota:** No canto superior esquerdo da folha 1 desta carta, há a inscrição "Com
parecer [*inint.*]", sendo que, na parte ininteligível, parece haver o registro de uma
data [além de uma rubrica]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Aviso de Diogo de Mendonça Corte Real [Secretário de Estado da Marinha e Ultramar] ao Marquês Penalva [Presidente do Conselho Ultramarino], ordenando a consulta de requerimentos do prepósito e outros padres da Congregação de São Felipe Néri [Recife].
4. Data do documento: 22 de agosto de 1750.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 71, D. 5955).
7. Identificação do autor: Diogo de Mendonça Corte Real / Secretário de Estado da Marinha e Ultramar.
8. Número de palavras: 54
9. Informações Levantadas: Filho de um secretário de Estado [seu homônimo] foi doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra e, entre 1723 e 1728, foi enviado extraordinário aos Países Baixos. Ao regressar, exerceu os cargos de Provedor da Casa da Índia, deputado da Casa de Bragança e de conselheiro da Fazenda. Foi nomeado, em 02 de agosto de 1750, Secretario de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos, em substituição a Antonio Guedes Pereira.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Oficiais - Carta 14.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

*Sua Majestade he servido, que| vendose no Conselho deUltramarino as duas| lições
incluzas de Prepozito, emais Padre[ilegível]| Congregaçã de Saõ Felipe Neri
doRecife do| Pernambuco, selhe consulte com effeito oque| parecer sobre oque nellas
representa. Deus| guarde a Vossa Excelência [inint.] a 22 deAgosto de 1750.*

[Assinatura de Diogo de Mendonça Corte Real]

Senhor Marquez de
Penalva

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Aviso de Diogo Mendonça Corte Real [Secretário de Estado da Marinha e Ultramar] a D. Estevão de Meneses, Marquês de Penalva [Presidente do Conselho Ultramarino], ordenando a elaboração de uma coleção de leis e ordens acerca das minas, para orientar Luis José Correia de Sá [Governador da Capitania de Pernambuco] quanto à regularização das minas de ouro descobertas na Capitania do Ceará.
4. Data do documento: 26 de setembro de 1752.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 73, D. 6147).
7. Identificação do autor: Diogo de Mendonça Corte Real / Secretário de Estado da Marinha e Ultramar.
8. Número de palavras: 123
9. Informações Levantadas: Filho de um secretário de Estado [seu homônimo] foi doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra e, entre 1723 e 1728, foi enviado extraordinário aos Países Baixos. Ao regressar, exerceu os cargos de Provedor da Casa da Índia, deputado da Casa de Bragança e de conselheiro da Fazenda. Foi nomeado, em 02 de agosto de 1750, Secretario de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos, em substituição a Antonio Guedes Pereira.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas oficiais da segunda metade do século XVIII - Carta 15.)

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

O Governador de Pernambuco deu |conta por esta Secretaria de haver provável|
esperanças de alguns descobrimentos de Minas| deOuro na capitania do ceara, que
sendo |certos não tinha em aquelle Governo, ordem | alguma, para poder regularos
naforma que| sepratica nas Minas Geraes: Hé Sua Majestade ser|vida que o Conselho
ordene asua Secretaria fa[.] |huma colleção detodas as ordens, e leys antigas,
[ilegível] |modernas sobre as Minas eoseu Governo, oque[.] | executava com
abrevidade pocivel, eseremetera tudo | a esta Secretaria de Estado, para hir tudo
nesta Frota | da Bahia, oque Vossa Excelência fora presente no mesmo fons[.] |,
para que assim se execute. Deos Guarde a Vossa Excelência Pra-|ça de Behem 26
desetembro de1752.

[Assinatura de Diogo Mendonça Corte Real]

Senhor Marquez dePenalva

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Ofício de Luís Diogo Lobo da Silva [Governador da Capitania de Pernambuco] a Francisco Xavier de Mendonça Furtado [Secretário de Estado da Marinha e Ultramar] sobre o pagamento das letras [cambiais] passadas por João Costa de Monteiro.
4. Data do documento: 02 de agosto de 1762.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 98, D. 7673).
7. Identificação do autor: Luís Diogo Lobo da Silva / Governador da Capitania de Pernambuco.
8. Número de palavras: 156
9. Informações Levantadas: Luís Diogo Lobo da Silva, nascido em Montemor [1717] e morto em data e local desconhecidos, foi um administrador colonial português. Governou, de 1756 a 1763, a Capitania de Pernambuco [sendo sucedido por Antônio de Sousa Manoel de Meneses] e, de 1763 a 1768, a Capitania de Minas Geras [sucedido por José Luís de Meneses Castelo].
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas oficiais da segunda metade do século XVIII - Carta 16.)

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

[*inint.*] La carta [*inint.*] | de 29 de Abril do corrente anno, fiquey na intelligência da | falta que ouve nopagamento da Letra de dous contos de [?], passada | por João da Costa e Monteiro, elogio que mefoy entregue oporterlo| que Sefez apessoa sobre quem separiou, mandey Almoso | da Realfazenda requerer [*inint.*] para completar os sete centos | esetenta edous milr[?] com os Câmbios, recâmbios do estillo, | oque executou pelaforma que consta dodocumento incluso, | que a V. Ex^a dirijo na conformidade da sua ordem, deze-|jando sempre de lograr os acertos de asexecutar como | devo.

Ilustríssimo e Excelentíssimo R[?] de Pernambuco

Em 02 de Agosto de1762

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Importância da Letra 772 [?] n

Cambio de 18 [?] do mês

rna _ _ _ _ _ 138[?]960

Importa _ _ _ _ _ 910[?]960

[Assinatura de Luís Diogo Lobo da

Silva]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Requerimento de José Pinheiro Salgado [Capitão de Infantaria das Ordenanças de Sirinhaem] à rainha D. Maria I, pedindo licença para portar e usar armas curtas e expondo seus motivos para tal pedido.
4. Data do documento: 16 de junho de 1792.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino / Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, Cx 181, D. 126008).
7. Identificação do autor: José Pinheiro Salgado/ Capitão de Infantaria das Ordenanças de Sirinhaem.
8. Número de palavras: 290
9. Informações Levantadas: Embora possa ter ocorrido um caso de homonímia, José Pinheiro Salgado é citado por Pedreira [PEDREIRA, J. M. *Os homens de negócio da praça de Lisboa de Pombal ao Vintismo* (1755-1822). Diferenciação, reprodução e identificação de um grupo social. Lisboa, 1995. Dissertação (Doutorado) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 172] como negociante e contratador em ascensão, com sete contratos régios.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas oficiais da segunda metade do século XVIII - Carta 19, folhas 1 e 2)

Senhora

Diz José Pinheiro Salgado, Morador na Freg.^a da villa deSerenhem, districto da Capitania de Pernam-|buco, V.^a deSanto Antonio de Rosife, Capitão das Infantarias| das Ordenanças da mesma villa deSerenhem, deque he Ca-|pitaõ Môr Manoel de Barros Vanderly, que elle sup.^{te} he muitas vezes encarregado pelo *Ilustríssimo* Capitão Mor de varias | ordens do Real Serviço por toda aquella Freguezia na dis-|tancia deseis legoas, ealem disso he *Administrador* de dois Enge-|nhos denominados oAnjo, em que rezidem cento e vinte e| oito Escravos seus, e alheos, sendo obrigado a hir a Villa |de Rosife na distancia de mais de dezaseis legoas ajustar | as suas contas com os donos do mesmo Engenho, e a tratar | outros negocios seus, como tambem ahuma Serra deserrar | Madeiras, etaboados, que tem sua propria na distancia de |mais de tres legoas; e porque nestas jornadas que de ordinário| sefazem de noite para melhor commodide, epor causa do | rigor doSol, leva com sigo homens de dinheiro seus, e alheios, | ehe obrigado a passar por matos, elugares despovoados, em|queha facinorozos, e salteadores, que costumaõ atacar os Passa- | [fol.2r] Passageiros. O suposto para se poder livrar, edefender desses | insultos, epara poder fazer as suas jornadas com toda a segu-|rança precisa se vê obrigado a recorrer a *Vossa Majestade*, para que| lhe faça a graça de lhe conceder Provizaõ para nas sobresas | jornadas poder usar, e levar armas curtas, principalmente| Pistolas nos Coldres daSella, ou à cinta tellas em sua| caza, cuja graça *Vossa Majestade* tem concedido por semelhantes | motivos a outros vassallos de mesma Capitania.

Que a Vossa Majestade lhe faça a graça que
supplica por sua Real Provisão, atten-
didas as justas razões expostas.

Como procurador
Miguel José Fernandes

[rubrica]

Notas:

1. Há, no canto superior esquerdo do requerimento, uma inscrição [Juntandose outro requerimento que [inint.] fez aeste [?]p^{to} haja [inint.] da Fazenda. Lisboa 16 de Junho de 1792], seguida de quatro rubricas;
2. Logo abaixo da abertura da carta [com o vocativo "Senhora"], há uma inscrição [Passe a Palavra [?]requero da Excelência | 21 de Junho de 1792], seguida de cinco rubricas; e
3. Também no canto superior esquerdo, abaixo da primeira inscrição, lê-se "Fiat Justitia", seguida de outra rubrica.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; MACENA, Ana Paula.

1. Modalidade: Língua Escrita;
2. Tipo de Texto: Carta Oficial;
3. Assunto: Ofício (1ª via) da Junta governativa da Capitania de Pernambuco ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], sobre o recebimento do conselho de guerra do porta bandeira José Inácio Borges e dos Soldados Damião Joaquim Leitão, João Gonçalves da Fonseca e Manoel Lopes de Oliveira.
4. Data do Documento: 22 de Outubro de 1801
5. Local de Origem do Documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de Depósito do Documento: Arquivo Histórico Ultramarino/ Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_CU_015, Cx. 229, 15492)
1. Identificação do Autor: Jose Bispo de Passo; Jose Joaquim Nabuco de Araujo (primeiro barão de Itapuã, nasceu em Salvador, 14 de julho de 1764, foi um magistrado e político brasileiro. Foi chanceler da relação e senador do Império do Brasil de 1826 a 1840. Era irmão do também senador José Tomás Nabuco de Araújo e tio-avô do historiador, diplomata e político abolicionista Joaquim Nabuco; outro autor não identificado.
7. Número de Palavras: 120 palavras
8. Informações Levantadas:
9. Editor do Documento: ATAÍDE, Cleber; MACENA, Ana Paula. *Cartas oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 1.

Numero 72 -

Ilustríssimo e Excelentíssimo

Sr

5 Com o Regio Aviso N. 71. de 5 de Agosto deste|anno recebemos os trez Conselhos de Guerra, do Porta |Bandeira, Jose Ignacio Borges e dos soldados Damião| Joaquim Leitão, João Gonsalves da Fonceca, Manoel| Lopes de Oliveira, pelo qual he Sua Alteza Real servido que se executem as sentenças que neles seprofe|rirão em Supremo Conselho de Justiça.|| Emcumprimento deste Real Aviso, imedia|tamente que o recebemos lhefisemos dar aSua devida| execução naforma que Sua Alteza Real determina.

10 *Nosso Senhor Guarde a V. Ex^a*. muitos annos. Recife de Pernambuco 22 de Outubro de 1801.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Sr. Visconde de Anadea.

Dom Jose Bispo de [inint.]

[inint. + 1 linha]

Jose Joaquim Nabuco deAraujo

15

1ª via

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

2. Modalidade: Língua Escrita
3. Tipo de Texto: Carta Oficial
4. Assunto: Carta (2ª via) da Junta Governativa da Capitania de Pernambuco ao príncipe regente [D.João], dando seu parecer a respeito do requerimento de Manoel Duarte Sedrim em que pede confirmação de carta patente de tenente do Regimento de Milícias da vila de Serinhaém.
5. Data do documento: 19 de dezembro de 1801
6. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
7. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.231,D.15567)
8. Identificação do autor: Jose Bispo de Passo, Jose Joaquim Nabuco de Araujo e outro autor não identificado.
9. Número de palavras: 496 palavras
10. Informações Levantadas: Carta escrita em duas páginas, tanto a primeira e a segunda páginas são escritas em duas colunas.
11. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 2.

Copia

Senhor

Dom João porGra- | ça de Deos , Principe Regente de | Portugal , e dos Algarves
dáquem, e dá | tem Alar em, Africa de Guiné o [?]. | Faço avós Governo Interino da Capi- |
tania de Pernambuco, que no Meu Conse- | lho Ultramarino Requerere o Manoel | Duarte
Sedrim Confirmação do Posto | do Tenente da Oitava Companhia do | Regimento de Milicias
5 daVila de | Serinhaem, em que vós o provestes por | Patente datada em quinse de Mayo | do
Anno passado, e Servido vinte Sem | Requerimento, e dita Patente. Sou | Servido Ordenar-
vos Informeis com | o vosso parecer. O Principe Regente | Nosso Senhor o Mandou pelos
Minis- | tros a baixo designados doSeu Conse- | lho, e dado Ultramar Francisco | JosePereira
da Cunha o fez em Lis- | boa a desenove deMayo de mil oito | centos. Desta cem [inint.] //
10 O Con- | selheiro Francisco da Silva Corte Re- | al o fez escrever //. JoseGomes de |
Carvalho // Francisco daSilva Cor- | te Real. [2ªcoluna, à direita] || Pela Real Ordem da |
Copia [inint.] he Vossa Altesa Real | Servido mandar-nos Informar com o Novo | parecer o
Requerimento de Manoel Du- | arte Sedrim em que pretende Confirmação | no Posto de
Tenente da Oitava Compa- | nhia doRegimento de Milicias daVila | de Serinhaem em que Nós
15 operavamos. || Em cumprimento desta Real Or- | dem temos a honra de Informar a Vossa |
Altesa Real que passando Nós a [R]egular | os Terços de Infantaria Auxiliar desta |
Capitania, com adnominação de Regi- | mentos deMilicias em conformidade | do Real
Decreto, e [inint.] que com ele | baixou deSete de Agosto de 1796, e | da Real Ordem de 24
de Março De 1797, | encontrou nesta Regulação o Terço de In- | fantaria Auxiliar, hoje
20 Regimento de | Milicias da Vila de Serinhaem, propon- | do-nos naquela ocasião o Coronel do
[inint.+ 1 linha] | Regimento o Suplicante Manoel | Duarte Sedrim para Tenente da Oitava |

Companhia em que operavamos não há pela | Sua boa conduta, mas também por estar Ser-
| vindo de Sargento, com muita honra e | fidelidade e ter posses para Set[?]atas | com
aceyo no Real Serviço por todas | estas circunstancias para estas o Supli- | cante nos termos
25 de merecer de Vossa | Altesa Real agraga que implora. || Hequanto se nos oferece Infor³- |
[fol.2r] Informas, e o Nosso parecer, o que | não o [inint.] Vossa Altesa Real de- | terminará
o que for de Seu Real Agrado. || Amuita Augusta, e muito [inint. +1 linha] | Pousa de Vossa
Altesa Re- | al Guarde Deos por muito felices, | e Dilatados annos. Recife de Pernambuco 19
de Dezembro de 1800/.

30

Dom Jose Bispo de Passo

[inint. + 1 linha]

Jose Joaquim Nabuco de Araujo

NOTAS:

1. Abaixo do vocativo e centralizado está o carimbo da Biblioteca Nacional/Secção Ultramarina.
2. No final da primeira página encontra-se escrito 2ª via
3. Este trecho localiza-se na carta original na primeira folha, à direita e continua na segunda página, na coluna à esquerda. No final deste parágrafo há três rubricas.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial (Ofício)
3. Assunto: Ofício (1ª via) da Junta Governativa da Capitania de Pernambuco ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], sobre a viagem para o porto de Pernambuco, do bergatim Bom Sucesso e Amável Aliança, armados em guerra
4. Data do documento: 16 de dezembro de 1801
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.230,D.15557)
12. Identificação do autor: Jose Bispo de Passo; Jose Joaquim Nabuco de Araujo (primeiro barão de Itapuã, nasceu em Salvador, 14 de julho de 1764, foi um magistrado e político brasileiro. Foi chanceler da relação e senador do Império do Brasil de 1826 a 1840. Era irmão do também senador José Tomás Nabuco de Araújo e tio-avô do historiador, diplomata e político abolicionista Joaquim Nabuco; outro autor não identificado.
7. Número de palavras: 149 palavras
8. Informações Levantadas: Ofício escrito em única página, utilizando-se de linguagem culta, pois trata-se de um documento feito por um órgão público [Junta Governativa da Capitania de Pernambuco] encaminhado ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar [Visconde de Anadia]
9. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 3.

Número 115

Ilustríssimo e Excelentíssimo

Sr

José Joaquim Nabuco de Araújo,

Recebemos o Regio Aviso N. 68 de 2 de Agosto | deste anno, em que *Vossa Exceclência* [*inint.*] participa, que faz viagem | para este Porto o Bergantim Bom Sucesso, e Amavel | Aliança amado em Guerra; e he o Principe Regente | Nono [Servid] Servido Sinão [*inint.*] a volta do Navio | Bargantim para esse Reyno indo igualmente arma- | do, como tambem que se não obrigue a levar em Sua | conserva Embarcação alguma. || Emexeção deste Real Aviso ficamos cien- | tes para o executar informar que Sua Altesa Re- | al Determina.

Nosso Senhor Guarde a V. Exceclência muitos annos.Re -| cife de Pernambuco 16 de Dezembro de 1801.

Ilustríssimo e Exelentíssimo Senhor Visconde de Anadia.

Dom Jose Bispo de [*inint.*]

[*inint.* + 1 linha]

Jose Joaquim Nabuco de Araujo

1ª Via

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Auto dos papéis de serviço do capitão do Regimento montado do Cabo, Luís José Lins Caldas, feito pelo ouvidor-geral da capitania de Pernambuco, José Joaquim Nabuco de Araújo.
4. Data do documento: 18 de Julho de 1803
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Cabo
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.243,D.16317)
7. Identificação do autor: Antonio José Pereira da Silva
8. Número de palavras: 120 palavras
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial - Carta 4.

1803

Ouvidor Geral

Autuamento depapeis deServiços | de Luis Jozé Lins Caldas, Capitam de | hua das
Companhias do Regimento montado | dafreguesia do Cabo.

Ca[?]am. Silva.

Anno do Nascimento deNosso Se-| nhor Jesus Cristo demil oito Centos | etres, aos
deisoito dias domes de Julho | do dito anno, numaVilla doRecife de- | Pernambuco,
no seu [inint. + 2 linha] | de Lui Jozé Lins Caldas, Capitão | dehua das Companhias
do Regimento | montado dafreguesia doCabo, deste | an[n]o noforao' apresentados
aos Seos pa- | peis deServiços assim distribuidos, que | orá aceitei, e autuei, sam os
que ao diante | leigicem eu Antonio JoséPereira da | Silva [inint.] o escrevi.

5

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta da Junta Governativa da capitania de Pernambuco ao príncipe regente [D.João], dando o seu parecer acerca do requerimento do ajudante das Ordeanças das Alagoas, Manoel José do Sacramento, que pede a confirmação do posto.
4. Data do documento: 13 de outubro de 1803
5. Local de Origem do documento: Portugal – Porto
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.244,D.16389)
7. Identificação do autor: João Ribeiro de Mesquita, Roza Maria conceição Silva e Antonio Joze de [inint.] Silva Xavier.
8. Número de palavras: 144 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em única página.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, M.P. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 5.

Nóz abaixo assignados negociantes na | Praça de Porto e proprietarios da Gallera
Delfina Decla | ramos que temos elegido ao nobre socio João Ribeiro de | Mesquita
acomprar para caixa da mesma Gallara na viagem | que lhe Destinamos para
Pernambuco, e procurá elle [inint. + 1 linha] | caixa requerer como tal em seu nome
5 [inint. + 1 linhas] | parte e mais despaches do Costume: e outro sim atestamos |
abaixo Do juramento Pai destes Evangelhos que não a Gallera não tem | parte nem
enterese [inint.] alguma Estrangeira e por ser | verdade o referir mandamos propor
[inint.] que assignamos. Porto | 13 de Outubro de 1803.

10

João Ribeiro de Mesquita
Roza Maria conceição Silva
Antonio Joze de [inint.] Silva Xavier.

Reconheço os termos e os nomes [inint.+ 2 linhas] | Porto 13 de 1806.

[varias assinaturas não identificadas pelo editor]

NOTAS:

1. Centralizado, há um brasão e à esquerda, encontra-se escrito por outro punho: 'Pernambuco 13-8-1803'.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta (1ª via) da Junta Governativa da capitania de Pernambuco ao príncipe regente [D.joão], sobre dar baixa a Antônio Ferreira Cavalcanti do posto de capitão-mor agregado das Ordenanças da vila de Porto Alegre da capitania do Rio Grande do Norte.
4. Data do documento: 24 de Janeiro de 1804
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.246,D.16522)
7. Identificação do autor: Manuel Xavier Caneiro da Cunha, Jose de Mattos Albuquerque e outro autor não identificado
8. Número de palavras: 366 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em única página em duas colunas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 6.

Copia

Senhor

Dom João por Graça de | Deos Principe Regente de Portugal,eda | Algarça daquem, edabem, Mar em Afri|ca de Guine Vossa Altesa Faço Saber [*inint.*] Gover- | no Interino da Capitania de Pernam- | buco: Que Requerendo [*inint.*] Conse- | lho Ultramarino Antonio Ferreira Ca- | valcante confirmação no Posto de Ca- | pitão Mas Agregados ao dar Orde- | nanças da Vila de Porto Alegre dessa | Capitania, em que o proveo Dom Tho- | máz [*inint.* + 1 linha] Sendo Governador, e | capitão General dela, por Patente | expedida nadata de dois de Junho | do anno de mil sete centos noventa | equatro. Fuy servido [*inint.*] o Reque- | rimento do Suplicante, e Ordenavos | como por esta faço, lhe deis baixado | dito Posto : cumprir assim. O Prin- | cipe Nosso Senhor o Mandou pelos | Mininhos abaixo asignados do Seu | Conselho, e do Ultramar. Paulo | Jose dos Santos a fez em Lsboa | a quatro de Junho de mil oitocentos | e trez annos /. Os secretarios Fran- | cisco de Borja [*inint.*] [*porque*] [*inint.*] e fez escrever /. Francisca Mendes | Silva /. Antonio Raymundo da Pena | Coutinho. [2ª coluna] || Pela Real Ordem da Copia | infronte datada de quatro de Junho do | anno proximo findo, he Dona Altesa | Real Servido Ordenar-nos, que mande- | nos dar baixa a Antonio Ferreira Caval- | cante do Posto de Capitão Mor Agregados | [*inint.*]. Ordenanças da Vila de Porto alegre | daCapitania do Rio Grande do Norte, | em que [*inint.*] o nono Antecessor Dom | Thomáz Jose da Mello. || Logo que recebemos esta Real Or- | dem lhe demos os Seu devido cumprimento, | como Se verifica da Certidão inclusa do | Escrivão daCamaara da Vila de Porto ale- | gre

onde o dito Antonio Ferreira Ca- | valcante tinha praça de Capitão Mor | Agregado. ||
A Muito Augusta, es Muito | Soberana Pessoa [*inint.*] Vossa Altesa | Real Guarde
Deos por muit felis- | ces, e Dilatados annos. Recife de | Pernambuco 24 de Janeiro de
1804.

[assinatura não identificada]
Manuel Xavier Caneiro da Cunha
Jose de Mattos Albuquerque

NOTAS:

1. Abaixo do vocativo, do lado direito, encontra-se o carimbo da Biblioteca Nacional/Secção Ultramarina.
2. No final da primeira página, à esquerda encontra-se escrito 1ª via

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta do Senado da Câmara de Olinda ao príncipe regente [D.João], contestando a nomeação de José de Matos Girão para o posto de capitão-mor das Ordenanças de Olinda, que ficou vago por falecimento de João do Rego Barros, em lugar de Francisco de Paula Cavalcanti, que possui os requisitos necessários e é mais apto para assumir tal posto.
4. Data do documento: 27 de Abril de 1805
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Olinda
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.253,D.17002)
7. Identificação do autor: Joze Barros Tobias de [inint.], Joze Antonio da Silva, Roque Antunes Correa, Francisco de Borja Santos Pinho e Joze Miranda Alburquerque Melo.
8. Número de palavras: 294 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em duas páginas, utilizando-se linguagem padrão da época, por se tratar de uma carta de um órgão público encaminhada ao príncipe regente [D.João]. O senado da câmara de Olinda é uma construção anterior a 1693, as ruínas do senado foi o local do imponente prédio do senado da câmara de Olinda; localiza-se na Rua Bernardo Vieira de Melo, no bairro da Ribeira.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, M.P. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 7.

Justifico a [inint.] de Francisco de | Paula Cavalcante e Alburquerque;| e quando chegar as Informações aonde= vinda| [inint.] Lisboa 13 de Julho de 1803¹.

Senhor

5 Por falecimento de Joaõ doRego Bar - | ros, Capitaõ Mor das Ordenanças [?]alida | de deMinha, foi naforma do Regimento de | 18 de Outubro de 1702, proposto, [promovido], | comprovado, Francisco dePaula Cavalcante | Alburquerque, propoe emquem concorrem | os Requisitos [inint.], parar ocupar este |Porto, por dentro daprimeira Nobreza , desta | Comarca, morãõ os noterno Desta cidade, bom | [inint.], Dezenteresado, venho aliás [inint.] , e | c[o]nstativo. Agora depois defeito tudo | chega a noticia desta Semana, que Jose | de Mattos G[?] alcançara deVossa Altesa Real De- | creto para [receber] áquelle falecido Ca- | pitão Mor, huma véz, que elle falecesse, | [inint. + 1 linha], que essa neste | Continente Tenente Coronel das Milicias, | co[?]ais, que Ele promoveo. Vossa Altesa Real não | deve ser enganado; pos isto Nos [inint.] , | que enviamos [inint.] na Real Presença de Vossa Altesa Real ,que este homem não he aqui | Tenente Coronel deMilícias, he sem [fol. 2r] hum Comerciante, que sempre morou | na Villa de Reciffe, fora dos Destrito des- | ta cidade , absolutamente destituido dos | Requisitos, que de Direito se Requerem | para Senhor Capitão Mor, [inint. + 1 linha] | ; que se [inint.] em parte com os Seus | meritos que a carta acompanha.

Vossa *Altesa Real* avista os referido determina- | rá o que lhe parecer justo.
Magnífico Senhor | aVossa *Altesa Real* . Olinda em [*inint.*] de 24 de Abril de 1805.

Joze Barros Tobias de [*inint.*]

Joze Antonio daSilva

Roque Antunes Correa

Francisco de Borja Santos Pinho

Joze Miranda Alburquerque Melo

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Rio de Janeiro

Século XIX- Manuscrito/Carta oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; FERREIRA, Patrycia Siqueira C.

1. Modalidade: Língua escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial (requerimento)
3. Assunto: Requerimento do tenente da sexta Companhia do Regimento de Cavalaria de Olinda, Timóteo José de Matos, ao príncipe regente D. João, pedindo confirmação da carta patente naquele posto, por promoção de Francisco Xavier Rocha.
4. Data do documento: 06 de junho de 1805
5. Local de Origem do Documento: Brasil - Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/ Conselho Ultramarino Brasil – Pernambuco (AHU_ACL_CU_015, CX 274 D.17053)
7. Identificação do autor: Timóteo José de Matos.
8. Número de palavras: 134
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FERREIRA, Patrycia Siqueira C. *Cartas oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 8.

Carta patente de confirmação Loc^a. 6 de junho de 1805 Senhor
[aparente rubrica]

Diz Timotheo Jozé de Mattos Tenente da 6^a Companhia do regimento de Cavalaria de Olinda, confirmação do por *Vossa Alteza Real* em dia 14 de Fevereiro de 1803, que ille se acha provido no posto de Capitão da 1^a companhia do mesmo Regimento Pelo Governador e Capitão General de Pernambuco, como consta da patente que junto offerece cujo posto vagou pela Reforma que *Vossa Alteza Real* foi servido fazer com hum posto de acesso a Francisco Xavier da Rocha que este exercia, e como para servir ficar esta graça ao suplicante perçize da confirmação de *Vossa Alteza Real* portanto

Da *Vossa Alteza Real* sedigne de confirmar o suplicante no Referido posto de capitam como Suplica

Timotheo Jozé de Mattos

Espera Receber Mercer

[inint. + 1 linha]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta (2ª via) do [governador da Capitania de Pernambuco], Cetano Pinto de Miranda Montenegro, ao príncipe regente [D.João], sobre informação do tenente-coronel e comandante [Antônio Corrêa Gomes de Almeida] a respeito do tenente da Sexta Companhia do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Olinda, Antônio Patrício Correia, continuar no exercício do posto.
4. Data do documento: 13 de Julho de 1805
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.255,D.17103)
7. Identificação do autor: Caetano Pinto de Miranda Montenegro / Governador da Capitania de Pernambuco, nascido em Lamego em 16 de setembro de 1748 e morreu no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1827. Filho de Bernardo José Pinto de Menezes de Sousa Melo e Almeida Correia de Miranda Montenegro, fidalgo da casa real de Portugal, e de Antônia Matilde Leite Pereira de Bulhões. Foi primeiro barão, visconde com grandeza e marquês de Vila Real da Praia Grande. Exerceu o posto de capitão-general e governador da província de Pernambuco, de 1804 a 1817. Integrou o ministério do imperador D. Pedro I na pasta da Justiça, nos gabinetes de 16 de janeiro de 1822 e 17 de julho de 1823, desmembrado do Ministério do Império por José Bonifácio de Andrada e Silva. De 1826 a 1827 foi senador do Império do Brasil.
8. Número de palavras: 286 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em duas colunas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, M.P. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 9.

Senhor.

Junta aos mais papeis torne Lisboa. | 26 de Setembro de 1805.¹

5 Dom João por Gra- | ça de Deos Principlr Regente dePortu- | gal, e dos Algarves, da quem, edabem Mar | em Africa de Guiné Vossa *Altesa* Faço saber a Vóz Governo Inte- | rino da Capitania dePernambuco, que por | parte de Antonio Patricio Correia, se lhe- | requerese a Confirmação do Posto de Alfares | da Sexta Companhia do Regimento de Cava- | laria Auxiliar, da Cidade de Olinda, em que | vós ofereceste por Patente dedezesete de Agos- | to demil oitocentos edois, aqual sendo vista, | eseu requerimento. Sou servido Ordenar- | vos Informeis com vosso parecer, declarando | se osuplicante ainda exercita o Posto deque | pede Confirmação, não obstante aordem de - | vinte oito de Mayo demil setecentos noven- | ta ecinco. O Príncipe Nosso Senhor o Man- | dou pellos Ministros abaixo asignados, do | seu Conselho, edo do Ultramar. José Montes- | ro de Carvalho Oliveira: afez seu Lisboa a - | treze de Novembro demil oitocentos e trez. Desta | cem reis O Secretario Francisco de Borja | Garção Stockler afez escrever= Francisco de | Albuquerque

15 Mesquita da Costa = Lazaro daSilva Fer-| reira: [coluna a direita]|| Pela informação do respectivo Te- | nente coronel commandante Serápre-| zente aVossa Alteza Real que oSupli-| cante foi promovido ao posto da Referida Companhia, equeestá | aproveitando oDito posto, comprimos os seus | deveres.

20 A muito Alto Real Pes- |soa de Vossa Alteza Guarde Deos os an[n]os que seus fieis Vasallos [*inint.*]. | Recife Pernambuco em 13 de Julho | de 1805.²

Entrada a 1ª via em 19 de ju/ho de 1805 p.167

25 Caetano Pinto de Miranda Montenegro.
2ª via

NOTAS:

1. No manuscrito original há três rubricas abaixo.
2. Todo esse parágrafo encontra-se no original na coluna esquerda.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta (1ª via) do [governador da capitania de Pernambuco], Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao príncipe regente [D.João], sobre exame dos papéis de serviço de Antônio Januário Lima, discriminando os documentos e averiguando sua autenticidade.
4. Data do documento: 30 de Julho de 1805
5. Local de Origem do documento: Brasil-Pernambuco-Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.255,D.17126)
7. Identificação do autor: Caetano Pinto de Miranda Montenegro / Governador da Capitania de Pernambuco, nascido em Lamego em 16 de setembro de 1748 e morreu no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1827. Filho de Bernardo José Pinto de Menezes de Sousa Melo e Almeida Correia de Miranda Montenegro, fidalgo da casa real de Portugal, e de Antônia Matilde Leite Pereira de Bulhões. Foi primeiro barão, visconde com grandeza e marquês de Vila Real da Praia Grande. Exerceu o posto de capitão-general e governador da província de Pernambuco, de 1804 a 1817. Integrou o ministério do imperador D. Pedro I na pasta da Justiça, nos gabinetes de 16 de janeiro de 1822 e 17 de julho de 1823, desmembrado do Ministério do Império por José Bonifácio de Andrada e Silva. De 1826 a 1827 foi senador do Império do Brasil.
8. Número de palavras: 166 palavras
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, M.P. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 10.

Senhor

Os Papeis de Serviços | de Antonio Januario Lima constão dos Do- | cumentos
seguinte. [inint.]3 huã Certidão | passada peloEscrivão Deputado da Junta | da Real
Fazenda, com que o Suplicante mos- | tra o tempo seria seu [?]ai Joaquim dos | Reis
Lima desegundo Administrador; e Ava- | liador das Fazendas espalhadas na
5 Alfandega | desta Villa. [inint.] 5 a sua Fé de Officio do | tempo que [inint.] na praça
de Cada no Re- | gimento de Olinda, no qual tempo se appli- | cou aos Estudos de
Arithemetica e Geometria, | como mostra com a certidão [inint.+ 1 linha]. 7 | huã
[?]tação do Capitaõ commandante | do Corpo de Artilharia. [inint.] 8 o seu Afiento |
do Baptismo: e [inint.] 10 a sua [inint.]
10 A muito [Alta], e Real | Pessoa de Vossa Alteza Guarde [inint.] os annos | que seus
[inint.] Nossa Mo[?] lhe pedimos. Recife | de Pernambuco em 30 de Julho de 1805.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

NOTAS:

1. Abaixo do vocativo encontra-se escrito por outro punho: '1805 Pernambuco' e o carimbo da Biblioteca Ultramarina.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta (1ª via) do [governador da Capitania de Pernambuco], Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao príncipe regente [D.João], sobre informação do governador do Rio Grande do Norte, [Lopo Joaquim de Almeida Henriques], a respeito do alferes da Companhia do Regimento de Cavalaria Auxiliar da vila da Princesa, Joaquim José de Arruda Câmara continuar exercendo o seu posto, independente de estar faltando a confirmação régia.
4. Data do documento: 31 de Julho de 1805
5. Local de Origem do documento: Brasil-Pernambuco-Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.256,D.17128)
7. Identificação do autor: Caetano Pinto de Miranda Montenegro / Governador da Capitania de Pernambuco, nascido em Lamego em 16 de setembro de 1748 e
8. Morreu no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1827. Filho de Bernardo José Pinto de Menezes de Sousa Melo e Almeida Correia de Miranda Montenegro, fidalgo da casa real de Portugal, e de Antônia Matilde Leite Pereira de Bulhões. Foi primeiro barão, visconde com grandeza e marquês de Vila Real da Praia Grande. Exerceu o posto de capitão-general e governador da província de Pernambuco, de 1804 a 1817. Integrou o ministério do imperador D. Pedro I na pasta da Justiça, nos gabinetes de 16 de janeiro de 1822 e 17 de julho de 1823, desmembrado do Ministério do Império por José Bonifácio de Andrada e Silva. De 1826 a 1827 foi senador do Império do Brasil.
9. Número de palavras: 284 palavras.
10. Informações Levantadas: Carta escrita em duas colunas em única página, utilizando-se linguagem culta.
11. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial. Carta 11.

Senhor

5 Dom João por Gra- | ça de Deos Principlr Regente dePortu- | gal, e dos Algarves, da quem, edabem Mar | em Africa de Guiné Vossa Altesa Faço saber a | vóz Governo Interino da Capitania de Per- | nambuco; que pello Seu Conselho UI- | tramarino Me requereo Joaquim José | de Arruda Camara, Confirmação doPos- | to de Alferes da Companhia de Capitão | Manuel Tavares Castro, | huma das do- | Requerimento daCavalaria Auxiliar da | Villa daPrincesa, emque fora provido | por Patente de treze de Março demil oi- | tocentos edous; a qual sendo vista: Sou | Servido Ordenar-lhes Informeis com oVosso | parecer declarando- se o puplicamente ainda | e[?]eita oPosto de que pede Confirmação | não obstante a Ordem devinte oito de Ma- | yo demil setecêntos noventa ecinco: O | Principe Vosso Senhor o Mandou pello | Ministros abaixo assignados doSeu Con- | selho, e do do Ultramar. Jozé Antonio Gaspar afez emLisboa aos vinte quatro de- | Julho de mil oitocentos e quatro. Destacem | reis/. Felipe José [inint. + 1linha] [2ª coluna, à esquerda] || Pela Informação do Capitão Mor | Governador do Rio Grande do Norte | Será prerente a Vossa Alteza

15 Real | que oSupplicante Joaquim Joze deArru- | da Camara, sendo promovido ao
Posto de | Alferes da Companhia do Referido Ca- | pitão, não apresentou ainda
Patente | de Confirmação, e que não onstante [enta] falta entao exercendo o dito
Posto. || A muito Alta e Real Pessoa de | Vossa Alteza Guarde Deos os annos | que
ser fieis Vassalos lhepedimos. | Recife de Pernambuco em 31 de | Julho de 1805.
20 [espaço]

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Justificativas à Junta Administrativa sobre condução de contrato [assim como de destinação de verbas] e reforma do telhado da Santa Casa de Misericórdia.
4. Data do documento: 20 de janeiro 1903
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo do Mosteiro de São Bento – Livro 174
7. Identificação do autor: D. Mauro Desmaux
8. Número de palavras: 287 palavras
9. Informações Levantadas: Não se localizaram informações adicionais sobre o destinatário da carta – Comendador José Albino da Silva – e o seu emitente – D. Mauro Desmaux, Provedor do Mosteiro de São Bento.
10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Cartas Oficiais do Século XX – Carta ____, folhas 1e 2r.

Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor Provedor

[espaço] Tendo recebido os dois officios| dirigidos por *Vossa Excelência* em 17 de
Dezembro e em| 9 de Janeiro, agradeço a confiança com que a| Santa Casa da
Misericordia honrou o Mosteiro| de *São Bento* e estimo o zelo com que vela pelo|
5 cumprimento do contracto que foi lavrado. Se a comissão achou que algumas
clausulas| não foram fielmente cumpridas, peço a *Vossa Excelência*| de attribuil-o as
provas pelas quaes o mosteiro| tem passado e não a falta de boa vontade.||
[espaço] Os livros de conta do mosteiro testemunham| que 12 centos, foram gastos
para a restauração| do edificio da Misericordia. No anno 1900 foi| assignado pelo
10 *Reverendíssimo Senhor Dom Abbade Gerardo*| um contracto com dois mestres de
obra para| a restauração do telhado da Igreja que se acha-|va num estado tal que
não se podiam| prudentemente abrir as suas portas ao povo.| [FOLHA 2r] *Vossa*
Excelência não ignora que estamos atravessando| uma crise medonha e sabe
perfeitamente que| muitas cousas que deveriam ser feitas não se| fazem por falta de
meios.|| [espaço] A *Ilustríssima* Junta administrativa chama| minha attenção no
15 intuito que não se continuem| a dar faltas na execução do contracto. Bastante|
embaraçado me achava para dar satisfação| a este aviso, quando ha poucos dias
chegou| da cidade de Bruges na Europa o seguinte| telegrama: “Concerta telhado da
Misericordia,| cinco contos seguem. Gerardo.” Grande foi| o allivio que esta ordem
me trouxe e grande| é o prazer que sinto em communicar-o a| *Vossa Excelência*. Já
20 puzemos mãos a obra e d’aqui| a pouco não só sera concertada a igreja como|
tambem o culto religioso n’ella restabelecido.||

Deus guarde *Vossa Excellencia*
Commendador José Albino da Silva

Mui Ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia
D. Mauro Desmaux 05./3.
Provedor do Mosteiro de São Bento

Olinda 20 de Janeiro 1903

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Carta Oficial

Edição: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Oficial
3. Assunto: Reconhecimento do papel do Mosteiro de São Bento na consolidação do curso de Direito do/no Recife.
4. Data do documento: 15 de maio de 1926
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo do Mosteiro de São Bento – Livro 174
7. Identificação do autor: Manoel Netto Carneiro Campello
8. Número de palavras: 428 palavras
9. Informações Levantadas:

Remetente: Manoel Netto Carneiro Campello nasceu em 1866, bacharelou-se em 1888 e foi nomeado professor substituto da Faculdade de Direito em 1891. Depois de alcançar a condição de catedrático de Direito Romano [1895], foi redator da Tribuna Literária e do Correio do Recife e representante do Estado de Pernambuco na Câmara Federal nas legislaturas de 1912-1914 e 1915-1917. Publicou, na Revista Acadêmica da Faculdade de Direito e em revistas estrangeiras, diversos trabalhos e foi diretor da Faculdade, tendo organizado o Arquivo da instituição.

FONTE:

http://www.ufpe.br/ccj/index.php?option=com_content&view=article&id=244&Itemid=161

Destinatário: Dom Pedro Roeser [1870-1955] empreendeu uma reforma espiritual do Mosteiro de São Bento e fundou dois cursos independentes que visavam a atender aos interesses na formação de profissionais que lidassem com a agricultura canavieira e com a pecuária do Estado – as duas escolas seriam, posteriormente, equiparadas às oficiais e subvencionadas pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 4195, de 29 de janeiro de 1920. A Escola Superior de Medicina Veterinária São Bento encerrou suas atividades em 1926, por falta de alunos, e só voltou a funcionar, depois da fase beneditina, em 1947. A Escola Superior de Agricultura, por sua vez, funcionou temporariamente no próprio Mosteiro de São Bento. O ingresso para ambos os cursos era alcançado mediante seleção em cursos preparatórios.

FONTE: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422008000300041&script=sci_arttext

10. Editor do documento: IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Cartas Oficiais do Século XX - Carta ____, folhas 1e 2r.

3

Faculdade de Direito do Recife
Em 15 de Maio de 1926

Nº 32
Roeser

Ilustríssimo e Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Pedro
Mui Digno Abbade do Mosteiro de São Bento

³ Trata-se de uma carta que foi, a partir de um texto original bastante danificado, com folhas castigadas por traças [cf. imagem parcial na primeira fotografia], datilografada em papel timbrado da Faculdade de Direito do Recife, com espaçamento específico para a datação e um número, no canto superior esquerdo, indicativo do registro do documento. Não se sabe, portanto, se as marcas originais do texto, notadamente de espaçamentos e indicativos de início e final de cada uma de suas linhas, ficaram comprometidas [e o quanto ficaram comprometidas] pela escrita posterior.

[espaço] Ao transcorrer, no dia de hoje, o centenario| da installação do Curso de
Olinda, o que desperta/importa a| mais alta e brilhante affirmação dos primordios de
nossa cul-| tura jurídica, e como foi no intimo de um dos compartimentos| desse
tradicional Mosteiro que se inaugurou esse mesmo curso,| cabendo-lhe assim a
5
immorredoura benemerencia de haver sido o| berço em que se acalentou a grande
sciencia reguladora da vi-|da dos homens e das sociedades, não seria justo e muito
menos| nobre esquecer uma tocante menção desse Mosteiro, que se acha| ligado
pela religião e pelas letras á evolução intellectual do| Brasil.|| [espaço] Se em seu
lado puramente historico-religioso| se impõe a magestade desse templo ao culto da
10
sociedade per-|nambucana, quiçá brasileira, porque elle recorda a victoria| da
religião de nossos antepassados sobre a bandeira dos que| tentavam propagar uma
religião que se não ajustava aos senti-|mentos desta porção sul-americana, bastava-
nos o facto, como| nos basta, de se haver prestado a receber o primeiro banho| nas
aguas illustres do Direito, para despertar esse intenso| tributo de respeito e
15
acatamento com que ora nos pronunciamos,| mestres e discipulos, aos dignos
obreiros do catholicismo, re-|presentados em *Vossa Reverendíssima*, como Director
que é desse Mosteiro.|| [espaço] Não precisa esta Directoria salientar o im-|pagavel
relance da data historica, em que surgiu para a nação,| [FOLHA 2r] a corrente
luminosa do saber juridico que se despejou do gran-|de estuario aberto numa das
20
salas desse templo.[espaço] E o estuario| cresceu, avolumou-se, distendeu-se em
varios affluentes pela ter-|ra brasileira, para afinal chegar, como chegou, ao imenso
oce-|ano, que é hoje a cultura juridica no Brasil.|| [espaço] Mas em tudo isso não
pode deixar de ser invo-|cado o Mosteiro de São Bento de Olinda, pois assim como
esta re|sistiu heroica ás armas hollandezas para manter unida e forte a|
25
caracteristica racial de que descendemos, tambem aquelle possue,| á semelhança de
um novo laurel de gloria, a tradição de haver si|do o horizonte de onde se irradiou o
primeiro lampejo do ensino juridico neste recanto do torrão brasileiro.|| [espaço]
Acceitas, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Abbade, as su|bidas
expressões da Faculdade de Direito do Recife que, embora| hoje em seu magestoso
30
edificio, como filha emancipada, não es-|quecerá jamais os carinhos da velha casa
paterna on|de recebeu o primeiro osculo da vida. [espaço] E cultuar o passado é|
honrar o presente.|| [espaço] Honrando-nos, portanto, que esse nosso gesto,| em
nome do corpo docente e discente desta escola eu envio, com| este, as mais
ardentes saudações de minhas homenagens ao Mostei|ro que *Vossa Excelência*
35
Reverendíssima, tão superiormente dirige, a ela cujas mãos| o dia de hoje deposita a
verdadeira joia das bençãos de posteri|dade agradecida. || Cordiais Saudações. || O
DIRECTOR ||

Manoel Netto Carneiro Campello

40

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Manuscrito/Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; SILVA, Pedro Henrique Corrêa.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Oficial
3. Assunto: Substituição de funcionário
4. Data do documento: 2 de Maio de 1927.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Bandeira de Melo
8. Número de palavras: 84
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; SILVA, Pedro Henrique Corrêa. *Cartas Oficiais do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares – carta ____.

[brasão]

Estado de Pernambuco

Designo o 1º iscriptuario do | Thesouro, Asieuso Carneiro Gonçalves Ferreira para ser- | vir o cargo de chefe da 1ª secção do 2º sub. directorio | da mesma repartição, durante o impedimento do funcio- | nario effetivo. || Secretaria da Fazenda, 2 de Maio || Joaquim Bandeira de Mello || Paga dez mil reis | (10,000) de sello na Recebedoria do Estado. ||
5 Illustrissímo da [init.] do Thesouro, | em 4 de Maio de 1827

Joaquim Bandeira de Melo

10

Pago dez mil reis| [inint.] de sello na Re-|cebedoria do Estado. |[inint. + 1 linha] do Estado| em 4 de maio de 1927.

Joaquim Bandeira de Melo

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Carta Oficial

Edição: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Oficial
3. Assunto: Carta oficial da Câmara Municipal do Recife a Nelson Ferreira, com o intuito de informar o auxílio que seria dado à todas as agremiações carnavalescas no carnaval de 1971.
4. Data do documento: 9 de fevereiro de 1971.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Achilles Amorim, secretário da Câmara Municipal do Recife no ano de 1971.
8. Número de palavras: 309.
9. Informações levantadas: carta datilografada em duas páginas. Na margem superior, centralizado, consta o símbolo da Câmara Municipal do Recife.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara. *Cartas* Oficiais do século XX – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Carta Oficial. Carta ____.

Recife, em 9 de fevereiro de 1971

Ilmo. Sr.

Maestro Nelson Ferreira

Nesta.

Comunico a V.Sa. que esta Câmara Municipal | aprovou requerimento do Vereador Rubem Gamboa, com a seguinte reda - | ção: || " [espaço] CONSIDERANDO que urge aos poderes pú- | blicos tomar as devidas providências no | sentido de resguardar o esplendor do Car- | naval pernambucano, já considerado o "Me- | lhor Carnaval do Mundo "; || CONSIDERANDO
5 que, ano a ano, mais di- | ficil se torna a exibição das agremiações | carnavalescas, em face do aumento do cus- | to de fantasias, orquestras, etc.; || CONSIDERANDO que o Município não tem | condições de por sí só, assegurar auxílios | financeiros à altura das necessidades dos | Clubes, Blocos, Troças, Caboclinhos, Mara- | catús e Escolas de Samba; || CONSIDERANDO que, sendo o nosso Carna- | val uma fonte de atração turística, merece |
10 portanto, um auxílio tanto da Prefeitura | do Recife como do Govêrno do Estado; || REQUEREMOS à Mesa, ouvido o Plenári- | o, seja sugerida à Comissão Organizadora do | Carnaval, a designação de uma comissão com- | posta pelos Srs. Gilberto Paulo, Secretá- [p. 2] rio de Educação e Cultura do Município; Aris- | tófanos de Andrade, Presidente da Federação | Carnavalesca Pernambucana; Maestro Nelson | Ferreira; Arnaldo Moreira Pinto,
15 Alceu Pan- | dolffi, Presidente da Empresa Pernambucana | de Turismo e Aldemar Paiva, Presidente da | Empresa Metropolitana de Turismo, no sentido | de que mantenha entendimentos com o Exmo. Sr. | Governador do Estado, visando a concessão | de auxílios a tôdas as agremiações carnava- | lescas, por conta de uma verba específica, | de vez que os

20 auxílios orçamentários assegurados pelos Srs. Deputados são insuficientes.” || Prevalença do ensejo para expressar a V. Exa. Os protestos da mais alta e distinta consideração.

Achilles Amorim

25 a) Achilles Amorim
mlcc.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Impresso/Carta Oficial
Edição: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta oficial.
3. Assunto: O autor agradece a Nelson Ferreira a colaboração para a construção do disco feito pelo Governo do Estado para homenagear a Independência.
4. Data do documento: 28 de abril de 1972.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Biografia do autor não identificada.
8. Número de palavras:66
9. Informações levantadas: Carta datilografada em 1 página. Na margem superior, encontra-se, centralizado, o símbolo do Palácio dos Despachos.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara. *Cartas* Oficiais do século XX – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Carta Oficial. Carta ____.

Recife, 28 de abril de 1972

Meu caro

Nelson Ferreira:

Agradeço, em meu nome pessoal e em nome do Exmo. | Sr. Governador Eraldo Gueiros Leite, a desinteressada e simpática - | colaboração que o caro amigo desenvolveu para a feitura do disco - | com que o Governo do Estado homenageia o Sesquicentenário da Independência.

Nesta oportunidade, renovo minhas cordiais sauda - | ções.

[init/]
Marcos Vinicius Vilaça

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Carta Oficial
Edição: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Oficial
3. Assunto: Comunicar aprovação de consideração à Nelson Ferreira pelos seus 50 anos de atividades artísticas.
4. Data do documento: 19 de julho de 1972.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Caruaru
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Antônio Bezerra do Amaral, Primeiro Secretário da Câmara Municipal do Recife no ano de 1972.
8. Número de palavras: 115
9. Informações levantadas: carta oficial escrita em uma página. Na margem superior da folha encontra-se, centralizado, o símbolo da Câmara Municipal de Caruaru.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara. *Cartas* Oficiais do século XX – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Carta Oficial. Carta ____.

Ilustríssimo Senhor:

Através do presente, tenho a grata satisfação de comunicar à V.S. que, em reunião realizada ontem nesta Casa Legislativa, foi aprovado requerimento nº 84/72, de autoria do Vereador Abdias Pinheiro da Silva e subscrito pelo Vereador Antônio Bezerra do Amaral, o qual apresenta voto de aplausos à V.S., por completar 50 anos de atividades artísticas, como Maestro e Compositor, na capital Pernambucana. Na oportunidade, aproveito para salientar os altos protestos da minha consideração e distinto apreço.

10

Cordialmente

[init/]

15

ANTONIO BEZERRA DO AMARAL^{1º} Secretário

20

Ilmo. Snr.
MAESTRO NELSON FERREIRA
T V – JORNAL DO COMÉRCIO – CANAL “2”
RECIFE – PE

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Carta Oficial
Edição: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Oficial
3. Assunto: Convite enviado a Nelson Ferreira para participar da inauguração do quartel do Batalhão de Rádio Patrulha do Recife.
4. Data do documento: 31 de agosto de 1972.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Autor não identificado. Na carta consta apenas que o remetente é o Tenente/Comandante da PM.
8. Número de palavras: 239
9. Informações levantadas: carta datilografada em 1 página. Na margem superior, centralizado, encontra-se o símbolo da Polícia Militar de Pernambuco.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FALCÃO, Samara. *Cartas* Oficiais do século XX – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, CD-rom. Carta Oficial. Carta ____.

É por demais contagiante para nós, termos, nesta oportunidade, o prazer e a felicidade de podermos convidar V. Sa., para participar da inauguração do quartel do Batalhão de Rádio Patrulha, no dia 05 de setembro do ano em curso, às 07:30 horas, na rua Dom Bosco – 1002 – Boa Vista (antiga Escola de Geologia). || Naquela oportunidade, o Exmo. Sr. Governador do Estado estará descerrando placa alusiva ao evento e, em seguida, estará, juntamente com o Exmo. Sr. Cel Comandante Geral da Polícia Militar de Pernambuco, dando partida ao desfile de 19 viaturas que desfilarão pelas principais ruas desta Capital, mostrando à população as novas unidades que, a partir do dia 7 de setembro, estarão prestando serviços à coletividade. || O motivo do nosso convite a essa figura ímpar dos carnavais pernambucanos, prende-se ao reconhecimento e ao agradecimento que desejamos fazer, de público, pelo valioso serviço que V. Sa. Prestou, há 20 anos passados, à então Companhia de Rádio Patrulha, dando música ao seu hino; nós, Oficiais do presente, que fazemos a RP de hoje, desejamos retificar os agradecimentos que, porventura, vos tenham sido feitos, no passado. || Confiante em que contaremos com a vossa valiosa presença, aproveitamos a oportunidade para apresentar os nossos protestos de estima e profundo apreço.

[init/]

20

Sebastião Rufino Ribeiro
Ten-Cl PM – Comandante

Ami Ami

Haq he servido,
vendo se no Cons. Ultramarini a da
licioes incluzas do Propoziti, e mais da
Congregacao de Sao Filippe Neri do Rio de Janeiro
e mais de outras que se tem com effeito
parceira sobre as mesmas representadas
em S. C. e. Paes e de de Agosto de

Manuscritos particulares

Diogo de Moraes



Ant. Marques de
Penabaz

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta de José Roberto Pereira da Silva a sua irmã convidando-a para ir para a capitania de Pernambuco.
4. Data do documento: 16 de janeiro de 1802
5. Local de Origem do documento: Brasil – Pernambuco
6. Local de depósito do documento: Arquivo Histórico Ultramarino/Conselho Ultramarino Brasil-Pernambuco (AHU_ACL_CU_015,Cx.231,D.15603)
7. Identificação do autor: José Roberto Pereira da Silva.
8. Número de palavras: 147 palavras.
9. Informações Levantadas: Carta pessoal escrita em única página, utilizando-se de linguagem popular já que há simetria entre o emissor e o destinatário, pois trata-se de irmãos.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom, Cartas Particulares. Carta 1.

Pernambuco 16 de Janeiro, de 1802.

5 Minha querida mana *mu*ito do meu Co- | razão dentro nele Sinto emfez i[s]to oVer - | la tam
Murtificada antecipando- | me demenão Mandares dizer ama-|ys tempo querer tu Cobrir
hum | homem de pois diter atua ma vida | tam publica obrigada dete[*inint.*] Só ede- | zem
[?] ada dia que [*inint.*] dizer | eu Já cá Sabias tudo eu tua irmam | copera<↑va>amos ati
enaõ Carta; que ficaste | tuda fazen[?]o vem que Cá [?] pagaraõ | todas as Despezas já que
tu dizeres [*inint.* + 1 linha] | Já esta em Capitam de Sere[?] | da Com *mu*itas saudade etua
irmam | Determina como quem de todo o Coração | eamor Deverdade he teu mano.

Joze Roberto Pereira da Silva

- NOTAS:**
11. À esquerda, encontra-se escrito por outro punho: 'Pernambuco 16 de Janeiro 1802'

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: MACENA, Ana Paula; TRAVASSOS, Tarcísia

1. Modalidade: Língua Escrita;
2. Tipo de Texto: Carta Pessoal (Correspondência entre amigos);
3. Assunto: Informações sobre o transcorrer da viagem e notícias sobre seu Estado e de sua família.
4. Data do documento: 06 de Fevereiro de 1872
5. Local de origem do documento: Portugal - Lisboa - Nice.
6. Local de depósito do documento: FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco) Recife-PE, Capítulo 08, Documento 149, a4g1.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 236 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em quatro páginas.
10. Editor do documento: MACENA, Ana Paula & TRAVASSOS, Tarcísia. Cartas Particulares do séc. XIX - Pernambuco. Recife: Projeto PHPB/PE, 2011. Carta Particular. Capítulo 08, Documento 149, a4g1. Carta____

Lisboa 6 de fevereiro

Meu Caro Barão,

O Correia escreve me que estão no|vamente em Nice e para lá apres-|sa me a mandar lhe estas duas| linhas. Chegamos mais uma vez|ao Velho Mundo, fugindo ás ar|dencias equatoriais para cahir| nos arrepios da influeenza. Não| lhe escrevi antes por não saber |onde estavam e estão esperando| formar a resolução de affrontar | o inverno do norte, a

5 que só hon|tem nos atrevemos. Estou cheio| de visitas de indifferentes e| [fol. 2r] desconhecidos que me privam| do prazer de escrever lhe larga|mente hoje condenando me| a rodar dias inteiros de um| extremo a outro da cidade| para deixar cartões! Em| Biarritz creio que ficaremos| uns dias e de lá, se não| de Madrid mesmo, lhe escreve|rei sobre a nossa florescente| anarchia. ||Muitas saudades nossas| das mais cordiais á Sr^a [fol. 3r]

10 Baroneza a cujos pés rogo lhe| o favor de pór me. Que noticias| há do meu Arthur? Deixe| o outro em Caldas a depurar| o sangue e fortalecer se. Elle| ia optmamente no Jornal do Brazil, mas tem havido uma| devolução na folha e não sei| se ele ficou. Carlotinha estava|incomodada quando sahi,| mas ouvi ler n'uma carta| do Rio que ella tinha estado| bem doente. Não creio| poren que fosse mais do|[fol. 4r], que ella infelizmente costuma|

15 soffrer.||Adeus, meu caro Mestre.| Creia sempre na funda| affeição do seu| Muito e todo dedicado

Joaquim

Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: MACENA, Ana Paula; TRAVASSOS, Tarcísia

1. Modalidade: Língua Escrita;
2. Tipo de Texto: Carta Pessoal (Correspondência entre amigos);
3. Assunto: Informações sobre o transcorrer da viagem e notícias sobre seu Estado e de sua família.
4. Data do documento: 25 de Fevereiro de 1872.
5. Local de origem do documento: França - Paris - Rue Dumont d'Urville.
6. Local de depósito do documento: FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco) Recife-PE, Capítulo 08, Documento 151, a4g1.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 236 palavras
9. Informações Levantadas: Carta escrita em quatro páginas.
10. Editor do documento: MACENA, Ana Paula & TRAVASSOS, Tarcísia. Cartas Particulares do séc. XIX - Pernambuco. Recife: Projeto PHPB/PE, 2011. Carta Particular. Capítulo 08, Documento 151, a4g1. Carta_____

11 bis rue Dumont d'Urville | Paris Fevereiro 25

Meu caro Barão,

Recebi com effeito em Lisboa sua|bôa carta, de volta do Brazil. Não|tenho commigo, estão em Londres nas| malas que fiz seguir pelo paquete,| os exemplares do seu memorial.||O Gouveia escreve me que os ban| queiros a que se referiu o engenheiro| Arnaldi como
5 prestando se a auxilial-o| são seu pai e seu cunhado Enrico| Maroini (?) Benelieri (?), conhecidos| do Arthur. Os nomes vão como os| pude decifrar da calligraphia do| Ilustre Esculapio. O Arthur os recom| [fol. 2r] porá. Entre as pessoas com quem| conta Arnaldi para vel-o, a VEx, | Está o conde de Maffei, Ministro Ita|liano em Madrid. Arnaldi partiu| do Rio a 24 de Janeiro. Deve estar| ha dias na Europa.||Eu desconfio que não será fácil| levantar
10 capitaes na Italia - ou Lon-|dres haveria, porem, talvez ainda| maior difficuldade.||Meus respeitos á Ilm^a Baroneza e| saudades de Evelina para ambos| os nossos caros Penotes. Creia me| sempre e sempre Todo Seu Joaquim Nabuco [fol.3r] P.S. Na 4' feira, 2 de março, conto| partir para Londres para falar com um| engenheiro Revy que meu cunhado quer| ver se lhe faz os planos das obras.| Evelina e Bebé ficam até eu vir| buscal-as. De volta de
15 Londres, porem,| que será pelo dia 9 de Março eu| ainda demorarei aqui uma semana.| Escreva me pois sempre para cá.||O Picot esteve commigo, muito desejoso| de alugar a sua casa e esperançoso| de que o Martiniês Prado a tome. Elle| deve ter chegado hontem a Genova| e conta estar em Pariz por volta| de 15 de Março. Talvez porem a| [fol. 4r] casa não seja o que elle precisa, porque| elle encommudou ao Eduardo um ver| dadeiro

20 acampamento, casa para 16 ou 20 pessoas, e parece querer mobilá-la elle próprio conforme as conveniências da tribu.

[Rubrica]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Felicitações sobre o Natal e recomendações para amigos.
4. Data do documento: 25 de dezembro de 1875.
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro – Paquetá
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 306
9. Informações levantadas: carta escrita em três páginas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Meu caro Salvador,

- Hojje é Natal, e por isso New York deve estar|em festa. Como nós catholicos temos menos ale|gria e menos que fazer nésse dia, posso escrever| te emquanto se prepara o altar para a missa, | em minha casa. Sei que estás em New York,| e espero que ahi fiques, com mas promessas que| tens, e com a tua capacidade, seria uma injustiça| não aprovar o governo a nomeação do mini-| stro. O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de ficar sempre, não te esqueças| de escrever de ver em quando alguma cousa na| nossa lingua. Os nossos escriptores de raça são| tão poucos!||Ahi te envio uma carta para uma| senhora de quem sou muito amigo,
- 10 Mistress Charles Hamilton, casada com um neto do grande| Hamilton. O marido deve morar em New York,| e ser-te há facil achar o adress de um| tal nome. Todavia devo diser te que Mistrees Hamiltom| tinha tenção de ir passar algum tempo em Mil |Waukee (Wisconsin). Ela é cunhada de Mistress| [fol.3v] Hallek aviuva do celebre general, e por| qualquer modo tu saberás onde encontra-a. Na| carta fallo em ti, e Ella, desejará muito conhecer| te pelo que
- 15 eu lhe digo, e estou certode que| será um muito agradável conhecimento para| ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia| mais eu te invejo - fazendo votos para que| não voltes tão cedo á esta <↑capita>do café.

[*inint.*] á Voz

Joaquim Nabuco

Como deves saber fundamos um jornal, a Espa[?]a infelicamente não é para esse paiz e ao pensamos| em desfiar o que fiamos e em fasel-a morrer| de um modo decente. Essa morte porem não pode tardar.

Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela.

11. Modalidade: Língua Escrita
12. Tipo de texto: Carta Particular
13. Assunto: A trajetória de uma viagem
14. Data do documento: 04 de junho de 1876
15. Local de origem do documento: França – Paris
16. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
17. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
18. Número de palavras: 171
19. Informações levantadas: carta escrita em duas páginas, em papel timbrado com as iniciais JN (Joaquim Nabuco).
20. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Paris 4 de junho

Meu caro Salvador

Mais [*inint.*] de que pensei, devemos en|contrar nos [ilegível] em New York. Estou em Paris|apenas uns três dias sigo a parar uns oito| em Londres, e por volta do dia 22 seguirei| para New York. Como tu sabes foi nomeado [ilegível] a' nova [*delegação*] em Washington.| Como mais precisão te escreverei sobre o dia | da minha chegada; agora
5 mesmo saiu | final o, tomando passagem na White Star | que espero de ti é que me arranjes [fol.1r]| com toda a sua influência publica e | privada uma cama para descansar em Phi- | ladelphia do calor, da poeira, do barulho | das grandes festas de 4 de julho. Não é|um pequeno recurso para mim pensar | que vou te encontrar nos Estados Unidos.

10 Pede teu,
 Joaquim Nabuco

P.S. Acabo de tomar passagem a bordo do | "Germamanie", da White Star, que parto á 22 de | Liverpool. No dia 1 ou é 2 estarei em Terra,do [*inint.* + 1 linha]

15 *Joaquim Nabuco*

NOTAS:

1. Na margem superior, à direita da primeira folha encontra-se escrito por outro punho '1876'.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Pedido de desculpas por não assinar o prefácio de um livro
4. Data do documento: 10 de dezembro de 1880.
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 258
9. Informações levantadas: carta escrita em três páginas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Rio de Janeiro 10 de Dezembro de 1880

Meu Caro Dr Jaguaribe,

Escrevo lhe contrariado porque veja, na | Gazeta de Noticias, que se acha na Corte| e eu preferia encontral-o e fazer pessoal-| mente o seo conhecimento. Muito lhe agradeço| a remessa dos seus dois meios bilhetes da loteria do Ypiranga para a nossa Sociedade.| Envio lhe o recibo do thesoureiro, o nosso| distinto correligionário André Rebouças. ||Quanto ao seo livro, como estou abor-| recido por não poder satisfazer o seo| pedido do modo que desejara. Prometho-| me, não estou certo, dar-me conhecimento | da obra e sobre Ella eu teria o maior| prazer em collaborar com um prefácio| para a propaganda. Mas sem referir-| me ao seo trabalho, como fazer para| escrever mesmo uma pagina?[fol. 2r] Do mais parto no dia 15 para Europa, | (apenas por quatro meses) e nas ves| peras de uma viagem não me seria pos| sivel dar lhe nada digno de si. ||Acredite me quando lhe digo que sinto| não ver o meo nome ao lado do |seo, impresso no frontispicio de um livro| que estou certo há de ser um [inint.] poderoso prestado á boa causa da |emancipação. Se me tivesse escripto em| detalhe o que queria talvez eu pudesse| ser lhe útil, mas agora falta nos a ambos tempo. ||Muito sinto que venha ao Rio sem dar |aos seus consocios o prazer de festejar| uma intelligencia tao bem empregada| [fol.3r] a, na obra co[m]mum de de um espírito| cheio de iniciativa.

Crea me com a mais verdadeira | cordialidade seo | Criado obediente

Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XIX - Manuscrito/ Carta Particular

Edição: COSTA FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta particular
3. Assunto: Carta do abolicionista Joaquim Nabuco a correligionário. Agradecimentos e pedido de desculpas por não poder prestar-lhe obséquio.
4. Data do documento: 10 de dezembro de 1880.
5. Local de origem do documento: Brasil- Rio de Janeiro
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco. Pasta Número 1 docs. 14;14.1;14.2.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 234
9. Informações Levantadas: Encontra-se timbre no canto superior esquerdo da "Sociedade Brasileira contra a Escravidão". Há também carimbo que parece ser da Biblioteca Nacional. O documento constitui-se de fotografia, provavelmente cópia de microfilme do documento original.
10. Editor do documento: COSTA FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva & GOMES, Valéria Severina. Cartas Particulares – Pernambuco : Projeto PHPB/PE, 2012, CD-rom. Cartas de Joaquim Nabuco. Carta ____.

[fol1.r.]Meo Caro Jaguaribe.||

Escrevo-lhe contrariado porque vejo, na| Gazeta de Noticias, que se acha na Corte| e eu preferia encontral-o e fazer pessoal-|mente o seu conhecimento. Muito lhe agradeço|a remessa dos seus dois meios bilhetes da | loteria do Ypiranga para a nossa Sociedade.| Envio lhe o recibo do thesoureiro, o nosso| distinto correligionário André Rebouças.||

- 5 Quanto ao seu livro, como estou abor-|recido por não poder satisfazer o seu|pedido de [ilegível] desejara. Prometteo-|me não[ilegível], deu-me conhecimento| da obra o [ilegível] elle eu teria o maior|prazer em collaborar com um prefácio| para a propaganda.Mas sem referir-|me ao trabalho, como fazer para| escrever mesmo uma página.||[fol.2r.] Ademais parto no dia 15 para a Europa|(apenas por quatro mezes) e nas ves-|peras de uma viagem
- 10 não me seria pos-|sível dar-lhe nada digno de si.|| Acredite-me quando lhe digo que sinto| muito não ser o meu nome ao lado do | seu, impresso no frontispício de um livro| que estou certo há de ser um auxílio| poderoso á boa causa da | emancipação. Si me tivesse escripto em | detalhe o que queria, talvez eu pudesse| ser lhe útil mas agora falta nos a | ambos tempo.|| Muito sinto que venha ao Rio sem dar| aos seus consócios o prazer de festejar|

15 uma inteligência tão bem empregada|[fol.3r] e na obra comum e um espirito| cheio de
iniciativa.|e crea me com a mais verdadeira| cordialidade Seo| Criado Obediente|
[assinatura]

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta dando notícias de pessoas amigas e comentário sobre a monarquia e a república.
4. Data do documento: 13 de maio de 1881
5. Local de origem do documento: Londres.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de palavras: 624
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A carta foi escrita em quatro páginas.
10. Editores do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, J. P. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

16, Cheyne Gardens, London, S.W. || Ba 13 de Maio 81 || Meu caro Barão, || Acabo de
receber uma carta que | me deu-lhe o prazer [*inint.*]. á [*inint.*]. | [*inint.*] e muito lhe
agradeço. Queira | saber que nasceu hontem n'esta [*inint.*] | asa um seu criado nosso filho,
a | quem entre outras minhas, poucas | [*inint.*], fortunas pretendo passar | a amizade que
5 lhes tenho. Conte | para a sua velhice, Contano, Con- [fol. 1v] tano, Contano, com esse
ouvinte se- | quioso e se Deus quizer [*inint.*] | nove? || As suas finturas do Mediterraneo |
encantam me e pondo de aute [*inint.*] | mas azul uma mesa de trabalho | em que eu
escreva alguma coisa | que lhe agrade seja que palavra | atuação. Estou [*inint.*] [?]- |
decendo a ella e quando as me- | ninas partirem para o Brazil fica- | remos mais leves para
10 sermos me- | lhor atrahidos para alguma buco- | lica casinha ↑ ahi com rosas e praia como
| a nossa em Paquetá. – É porem ↑ antes possi- | vel que eu (sosinho) tenha que ir breve |
ao Brazil levar as meninas. Tau | esse caso ponho-me ás suas ordens | se ainda tiver alli
algum negocio | que [*inint.*]. Dizem a me que o Cabo | Frio não é o [*ilegível*] que era com | o
Quintino. Este governo apesar [fol. 2r] de tudo é mais decente que o do Ruy | [?] quiz que o
15 Deodoro esteve a ponto | de mandar este para Fernando de No- | ronha! Aqui estão Gaspar
e Dantas. | O Dantas trouxe a familia. Disse me que | o Arthur José está empregado no
Jornal | do Brazil e Carlotinha satisfeita. Alugou | a casa de Petropolis ao I. Clemente e |
agora do Rodolpho e da sua Quitan- | dinha trata de fazer um bom negocio | “ Por ser
mulher, disse me ella, fun- | dam que hão de lograr-me, mas | deie citar que não me
20 logram”. [fol. 2v] Muito senti a morte de José Justi- | niano Rodrigues. Foi um bom amigo |
seu, da especie rara que os antigos | tiveram a fortuna de conhecer. || De política Brasileira
é uma anarchia | degradante á qual os homens poli- | ticos do antigo regimen que se | têm
associado não levam nenhum | prestigio e perdendo apenas o que tinham [fol. 3r] do Rio me

25 escrevem caracteristicamente | que com a partida do Imperador desap- | pareceu o freio
moral que continha | os novos homens e que por isso elles | atiraram se vergonhosamente
na | especulação a mais desmoralizadora | entrando por companhias frau- | dulentemente
formados e susten- | tados a praça, tudo que em outros | paizes leva os promoters,
diretores [fol. 3v] etc á cadeia. Agora esse negocio | com a paralysação a Bolsa cessou | de
ser bom, a utilidade industrial | do medalhão acabou ou interrom- | peo-se e elles estão
30 acenando ao | Lucena para que os apresente os | Compadre, esperando o recado | d'este. O
povo continua mo- | narchico- cada vez mais conven- | cido de que tudo mais é uma | orgia
governamental – mais não [fol. 4r] se mexe por sua natureza Para- | guaya de soffredor
ines- | gotavel. | Quem sabe poreo, de um momento | para o outro! O bom é que a repu- |
blica é uma idéa hoje gasta e de-| sacreditada. Não será o Floriano | que a reabilitará. ||
35 Muitas saudades, meu caro | e bom amigo, ponha-me aos pés | da Baroneza, acceitem os
cumprimentos | da "invalid" e creia no sempre [inint.] | seu *Joaquim*. Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Agradecimento por um exemplar de livro, comentário a respeito da obra, envio de página lida à princesa em 13 de maio e notícia da chegada de um filho, ao qual foi dado o nome Maurício.
4. Data do documento: 13 de maio de 1881
5. Local de origem do documento: Londres.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfílmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de palavras: 449
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
10. Editores do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

13 de maio || 16, Cheyne Gardens, || London, S. W. || Meu caro Alberto, || Muito obrigado pelo seu volume, cuja duplicata expedi ao meu a- | migo Rio Branco. || Eu tinha lido o exemplar do Dantas, de uma assentada, como o | C. de Laet. O Gaspar está muito penhorado com as sua palavras a | respeito d'elle. É inútil repetir-lhe quanto divirjo do seu ideal, | dos métodos Você. é | um monarchista que não se conhece a si mesmo, ou por outra que to- | ma certos impulsos literarios de sua intelligencia por verdadeira característica do seu tempo. || Lamento político em vez de tomar os instictos profundos do | seu coração. Um desses Catolicos que se julgam atheus e só se sen- | tem religiosos em face de morte, isto é, a primeira que enca- | ram o problema face a face. O fermento litterario ou a fermenta- | ção do meio, não se confunde com o sentimento que brota das fon- | tes da vida. Lamartine republicano de 1848, o que foi? Agora está | se vendo o que foi Michelet (!) e todo o mundo sabe o que V. Hugo | era quando era só poeta. Monarchistas, meu caro, como V. Exelência. o seu livro | (que revela uma tendencia para a reconsideração do caminho feito | e da direção seguida) torna isso evidente para mim. Literariamen- | te falando o que Você. escreveu é a unica medida verdadeira e exata | que Você. deu até hoje das proporções e da flexibilidade, da sua suavida- | de do seu talento e sinceramente o felicito. Quem sabe se Você. ain- | da não nos está reservando mais para a Apologia pro Vita mea que | essa arlequinada propria de uma nação em decomposição, antes que | de um paiz novo, lhe há de sug[[g]]erir algum dia! Venha isso quanto | antes, meu caro, e lembre-se então de mim. || Ahi vai uma pagina que foi lida à Princesa (cuja acção Você. tão | finamente e com tanta verdade quanto originalidade de traço, assi- | gna-la no seu livro) no anniversario do celebre 13 de Maio. Ha só | uma palavra a meu respeito que não lhe agradeço, o tal echo. || Por ultimo uma noticia tambem para se Pai a quem peço que me | recomende muito, e é a do nascimento de um filhinho nosso, a | quem dei o nome Mauricio. Espero que Deus o conserve e que el- [fol. 1v]

le possa herdar com a virtude da Mãe o talento e o character do A- | vô. || Adeus, meu caro
Alberto, || todo seu sempre || Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco
Século XIX – Manuscrito/ Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; FERREIRA, Priscilla E. da Silva Costa

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta enviada ao amigo Sylvio comentando a respeito das personagens envolvidos no enredo da história.
4. Data do documento: 6 de abril de 1888.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Tobias Barreto de Meneses nasceu em Vila de Campos do Rio Real, 7 de junho de 1839 — Sergipe. Foi um filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro e fervoroso integrante da Escola do Recife (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Foi o fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 218
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FERREIRA, Priscilla E. da Silva Costa. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Recife 6 de abril de 88

Amigo Sr. Sylvio

Recebi sua ultima carta| e logo depois as paginas| de sua Historia.|| Pondo de parte o *que* me| diz respeito devo declarar - | lhe que achei o seu trabalho| muito bom, excepto n'um | ponto , - permita-me a | franqueza. Foi no ponto|em que o Sr., à meu ver,| deturpou a sua Historia = |falando de gente que nada vale|| Realmente à que propo-| sito falla de Hannibal|

5 Falcão, um verdadeiro bôbo| [*inint.* + 1 linha] bacha-|rel Tachygrapho, e [?] | grapho mediocre? Isto| é gente que deva ocupar| lugar n'uma historia seria?| Não de certo. – Á que| proposito fazer menção de| um tal de Alvares da Costa,| que ninguem conhece, môço| idiota, que nunca produ- | ziu cousa alguma que pres-|tasse? – É verdade| que esse moço fez-lhe uns| elogios mas eu creio que| o Sr. Não precisa crear| adeptos, sacrificando a

10 Verdade e a justiça|| Olhe lá : - o Cloves, em 1882 es-| creveu uns artigos á meu | respeito, cheios de elogios| extraordinarios. Quer saber | *qual* é o meu juízo sobre elle?-| É o seguinte: não passa| de um felicissimo desfructavel, |e o mais pretencioso da nova geração. A reputação intel- | lectual desse môço foi uma parcella antecipada do pa-| trimonio Freitas. Não se iluda;| Cloves não vale nada. Algu-|ma coisa melhor que escreve,| é plagiada.| E

15 *que* direi agora do illustrado | jurista José Hygino, bem como | João Vieira? – Ai! Pelo\ amor de Deus; não faça taes | concessões. Onde foi que José |Hygino já se mostrou pes-|quisador de história patria?|| Zé [*inint*] é um bôbo, Sr.| Sylvio; e João Badalo ainda| mais. Desculpe esta| franqueza do amigo. Não| mude de rumo seja cruel com| esta gente que nada vale.|

Do amigo velho Tobias

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Política partidária após a abolição.
4. Data do documento: 23 de julho de 1888.
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 832
9. Informações levantadas: carta escrita em doze páginas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, JN cap 6 a4 g1, doc 101. Carta Particular. Carta ____.

Meu caro José Mariano,

Afinal, dirá V. o Nabuco| me escreve! Mas na guerra| como na guerra, até hoje| não tenho
descançado e assim| se não nos escrevemos é porque| estávamos trabalhando juntos| pela
mesma causa|| O Beltrão entretanto com|quem V. se corresponde disse me| hoje na
Camara que V. havia-lhe| manifestado contentamento por| ter me eu declarado contra o|
5 Ministerio. É preciso á vista| d'isto que eu lhe [init.] para| V. conhece bem a minha attitude.
| Essa não mudou. Eu estou hoje| onde estava hontem. Combato o| João Alfredo no terreno
dos Ban| cos Hypothecarios como o susten| tei no da abolição pelos mesmos| motivos. Estou
longe porem de| querer derribar de qualquer| forma juntando-me com os reac-| cionarios
escravistas. Se elle quizer| cahir, caí com os olhos abertos. | A minha posição é especial, |
10 exatamente porque o João| Alfredo está sendo atacado pela| lei de 13 de Maio, causa prin-|
cipal do odio contra elle, e| porque estava mais identificado| com o abolicionismo do que
com| qualquer partido que me pa-| recem todos igualmente pluto-| cratas. Eu hoje lucto por
idéas| e não por partidos. Nas idéas| sou intrasigente, quanto aos| partidos não me presto
mais| a galvanisal-os. Estão mortos| e bem mortos. Para fazer coisa| nova é preciso novos
15 instru-| mentos. Os que nos vieram da| escravidão são cabos de chi-| cote e pedaços de
troncos que| não servem para a reorganisaçãõ do paiz.|| Occupo assim na Camara uma|
posição solitaria, que corresponde| ao meu ideal não direi politico, | mas popular. V. tem a
alma| do povo, eu tenho a consciencia. | Nós nos separamos apenas ap-| parentemente
porque no fun-| do nos completamos. Hoje como| hontem, amanhã como hoje. Dei-| xe os

20 partidarios desgostarem-| se de mim: estou fazendo a única politica verdadeiramente demo-
| cratica que possa existir no paiz. | Os partidos esmagam o povo. Am-| bos elles são
exploradores e mal| começa o republicano já está ado-| rando o bezerro de oiro. Eu op-|
ponho-me aos Bancos porque| quero a pequena propriedade, | a dignidade do lavrador, do|
morador, do liberto – a for-| mação do povo que está ainda| abaixo do nivel dos partidos. |
25 Não considero o interesse de| nenhum partido, mas somente| o do povo que nada pode
fazer| por mim porque ainda nem sequer| balbucia a linguagem dos seus di-| reitos. || Eu
sei que a minha attitude| tem ahi desagradado muito ao| partidismo. Mas o que queria| elle
que eu fizesse!| O Dantas es-| tá no mesmo ponto de vista| que eu. Ainda hontem elle me|
dizia: “O constrangimento que| nós teriamos em derribar o| João Alfredo com os
30 escravocratas| devia ter o Andrade Figueira| para não sustental-o depois| da abolição”. Eu
sigo o meu ca| minho pela minha bussola que| no deserto me mostra o norte| tão
seguramente como se em| torno de mim todos me estives| sem dizendo onde elle estava. ||
E deixe-me dizer-lhe, meu caro| amigo, V. não está aqui, seu| temperamento o terá feito|
muita vez explodir contra o| Ministerio, V. se terá sentido hu-| lhado<Vossês não se|
35 deixassem| era o caso de| mesmo eu fora da| politica eu ir| até o Recife| divorcial-os. |
Todos veu| [inint.]>¹vendo o seu liberalismo| suspeitado pela parte do partido| que é
organicamente conservadora| e até reaccionaria, mas eu| sinto que V. me comprehende e|
me approva, qinda que V. tal-| vez estivesse procedendo de outro| modo. || Isto me
consola, mas confesso-| me que a retirada do Antonio Car-| los da politica tirou-me a von-|
40 tade de tambem continuar n’ella| Um homem em geral não leva| a effeito mais de uma idéa.
Eu| dediquei-me todo a abolição, fei-| to ella, creio que estou autorizado| a querer pelo
menos refazer o| meu cerebro que foi todo vasado| n’aquelle molde durante dez| annos. A
Federação deve ser| V.. V. póde levantar um novo| partido – tão forte como foi o|
abolicionista. Eu o sustentarei, | mas eu mesmo não me sinto| com forças para ~~carregar~~
45 esse novo esforço, quero dizer, | para pôr me a frente d’elle, | e elle requer um homem.
Fallo| no norte. Levante-se, meu caro| amigo e comande!|| Eu hoje estou fóra dos partidos|
pessoaes e dentro das idéas ás| tuaes reconheci sempre circum-| ferencia bastante larga
para| abranger todos os homens| de bôa vontade para servil-as| qualquer que fosse o seu
baptismo| politico. <Minhas recom-| mendações a D. | Olegarinha que| n’estes mezes| pelo
50 menos não| terá tido ciumes| de mim. [inint.] | que ella não venha| a tel-os de
Ulys-| ses! Mas>² Por isso não sei se| serei mais candidato. Estou| em uma
verdadeira evolução na| qual os partidos me causam o| effeito de sombras
impalpaveis| e o povo de uma immensa chaga| aberta em nosso territorio infeliz. |
A abolição desatou muitos laços| submergiu muitas posições, trans| formou tudo e
55 abalou todos. | Estou certo porem que ella não| fez senão tornar-nos a nós| d’oios
ainda mais unos do| que eramos. Mil saudades do Joaquim Nabuco

⁴Nota 1: Escrito na margem superior da página 9, perpendicularmente ao texto.

Nota 2: Escrito na margem superior da página 12, perpendicularmente ao texto.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XIX- Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Correspondência enviada por Joaquim Nabuco ao Barão de Benedito desejando-lhe um feliz 1889.
4. Data do Documento: 6 de janeiro de 1889.
5. Local de Origem do Documento: Rio de Janeiro, Brasil.
6. Local de Depósito do Documento: Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Apipucos-PE.
7. Identificação do Autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de Palavras: 717
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, em 1849. Passou os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, município do Cabo de Santo Agostinho. Atuou como político, diplomata, historiador, jurista, escritor. Abolicionista, em 1969, ele escreve uma de suas mais importantes obras, A Escravidão.
10. Editor do Documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Rio, Janeiro 6. de 1889.

Meu caro Barão, | Um feliz 1889 é o que sin- | ceramente lhe desejo. Recebi | sua carta em
resposta á que | lhe escrevi. O Dantas está em | Friburgo, mas eu lhe communi- | carei os
trechos que a elle | se referem. || O Corrêa, que está morando | [fol. 1r] commigo, tem
agora mais es- | perança de ir para Roma. Elle | foi portador ante-hontem de | uma carta
5 que escrevi ao Rodrigo | sobre o Arthur e o Rodrigo deu- | lhe alguma animação de que | irei
com effeito para a cidade | Eterna. Eu não me esqueço do | Arthur, mas não valho muito. ||
O Corrêa de Araujo está minis- | [fol. 2r] tro residente e amanhã [ilegível] | tenciario por
força do seu paren- | tesco com o Camaragibe que ainda | depois de morto faz milagres. O |
10 Cesarino vive em casa do João Al- | freda, o Guimarães ja tem por si | a antiguidade e o
nome litterario, | o Arthur tem ainda contra si | o Vieira Monteiro, protegido pela | coterie de
Pariz. Como vê é | uma lucta em que succumbi [fol. 3r] o mais fraco. Eu tenho [ilegível] |
confiança no Rodrigo para que dada, | certas eventualidades e lhe promova | o Arthur. Pode
haver mais de uma | vaga e elle ate ' hoje tem mostrad[o] | certo espirito de independencia
| e uma maneira toda sua. Quem | sabe se não lhe mandara ainda | alguma bôa noticia? ||
15 O Rodrigues foi para ali [ilegível] | de toda a confiança do [fol. 4.r] Prado, tratar de resgate
de cami- | nhos de ferro. O [ilegível] preten-| de seguir breve con dois confrates | do
[ilegível] avaliado em muitas | centenas de contos. || Tenho visto o Joustiniano | Rodrigues
que vai melhor, coi- | tado! || Fui obrigado a sahir do Paiz | pelo seu republicanismo. O [fol.
5r] facto de ser esse republicanismo um | tanto intermitente não d[i]minuia | antes
20 augmentava a difficuldade | de minha posição. [ilegível] sou hoje senão deputado, amanhã
talvez | nem isso seja. Estamos n'um | tempo de muita incerteza | para quem cem ter uma
conta | [ilegível] no Banco, tem uma | [fol. 6r] coisa que se chama convicção. Eu | sou un

anarchista convicto e | recomeço com anarchia a vida | de sacrificio que tive com a abolição.
| Minha unica esperança de descança | e' perder um dia o fogo sagrado, e | acha que já fiz
25 bastante. Quando | virá esse dia? || Muitas saudades a' Baroneza | e Carlotinha a quem
desejo um [fol. 7r] | bom 89 cheio de tudo que ellas | mais desejam - a' Baroneza a sorte |
grande de [ilegível] , a' Carlotinha | uma feliz collocação depois da | formatura para o
Arthur. || Tenho visto o Alfredo. Falla em | ir para a Europa com o Motta, não | o achei taõ
doente como o haviam | pintado. Essas coisas não se vêem, | e'certo, mas a apparencia e'de
30 | [ilegível] tem ainda muita vida e só | [fol. 8r] | precisá descanço e moderação. || Pelos
jornaes verá que tivemos um | combate republicano no dia 30. | Não lhe posso dizer se a
Repu- | blica sahiu mais forte ou mais | fraca. Ella não virá mais sem | guerra civil. E'exacto
que a | republica tem feito un nouvo | progresso en pouco tempo por |[fol. 9r] | effeito da lei
de 13 de maio, mas | a monarchia começa a ter amigos | e os dois partidos terão contra
35 [ilegível] a vontade que unir se contra o | inimigo comum. Eu vejo tudo | isso com[ilegível]
sera porque | a agitação republicana me | parece um retrocesso e um [fol. 10r] | perigo para
a liberdade e para | a tolerancia de que até hoje temos | gozado. || Muitas saudades do seu
|| Sincero Amigo || Joaquim Nabuco. || Estou pensando em ir n'este inter- | valo de
[ilegível] domingo | no norte. Não podera jovem ir | até a 'Europa por falta de temp[o] e de
40 tudo mais. Lá verei o Arthur. ⁵

⁵ Identificação do documento registrada com outra grafia no lado direito do documento: JN |
CAp 6 doc. | a4 g1 108.
Palavras grifadas no texto.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco.

Século XIX- Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Correspondência enviada por Joaquim Nabuco ao Barão de Jary comentando uma publicação no jornal o Paiz.
4. Data do Documento: 18 de janeiro de 1889.
5. Local de Origem do Documento: Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil.
6. Local de Depósito do Documento: Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Apipucos-PE.
7. Identificação do Autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de Palavras: 378
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, em 1849. Passou os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, município do Cabo de Santo Agostinho. Atuou como político, diplomata, historiador, jurista, escritor. Abolicionista, em 1969, ele escreve uma de suas mais importantes obras, A Escravidão.
10. Editor do Documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Praia do Flamengo 68 [espaço] Janeiro 18.1889. [espaço] *Ill.^{mo}* e *Ex.^{mo}* Sr. Barão de Jary, ||
Pela segunda vez acaba | *VE* de dar -me uma inesti- | mavel prova da sua conside- | ração
[rasurado] e eu peço- lhe | que creia que nada me podia | ser mais consolador. [fol. 2r] || A
attitude assumida pelo | redactor do Paiz nos numeros | de 1 e 2 deste mez obrigou-| me a
5 deixar a folha que em- |prehendia realizar a republica. | Lembro do anno que chamou
cyclico | de 1889. Depois houve expli- | cações para [rasurado] o publico de que | o jornal
não era republicano, | mas eu ja estava de fora e quando | [fol. 3r] mesmo me fosse
possivel pen- | sar em voltar a elle, eu me | negaria a dar esse qualquer passo, | porque,
dentro de pouco tempo, | em conflicto constante de idéas | com o meu amigo Quintino, | eu
10 teria novamente que renun- | ciar a minha collaboração | no Paiz. Creia *VE*. [rasurado] que,
| servidor leal das idéas que [fol. 4r] se impoem ao meu espiritocomo | sendo de salvação
publica, | eu reluctei muito e muito | a sacrificar [rasurado] a vantagem | immensa que
[rasurado] a' minha | propaganda dava [rasurado] a grande | circulação ~~publicidade~~ do Paiz.
Infeliz - | mente não vejo na constituição | actual do nosso [rasurado] | jornalismo meio de
15 dispor [fol. 5r] tão cedo de uma tribuna ~~tão franca~~ | ~~tão livre~~ e ao mesmo tempo | tão alta e
tão livre ~~vasta tribuna~~ como a | que fui obrigado a deixar. || A melhor propaganda po- | rem
para a monarchia é | uma boa politica larga e popular e eu tenho | medo de que em falta d' |
esta nenhum espirito in- | [fol. 6r] dependente e patriotico se | preste dentro de pouco a |
tentar nenhuma outra. || Agradecendo muito a | *VE*. a sua benevolencia | tenho a honra de
20 ser [espaço] de *VE* || M Espectador e [ilegível] [espaço] Joaquim Nabuco.⁶

⁶ Identificação do documento registrada com outra grafia no lado esquerdo do documento: JN | CAp 6 doc. | a4 g1 110. Palavras grifadas no texto.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco.

Século XIX- Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Correspondência enviada por Joaquim Nabuco a Antonio Prado sobre assuntos políticos.
4. Data do Documento: 27 de Fevereiro de 1889.
5. Local de Origem do Documento: Petrópolis, RJ, Brasil
6. Local de Depósito do Documento: Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Apipucos-PE.
7. Identificação do Autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de Palavras: 56
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, em 1849. Passou os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, município do Cabo de Santo Agostinho. Atuou como político, diplomata, historiador, jurista, escritor. Abolicionista, em 1969, ele escreve uma de suas mais importantes obras, A Escravidão.
10. Editor do Documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Petropolis, 27 de Fev. 89

Antonio Prado. [ilegível] Paulo. | Felicito *Ex^a*. novo programma do governo promettendo para proxima | sessão autonomia das provincias. A exte progamma [ilegível] hão | francamente como ao da abolição desejando que seu concurso [ilegível] | seja tão effcaz a um como foi
5 ao outro. || Joaquim Nabuco. || [ilegível]⁷

⁷ Identificação do documento registrada com outra grafia no lado direito do documento: JN | CAp 6 doc. | a4 g1 112.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco.

Século XIX- Manuscrito-Carta particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular (Texto Datilografado)
3. Assunto: Correspondência enviada por Joaquim Nabuco ao Barão de Penedo apresentando-lhe o amigo João Pereira Monteiro.
4. Data do Documento: 12 de março de 1889.
5. Local de Origem do Documento: Petrópolis, RJ, Brasil.
6. Local de Depósito do Documento: Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Apipucos-PE.
7. Identificação do Autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo.
8. Número de Palavras: 111
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, em 1849. Passou os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, município do Cabo de Santo Agostinho. Atuou como político, diplomata, historiador, jurista, escritor. Abolicionista, em 1969, ele escreve uma de suas mais importantes obras, A Escravidão.
10. Editor do Documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Petropolis, 12 de Março de 1889. [espaço]

Meu caro Barão, || Quero ter o prazer de apresentar lhe o meu amigo *Dr.* | João Pereira Monteiro, distinctissimo lente da Faculdade de S. Paulo, e | casado com a filha do Visconde de Souza Franco.|| Sei como acolhe os nossos patricios e como distingue os meus amigos, | por isso estou certo de que o Dr. J. Pereira Monteiro não virá de Pariz | sem ter tido ocasião de bem conhecer um dos poucos nomes que nos restam | e por sua vez V. Ex. terá feito mais um amigo. || Sempre como sempre || JOAQUIM NABUCO|| Ao Barão de Penedo.⁸

1 Identificação do documento registrada com outra grafia no lado direito do documento: JN | CAp 6 doc. | a4 g1 113.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Comunicação de casamento
4. Data do documento: 24 de maio de 1889
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro – Paquetá
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 63
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Paquetá 27 de Abril de 1889

Meu caro Barão

Tenho o maior prazer em comunicar lo que está effectuado o meu| casamento e que em Evelina a família| Penedo tem uma amiga sincera e| dedicada. Néste casamento reconheço a mão da Providencia e a certeza|do provérbio que reserva para ella es|se importante departamento da vida

Creia me seu sempre

Amigo [*inint.*]

Joaquim Nabuco

NOTAS:

1. Encontra-se à direita, na margem superior da página escrito por outro punho: 'Rio 24 Maio 89' e 'JN Cap 6.doca4g1 – 114'.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XIX- Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Manuscrito
3. Assunto: Correspondência enviada por Joaquim Nabuco para Antonio Carlos.
4. Data do Documento: 26 de outubro de 1889.
5. Local de Origem do Documento: Não consta no documento o endereço do remetente.
6. Local de Depósito do Documento: Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Apipucos-PE.
7. Identificação do Autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de Palavras: 254
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, em 1849. Passou os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, município do Cabo de Santo Agostinho. Atuou como político, diplomata, historiador, jurista, escritor. Abolicionista, em 1969, ele escreve uma de suas mais importantes obras, A Escravidão.
10. Editor do Documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Andréa Souza. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Ill^{mo} Sr. Alfredo Monteiro,

O Antonio Carlos disse no que lhe | podia deixar a nota das pequenas | mensalidades e
outras pequenas quan- | tias que preciso distribuir aqui e | por isso a mando pedindo lhe
queira | passar esta carta ao Antonio Carlos, | para seu governo, quando lhe volte. | Desejo
5 que dê || {A minha tia D. Candida Paes Bar- | reto 20 # por mez | { A minha Ana Rosa
pormes 8 #000 [fol. 1r] | {Ao musico Caetano Pereira da Rocha | Becco do Lobato (antigo)
nº 1 loja | (por mez) 5#000 || { A José Urcissio Paes Barreto para | entregar a minha prima
D. Catharina | Emilia Barreto 5 # (por mez). | { A Conrado (official de justiça) para a
educação de | sua filha minha afilhada 12#000 | por mez. | 50# por mez || Rogando-lhe o
10 obsequio de fazer | esses pagamentos no dia 1º de | cada mez, eu desejaria [rasurado] |
cada commissão e antes para | [fol. 2r] o Antonio Carlos, cuja demora no | Rio será curta,
que se informasse | quanto ao tratamento dado a | minha Ama na casa onde elle | morar e
quanto á educação de | minha afilhada. || Resta, tambem, uma mesada | por ordem da
criada que levamos, | Maria da Paz, a sua mãe | cega Isabel -mesada de 10#000, que | peço
15 accrescente á minha conta. || Com toda estima Seu | [ilegível] | Joaquim Nabuco. ⁹

⁹ Identificação do documento registrada com outra grafia no lado direito do documento: JN | CAP 6 doc. | a4 g1 117.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Comunicado sobre o nascimento da filha Maria Carolina, da chegada de Carlotinha e comentário a respeito das mudanças ocorridas no Corpo Diplomático.
4. Data do documento: 1 de abril de 1890
5. Local de origem do documento: ?
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Nabuco
8. Número de palavras: 398
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A carta foi escrita em duas folhas, sem identificação do local de origem do documento.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

1 Meu caro Barão, || Não lhe tendo escripto por não ter portador de | confiança e não ter fé
no correio da Republica. Posso | porem communicar lhe sem medo de ser acusado de |
cumplicidade co o centro da propaganda restau- | radoura na Europa (é assim que um
5 nasceu uma filhinha que | se chamará Maria- Carolina por estes dias. || Esperamos ir breve
á Europa, mas tem agora | mais essa incerteza. || Carlotinha deve chegar a 8 e estou
ancioso | por vel-a. Sou pessimo correspondente porque não | sei escrever sem dizer tudo
que penso e há muito | que isto não convem, mas estou certo de que| a qualidade de bom
ou mau correspondente | tem muito pouco valor para julgar se da | amizade de quem é
10 amigo por devoção. || O Corpo Diplomatico parece que vai ser todo [fol 1v] mudado e vejo
designarem individuos para | ministros que nem para a[?]didos podiam servir. | Não sei o
que ha verdadeiro nestes boatos, mas | o Quintino e o chefe dos republicanos e estes exi- |
gem que seja republicanizado o Corpo Diplomatico. | A Carlotinha lhe escreverá tudo o que
sou. | [?] er e eu lhe direi o que me conste. || Vivemos sob a lei militar, somos ama
15 republica | Sul Americana legitima e o processo de bar- | barização do paiz e o mesmo que
no resto d’ | este infeliz hemispherio republicano. Ha | muito estou para dizer o que penso,
mas | sou impedido de fazel-o pela consideração | de que não é ainda o melhor momento e |
de que a melhor política é realmente não dar | pretexto algum aos que querem á força “sal-
| var a republica”. As a[?]sões dos antigos [fol. 2r] políticos foram quasi todas feitas na
20 esperança | de sobreviverem politicamente á monarchia, mas <vão> perdendo essa
esperança e em suas conscien- | cias já estão muitos des- adherindo. Eu con- | tinuo no meu
posto sobre o qual felizmente nin- | guem tem duvida alguma. || Muitas recomendações e

saudades á Baroneza, | de quem vou agora ter noticias detalhadas pela | Carlotinha. Como vai o Alfredo? Escreve ao Arthur. || Do amigo muito dedicado|| Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta ao Barão comentando o nascimento da filha Maria Carolina, a volta de Carlotinha, a afeição pela família Penedo e acontecimentos que marcaram o início da república.
4. Data do documento: 5 de maio de 1890
5. Local de origem do documento: Brasil – Minas Gerais - Águas de Lambary
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de palavras: 358
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A carta foi escrita em duas folhas.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Aguas de Lambary|| 5 de maio de 1890 || Meu caro Barão, || Aqui estou para tomar as
aguas de | Lambary, Evelina tendo vindo para a com- | panharme. Deixamos os seus
[inint.] bons, | e Carlotinha de viagem para a Quitan- | dinha. || Temos uma filhinha, Maria
Carolina | sua creada. || Informei me muito de sua saude | e disposições, bem como Baro- |
5 neza , e a volta de Carlotinha foi | para mim um acontecimento. Sabe | [fol. 1v] como vivo
de certas affeições, algumas | das quaes estão na familia Penedo. || Por ocasião de Natal
mandei uma | barrica de abacaxis de Pernambuco | para a Baroneza, com o seu endereço.||
Carlotinha deixe-me que os não ti- | nham recebido. || Conversei com ella sobre o que pude
| fazer quando recebi seu telegramma. | Fui logo ao Rodrigo e elle me asse- | gurou que lhe
10 ia expedir um tele- | gramma pedindo-lhe que ficasse. Eu | [fol, 2r] não tinha forças para
annular a | [?]oca, e sobretudo pensando que ella | tinha [inint.] recurso para evitar a |
qualquer exigencia peor. A questão | era Londres, Anglo-Paulista. [?] pro- | curei desde que
aceitava a remoção | conseguir que lhe fosse o menos desagra- | davel possível. Tudo isto,
meu caro | amigo, já era começo de republica, | isto é, de enfraquecimento de todos os
15 antigos laços, esquecimento de | todos os velhos prestígios, política | de intriga financeira,
etc. [fol. 2v] O seu procedimento resignado dá-lhe | um logar na lista triplice do caracter |
nacional, como Ladaris e o Rebouças, | os tres homens que pelo menos que até hoje |
mostraram que ha alguma coisa a que | adherir acima do governo do dia. Rasguei diversas
cartas que lhe tinha | escripto depois da sua renuncia **para** | não querer dizer mais lá antes
20 de ter | fallado aos meus ex eleitores. Breve lhe | mandarei um documento que estou im- |
primindo. Muitas saudades á Baroneza, | recommendações de Evelina e creia no sempre | o
seu dedicado amigo || Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta comentando trechos de outras cartas escritas e não enviadas ao barão.
4. Data do documento: 31 de julho de 1890
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro – Paquetá
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfílmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Nabuco.
8. Número de palavras: 1606
9. Informações Levantadas: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A carta foi escrita em seis folhas.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Jéssica Pereira. *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta ____.

Paquetá 31 de julho de 1890 || Meu caro Barão, || Se pensa que ha muito tempo eu não lhe tenho | escripto, engana-se muito apezar de não ter rece- | bido cartas minhas. Escrevi-lhe longamente mais de cinco vezes e as cartas ficaram em minha secretaria. | Mando-lhe uma que relendo agora acho a melhor para reemplificar o meu genero de vacillação. Depois, | de

5 | lhe escrever, eu, ou receiava que a carta não [[che]]che- | gasse ás mãos pelo estado do nosso correio, ou acre- | ditava ter desenhado mal a situação de modo | a induzil-o em erro e dar logar a uma acção | sua por perdas e [inint.]. Escrevi-lhe longamente | sobre a sua honrosissima demissão e d'essa carta, | que ora inutilizo por ter muita coisa anarchonica, | copio estes trechos: | " O seu procedimento, meu caro amigo, elevou-o na opinião de todos

10 | quantos apre- | ciam o character, em cujo numero, fique certo, | entram muitos que o não têm. Foi magistral | a lição que deu ao nosso celebre ministro da fa- [fol. 1v] zenda, ao quase diz, "assessor" do Generalissimo. | Viu como elle procedeu com a Delegacia do Thesouro, | com o Bell chamado e agora como seu próprio | Couto? Eu costume dizer que nelle não fez á mo- | narchia todo o mal que podia ter feito, porque não | chegou a ser

15 | ministro. " Escrevi-lhe quando nasceu a | nossa filhinha em Fevereiro e n'essa carta que lhe | remetto ver a referencia ao nascimento porque eu ti- | nha deixado demandar a outra e não queria que | não soubesse por mim mesmo de um facto tão im- | portante para mim. N'essa carta que tambem rasgo | eu lhe diria: "Nasceu n'esta ilha, cara aos Andradas, | uma filhinha nossa que se chamará por estes dias | Maria Carolina e de cuja existencia peço-lhes

20 | que tomem | nota para casos futuros. " Escrevi-lhe de Lambary | e ainda de volta, mas como lhe disse acontecia-me | sempre dizer nas cartas mais do que convinha e os | acontecimentos mudavam com tal rapidez que eu | tinha medo de mandar lhe uma

impressão que o enganasse e que eu mesmo não tivesse mais no [fol. 2r] momento em que recebesse a minha carta. Por isso | rasgava umas cartas e deixava outras em cima da |
25 mesa, e de facto não lhe escrevia nunca, como ↑ | ↑ na carta inclusa, porque escrever em correspondência é pôr acar- | ta no correio. || Carlotinha me disse que lhe pareceu que eu não tinha feito tudo o que podia e devia por ocasião de sua | remoção. Tenho consciencia porem de que fiz, assim | como de que eu não podia nada em taes circumstan- | cias. Depois de aceita a troca eu estava tolhido de | dizer qualquer coisa na Camara. Seria
30 proceder | como amigo urso, argumento aos seus inimi- | gos para qualificar de desairoso ou pelo menos de | hostile um acto que me foi descripto como uma | transação, a compromise, no proprio ministerio | e que portanto em nada o [*inint.*] . Se os debates | porem fossem publicados taes como têm logar | e os apartes tomados eria que ninguem | na Camara tinha duvida sobre a especie de | devoção em que eu sempre o tive e que era [fol.
35 3r] um facto de notoriedade geral, posso dizer. || Basta de explicações, meu caro amigo. A medida | que se vive, e a nossa geração envelhece e azeda | mais cedo do que a sua, vai se compreendendo melhor | o valor dos sentimentos verdadeiros que se têm, ainda | talvez mais do que o dos que inspiramos. A amisade | que eu lhes tenho a todos é para mim uma
40 fonte | de consolação de que eu gozo ainda mais, ↑ o isola- | mento e á distancia do que nas nossas longas e | saudosas palestras quando nos encontramos, por- | que é só então que realmente podemos contar as raizes | de nossa vida. Quantas vezes n'este completo retiro | de Paquetá, em que vivemos com pequenas interrupções | desde que nos casamos, fallo a minha mulher em seu | nome e no da Baroneza, como de outra familia minha e | aquem tanto devo pelo lado do coração. Foi por | isso, comprehende, uma felicidade
45 immensa a che- | gada de Carlotinha, que [*inint.*] duas vezes passar | uns dias connosco e falar dos nossos. [fol. 3v]_ Vivemos isolados não por vontade, mas porque é | realmente [*inint.*] ouvir no Rio a linguagem | dos que fariam parte a mesma sociedade que nós | e que a especulação da bolsa e a pressa de ac- | cumular milhões tornou ainda mais adherentes | do que aos ambiciosos politicos o susto de perder | a antiga influencia. Não ha maior
50 aborrecimento | do que expandir se alguem com outro que suppõe | das mesmas idéas e sentimentos e ouvil-o com | a maior lma dizer "Pois eu tenho esperança | do Deodoro, ou "confiança no Ruy", ou "acredito | que vamos muito bem, esses homens são bem in- | tencionados, temos melhorado muito", ou outra | formula adhesiva semelhante. E não se sabe | com quem falar! || Não creia porem por isso que todos aqui vejam | republicanos se
55 eu fosse descrever-lhe exacta- | [fol. 4r] mente o estado do espirito nacional (deixemos por | ora o povo de lado, para o povo a observação será | outra) diria que pela faculdade geral do desanimo | illemitado (o que não exclue a faculdade de reanimar | o illemitadamente ao menor sopro contrario) aqui | geralmente se acredita que a monarchia não voltará, | e pensando assim procuram não incompatibilizar- | se com a republica e não desagradar aos
60 seus [*inint.*]- | homens. Mas não ha sentimento algum (de [*inint.*]) | republicano e se por acaso a monarchia voltasse | a conde[*n*]nação a republica seria unanime e todos | teriam

vergonha de sua condescendencia ou do seu | desanimo. Quanto ao povo o sentimento geral
| ha de pagar". O Imperador póde estar certo de que | elle jamais teve. Disso não haja a |
minima duvida e se por acaso dois Batalhões ama- [fol. 4v] nhã fizesse um 15 de novembro
65 ás avesssas a volta | do Imperador seria uma alegria para a população | Brasileira,
estrangeiros tambem, como Ella talvez | nunca sentiu. A consciencia, o sentimento popular,
| fazem o vacuo em torno do actual regimen, e | a agiotagem procura encher esse vacuo,
como na | Argentina, por todos os meios artificiaes de uma | olygarchia para substituir a
opinião e o amor | do povo pelo ruido das cotações de bolsa, effei- | tos materiaes
70 (illuminações, paradas, bailes etc. | como no dia 5-amanhã) ao alcance do dinheiro | palel
distribuido pelo proprio governo. No final | de um ou dois annos d'este regimen a situação |
republicana estará completamente apodrecida, | não tenha duvida. || Eu só vejo
difficultades para a organização | de republica. O antigo elemento republicano | perdeu a
importancia que tinha no Imperio. [fol 5r] O que temos é um governo militar pessoal á moda
75 | da America do Sul, governo fatal á disciplina mi- | litar e que em geral acaba por uma
[?]edição da Evolução de *Buenos Ayres* foi enorme. Eu não | sei se voltaremos á monarchia,
isto depende de | bem pouca coisa e [ilegível] o momento vier a solução | da mais
insignificante crise poderá ser a volta | ao passado. Mas não tenho duvida de que só | com a
monarchia haverá novamente liberdade e | governo acceitavel e confessavel em nosso paiz,
80 | e por outro lado que á espécie de governo repu- | blicano de que o regimen militar (esse
indestructivel | na republica) é suceptivel não resistirá a | unidade nacional. Monarchia ou
desmembramen- | to é para mim a alternativa do futuro, do | dia de amanhã e como
Brazileiro póde calcular | com que ardor eu rezo para que não passemos | pela separação
primeiro, porque não tenho duvida | que ainda não chegou o momento de destruir se [fol.5v]
85 uma nacionalidade em crescimento. || Não lhe fallo de pessôas porque de vê acom- | panhar
o nosso cahos pelos jornaes. O Ruy agora | mesmo gritou um Europa ao resuscitar o plano |
do [inint.] com as concessões que pediam os | incorporadores Franceses e n'um [inint.] |
bestialógico, como tudo que elle fazem finanças, | descompõe o Celso, a monarchia, os
bancos | nacionaes, os seus antecessores todos e | nos promette o Eldorado com um milhão
90 | de contos em Bonds hypothecarios do Hen- | rique Lisbôa e do Felicio dos Santos. || É o
Rio da Prata copiado- mas sem a | elasticidade do progresso Argentino. [fol. 6r] Nós
contamos ir ainda este anno á Europa e então, | meu caro amigo, conversaremos como
Brazileiros que | olham para o futuro com os mesmos sentimentos e para | o passado com a
mesma saudade! Estamos destinados | a assistir á barbarização do nosso paiz e a ver o |
95 Brazil ao nível das "Lyrannias" que por irrisão | se chamam- republicas- n'este infeliz
hemispherio | Americano? Eu sempre espero que não. || Muitas saudades nossas á
Baroneza, em quem | constantemente pensamos, e creia sempre a ami- | sade sincera do
seu || muito dedicado || Joaquim Nabuco

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina.

11. Modalidade: Língua Escrita
12. Tipo de texto: Carta Particular
13. Assunto: Apresentação do desembargador Domingos Alves Ribeiro ao amigo Paranhos.
14. Data do documento: 14 de março de 1904.
15. Local de origem do documento: Itália - Roma
16. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
17. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
18. Número de palavras: 97
19. Informações levantadas: carta escrita em duas páginas.
20. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, JN cap 23 a4 g1, doc 454. Carta Particular. Carta 2.

Meu caro Paranhos,

Quero ter o prazer de apresentar-lhe| <o meu>² amigo[]³ desembargador| Domingos Alves Ribeiro. É um dos meus| mais íntimos amigos, e devo essa amizade|[]⁴ ao Dantas, e também, indireta-| mente, ao José Bonifacio. De ambos elle| foi amigo dedicadissimo. <Por minha vez>⁵| [inint. 2 linhas]^{6a} [init.]⁷ ao nos| do Eduardo Prado, que| não teve no fim da vida amigo maior. Como V. vê, não| é uma apresentação commum| que [inint.]⁸ lhe faço. <O meu papel limita-se a>⁹| pol-o em contacto com V. <O resto [inint.] | me dirão algum dia.>¹⁰ || Do seu sempre dedicado|| J. Nabuco

10

¹⁰ Nota 1: Na margem superior da primeira página encontra-se o timbre do Rome Grand Hotel.

Nota 2: Abaixo de <o meu> encontra-se uma palavra riscada e inint.

Nota 3: A palavra entre [] encontra-se riscada e inint.

Nota 4: A palavra entre [] encontra-se riscada e inint.

Nota 5: Abaixo de <Por minha vez> encontra-se uma palavra riscada e inint.

Nota 6: As duas linhas encontram-se riscadas e inint.

Nota 7: A palavra entre [] encontra-se acima de uma palavra riscada e está inint.

Nota 8: A palavra entre [] encontra-se riscada e inint.

Nota 9: Abaixo de <O meu papel limita-se a> encontram-se duas linhas riscadas e inint.

Nota 10: Abaixo de <O resto [inint.] me dirão algum dia.> encontram-se duas linhas riscadas e inint.

Nota 11: Encontra-se escrito na margem superior da primeira página, do lado direito, por outro punho: JN cap 23 a4 g1 doc 454.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Sobre retrato de Maria.
4. Data do documento: Dezembro de 1904.
5. Local de origem do documento: Não mencionado
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 81
9. Informações levantadas: carta escrita em duas páginas.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, JN cap 27 a4 g2, doc 539. Carta Particular. Carta 3.

A Dona Lucinda

Héllas!| Nós não temos| senão um minuto para| gozar de todo este espeta-|culo! E a
peimeira impressão| d'elle é tão forte, tão inten-| sa, que se mistura a todas| as outras e as
enfraquece... |.....|| E Maria? O retrato d'| ella dá me grande prazer| sempre. Ao lado da
mãe| parece uma d'essas physiono-|mias carregadas de intenções| dos pintores christãos
5 ao| lado da physionomia abesta| e sem intenção pessoal dos| marmores gregos. Dois
generos, como quem dissesse| Carlo Dolce e Praxiteles.

¹¹ Nota 1: Encontra-se escrito na margem superior da primeira página, do lado esquerdo, por outro punho: "Sá e Albuquerque".

Nota 2: Encontra-se escrito abaixo de "A Dona Lucinda", por outro punho: JN cap27 a4 g2 doc539.

Nota 3: Ao fim da carta, o autor não se despede.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Datilografado/Carta Particular
Edição: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Avisar de sua chegada a Baltimore and Ohio R.R..
4. Data do documento: Terça-feira, 1905.
5. Local de origem do documento: Estados Unidos – New York
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE.
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 84
9. Informações levantadas: carta escrita em uma página.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber; CAVALCANTI, Carolina. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2011, JN cap 27 a4 g2, doc 540. Carta Particular. Carta 4.

Meu caro Dr. Velloso,

Amanhã devo chegar ahí ás 9.10 na estação da Baltimore and| Ohio R.R. Queria avisar o Mengoli e fazer guardar-me no hotel o| mesmo aposento que tive. || Faça me o favor de suspender a remessa de correspondencia| para New York e de fazer retirar esses registados do Correio de| modo que eu já os encontre no hotel. O Perdeneiras e o Chermant| me acompanham, vão sem a familia, como eu. || Até amanhã. || Do seu affm^o| Joaquim Nabuco ¹²

5

¹² Nota 1: Na margem superior da página, à esquerda, encontra-se datilografado " Annibal Velloso Rabello".

Nota 2: Na parte central da página, acima do texto, encontra-se datilografado " The Buckingham" e abaixo "New York".

Nota 3: Encontra-se escrito na margem superior da página, do lado direito, por outro punho: JN cap27 a4 g2 doc540.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Cláudia

1. Modalidade: Língua Escrita/datilografada
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Pedido de favores
4. Data do documento: 1905
5. Local de origem do documento: New York
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE – Cap 27 doc.540, a4g2
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho (Juiz dos rebeldes da Revolução Praieira), e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo, primo de Francisco Pais Barreto e neto do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, nasceu no Recife, 19 de agosto de 1849 e faleceu em Washington, 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.
8. Número de palavras: 81
9. Informações levantadas: carta datilografada escrita em duas páginas¹.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Cláudia. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta 5.

Meu caro Dr. Velloso,

Amanhã devo chegar ahi ás 9.10 na estação da Baltimore and|Ohio R. R. Queira avisar o Mengoli e fazer guardar-me no hotel o| mesmo aposento que tive.|| Faça me o favor de suspender a remessa de correspondencia| para New York e de fazer retirar esses registados do Correio de| modo que eu já o(rasura) encontre no hotel. O Pederneiras e o Chermont me acompanham, vai sem a familia, como eu.|| Até amanhã.

Do seu *afetuosíssimo*

JOAQUIM NABUCO

1 Na margem superior da primeira folha, estão escritas as seguintes informações: Annibal Velloso Rabello, The Buckingham, Terça feira (1905).

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Manuscrito/Carta Particular
Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Cláudia

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Carta Particular
3. Assunto: Informações acerca de algumas decisões tomadas em relação ao governo.
4. Data do documento: 27 de abril de 1909
5. Local de origem do documento: Não definido
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE. - Cap 21, doc 408, 3a4g1
7. Identificação do autor: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do jurista e político baiano, senador do império José Tomás Nabuco de Araújo Filho e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo.
8. Número de palavras: 240
9. Informações levantadas: carta manuscrita escrita em quatro folhas¹.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia; SILVA, Cláudia. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta 6.

Meu caro amigo [*inint.*],

Acabo de receber sua carta que| muito agradeço. Foi um grande prazer| para mim encontral-
os, tomar um| snapshot em sua passagem. Escre-| vi de Genova ao Rei Branco dizendo-
[fol.2r]² lhe que no caso de não o destinar ao| Peru' depois do Japão o alliviasse| com um
5 telegramma de mais um| [*inint.*] de expectativa. Sei confidencial-| mente que o [?]|yntho foi
acceito para| a Suissa (para onde irá o Costa), tam| bem mas isto não sei tao
positivamente| que Costa [*inint.*] foi [ilegível] para| Berlim. Por um [ilegível] [*inint.*] que o
Gomes Ferreira [ilegível]| movimento. [fol. 3r] Aqui estou á espera de Evelina. Este| hotel
fecha amanhã. Talvez eu vá| encontral-a em [harsetha]. Nada sei| porque os Inglezes á
10 última [*inint.*]| [*inint.*] a [?]hibição dos originaes| de alguns documentos e estou em| perigo,
por causa d'essa manobra,| de vol[?] a Roma. Imag[?] que| na [*inint.*] elles dão [ilegível]
relatório| de comissão demarcadora de Ve[?]-|[?]aquela publicar no Relatorio [ilegível]
[fol. 4r] Estrangeiros de 1884 (do Brandão)| como sendo todo elle uma invenção| dizendo
que a comissão nunca foi| onde pretende ter ido!| A discussão anglo-Venezuelana| foi muito
15 irritante. Se a nossa for| a mesma coisa, adeus Londres!| E' verdade que os advogados lá
têm,| privilegio de dizer cobras e lagartos| [*inint.*] dos outros ficando amigos sem-| pre.

Muitas lembranças affectuosas.

Recomendações a D. Flora, a sua| irmã e ao Beltrão. Do Seu sempre o Mesmo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Manuscrito/Carta Particular

Edição: SILVA, Pedro Henrique Corrêa; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de texto: Correspondência Particular
3. Assunto: Informe sobre a situação do escritor que vive na Bahia
4. Data do documento: Abril de 1917
5. Local de origem do documento: Bahia
6. Local de depósito do documento:
7. Identificação do autor: Texto sem assinatura
8. Número de palavras: 444
9. Informações levantadas: O escritor escreve a sua mãe mandando notícias da sua vida no estado novo que mora, e conta algumas de suas experiências, mesmo que ele não tenha muita coisa a ser dita, mas ainda assim manda notícias a sua mãe.
10. Editor do documento: Silva, Pedro Henrique Corrêa & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta 9.

Minha querida mamãe || Bahia – Abril – 1917 || 23 ½ - 8 – Hoje, domingo, minha mãesinha já ouve a santa | missa e muito pedi por minha bôa bemfeitora e por todos | a quem desejo a felicidade. || Hontem, sábadô, a cidade teve seu billionésimo [init.] | [init.] pois, alem de mascarás e automoveiz, apenhados ha | via tambem muitá gente, musicas em coretos e

5 [init.]. || Pelo que [init.] hontem, si que a Bahia é muito a- | ristocratica e ha muito mais luxo que no Recife || Nos bailes de phantasia em que fiz parte dos [init.] reparei em phantasias luxirissimas. || A noite, o carnaval esteve muito animado, houve mui- | to brinquedo, muitas phantasias e bastante gente. || Brinquei pouca cousa, embora estivesse na rua até 11 ¼, e tivesse [init.] seu faixa-perfume por 1.000 á | meu companheiro. Por

10 fisqual que elle está intacto. || Ás 2 horas, estive na [init.] do Teatro S. João, a | convite de Erik, que me levou e á Agenor para um | camarote. Elle me pede para lhe agradecer as [init.] | [init.] que me pediu que lhe fizesse. || Ahí tudo corre em paz, não é? || Mello recebeu uma cartinha minha? Lembranças a ela. | Mande-me o endereço da casa de [init.] no [init.] para que | [init.] para elle pelo primeirô sapô. || Recebi perucas [init.] por você.

15 [ini.] [ini.] [ini.]. || Escreves como disse ao Nô. Pedro Augusto. || 9 2 ½ horas da tarde. || Fui hoje logo as 8 horas para a faculdade dar a | minha primeira aula. 10 ás 12 assisti a uma preba- | ção de introdução pela minha entrada na faculdade | e pela abertura das aulas de Physica. || Levei alguns hoje pois, alem de uns cascudos e vários | [init.] tornaram me o chapéu e deram-me algu- | mde encontrões. Brincadeiras, sorridente. || Fomos 87 no

20 primeiro aceso, sendo eu o 33. || Tenho me alimentado bastante: hontem o cueme foi o seguinte: peru, fiambre e carne de porco. Imagine! | [init.] e Agenô estão muito conbentos com o tratamento | que recebem aqui (É verdade, otratamento não pode ser melhor) Milton. || O [init.] pernambucano aqui é numerosificada. || Veio falando e palestrando com peejas

25 patriosas. || 10- Hoje não houve aula na faculdade por ter morrido | em sexta-ultima, num desastre ocorrido numa estrada de | ferro. Era o único [*init.*] da pobre mãe, [*init.*] e velha. | tão poucas, muito poucas as novidades, e pedindo desculpas | de não me ter tornado muito extenso devido a falta de | assumpto, rejo que abensõe o filho querido.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta manifestando a alegria pelo trabalho de Gilberto Freire a respeito do livro. Agradece o convite para colaborar no livro comemorativo do primeiro centenário de fundação do "Diário de Pernambuco", mas diz que não dispõe de subsídios para aceitá-lo. Ainda comenta que José Lins do Rego cita sempre o seu nome e está muito bem orientado pelo seu pensamento geral.
4. Data do documento: 22 de maio de 1924.
5. Local de origem do documento: Brasil – Paraíba.
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freire
7. Identificação do autor: José Américo de Almeida. O paraibano José Américo de Almeida foi escritor, advogado, professor universitário, sociólogo e político. Chegou a ser pré-candidato à presidência da república, apoiado por Getúlio Vargas nas eleições 1938. Destacou-se nacionalmente com o seu livro "A Bagaceira" (1928), romance inaugural do chamado Romance de 30.
8. Número de palavras: 353
9. Informações Levantadas: Carta escrita em folha inteira dobrada ao meio formando quatro partes escritas em rosto e verso.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX - Carta 10

Parahiba, 22-5-24 ¹³

Meu caro Gilberto:

[fol. 1r] Cordiais saudações. Desvanecem- | me, sobremodo, [esse] trabalho sobre | o
5 [inint.] [improvisado] livro. | Não foi o sentimento de [venerali | dade] que ele [tras] mas o
inte- | resse de leitura, a conscien[inint.] dos | assumptos da trituração das theses, | a
paciência de quem digeria pa- | gina por pagina de um [mostruario] [tão] vida. || As
restrições affastarão as me- | lhores amostras da linguagem do | seu julgamento, porque
indi – cam | [fol 2 v] a sinceridade dos conceitos | [approlitivos]. E você teria descontado |
10 os senões oriundos do próprio desti- | no da obra de propaganda e divul- | gação de um
meio obscuro. ||Eu também sou inimigo da empha- | se e do lugar comum, mas fui |
forçado, às vezes, a utilizar-me des- | sa forma e desse material, por | deliberada concessão
às preferencias | dominantes e para attender | à finalidade da tarefa. || São peccados que
espero purgar, livre- | mente, com uma publicação | mais disciplinada. || Muito me
15 envaideceu tambem | [fol. 3r] o seu convite para colaborar | no livro do "Diário de
Pernambuco". | Mas a encomenda é superior aos | subsídios de que disponho, principal- |

¹³No canto superior direito de cada folha das quatro que compõem a carta, encontra-se escrito em outro punho respectivamente JAA CRB 51 p1 doc 1; JAA CRB 51 p1 doc 1,1; JAA CRB 51 p1 doc 1,2; JAA CRB 51 p1 doc 1,3.

mente em relação aos outros esta- | dos do Nordeste. Como [solução] | temos estatísticas
que autorizam | um estudo seguro dessa nature- | za. || Eu aceitaria, de bom grado, outra |
incubencia mais compativel | com os meus escassos recussos. | E, assim, sobre a satisfação
20 intima | de acudir co seu pedido, eu teria | o orgulho de figurar entre os ele- | mentos de
sua esclarecida se- | [fol. 4v] leção. | Tenho convivido sempre com o José | Lins do Rego
que pra empregar a propriedade popular, não tira o seu nome da boca e es- | tá muito bem
orientado por seu pensamento geral. Deus o | conserve dessa fôrma. || Elle tem projetos de
uma instala- | ção que honra [*inint.*], de quan- | do em quando, a nossa com- | panhia. ||
25 Sou, com muita amizade | e admiração, seu escriba

José Américo de Almeida

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Manuscrito/ Carta Particular

Edição: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa;
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: carta particular
3. Assunto: Assuntos particulares , carta enviando informações sobre localidade denominada " tabuleiro dos negros." Agradecimentos.
4. Data do documento: 1924
5. Local de origem do documento:
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freyre- Recife- Pernambuco
7. Identificação do autor: José Lins do Rego, escritor brasileiro, nascido na Paraíba autor de Menino de Engenho, Doidinho(1933) Banguê (1934). Colaborou com a imprensa escrevendo para os Diários Associados e O Globo.
8. Número de palavras: 464
9. Informações Levantadas:
10. Editor do documento: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX – Carta 11

Meu caro Gilberto

[fl.1.r] Já não lhe tenho escripto porque estava colhendo informações| sobre o tabuleiro dos negros. Procurei gente a Penedo para| ter certeza de tudo. E as informações que tive foram as se- | guintes: que de facto existe uma população de negros [que] só| mas que os negros estão misturados. O lugar é muito perto | da cidade, Talvez [ilegível] kilometro. Soube também que existe um lugar chamado [tragados], perto de Sertaozinho, | no município de Sant'anna do Ipanema onde existem | muitos negros em vida privada. Esta informação me foi dada por | um sujeito de la. Procurei o Sr. [inint] do [inint] | director de higiene aqui e que 'é nascido em Sertaozinho. | Onde tem família e ele me disse que de facto existia | este lugar mas que os negros já vinha se misturan- | do São estas as informações. Logo no dia em que | vocês sahiram recebi o seu livro. E com ele me [curei] das saudades suas e do caboclo. Não sei falar de seu | livro porque até hoje não li coisa melhor nem pareci- | da. Esta é que é a verdade. Lastimo que no Brasil | não exista ambiente para ele. Havia um mistério sobre|índios que me contavam em criança que talvez lhe servisse | para o segundo capítulo: Era o que antigamente o céu| era baixo, perto da terra, tão perto que a gente via o | Nosso Senhor. [inint] um dia um índio quis furar céu | com a lança e o céu foi [ilegível]í subindo: eo índio botava uma|escada e cada vez mais o céu subindo. Até ficar na | distancia de hoje. Recebi a sua carta e ella me fez pensar | nos tempos de criança. [ilegível] [fl.2.r] as suas cartas e lia para mais de 20 vezes, tempos estes | que foram os maiores da minha vida. Depois eu cheguei a pensar em que você me tivesse esquecido, me botado á | margem. Isto mesmo eu me queixava ao Olivio. E era | um grande constrangimento para mim pensar

nisto. || Sobre a sua viagem a Penêdo não precisa de tanto | dinheiro como você pensa. Com pouca coisa se faz a | festa. O Melo Franco está sustentando a dignidade î< com>| [ilegível] rara coragem. Você , e que tinha razão contra a | critica do caboclo. E quero que você mande dizer | quando vem para prevenir a viagem. Recomende- me | a D. Francisquinha e lhe dizer que o livro dela não | foi porque Olivio se esqueceu de levar. E um abraço do [inint 1+]

[assinatura]

30

A Naná descansou com as suas notícias | Ella só pensava nas críticas. E mande dizer que espere os [inint] outra vez. || Procure ahí em Recife o Sr. Adalberto Marques que tem conhecimento directo sobre o Tabuleiro dos Negros, pois | foi quem fez o recenseamento federal em 1922 alli

35

Nota 1. Após a assinatura, o que segue vem em forma de post scriptum.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Manuscrito/ Carta Particular

Edição: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa;
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: carta particular
3. Assunto: Carta contendo comentários de escritores e livros que estava lendo o autor.
4. Data do documento: 1924
5. Local de origem do documento:
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freyre – Recife - Pernambuco
7. Identificação do autor: José Lins do Rego, escritor brasileiro, nascido na Paraíba autor de Menino de Engenho, Doidinho(1933) Banguê (1934). Colaborou com a imprensa escrevendo para os Diários Associados e O Globo.
8. Número de palavras: 498
9. Informações Levantadas: Carta escrita em três páginas . Há uma numeração CRB2p1doc8, possivelmente o número de catálogo da carta.
10. Editor do documento: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa; GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX – Carta 12.

Meu caro Gilberto

[fol.1.r] Fiz um retiro aqui no Itaqui li [*Kant*] que tem | coisas bem interessantes, algumas
paysagens de quem | viu mesmo a paisagem. Este [inint] [inint] | gosta muito de tratar
vulgaridade com certo | encanto ; desce às vezes a ser um bocado [init] Estou | a julga-lo
5 pelo seu livro [inint] Entretanto gostei, muito de um Jean Christopher á [inint] : la [inint]sur
la | Place. Sobretudo porque Romain Rolland põe o seu | [inint] mais a pensar e a sentir do
que a andar | Este Jean Christophe [inint] sur la place, tev para mim boas conversas . E
musica principalmente. || Romain Rolland não deve ser bem querido em França | Eu descobri
muito de você em Christophe. Tendo | você em Christophe mais fino, mais sem preocupar- |
se com a moral. Christophe tem às vezes quedas | damnadas, não desastradas quanto as do
10 Guilherme | da Silveira. Por exemplo. Chegando em Pariz no furor | da estupidez não fui
procurar Barbey [inint] Eu | me refiro a Barbey porque Christophe toca nas criticas | do
tempo em que andava por Pariz. E [inint] com Barbey Christophe havia muito que aprender
sobre caça [fol.2.r] [inint] î ?<e que não generalizante> muito | Há um pedaço delicioso
em que Christophe |adoece. E se aguça n'uma delicadeza de espírito e de | sentidos
15 delirantes. Andava ele a sentir *Johann Sebastian* Bach por toda parte, e a sentir-se ele
também. Ahí Christophe consegue como num mystico de [inint] a separar-se| em absoluto
do corpo. E uma symphonia a [inint] | [inint] de î ?< sua opera David>Em outros pontos
Rolmain Rolland põe Jean Christophe em situação bem | muito î de superioridade [inint] a de
não tolerar os poetas | da decadência por que são poetas malsãos. Ora | isto parece a
20 opinião d'um arrivista alemão. || Comecei a ler [inin] E encontrei o que | você me dissera

d'elle : o maior dos [inint] Eu tenho | o pudor de não falar de [inint] como andei a | fallar de
Christophe. Eu não sei que impressão | teria eu d'uma destas cahtedrais gothicas î <que |
você tem ahí> em [inint] penso que î ?<seria melhor ficar | callado diante da cathedral e
voltar a vê-la [inint] por muito tempo bom, meu caro Gilberto que farei | o mesmo com o
25 seu Psichari; a não ser que você o queira a seu lado || Li o seu artigo sobre o Lira no Diário.
As primeiras | linhas, parece que não foram escriptas [ilegível] por você: as outras | são
deliciosas, fortes. Você faz alegria no [inint] [fol.3.r] Quero referirme às paysagens suas
paysagens quan | tos você andou o campo para o [inint] do grande | homem de fabricas que
foi o Carlos Lira? || Que diabo de ridículo você andou a machinar | contra o meu querido e
30 amado [inint] ! |sigo para Parahyba, hoje. Enquanto não botar os | meus negócios em dia
não [inint] tranquilidade. || Depois lhe escreverei com mais acerto sobre| os meus planos de
vida. Abraços a [inint] [inint] seu pai. Aqui fico esperando [inint] [assinatura

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta confirmando o recebimento de correspondência sobre a chegada de seu amigo. Indaga se José Américo de Almeida lhe escreveu acerca de passeio pelo sertão. Faz reflexões sobre o seu "estado de vida". Informa que leu suas anotações sobre a revolução paulista em 1924.
4. Data do documento: 1924
5. Local de origem do documento: Brasil – Paraíba.
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freire.
7. Identificação do autor: José Lins do Rego. Entre as obras desse escritor, o romance "Fogo morto" (1943) é, segundo críticos literários, a mais representativa, não só da ficção dos Anos 30 como de todo o Modernismo.
8. Número de palavras: 130
9. Informações Levantadas: Carta escrita em folha int
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX - Carta 15

1924¹⁴

15

Meu caro Gilberto

Somente horem recebi a sua carta | sobre a chegada do seu amigo. Quando | quizer você
5 trazel-o por aqui previna-me | para eu ir ahi. Jose de Almeida deve ter lhe | escrito sobre o
passeio sobre o sertão. || Ando eu sem nenhuma estabilidade. | Parece uma sina este meu
estado de vida. Não é que | eu queira viver desta forma. Tenho fé em Deus | que tudo irá
melhorar. || Li as suas notas sobre a revolução | e as sobre Pedroso. Muito bem. Devia esta
sua | denuncia sobre a mediocridade que construiu o Brasil | que está a apodrecer, ser
10 conhecida pela elite de | nosso paiz. Lembranças a seu pai e a Ulisses. Do seu amigo

José Lins do Rego

¹⁴ Ano escrito em outro punho no canto superior esquerdo.

¹⁵ No canto superior direito encontra-se a seguinte indicação JLR CRB 2 p 1 doc 5 escrita em outro punho.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Particular

Edição: TRAVASSOS, Tarcísia: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta referindo-se ao adiamento da viagem de Gilberto Freire à Paraíba. Diz que tem muitas coisas para lhe falar, entre elas, o seu casamento com Filomena e o inventário de seu avô José do Rego. Declara que tem lido tudo que publica elogia suas notas.
4. Data do documento: agosto de 1924.
5. Local de origem do documento: Brasil – Paraíba.
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freire.
7. Identificação do autor: José Lins do Rego
8. Número de palavras: 248
9. Informações Levantadas: José Lins do Rego foi um escritor paraibano que figurou entre os romancistas regionalistas mais prestigiados da literatura nacional. Escreveu, entre outros, cinco livros que compõem "O ciclo da cana-de-açúcar": "Menino de engenho" (1932), "Doidinho" (1933), "Bangüê" (1934), "O moleque Ricardo" (1935) e "Usina" (1936).
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX - Carta 16.

ago/1924¹⁶

17

Meu caro Gilberto

- [fol. 1r] Soube por Jose de Almeida que | você adiara a viagem à Parahiba. | Para quando?
- 5 Estarei por ahi | por estes dias. Tenho muitas coisas a | fallar-lhe. Entre muitas: - o meu casa- | mento que será para o mez vindou- | ro. Somente por este modo, um tanto | violento, tomarei termo em minha vida | de saltibanco sem nenhum pittoresco. | O inventário do meu avô que será no | dia 28 decidirá sobre todos os meos | negócios. Tenho lido tudo que você publica. | A sua nota ao [inint.] inglez esteve | magnifico. Escrevi para a
- 10 "Era Nova" uma | [fol. 2 r] carta dirigida a você e a | Jachson de Figueiredo. A proposito das | attitudes que vocês tomaram [inint.]< ↑ sobre > o movi- | mento de São Paulo. Néssa carta eu | me fiz jogado a uma geração < ↑ com > com que eu | felizmente não tenho nenhuma afinidade. | Quiz, entretanto, [generalisar] para melhor | effeito. || José de Almeida está em "Areias": O homem | gosta, de < ↑ em > quando em vez, ir beber a água |
- 15 e ouvir os sinos de sua Aldeia. | Olívio mandou um bello artigo sobre você | que sairá no proximo numero da "Era | Nova". Será bom que transcreva ahi: | é um bello artigo. Como vai o seu | trabalho para o "Diario"? tenho tido grandes saudades suas. Escreva-me.

José Lins do Rego

¹⁶ Mês e ano escrito em outro punho.

¹⁷ No canto superior direito das duas folhas que compõem a carta, encontra-se respectivamente as seguintes indicações JLR CRB 2 p 1 doc 13 e JLR CRB 2 p 1 doc 13,1 escritas em outro punho.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Manuscrito/ Carta Particular

Edição: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa;
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: carta particular
3. Assunto: Carta demonstrando satisfação por recebimento de um abraço pelo amigo Olivio Bezerra, comentários sobre publicação de seus livros pela Editora José Olympio.
4. Data do documento: 1933
5. Local de origem do documento:
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freyre – Recife - Pernambuco
7. Identificação do autor: José Lins do Rego, escritor brasileiro, nascido na Paraíba autor de Menino de Engenho, Doidinho(1933) Banguê (1934). Colaborou com a imprensa escrevendo para os Diários Associados e O Globo.
8. Número de palavras: 240
9. Informações Levantadas: Carta escrita em uma única folha de papel em duas colunas. Há uma numeração CRB2p30038, possivelmente o número de catálogo da carta.
10. Editor do documento: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa; . *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX – Carta 17

Caro Gilberto,

Há muito que lhe escrevi e você não [inint] | deu nenhuma resposta. Fiquei pensado em | que você estivesse aborrecido comigo. Oli- | vio porém me escreveu mandando um abraço | de sua parte. Fiquei contente. Não sei | porque sempre estou a pensar em que | você não gosta mais de mim. E o [inin] | bem | tive notícias de ahí sobre o seu | segundo livro, Olivio
5 me mandou falar | [ilegível] numa proposta de um editor. Vendi | ao José Olympio de São Paulo uma | segunda edição do Menino de Engenho | Edição de 5.000 exemplares. Pego meus | isto 2:500 || [inint]foi quem me aproxi- | mou de tal editor. Pagamento na | ocasião da publicação do livro. Se fosse com o seu livro do preço de 20 mil [inint] seriam 10 contos. Se | você me [inint] escrevo para [inint] | [inint] sobre isto. O mesmo editor|me propoz uma
10 edição de 10 mil| exemplares do meu livro “ Banguê” | Fechei negocio. Este José Olympio e que | editou o livro de Humberto de Campos | [inint] É um sujeito rico. E amigo do [inint] de Almeida Prado || Não avalia como ando com saudades | dias que você passou aqui. E a via- | gem a Penêdo ? Tenho já arranjado | um automóvel de graça. [ilegível] | Vou ao Rio no dia 17 desde. Vou | passar uns dias e talvez vá a São | Paulo. Tudo muito nervoso Escreva-|
15 me. Do seu amigo de sempre|

José Lins do Rego

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Manuscrito/ Carta Particular

Edição: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa;
GOMES, Valéria Gomes

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: carta particular
3. Assunto: Carta dando notícias de seu pai Ulisses Pernambucano de Melo, pedidos.
4. Data do documento: 07 de Agosto de 1939
5. Local de origem do documento:
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freyre – Recife - Pernambuco
7. Identificação do autor: Jarbas Pernambucano de Melo
8. Número de palavras: 181
9. Informações Levantadas: Carta escrita em uma única folha de papel. Há uma numeração CRB2p382p1doc2, escrita em outro punho correspondente ao número de catálogo da carta.
10. Editor do documento: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX – Carta 18.

Recife 7 agosto 939

Caro Gilberto,

Um abraço você como você como vai passando | nós aqui vamos tudo bem. Meu pai está em
| Beberibe descansando por uns tempos Ele alter-| na- três dias vem ao sanatório e tr~es |
outros repousa no Amparo. Por isto já | está bem e forte. Mamãe está com ele. || Papi pede-
5 lhe que você adquira aí | nos Estados Unidos um [inint] de galinhas | Red Rhode Island da
melhor raça que | houver e envie *para* cá. Veja as despe- | zas que isto traz || Em breve
seguirão alguns números de | neurologia [ilegível] *para* você. Veja se há | meio de arranjar
colaboração aí para | nossa revista. || Na sua casa vão todos bem. | outra coisa que papai
10 lhe pede é que | você , caso não seja incômodo, saber se algum | laboratório americano de
medicamentos se | interesse em nos vender ácido nicotínico | em substância. Basta que você
mande | que um deles nos escreva dizendo algu- | ma coisa. || José vai sempre *para* o
15 *instituto* do livro | estou a espera da nomeação. || *Para* você meus abraços nossos e |
agradecimentos.

[rubrica]

R. do Padre Inglês 257.

20

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina

25

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Recebimento dos três exemplares do livro *Guia Prático, Histórico e sentimental do Recife*. Pede informações sobre alguns livros e seus autores.

30

4. Data do documento: 21 de agosto de 1940.
5. Local de origem do documento: Brasil – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.
6. Local de depósito do documento: Arquivo da Fundação Gilberto Freyre/ Código (030103-00014).

35

7. Identificação do autor: José Antônio Gonsalves de Mello Neto/ historiador.

35

8. Número de palavras: 186

35

9. Informações Levantadas: Nascido no Recife, em 16 de dezembro de 1916, José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil. Era filho do médico Ulisses Pernambucano de Mello e primo do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1940, juntamente com refugiados holandeses e com o historiador José Honório Rodrigues, criou o Instituto Brasil-Holanda. Foi encarregado de missão de pesquisa histórica pela UFPE, em Portugal, na Holanda, na França, na Inglaterra e na Espanha. Foi também presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; membro da Academia Pernambucana de Letras (APL) e da Academia Portuguesa de História.

40

45

10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber & GOMES, Valéria Severina Gomes. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares XX - Carta 19¹⁸.

50

Rio, 21 de Agosto de 1940

55

Mestre amigo

Um abraço. Recebi ha dias a sua | carta. Não respondi logo porque esperava as guias | e
tambem poder lhe da noticias da copia dos li- | vros de sobre os ingleses. || Quero logo
esclarecer que o livro | de Jones sobre a mulher francesa na America | não existe ma
60 *Biblioteca Nacional* e não o conheço se | não de referencia – referencia *muito* recente. Si | eu
o conhecesse ha tempo eu lhe teria avisado para o | Engenheiro Frances. || Ivone está
copiando os livros so_ | bre os ingleses que eu citei a *você*. *Você* conhece o: | Jean Carlos
Gonz Haedo: influencia de los in | gleses en el desaparecido ou la nacionalidad [*inint.*] |
Editora del Comité Aciole de Montevideo? | Eu não conheço. || As guias já foram entregues.

60

65

A | pessoa que encomendou o 3º está com Frederico: | não quer mais o livro; é *muito* caro
ele. Estou vendo | si passo o livro a outra pessoa. || Recebi a conferencia e um [*inint.*] | de
Olinda; Ruy me deu o Diario do Vouthier. || Bem, aqui do [*inint.*] onde lhe escre | vo não

Notas:

1. À direita, na margem superior do documento, encontra-se escrito por outro cunho: 'JAG'.
2. Também à direita, encontra-se escrito por outro punho: 'CRB127p1doc14'. Supõe-se que essa numeração seja o código de referência para localização do documento no Arquivo.

tenho possibilidades para lhe contar o que | tenho trabalhado. || Lembranças para as tias e
você receba | um abraço do primo e amigo de sempre.

70

José

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Carta Particular

Edição: MACENA, Ana Paula; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita;
2. Tipo de Texto: Carta Particular;
3. Assunto: Carta de agradecimento pelas felicitações recebidas por conta da candidatura do emissor a Academia, incentivo para que os negócios corram bem;
4. Data do Documento: 4 de Novembro de 1940;
5. Local de Origem do Documento: Brasil – Rio de Janeiro
6. Local de Depósito do Documento: Setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco.
7. Identificação do Autor: Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (poeta Manuel Bandeira) nasceu em Recife – Pe em 1886 e morreu com mais de 80 anos em 1968. Participou ativamente da Semana de 22 e exerceu diversas atividades profissionais relacionadas ao ensino.
8. Número de Palavras: 130 palavras
9. Informações Levantadas: A carta revela uma relação simétrica de amizade entre o emissor e o receptor.
10. Editor do Documento: MACENA, Ana Paula & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX - Carta 20

Rio, 4 novembro 1940

Caro Ascenso,|

Muito obrigado pelas suas felicitações | a propósito de minha eleição para a Academia.||Ando caprixando no discurso de recepção, e espero tomar posse no fim deste|
Mês, entre 20 e 30. Serei recebido|pelo Ribeiro [inin.]. || Mandei entregar a tua carta ao Sergio| de Vasconcelos. Faço votos para que| o negócio se faça. || O Gilberto, que fês aqui uma exce|lente conferência sôbre o Euclides, embarca| amanhã para o Rio Grande do Sul. Es|tá muito entusiasmado com a casa|que comprou em Apipucos. Pela foto|grafia, pareceu-me ela no genero da|quela de seu sôgro, em que comí um| almôço, de que ainda hoje me lem|bro com saudades. ||

Receba um abraço para você, | outro para Stela do amigo velho||

Bandeira. ||

Morais e Vale 57.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular (bilhete)
3. Assunto: · Bilhete a Gilberto Freyre alterando o horário do almoço ao qual lhe convidou, devido à hora tardia da chegada de seu pai Ulysses Pernambucano de Mello.
4. Data do documento: 26 de agosto de 1941.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo da Fundação Gilberto Freyre/ Código (030103-00015).
7. Identificação do autor: José Antônio Gonsalves de Mello Neto/ historiador.
8. Número de palavras: 59
9. Informações Levantadas: Nascido no Recife, em 16 de dezembro de 1916, José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil. Era filho do médico Ulisses Pernambucano de Mello e primo do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1940, juntamente com refugiados holandeses e com o historiador José Honório Rodrigues, criou o Instituto Brasil-Holanda. Foi encarregado de missão de pesquisa histórica pela UFPE, em Portugal, na Holanda, na França, na Inglaterra e na Espanha. Foi também presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; membro da Academia Pernambucana de Letras (APL) e da Academia Portuguesa de História.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares - Carta 22¹⁹.

Recife, 26 de Agosto de 1941

Meu caro Gilberto,

O dr. Pernambucano | chegará às 15 hrs.; à vista do que o almoço não si realizará, sim o jantar. | Para o qual – é claro – fica mantido o | convite que lhe foi | feito por Ivone. Meu | pai ficará muito satisfeito si você não fa| | tar – assim como nós.

Um abraço do pri | mo e amigo.

José Antonio

-
1. À direta, acima da data encontra-se escrito por outro punho: 'JAG'.
 2. Também à direta, abaixo da data encontra-se escrito por outro punho: 'CRB127p1doc15'. Supõe-se que essa numeração seja o código de referência para localização do documento no Arquivo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular (bilhete)
3. Assunto: Carta comunicando o envio livro "Estudos de Pernambucanos" de Alfredo de Carvalho e sobre ir assistir à conferência sobre Ulysses Pernambucano de Mello.
4. Data do documento: sem data
5. Local de origem do documento: Brasil – Recife – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento: Arquivo da Fundação Gilberto Freyre/ Código (030103-00012).
7. Identificação do autor: José Antônio Gonsalves de Mello Neto/ historiador.
8. Número de palavras: 98
9. Informações Levantadas: Nascido no Recife, em 16 de dezembro de 1916, José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil. Era filho do médico Ulisses Pernambucano de Mello e primo do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1940, juntamente com refugiados holandeses e com o historiador José Honório Rodrigues, criou o Instituto Brasil-Holanda. Foi encarregado de missão de pesquisa histórica pela UFPE, em Portugal, na Holanda, na França, na Inglaterra e na Espanha. Foi também presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; membro da Academia Pernambucana de Letras (APL) e da Academia Portuguesa de História.
10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. *Cartas Particulares - Carta 23*²⁰.

Gilberto,

Vai o livro de "Estudos Pernambucanos que | você me pediu ontem. || Com relação à sua viagem a Alagôas, peço | que <me↑> | confirme si Diegues, de facto, estendeu a mim | o convite para a viagem e si elle dará hospedagem. || Peço-lhe que me diga e quando será a parti- | da e quando, isto é, em que dia será a sua confe | rencia. || Não poderei permanecer em Alagôas os 4 ou | 5 dias de que você me falou, mas terei muito prazer em | ir assistir a sua conferencia.

Um abraço do | José Antonio

Avisarei a Diegues si fôr. E a você também.

-
1. À esquerda, encontra a marca timbrada de uma empresa de seguro de vida: 'A Equitativa'. Ao centro encontra-se escrito por outro punho o número '194' seguido por um sinal de interrogação.
 2. À direita, acima da data encontra-se escrito por outro punho: 'JAG'.
 3. Também à direita, encontra-se escrito por outro punho: 'CRB127p1doc12'. Supõe-se que essa numeração seja o código de referência para localização do documento no Arquivo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina

- 5 1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta falando da viagem à Paraíba, sobre a esposa Albertina e as filhas.
4. Data do documento: sem data
5. Local de origem do documento: Brasil – Recife – Pernambuco.
- 10 6. Local de depósito do documento: Arquivo da Fundação Gilberto Freyre/ Código (030103-0001).
7. Identificação do autor: José Antônio Gonsalves de Mello Neto/ historiador.
8. Número de palavras: 132
9. Informações Levantadas: Nascido no Recife, em 16 de dezembro de 1916, José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil. Era filho do médico Ulisses Pernambucano de Mello e primo do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1940, juntamente com refugiados holandeses e com o historiador José Honório Rodrigues, criou o Instituto Brasil-Holanda. Foi encarregado de missão de pesquisa histórica pela UFPE, em Portugal, na Holanda, na França, na Inglaterra e na Espanha. Foi também presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; membro da Academia Pernambucana de Letras (APL) e da Academia Portuguesa de História.
- 15 10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares - Carta 24²¹.
- 20
25

Gilberto,

- 30 [fol. 1r] Ficou resolvido que Ivone | e as meninas não irão à Parahyba, Si bem que lamentarei isto. A viagem | de dona Albertina está condicionada|à liberação de um carro, pois o de | Jarbas não está em condições de fazer tal viagem. || Eu, entretanto, irei. Si você|quiser fazer o favor de ir apa- | nhar-me aqui – ou indicar-me | um local de encontro – eu lhe | agradeço de antemão. || Os dois visitantes irão; | [*inint.*] com elles para | [fol. 2r]
- 35 para que não adiem a partida, pois | tenho interesse em mante-los afas- | tados dos meus queridos [*inint.*] ho- | landeses. || Caso haja lugar para mi- | nha Mãe no automovel do amigo | que lhe levará – peço-lhe à [vale] | com franqueza – avise-me. E, | também, si ha lugar para mim, | pois, em 1º lugar estão os “visitantes” e depois eu.

Agradece o primo amigo.

- 40 Jose An[t]onio

1. Encontra-se escrito por outro punho o número '194' seguido por um sinal de interrogação.
2. À direta, acima da data encontra-se escrito por outro punho: 'JAG'.
3. Também à direta, encontra-se escrito por outro punho: 'CRB127p1doc11'. Supõe-se que essa numeração seja o código de referência para localização do documento no Arquivo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX - Carta Particular

Edição: ATAÍDE, Cleber

GOMES, Valéria Severina

45

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular (bilhete)
3. Assunto: Carta destinada ao primo Gilberto Freyre dando informação que não tem o livro pedido porque está com um frade e este o está traduzindo.

50

4. Data do documento: sem data, mas presume-se que seja datada da 1ª metade do século XX, uma vez que essas cartas estavam no mesmo arquivo datado de 1938 a 1945.

5. Local de origem do documento: Brasil – Recife – Pernambuco.

55

6. Local de depósito do documento: Arquivo da Fundação Gilberto Freyre/ Código (030103-00010).

7. Identificação do autor: José Antônio Gonsalves de Mello Neto/ historiador.

8. Número de palavras: 113

60

9. Informações Levantadas: Nascido no Recife, em 16 de dezembro de 1916, José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e o maior especialista nos estudos do período holandês no Brasil. Era filho do médico Ulisses Pernambucano de Mello e primo do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1940, juntamente com refugiados holandeses e com o historiador José Honório Rodrigues, criou o Instituto Brasil-Holanda. Foi encarregado de missão de pesquisa histórica pela UFPE, em Portugal, na Holanda, na França, na Inglaterra e na Espanha. Foi também presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; membro da Academia Pernambucana de Letras (APL) e da Academia Portuguesa de História.

65

10. Editor do documento: ATAÍDE, Cleber & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares - Carta 25²².

70

Gilberto,

75

[fol. 1r] Recebi seu bilhete e lamento não ter o livro do Fagner em | mão para enviá-lo. Está em poder | de um frade que conhece o alemão | para me auxiliar na tradução, que, | como lhe disse, é muito difícil. "Muito difícil mesmo para um ale- | mão" disse-me o frade. Amanhã | poderei ir busca-lo e levarei até | ai pessoalmente ou por um portador. || Peço-lhe que me desculpe | isto e a demora mas *você sabe que* | conta com todo o meu serviço de |

80

lhe ser útil. [fol. 2r] Aqui todos bem. Espero | *que* tio Alfredo [esteja] em [*inint.*] | restabelecido. || Um abraço do primo | *amigo* e sempre às ordens.

José An[t]onio

85

Minha Mãe convida *você para* | tomar chá amanhã aqui, des | confio, porém, que o seu trabalho | não lhe permitirá isto J A.

-
1. Encontra-se nas páginas 01 e 02, escrito por outro punho o número '194' seguido por um sinal de interrogação.
 2. À direita, acima da data encontra-se escrito por outro punho: 'JAG'.
 3. Também à direita, encontra-se escrito por outro punho nas duas páginas: 'CRB127p1doc10'e 'CRB127p1doc1,1. Supõe-se que essa numeração seja o código de referência para localização do documento no Arquivo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XVIII- Carta Particular
Edição: TRAVASSOS, Tarcísia
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Carta Particular
3. Assunto: Carta justificando a presença em almoço oferecido a Josué de Castro. Nega ter sido um dos promotores da homenagem como afirmado no "Diário de Pernambuco" e confirma ter ali aparecido como aderente "simples". Refere-se ao aborrecimento causado ao primo Gilberto e dá explicações a respeito. Promete esclarecer os fatos pessoalmente.
4. Data do documento: 28 de junho de 1947.
5. Local de origem do documento: Brasil – Paraíba.
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freire.
7. Identificação do autor: Jarbas Pernambucano de Melo, filho de Ulisses Pernambucano. Por ocasião da morte de seu pai ocupou a sua cátedra na Faculdade de Medicina e dirigiu por alguns anos o Sanatório do Recife, propriedade da família.
8. Número de palavras: 329
9. Informações Levantadas: o teor da carta revela que havia uma relação de amizade entre o remetente e o emissor.
10. Editor do documento: TRAVASSOS, Tarcísia & GOMES, Valéria Severina. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX - Carta 26.

Recife, 28.6.947

Caro Gilberto, como vão você e todos os seus? Tenho pensa- | do sempre em aparecer ai
para visitá-los, mas infelizmente a | minha vida é demasiado apertada. || Soube pelo René
que você se tinha aborrecido por ter visto | o meu nome entre os "promotores" de
5 homenagem a Josué. Esperei | escrever-lhe, e enviar a carta por tio Alfredo, na terça-fei- |
ra passada, mas ele infelizmente não apareceu. Como vejo que | ainda hoje não posso
aparecer aí para lhe falar pessoalmen- | te, escrevo-lhe este bilhete que tem a finalidade de
desfa- | zer esse malentendido. Não fui promotor²³ de almoço a Josué | como publicou o
10 Diário de Pernambuco. Eu conheço o Josué de | longa data, já tendo sido mesmo seu aluno
na Faculdade | de Medicina e sobre ele mantenho sempre a mesma opinião: | um camarada
de inteligência verbal porem vasio. || Compareci, como aderente simples, ao almoço, porque
fui | por ele visitado na Enfermaria de Santo Anselmo que diri- | jo e porque com ele estive
em conferencia por duas |vezes na casa de Mauro Motta. Não sabia, entretanto, porque lá
15 não estive, que ele havia feito referencias | deselegantes a Você na Faculdade de Direito,
bem como tam- | bem não comparecera a uma palestra por ele realizada | no Hospital D.
Pedro II. Só mais tarde Dr. Arsenio me contou | aqueles fatos. Só compareci < ↑ apenas > á

²³ Sublinhado mantido como no original.

20 uma conferencia [(?)]²⁴ da Sociedade de Medicina e, com ela, só pude manter a *minha* velha opinião sobre ele. || Todo o nosso grau de amizade e parentesco, explico-lhe estes fatos *para* que Você não mantenha uma idéia errada sobre o que se passou. || No próximo sábado irei até aí e conversaremos ~~então~~ então sobre o herói da geografia da fome. || Lembranças a Madalena e a tio Alfredo. Abraços do primo sempre amigo

Jarbas Pernambucano de Melo

Rubrica

²⁴ Símbolo não identificado entre parênteses.

Projeto Nacional PHPB-Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Manuscrito/ Carta Particular

Edição: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: carta particular
3. Assunto: Carta dando notícias .
4. Data do documento: 21 de Outubro de 1947
5. Local de origem do documento:
6. Local de depósito do documento: Fundação Gilberto Freyre – Recife - Pernambuco
7. Identificação do autor: José Lins do Rego, escritor brasileiro, nascido na Paraíba autor de Menino de Engenho, Doidinho(1933) Banguê (1934). Colaborou com a imprensa escrevendo para os Diários Associados e O Globo.
8. Número de palavras: 208
9. Informações Levantadas: Carta escrita em papel com timbre da José Olympio Editora no canto superior esquerdo . Há uma numeração CRB2p6doc89, possivelmente o número de catálogo da carta.
10. Editor do documento: FERREIRA, Priscilla Elizabeth da Silva Costa. *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas particulares da primeira metade do século XX – Carta 27.

21 de outubro de 1947

Meu querido Gilberto

[fol 1. r] Um grande abraço para | sua [inint] e os meninos. || Aqui continuo os [inint] [inint] | de [inint] e grandes saudades suas tenho | de você e de sua amizade que conservo | como verdadeiro patrimônio de vida | se aqui estivesse você estaria a nossa grande | faze de 1923, dos estabelecimentos | dos nossos primeiros contatos. Maior tempo | de minha vida. || Soube do seu [inint] sobre o [inint]. | [inint] do rego. E posso dizer [inint] que o | [inint] Índio sentiu qualquer coisa | com a notícia sobre *José Olympio* que | antes de sair em livro, o mesmo [inint] | aparecer em jornal em forma de artigos | Eu sou ponte. E gostaria se fosse permitido | publicar em separado para minha maior | alegria... O que tem *Maga* sei que você | [fol 2. r.] ando eu depressivo mas os artigos | que tem escripto são admiráveis. O último | sobre fanatismo e qualquer coisa de [inint] | [inint] o do tempo dos artigos [inint] || O mesmo *José Olympio* anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e tempos que devem dar dor de | cabeça até no nosso bom Deus | Adeus [inint] amigo Gilberto e saudades | para todos os seus.

Do velho

[rubrica]

DIÁRIO
DE
PENAMBUCO

Publicado em 15 de Novembro de 1868

ESTABELECIDO POR D. JOÃO DE ALBUQUERQUE

Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868.

Diário de Pernambuco, publicado em 15 de Novembro de 1868. Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868. Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868.

Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868. Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868.

Impressos

- Os editoriais -

Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868. Este diário foi fundado e editado por D. João de Albuquerque, e publicado em 15 de Novembro de 1868.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial de apresentação que trata do lançamento do primeiro número do jornal Diário de Pernambuco, com orientação informativa e comercial.
4. Data do documento: 07 de novembro de 1825.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 274
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 1, p. 1. Texto de abertura que ocupa uma coluna e meia, com o título "Introduccção". Este jornal foi impresso em prelo manual, com dimensão 24 ½ x 19 centímetros, mais ou menos a metade de uma folha A4, com apenas duas colunas.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 1.)

INTRODUCCÃO

Faltando nesta cidade assaz | populosa um Diário de Annun-|cios, por meio do qual se faci-
|litassem as transaccões, e se | communicassem ao publico no-|ticias, que a cada um em
parti-|cular podem interessar, o ad-|ministrador da Typographia de | Miranda e Companhia
se pro-|poz a publicar todos os dias da | semana excepto os Domingos | somente o presente
5 Diário, no | qual debaixo dos títulos de |-Compras-Vendas-Leilões-Alu- | gueis-
Arrendamentos-Afora-|mento-Roubos-Perdas-Acha-|dos-Fugidas e Apprehensões de |
escravos - Viagens-Afrentamen-|tos-Amas de leite etc, tudo | quanto disser respeito a taes |
artigos; para o que tem convi-|dado a todas as pessoas, que | houverem de fazer estes ou
ou-|tros quaesquer annuncios, aos | levarem a mesma Typographia | quelhe serão
10 impressos grátis, | devendo ir assignados. || Também se publicarão todos | os dias as
entradas e sahidas | das embarcações do dia antece-|dente, portos de onde vierão, | dias
de viagem, passageiros, | cargas, e noticias, que trouxe-|rão. Além disto todas as sema-|nas
se darão os preços corren-|tes dos gêneros de importação | e exportação com um attestado
| de dois negociantes desta praça. || E porque para muitas pessoas | seria incommudo
15 dirigir-se a | Typographia, para entregarem | os seus annuncios, se tem pré-|venido este
inconveniente rece-|bendo se no Recife no Bote-|quim da Praça em *Santo Antonio* | na Loja
da Gazeta rua de Rosa-|rio, e na Boa Vista na Banca de | João Ferreira da Cunha Do | largo
da Matriz taes annuncios, | em cujas casas se recebam | igualmente assignaturas e se |
vende este Diário pelo preço de | 10 rs. cada folha.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da lei de liberdade de imprensa.
4. Data do documento: 06 de fevereiro de 1827.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 527
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 28, pp.109-110. Prática comum era a publicação de partes de um editorial em diferentes números do jornal, com o uso de pistas de sequenciação (continuando do Nº anterior) e (continuar-se-há).
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 2.)

(Continuando do Nº antecedente)

Com o destino pois de chegar so-|bre cada hum destes pontos a conclu-|zões exactas, me servirei de principi-|os de huma reconhecida certeza, esta-|belecendo concluzões com aquelle pre-|cizaõ logica de que eu for capaz. || Quaes são os [[a]]actos commetidos | pela imprensa, que convem proibir | []specificamente debaixo de certas pe-|nas? Eis aqui a
5 primeira pregubra: | E a resposta he: que apenas haverá | acto do governo, em cuja resistencia, | e apenas haverá direito individual, em | cuja violaçã se não possa empregar | a imprensa, como instrumento. Com-|prehender porem a todos estes actos | na Ley da liberdade da imprensa fôra | o mesmo que fazer hum código penal | por inteiro. || Não se pode com tudo duvidar que | a imprensa he hum instrumento pecu-|liarmente adoptado para
10 commetter | toda a casta de injuria e de calummia | contra a reputaçã dos individuos, e | toda a casta de provocaçã a fim de | perturlar as operações de hum gover-|no. Nestes dous cazos pois he que a | liberdade de imprensa carece de limi-|tes. || Quaes são por tanto os actos que | a Ley da Liberdade da Imprensa deve | punir em quanto a reputaçã dos per-|ticulares e quaes são os que deve | punir em quanto ao governo? Exa-|minaremos estes
15 dous pontos com vagar. || Em quanto ao 1.º - nenhum acto | se pode dizer offença de hum indivi-|duo, sem involve em si a violaçã de | hum direito, que este individuo pos-|sua: e como, no que respeita ao credito, e a reputaçã he certo que todo | o homem tem direito ao character que | merece, e a que se diga delle o que | suas ações requerem que se diga-a | violaçã neste cazo consiste em pala-|vras, que imputem acções, as quaes | se não
20 praticaram, ou que imputem | huma propensão a praticalas, sem ha-|ver prova de semelhabnte propensão. || Quaes sejaõ as palavras, que com-|prehendaõ taes imputações

he matéria | de facto, e não compete a ley, a qual | so define quaes são as acções, que não |
podem ser imputadas sem injuria d´a-|quele, a quem se imputaõ. A impor-|tancia pois das
palavras, de que o in-|juriado se queixa, e o grão de prova | que ellas envolvem he a matéria
25 sobre | que se deve exercer a sagacidade e a | sabedoria de quem julga. || As acções desta
especie que a Ley | da liberdade de imprensa deve prohi-|brir saõ todas aquellas a que as
leys do | codigo penal impõem penas, ou a-|quelles as quaes o publico annexa | discredito, e
labéo. Não pode haver | difficuldade em definir as primeiras; | isto he, em declarar que não
he per-|mitido imputar o assassinio, o rapto, | o furto, o incesto, o adulterio &c. - | Em
30 quanto as segundas tambem não | será difficil o definilas pelo seu nome, | e com sufficiente
exactiudaõ. || Agora em quanto á pena. || Os fins que se propoem a Ley, | quando castiga
semelhantes acções saõ | dous: 1. reparação da injuria; 2. pre-|venção para o futuro.

(Continuar-se-ha)

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da lei de liberdade de imprensa.
4. Data do documento: 13 de fevereiro de 1827.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 567
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 34, pp.134-135. Prática comum era a publicação de partes de um editorial em diferentes números do jornal, com o uso de pistas de sequenciação (continuando do Nº anterior) e (continuar-se-há).
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 3.)

(Continuado do Nº antecedente)

Em quanto ao 2.º Ponto – Isto he, | em quanto aos abusos da liberdade da | imprensa, com que se provoca a deso-|bediencia ao governo, farei primeiro | certas observações. || Eu nunca serei o advogado da obe-|diencia passiva: convenho que ha ca-|zozos, em que ha direito a resisitir. Mas | tome conta o liberalista quando provo-|car a esta resistencia: porque

5 o cazo | unico, em que ella he direito he o da | oppressão extrema, e esta oppressão N| extrema nunca se verifica, se não | quando todos soffrem, e todos se deter-|minaão a resisitir. Por tanto, se a pro-|vocação não for o orgão verdadeiro de | hum sentimento universal, por conta | fique do "liberalista," que se fez or-|gaão sem o ser; porque incorre no mes-|mo risco do insurgente, que sendo se-|guido por todos, he hum heroe, e sen-|do

10 abandonado "he reo de alta trai-|çaão" que merece em vez de palma o | patibulo; a sociedade não deve ser | perturbada por commoções, que o to-|do, ou a maioria dos seus membros não aprova. || Quando porem as exhortações pro-|vocativas da imprensa forem dirigidas | a resistir a huma operação do governo | em detalhe, então constituem indis-|tinctamente hum delicto, que deve ser | punido. O governo nunca poderia | ser protector,

15 se a qualquer individuo | fosse licito excitar os outros a dezobe-|diencia. || Todos estes actos de parcial dezo-|bediencia podem ser definidos com e-|xactidaão. Para os punir será necessa-|rio examinar pelo geral os motivos, que os produzirão, a fim de descobrir | nas penas motivos de huma opposta | tendencia, com tanto que nem hum a-|torno de castigo sirva os fins de parti-|cular vingança, circumstancia esta | que na ley se deve ter muito em conta; |

20 porque em quanto houver abusos, n' | um governo, e homens que se apro-|veitem d'esses abusos, os homens haõ / de pôr todos os meios para multiplica-|rem a lista das offenças

25 contra o go-|verno, e applicar-lhe castigos na mai-|or severidade. Veremos então v.g. |
apenas impostas conta a indecência, e | falta de respeito, ou ao tribunal, ao | magistrado, ou
ao funcionario, e nes-|te ambito caberia tudo quanto se quizer | que caiba; porque tudo se
30 qualificará | como tal, em ordem a proteger toda a | casta de abuzo. || A duas classes se
podem reduzir as | exhortações desta especie, de que hum | "liberalista" pode ser culpado,
humas | [ilegível] exhortações claras, e em termos | expressos: outras disfarçadas, e em |
termos constructivos. Quaes são os | que constituem delicto? || Todos os que lucraõ com os
35 abu-|zos do governo, e mais especialmente | aquelles que nos governos defectivos, |
manejaõ algum dos poderes publicos, | tem utilidade em que esta matéria fi-|que obscura,
indefinida; porque o seo | ponto he evitar que o povo se queixe, | ou eu não saiba o de que
se deve | queixar, visto que só entãõ he que el-|les podem folgar nos prazeres do des-
|governo, e se entãõ he que não have-|rá limite no grão, em que os poucos | podem fazer
os seus interesses a custa | dos muitos. Da mesma sorte o "li-|beralista" se aproveitará da
35 obscuri-|dade e do indefinido da ley, para vo-|mitar satiras amargas, injurias viru-|lentas, e
calumnias atrozes por meio | de "innuendos" e de alluzões que | muitas vezes importaõ o
mesmo como | as palavras directas.

(Continuar-se-ha)

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da lei de liberdade de imprensa.
4. Data do documento: 14 de fevereiro de 1827.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 860
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 35, pp.137-138. Prática comum era a publicação de partes de um editorial em diferentes números do jornal, com o uso de pistas de sequenciação (continuando do Nº anterior) e (continuar-se-há).
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 4.)

(continuado do nº antecedente)

Quando se não definirem estas exhortações da imprensa contra os actos de hum governo segue-se, que tudo quando se imprime contra o sythema de governar, ou contra a conducto dos funcionarios agentes do governo, se-rá tido como obstrução as operações d´este governo, e por isso punivel; muito mais, sendo certo, que tudo quanto se escreve neste sentido produz no seo tanto ódio e desprezo, se pode dizer calculado a produzir dezo-bediencia. A decepção he neste cazo muito facil. Mesmo em Inglaterra, onde a liberdade de fallar e de escre-ver está identificada com hum senti-mento nacional, que provêm de hum habito, e de hum costume extensivo a todas as classes, mesmo em Inglaterra acontecem cazos, em que o poder dos ministros prevalece com a integridade dos juizes, e do " jury" para fazer declarar como crime de libello o que menos parece aos olhos do bom senso. Quem, diria, por exemplo, que huma critica sobre hum rey defunto se havia de julgar libello contra o rey actual? Quem diria que hum "attor rey – general" da Irlanda havia de accuzar o editor de hum papel por des-crever o character de hum antigo "vi-ce -rey" da Irlanda, tornando isto co-mo hum libello contra o veice-rey actual: he portanto extremamente necessario que a ley distingua o que he censura e o que he delicto, estabelecendo huma vizivel demarcação entre huma, e outra conza. || Primeiramente; o governo pode ser censurado em quanto ao seo systhe-ma em geral, quando a lingoagem for temperada e não vehemente; aobre tu-do quando não houver alluzões maliciosas a intenções preversas, e a designios sinistros. Fora disto tudo o mais he permitido como censura; nem ha outro meio de mostrar os vicios de huma administração, que sacrifica aos poucos os interesses dos muitos; pelo menos não ha outro

meio, que seja a-dequado a este fim. || Em segundo lugar; n'um governo | constitucional, em que o bom exito | do []shema depende "intotum" da | boa escolha dos representantes, he | taõbem impossivel haver esta boa es-|colha, se naõ houver liberdade de cen-|sura. O
25 verdadeiro fundamento de | uma boa escolha conhecer a quem. | E como pode o leitor sem a censura | e o exame da liberdade da imprensa | conhecer os caracteres de quem se a-|presenta com as qualificações ostensi-|vas de representante? Como pode fa-|zer-se conhecida a conducta dos que | foraõ eletios? || He uma verdade confirmada pela | mais constante experiencia, que onde | quer que um corpo de individuos ma-|nejar o poder, se o
30 publico não tiver | meio de conhecer como elles o mane-|jaõ, teraõ elles sempre meio seguro de | se aproveitarem da sua situaçaõ, e de | a converterem so em seo benefico. | Por tanto sem huma exacta indagaçaõ | do que faz cada representante no seo | posto, sem os seus discursos serem | transcriptos, os seus votos, e as suas | moções patentes aos olhos do publico, | em vaõ se espera, que forme hum jui-|zo erato. || Alem d'isto, naõ se pense
35 que a | censura da imprensa haja de restrin-|gir-se a mera narraçaõ de hum factio; | seraõ permitido taõbem formar juízo | sobre a utilidade, justiça, e moralida-|de d'esse factio; he necessario que o | constituinte forme hum juizo correcto | sobre a "gestaõ de negocio," que fez | o seo procurador, sem que por isso se | julguem transgredido os limites de | huma temperada censura – Tudo se | reduz ao exame das consequencias, | que se podem seguir do que propõs, | e do que adoptou a legislatura, ou de | se naõ propor o que se devia propor. | Certo he que neste exame naõ pode | haver signaes ou characteristics inerra-|veis, que
40 façãõ conhecer a sabedoria, | e a integridade da medida, ou "da naõ | medida," e ninguem tem o privilegio | de dizer-lhe esta. – Para chegar | pois ao acerto her preciso a discussãõ da | imprensa; he preciso que todos dêem o | seo contingente, já que a ninguem | compete o privilegio da infalibilidade. || Contra todas estas vantagens da | censura publica dizem os
45 "apagado-|res:" Que a censura he muitas vezes | mais injusta e mais erronea, do que a | materia, ou o objeto censurado; con-|venho. Mas se a censura consite u-|nicamente na liberdade de dizer cada | hum francamente a sua opiniaõ, faz | apparecer a verdade no meio do con-|traste, sem degradar, nem insultar a | authority do legislador, ou do ma-
50 |gistrado. A todos fica competindo a | faculdade de escolher e de comprar; | e em naõ havendo hum motivo de in-|teresse, que prenda o homem ao erro, | he muito natural que se naõ afaste do | trilho da verdade aquelle que sincera-|mente a procura: sendo alem d'isso permitido a todos o trilhar a mesma | verdade, pode-se apostar cem contra | hum, que poucas vezes se errará em | chegar a huma concluzaõ exacta, e verdadeira.

55

(Continuar-se-há)

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata de um possível boato de revolução popular.
4. Data do documento: 06 de fevereiro de 1829.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 896
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 29, pp.113-114. Texto iniciado com título, um elemento pouco utilizado nesta década.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 5.)

INTERIOR

Pernambuco. Domingo I.º do corrente | começou nesta Cidade | a correr o boato, de que se
permeditava fazer installar hum go-|verno popular na Villa de Santo Antão para os | fins,
que os interessados nisso lá sabiaõ. Deraõ-se logo como envolvidos nessa faça-|nhosa
revolução estes e aquelles homens, | que sò cuidaõ em viver em paz no seio de | suas
5 famílias, tratando dos seus interesses. | Na segunda feira o boato vulgarizou-se com | a
sahiba de alguma gente armada dos Afo-|gados e arrebaldes. Cada hum foi apontan-|do o
chefe, o sustentador, o colaborador | &c.&c. os intrigantes não se esquecerãõ | da calumniar
a esmo, e o pequeno numero | de pobres de espirito foraõ taõbem encai-|xado a sua
mentira, conforme seus deze-|ijos. A marcha de huma força sahida desta | na noite de terça
10 para quarta feira por or-|dem do Governo, verificou em parte esses | boatos, e muita gente
se persuadio haver | com effeito huma revolução tramada por | quem quer fosse, e
ramificada por diver-|sos pontos do interior de Província: mas o | dia quarta feira explicou
tudo isto: ja todos | sabem que hum pugilo de saltiadores tendo-|se reunido desde os
Afogados até Santo Antão, | roubando pelo caminho o que lhes offereceu | a occasiaõ,
15 chegarãõ aquella Villa na segun-|da feira á noite, e tendo-se apossado de al-|gumas armas,
soltado os prezos, e posto a | Villa em attitude hostile, petenderãõ reunir | a Camara na terça
feira de manhã para a no-|meação de hum Governo, para o qual em | fim não acharãõ hum
homem. Eis o que | sabemos desta desaforada quixotada a testa | de cujos negócios se

apontaõ, si vera est fama, | O Pai da patria Nobre Manoel Firmino | Mello, o atravessado Luiz
20 Roma, e o Ne-|gro marchante Luiz de Barros. Que sucia de Mellos e Mellados! e a sem
ceremonia | com que essa canallia pertende ensovalhar | esta Provincia, e comprometter
alguns nes-|cios que podiaõ ser despachados para a | Barataria! Em Pernambuco já naõ he
bas-|tante ter só a cabeça ievada de juizo, he ne-|cessario ter de mais coração e posses de
Catilina para figurar, servir ou aprovar | huma revolução qualquer: a ella já se naõ | pode
25 aplicar o verso do Poeta – Feliz quem | faciunt a liena pericula cautin - exemplos | huns
sobre outros a tem assaz escarmentado | em si mesmo para cometter a temeridade | de
levantar essa offuscada bandeira, que | sempre lhe tem sido luctuosa mortalha de | Saladino
à meio pao. Fallamos assim a res-|peito de revoluções e o que diremos sobre | estes novos
malunguinhos mesclados? Odio | e execração sobre esses malvados, e que a | espada da
30 Justiça seja vibrada com virgor | sobre as suas cabeças! O mesmo nome de | Liberdade que
esses profanos della tomaõ | nos impuros labios he-lhes desconhecido | ao seu genuino
sentido; rezenhemos a con-|ducta desses corifeos de Santo Antaõ e ouça-|mos ao proprio
Rousseau, a esse Politico | Cidadã da Republica de Genebra, Repu-|blicano por educação e
principios juiz op-|timo e imparcial sobre materias Democra-|ticas, (palavra que esses
35 anarchistas nem | pronunciar sabem): ociosos, vadios, men-|tiroso, impostores,
ambiciosos, rios de policia, ladrões, e junto com tudo isto, ou | com parte ignorantões de
chapa princi-|piando huma cousa, a que elles quereraõ cha-|mar – revolução – pelos actos
dos Saltea-|dores, mentindo e enredando impu[]entissi-|mamente, he o que se pode achar
nesses | Barros e burros. Mellos e m[]llados: ago-|ra Rousseau fallando aos remexidos Polo-
40 |nezes – La liberté est um aliment de bom | sue, mais de forte digestion; il faut des es-
|tomacs bien sains pour le supporter. Je ris | de ces peuples avilis que se laissant a menter |
par de ligeurs osont parler de liberte suns | même en avoir l’idée, et le coeur plein de | tous
les vices des esclaves, s’imaginent que pour être libres il suffit d’être de mutins. | “A
liberdade he alimento substancioso, | mas dificil de digerir-se; só estomagos ro-|bustos
45 podem com elle. Rio-me desses po-|vos envelecidos, que, dando ouvidos a al-|guns
revolucionarios atravem-se a falar de Liberdade, sem saber o que ella seja; e, tendo em seos
Corações os vicios da esca-|vidaõ, persuadem-se que para serem livres | basta sò
amotinarem-se.” - No seu con-|tracto social – Il n’a pas existé de veritable | démocratie, et
il n’existira jamais. Il est | controle l’ordre naturel que le grand nombre | gouverne, et le
50 petit soit gouverné.” Não existio ainda verdadeira democracia, e nun-|ca o existira. He

contra a ordem da nature-za, que o grande numero governe, e seja | governado o pequeno.

– Sil y avait um pe-ople de Dieux il se gouverneroit démocrati-ment. Un gouvernement si

perf et ne | covenient pas a des hommes “Si houves-|se um povo de Deoses, seria esse o

gover-|nado democraticamente. Um tão perfeito | governo não he para homens.” – La Mo-

55 |marchie ne covenient donc qu’aux nations | opulentes; la Democratie aux etats petits | et

pauyres.” As Nações opulentas convem | a Monarchia, aos estados pequenos e po-|bres

quadra a Democracia.”- Quereraõ os | nossos sucios de Santo Antão fazer de Pernambuco

hum pequeno Estado Republicano? | Naõ: elles pricinpiaraõ roubando, querem | roubar, saõ

salteadores; naõ confundamos | as cousas: mas elles podiaõ, e acertavaõ melhor, ter hido

60 para o Catucá ajuntar-se | aos seus collegas.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que aborda de forma crítica o governo absolutista.
4. Data do documento: 14 de junho de 1829.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 2.091
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 148, pp.591-592-593. O Editorial também era rotulado como Artigo Comunicado.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 6.)

ARTIGO COMUNICADO

Louca obstinação dos sectarios do poder absoluto

He notavel a luta que em todos os | tempos se tem manifestado entre a igno-|rancia e a
Philosophia, entre o bem estar | das Nações, e o interesse de classes que | se dizem
privilegiadas. A ignorancia do homem que por muito tempo tem domina-|do sobre a terra foi
sempre o manancial | fecundo da maxima parte dos males que | assaltaõ sua mesquinha
5 existência e retar-|daõ o andamento regular da Sociedade | Civil. O homem reflexionando
sobre si | mesmo abandona o estado primitivo, esse | estado selvagem e de desordem,
resigna | a sua liberdade natural, procura a asso-|ciação civil com o fim de evadir-se aos in-
|convenientes inseparáveis do seu primeiro | estado. A Sociedade Civil se lhe afigu-|ra hum
10 bom grado sua natural | independencia nas mãos de outro homem | que em troco lhe
prometia a prosperidade | o gozo transquillo de seus bens e vida, a | liberdade politica, a
proteção social. Co-|mo se enganou! O homem cedeu os seus | direitos e poderes sem se
lembrar de que se confiava de outro homem, igualmente | fragil, susceptível de erros, e
sugeito as | mesmas paixões: não se resguardou, não se premunio dos meios que lhe
15 prestassem | garantia segura de hum perfeito e persis-|tente equilibrio entre os direitos e
obriga-|ções reciprocas do governante e do go-|vernado: desta maneira quando o homem |
acreditou deitar-se nos braços da paz e da ventura, recebeu os grilhões da tirania. | A
igualdade politica, que a proteção da | Ley prometera ao Cidadão inerme, fraco, | e
desvalido se volve taõ depressa taõ chi/merica como a do Estado Natureza, que | o homem
20 abandonara: elle encontra os | mesmos flagellos, e se ve cercado dos mes-|mos
precipicios, mudaõ-se os motivos; po-|rem subsistem as cousas: se antes a força | fisica do

mais valente podia invadir e u-|zurpar o seus direitos e propriedade; de-|pois a força legal da prepotencia e despo-|tismo a substituiu em lugar equivalente. Eis aqui a marcha constante de todos os | Governos Absolutos, levantados não por | contractos sociaes, mas
25 sim por esse titulo | do direito da força e de conquista: eis aqui | a prepotencia avassalando os homens e as | Nações, a força creando os primeiros es-|cravos. Hera impossivel porem que hum | Estado taõ oposto aos interesses da socieda-|de, e taõ contrario as máximas da ração pudesse sempre subsistir. Pouco e pouco | o homem foi entrando no conhecimento | dos seus verdadeiros interesses, e sua intelligencia recoperando grãos de illustra-|ção a
30 proporção que conheceu os vícios | do Poder arbitrario. O homem vio que | o objecto essencial do Poder absoluto he-|ra não encontrar obstaculos a seus gostos, | e satisfazer todas as suas paixões: vio que | aqueles que heraõ revestidos deste poder | tinhaõ somente por fim augmentar suas necessidades para oprimir o povo, e de-|baixo deste falço principio hum pezo e-|norme se tornou indispensavel para sus-|tentaculo da sua grandesa: entã os
35 im-|postos de huma Cidade se desenveraraõ em | hum jantar, as rendas de huma Província | faraõ poucas para entretar hum festim | nocturno, os thezouros dos povos foraõ | entregues nas mãos dos vis aduladores: o | homem vio todos estes abuzos, todas estas | maldades conspirando para sua ruina e | desde entã tentou sacudir o jugo que taõ | atrosmente o oprimia. Ser-lhe-hia mui | facil obter o seu intento, se os assechas da |
40 arbitrariedade prevenindo a reacção se não | opuzessem em attitude hostile. Manifesta-|se entã a constante luta entre o Poder | arbitrario, e o Cidadã oprimido. Aquel-|le ostente a força este lhe opoem o Codi-|go da Ração: aquelle chama em seu a-|bano a posse dos tempos, este lhe mostra | a natureza dos seus direitos primitivos não | susceptiveis de prescriçã: o Poder quer | que o homem beije humilde e reverente a | mãõ que o tiranisa, o
45 homem quer que o | poder concorra para a sua felicidade. Quem no meio desta obstinada profi-|ja | contará a victoria? Apesar dos esforços | que se tem empregado para escravisar os | povos, apesar dos meios tortuosos, das | fraudes, das sugestões que os agentes do | Absolutismo tem sempre empregado para | conter o homem n'uma condiçã abjecta e | a Sociedade Civil n'uma poziçã estacio-|naria ja mais poderaõ impedir os senti-|mentos
50 naturaes do homem, que o condu-|zem sempre a ventura, e a felicidade; es-|tes sentimentos que si constituem certamente a mola real | de todos os procedimentos humanos. O amor a si, dezejo de bem existir he | hum dom do Eterno, inherente a nature-|za do homem que elle jamais pode renun-|ciar sem crime; com a vida lhe veio, e so a morte o desvanece. Estes elementos de | prosperidade que o homem possui coad-|juvados
55 pelo estudo e reflexões que as | luzes a Filosofia ministra, tem contri-|buido para o grande progresso no conhe-|cimento dos direitos e obrigações sociaes: | o homem não quer ser simplesmente go-|vernado quer ser protegido, e dirigido | para sua prosperidade com a devida e pos-|sivel eficacia. Ninguem poderã duvidar | da certeza destes principios e a sua evi-|dencia tem levado todos os homens a convicção de que para alcançarem sua felici-|dade
60 precisaõ de um governo Represen-|tativo, em que os Monarcas façaõ todo o | bem, e sejaõ impossibilitados para faze-|rem algum mal. He somente protegido | pela sombra salutar da Constituição (baze | dos Governos Representativos) que o | homem obtem o gosto pleno e pacifico de | seus direitos, sem o que não será outra | cousa mais do que hum mero autômato | movido segundo o caprixo das classes pre-|ponderantes, hum objeto

65 instrumento, e miseravel artifice de seus males. O ho-|mem ja mais podia comprometer sua
dig-|nidade e renunciar o seu bem estar. Es-|tas verdades eternas em nossos dias sufici-
|entemente desenvolvidas, tem contribuido | para a propagação dos Governos livres, | elles
se achaõ espalhados em grande parte | na Europa; a America livre do jugo das antigas
70 Metropoles attesta esta verdade, e | tempo vira em que o prendaõ da Liberda-|de se arvore
entre aquelles degraçados | povos que ainda gemem debaixo do poder | Despotico, quando
ahi penetrarem as lu-|zes da Filosofia, e as insinuações da ver-|dade. Os mesmos Reys
entrando a fundo | no conhecimento dos seus verdadeiros interesses, no serio exame do que
compete | aos povos, tem transigido com elles, e | desde entaõ as Constituições oferecidas |
aos povos he hum efeito da Sabedoria dos | Imperantes, que vem prescrever a marcha |
75 regular da Sociedadade, por em equilibrio | os direitos dos governantes e dos governa-|dos,
em fim contribuir para o fim social, | que he o commum interesse e felicidade | geral.
Aplicada esta teoria a situaçaõ em | que felizmente se acha. O Brazil, ve-se que | a
Constituiçaõ outorgada pelo nosso Im-|mortal Imperador, por esse Príncipe | magnanimo e
Philosofo, expontaneamen-|te jurada por todos os Brasileiros, he filha | da reflexão, e
80 preparada pelo desenvolvi-|mento progressivo do espirito publico. | He impossível que huma
mudança Politi-|ca operada sob principios taõ solidos naõ continue sempre na mesma
direção que | tomou ao principio, nem cabe nas forças | humanas contrariar esse decidido
impulso. | Se he interesse do Monarca, e da sua | grande Politica fazer manter e observsr | a
Constituição porque he obra sua, monu-|mento da sua grandeza e sabedoria, e a baze em
85 que se funda o amor e respeito | dos seus subditos, he igualmente do inte-|resse do povo
Brazileiro sustenta-la a todo | o custo porque ella he o sagrado deposito | de seus direitos, e
garantia fiel das liber-|dades publicas, inimiga declarada da a-|marquia e da arbitrariedade.
A face pois | destas importantes verdades he facil de | ver qual será o exito da famosa
contenda | suscitada entre os cegos sectarios do Ab-|solutismo, e os amantes da
90 Constituiçaõ e da Liberdade: os esforços d'aquelles seraõ inteiramente inuteis, e tem de can-
|tar a victoria os principios de Justiça fir-|mados em codigos, cujo fundamento | magnifico
he huma bem entendida Liber-|dade. Jamais exaltaraõ os Theocratas | sobre as ruinas e
devastações do genero | humano. Não temamos o aviltamente da | humanidade, nós não
somos mais destina-|dos a contemplar o Despotismo, atos e hediondo monstro,
95 empolgando suas gar-|ras nos bens e despojos de suas victimas, | e bebendo o seu sangue;
pelo contrario | enchemo-nos de regozijo vendo a huma-|nidade a sombra de huma
Constituiçaõ | liberal folgar ja livre da influencia de se-|us opressores, e da avides e ambição
dos | que por seu proprio arbitrio se instauraõ | em regeneradores dos homens. O homem |
naõ nasceo para ser escravo, vive na So-|ciedade para andar socegado e seguro, a |
100 natureza o chama a seus nobres destinos, | e hum governo justo contribue para o de-
|sempenho dos deveres da associaçaõ. Mas | naõ he assim que alguns pensaõ, ou fin-|gem
pensar, o homem segundo elles he | hum escravo adscripto a gleba, toda a re-|clamação de
sua parte huma usurpa-|çaõ de authority digna de severo castigo | deve sofrer e calar e
repetir amiudados os-|culos sobre a mão que o flagella, e que | lhe lança as algemas;
105 nasceo destinado a | hum semelhante fim, e o menor esforço | para sacudir esse jugo he
huma ingeren-|cia criminosissima em objetos cujo exame naõ he de sua competencia. Tal he
a Doutrina propagada por huma associa-|çaõ nefanda, que pretende levantar ca-|beça entre

os homens e estabelecer o seu | dominio sobre a opressão e miseria da hu-|manidade, como
se não fossem conheci-/dos seus perversos intentos, e recentes em | todas as partes os
110 exemplos inauditos, | que dera de sua maldade e estragada mo-|ral patenteadas nos
assassinios, nas pro-|fanaçoens, nas guerras civis que fomen-|tou, nos regicidios, e em
quantas abomi-|naçoens se podem imaginar provadas e | documentadas pelos escriptos de
homens | imparciaes: tal he a Doutrina pregada | no seculo 19, e mais propria do 12 quan-
|do os homens se deixavaõ conduzir as ce-|gas, e feichando de propozito os ouvidos as |
115 judiciosas reflexoens dos verdadeiros ami-|gos da Religiaõ, da Monarquia, e da hu-
|manidade; taes saõ as maneiras com que | forcejaõ por dominar nos espiritos, e co-|roar
seu decadente imperio, proscreven-|do a rasaõ e encobriendo debaixo de apa-|rencias
sedutoras hum coraçãõ refalçado | que somente exerceria sua perversidade, | quando preso
o genero humano em suas | redes podesse arrojtar em terra a mascara, | e aparecer talqual
120 hera. || Mas perguntamos: achaõ-se dispostos | os homens para de bom grado se deixarem
| prender ao carro de triunfo desses perver-|sos? Estaõ preparados os elementos pa-|ra
arremeçarem o mundo civilisado na ig-|norancia e barbaridade da idade media? | Acaso os
povos escutaraõ sem orror as vo-|zes desses corifeos do Absolutismo, disfar-|çados debaixo
de diferentes nomes, mas | sempre inimigos do genero humano? Que-|reraõ os povos ouvir
125 os seus dictames se-|ductores e desta sorte cavarem a sua ruina? | Por ventura daraõ em
terra com o edificio | das Liberdades só por infernaes insinua-|çoens desses Sicofantas e
visionarios? De-|cidida e francamente o negamos, esperan-|do ainda demonstra-lo de modo
que nin-|guem de boa fe o duvide, e ensinando o | incauto e ignorante a confutar os
grosseiros | sofismas desses Apostolos da Sizania. Se | elles conseguem algumas vezes
130 embair o | povo, desvairar a opiniaõ publica e asso-|ciar Reys virtuosos, mas inexperientes a
| seus excessos, taõbem não saõ raras as | victorias alcançadas sobre elles pelas lu-|zes mui
difundidas, e pela Filosofia. | Monarcas tem existido os quaes tem feito | retardar o
progresso da Civilizaçaõ; po-|rem a historia abunda em exemplos de ou-|tros, que se poem
a sua frente, e adqui-|rem direito incontestavel aos gabos da | humanidade e as bençoens
135 de presentes e | vindouros. Sem referirmos exemplos es-|tranhos o nome do *Senhor Dom*
Pedro Iº. | galdando os Seculos, afrontará as idades | e viverá eternamente. Unamo-nos pois
| sempre em roda do throno do Nosso Im-|perador, e com a Constituiçaõ no peito, | e a
espada na maõ todos os bons Brazi-|leiros saberaõ repellir as sugestoens da | malevolencia
e castigarem severamente | aquelles que ouzarem profanar a arca | Santa das Liberdades
140 publicas. Afaste-|mos pois de nós sustos quimericos, seja-|mos Cidadaõs, e nada teremos a
temer | das guerras do fanatismo e da conspira-|çaõ que se tem formado contra a liberda-
|de dos povos. –

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da soberania constitucional.
4. Data do documento: 15 de junho de 1829.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 762
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 127, p.1. O Editorial também era rotulado como Artigo Comunicado.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 7.)

Artigo Comunicado

Balla ao Cruzeiro

Soberania

Ou as Sociedades são tão antigas como | o mundo, (disse hum sábio Escrip-
tor) ou | appareceó sobre a facce da terra o primei-
ro par de espécie humana, posto pela mão |
d´hum Deos seu Author, e Criador. Em | qualquer das duas pypoteses poderia eu |
desenvolver a mesma doutrina; porem como | esta ultima è a mais obvia e a recebida na |
5 Santa Igreja Romana, eu a tomarei por base. || Em virtude desta disposiçaõ do Supre-
Ser, multiplicados os homens, por isso | que todos eraõ iguaes, com iguaes direitos, | e
iguaes poderes, tinhaõ a faculdade de | procurarrem e escolherem todos os meios | da sua
subsistência; por instinto intrínseco | da natureza procuraraõ viver em socieda-
des. Ora nestas Sociedades assim effeitu-
das, aonde,ou em quem residia a Soberani-
a?... Não era
10 nas mesmas Sociedades?... | Que cousa era, ou poderia ser esta Soberani-
a?... Respondo:
Nenhuma outra cousa po-
deria ser se não - A Vontade de Todos - E | todos querendo
huma, e a mesma cousa, | quem poderia disputar-lha?... Eis o que | eu chamo verdadeira
Soberania: É a supre - | vontade d´huma Naçaõ inteira: É a soma, | e reuniaõ de todos os
poderes individuaes. | Logo se na Naçaõ existe a vontade supre-
ma, e o poder supremo; é
15 nella que reside | a Soberania Absoluta. Ora se na Naçaõ | existe esta Soberania, pela
reuniaõ da | VONTADE e do PODER supremo, Ella | pode escolher a forma de governo, que
me-
lhor lhe convier; e podia aceitar huma for-
ma de Governo, que lhe fosse offerecida, se
| nella visse a sua melhor conveniência, o-
brando nisso mesmo Soberanamente. Exemplo.
|| A Naçaõ Brasileira achou-se na sua | virilidade; espisinhada pela oppressao Por-
20 tugueza, e achando em si todos os recursos, | e capacidade dos grandes Povos, tocou o |
momento da sua Emancipaçaõ; para huma | revoluçaõ de tanto peso, era mister hum |

Chefe, e hum Deffensor: as virtudes, phi-|lantropia, e heróico denodo do Magnânimo |
Senhor Dom Pedro preencherão seus dezejos. | Ella O Elegeo seu Deffençor Perpetuo, e |
simultaneamente seu Imperador Constituci-|onal. Conhecida pela experiencia as incon-
25 |venientes delongas d'uma Constituição or-|ganizada por Representantes dissidentes, | e a
facção que desas dissdencias se origi-|nou, o Augusto Defensor cumprindo com | o que a
nação Lhe tinha confiado, - a sua | Conservação - dissolveo a primeira Assem-|blea,
offerecendo a Nação hum Projeto de | Constituição, que ella discutisse, aprovas-|se, ou
reporvasse. Note se, que *Sua Majestade Imperial* | não teria a soberania nacional; Elle der-
30 |rubou essa Assembleia por faciosa ficando | em vigor as leis, que ella já tinha promul-|gado;
cumprio fiel com o que a Nação Lhe | confiou. || A Nação brasileira recebeu o Projecto,
| e achando nelle todas as bases da sua pros-|peridade, todas as garantias, | e vantagens
para hum Governo estável, e justo; a Na-|ção Brasileira livremente adoptou, e jurou | o
Projecto offerecido, ficando como Consti-|tuição do Império: e puramente salva a | sua
35 soberania. (Tit. 3º art. 12) || E verdade que a Nação reconhece, e | agradece a *Sua
Majestade Imperial* o desempenho exacto | da confiança que Nelle pôz: e Dellegando-|Lhe
dias partes sublimes da Soberania, e a | Sancção: pagou sua egregia munificência |
depositando em suas mãos a chave da sua | existencia política. *Sua Majestade Imperial*
reconhece | igualmente a fiel confiança, que a Na-|ção Brasileira recebeu o seu Projeto; a
40 |confiança illimitada e justa que Nelle tem. || Pelo que temos expendido sobre prin-|cipios
de direito natural e a vista do nosso | mesmo exemplo, ficaõ aniquiladas as ma-|tracadas
luciferinas do monótono Cruzeiro, | com que nos aturde diariamente, pondo to-|do o
beneficio da parte do Imperante, e to-|da a obrigação da parte da Nação; confun-|dindo as
palavras offerecer, e outorgar = | *Sua Majestade Imperial* ao Brazil offereceo; e a Por-|tugas
45 outorgou: *Senhor* Cruzeiro nisto á gran-|de differença; não confunda ideas, des-|truindo
dest'arte o equilibrio, e garantias da | Constituição (Tit. 3º art, 9) Fica confun-|dida a
rinchada do seu Correspondente = | Amigo de Todos = quando disse, que *Sua Majestade
Imperial* era Chefe dos Brasileiros ainda | antes da sua Independência: se o Brazil fa-|zia
então parte da Monarchia Portugueza, | se obedecia a El Rei *Dom João 6º*, como | podia ter
50 outro Chefe alem d'Elle?... A Legitimidade começa no Brazil na Pessoa | do *Senhor Dom
Pedro Iº* para sua Decendencia | Legitima (const. Tit. Iº art. 4.: Cap. 4 art. 117) Dice *Senhor
Cruzeiro*, *Senhor* amigo-|taes cabeças taes sentenças.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da importância da Revolução de 7 de abril para a Independência.
4. Data do documento: 07 de abril de 1834.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 547
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal A Quotidiana Fidedigna nº 132, p.1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 8.)

O DIA

SETE D'ABRIL

O Brazil não deve contar em seus Faus-|tos hum dia mais glorioso, que o dia 7 de ABRIL. A Independencia, a Constitui-/caõ saõ Epochas sem duvida memoraveis: | mas o 7 de ABRIL foi o complemento da nos-|as Emancipação, e Liberdade. Sem elle a | Independencia seria hum nome pomposo | sim, mas illusorio, e a Constituição apenas hum fantasma para os
5 Povos, e na realidade | huma arma traiçoeira, e segura nas mãos do | Despota. || Em quanto entre nós existisse esse *Dom* Pe-|dro, como pedra angular do nosso edificio | social, nós seriamos independentes, e Bra-|zileiros em palavras; mas em realidade esca-|vos, e Luzitanos. Nós vimos a esse pertido | Duque de Bragança a principio fingir-se todo | Brasileiro a fim de empolgar o throno do | Brazil, nós lemos admirados seus manifestos |
10 patrioticos, suas Proclamações, que depon-|tavaõ de livres para demagogicas; nós o co-|nhecemos accendendo, e soprando o faixo | da discordia entre Brasileiros e europeos | e immediatamente que se julgou seguro, trocar as maos, crear huma caballa denomina-|da columnna, composta pela mór parte de fi-|lhos de Portugal, e de Brasileiros, taõ estu-|pidos, ou taõ desbriosos, e sevandijas, que | se não pejavaõ de servir de escabello á pre-
15 |ponderancia Luzitana a troco de titulos irri-|sorios de huma fitinha, e outras impostu-|ras, e palhaçarias vergonhosas. || Mas graças ao brio dos nossos Liberaes, | graças á honrosissima opposição que os fac-|ciosos escravos encontraraõ por todas as Pro-|vincias. Os infames disacorcoaraõ, treme-|raõ, fogirao espavoridos, e o Despota, de-|pois de vãs bravatas, vendo malogrados os | seus intentos, abdicou raivoso, e deixou-|nos, coberto de
20 maldições, execrado da Na-|çao', e apenas carpido por alguns imposto-|res, e velhacos. Entaõ descerrou-se o negro | véo que escondia os mysterios do antro do | [ilegível], ou

Gabinete secreto, cahirao' as | *Notabilidades* escravas, desassombrou-se o | Nacionalismo, e
pela primeira vez ficamos | Independentes. || Embora a demasiada banomia da nossa |
Administração actual haja animado aos escra-|vos, que certos na impunidade ousáao' le-
25 /vantar o torpe estandarte da restauração: | embora miseraveis salteadores, amestrados |
pelos intervenideiros do Duque de Bragança, | illudidos por suas vãs promessas, tenham' de-
|vastado os nossos campos, e derramado á | larga mao' por esses matos todos os crimes, |
e horrores, ensaios da reenthronização' de | *Dom Pedro*: inuteis esforços! Ultimos arrancos |
do monstro! A Liberdade não' torna atraz; e o Brazil, que pode sacudir do seu seio o Lu-
30 |zitano Despota, que o acabrunhava, o Bra-|zil, que soube triunfar da traição' de *Dom Pe-*
|dro, quando ainda poderoso, e ladeado dos | seus Janisaros, nao' deixará certamente, que |
elle reempolgue a preza, e venha saciar-se a | si de vinganças, e a nós de appobrios, e |
desgraças. || Viva pois sempre gloriosa, e prospera a | Nobre Revolução' de 7 de ABRIL. Ella
foi a que verdadeiramente nos Emancipou: ella | foi a que nos outorgou hum Imperador,
35 qual | nos convem, hum Filho do Brazil, em Quem | temos colocado doces, e venturosas
espe-|ranças. Haja uniaão entre nós, haja a devi-|da prudencia e sobre tudo respeitemos, e |
obedeçamos á Lei, que triunfaremos de viz | restauradores, de salteadores cabanos, e se-
|remos dignos de nome de Brasileiros, VIVA A HEROICA REVOLUÇÃO' DE 7 DE ABRIL.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial dividido em duas partes a primeira uma introdução sobre a nova feição do jornal e a segunda sobre questões econômicas e sociais de Pernambuco.
4. Data do documento: 02 de maio de 1835.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 851
9. Informações Levantadas: Texto retirado do Diário de Pernambuco nº 70.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 9.)

INTRODUÇÃO

Tomando nova face o nosso Periodico, refundin-|do-se com o Diario da Administração, não entenda | alguns que desandaremos a carreira [ilegível], isto | porque teremos outros fins, e consequentemente ou-|tra linguagem. Sempre pozemos a mira na felicidade | geral, e esta será a nossa bussola. Não abraçamos | partido algum, nem advogamos, se não o que nos pa-|rece honesto, e conformes aos eternos principios da | justica; e certos com Pagés, que só a Lei he authori-|dade, e liberdade que fora da lei não se encontra, se | não usurpação, e revolta, defenderemos sempre a cau-|sa da Legibilidade, sem todavia apadrinharmos as mal-|versações do Poder. || Huma causa he censurar os actos illegaes da Au-|thoridade que transpõe as balizas da sua jurisdição, e | outra causa he concitar os povos a desobediencia, e a | revolta, tirando a força moral do Governo, e conse-|guimente abrindo os diques a anarquia, e a toda a | sua terrivel cometiva. O primeiro procedimento he | proprio das almas livres, e caracteristico do verdadei-|ro Patriota; o segundo he a [ilegível] usual e já sedição | dos demagogos, e pertu[]badores, aos quaes não ha, | nem pode haver Governo que compraza; por que | Governo he synonymo de força; a força só se mantem | com [[com]] a ordem, e os anarquistas somente aspirão á desordem. || Não somos pois creaturas, nem parazytas do Gover-|no; pelo que reprovaremos aquelles de seus actos, que | forem de encontro á Lei, elogiaremos aquelles, que | julgarmos conformes á utilidade publica, e ás disposi-|ções legaes; por que se a censura judicisosa, e de-|cente serve para corrigir o vicio; o louvor das boas | seções he hum incentivo para a virtude, e hum pode-|roso estimulo para a imitação. || Não rejeitaremos por isso as Correspondencias, e | Communicados de nossos Assignantes, que conti-|verem censuras, e accusações contra qualquer Empre-|gado Publico, huma vez que taes escriptos sejam con-|cebidos em termos decorosos, e com os requisitos

le-|gaes. Finalmente o nosso novo Periodico servirá | quando estiver em nossas forcas para
edificar, ou reparar, e não para desmoronar, e destruir.

25

_____O_____

30 A questão da moeda de cobre he hoje o objeto da | diaria conversação do Povo
Pernambucano, que tem | chegado a este respeito ao ultimo apuro do sofrimento. | O
commercio acha-se quazi paralyzado: a pobreza | geme, o jornaleiro desatina, a rejeição da
moeda he | geral, e absoluta, todos chamão, todos se queixão, e | põe os olhos em a nossa
Respeitavel Assembleia Provin-|cial, donde tem libradas as esperanças de algum alivio | á
tão horrivel, e universal flagello. || Nós muito louvamos os escrupulos d'aquelles dos /
Senhores Deputados, que temem de ferir a Constituição | do Imperio: mas trata-se de
35 accodir a huma calami-|dade publica, e o recurso legal acha-se em tão grande | distancia,
que tarde, ou nunca virá soccorrer nos, co-|mo tanto havemos mister. E deixar-nos hemos
de-|golar huns aos outros, consetiremos, que Pernambuco | se abysme á espera, que do Rio
de Janeiro nos acu-|dão? Nunca o *Salus populi suprema lex* teve huma applicação tão
exacta, como ao apuro de circumstanci-|as, em que nos achamos: e não temão os nossos
40 Legis-|ladores Provinciaes de ser taxados de injustos, e ino-|vadores. Quem authorisou o
Povo do Rio de Janei-|ro para pegar em armas, e fazer, que abdicasse a Coroa | o Duque de
Bragança mui legitimo Imperador do | Brasil? Essa revolução em nenhum outro motivo se |
podia estribar, que não fosse em a necessidade publi-|ca: *Salus populi suprema lex*. Todas
as Provin-|cias anuirão, e a approvarão a nobre resolução da Cort-|te, e então ella se tornou
45 da vontade geral, e legiti-|mou se. Porque não diremos pouco mais, ou menos | o mesmo da
terrível colizão, em que nos achamos? | Porque a nossa Assembleia Provincial, instituida para
| ocorrer as necessidades peculiares da Provincia, não | lançará mão de uma medida
extraordinaria para sal-|vamos a todos, suscitando-a a approvação, ou repro-|vação
d'Assemblea Geral da Nação? || Temos visto varios Projectos dos Ilustres *Senhores* |
50 Deputados relativamente á moeda de cobre: todos el-|les em nosso entender [trecho
ilegível] | Lei; e consequentemente a nossa Assembleia ou ha de | cerrar os ouvidos aos
clamores, olhar com indifferenca | para a fome, a pobreza, e miseria de huma Provin-|cia
inteira, deixando apathica, e imperterrita que | rompa de todas as partes a guerra civil, ou
procuran-|do remediar tantos males, de forca tem de ferir a | Lei. Portanto ou nenhuma
55 Providencia , e pereça-|mos todos na varagem da fome, da penúria, e da | guerra civil, ou a
querer-se salvar a Provincia, he | preciso tomar huma medida radical, e decisiva. || A
reducção da moeda á metade do valor nominal | que ora tem, não nos preserva da invasão
de moeda | falsa, que nos traz o Estrangeiro: tudo quanto não for | chegar o valor nominal
da moeda ao seu valor intrin-|seco, não he capaz de somar os nossos males. Illus-|tres
60 Cidadãos. Representantes da Provincia, attendei | á nossa miseria, á nossa desgraça,
compadecei-vos da | pobreza, acodi-nos ja, e salvai-nos.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata das notícias que chegavam pelas embarcações e discute questões relacionadas à tirania e à liberdade por meio da legalidade.
4. Data do documento: 01 de setembro de 1835.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 264
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 162, p. 1. Texto sem título, localizado na primeira coluna da primeira página, abaixo do nome do jornal.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX - Editorial 10.)

Chegou no Parque do Norte com 85 dias de viagem, | e do Pará não pode nada aumentar sobre o seu estado: são de igual dacta as pessas do Vinagre, que trans-|creve o Ecco do Norte, e os documentos Officiaes que | vamos publicando. Tudo ali continuava no mesmo | pé; o Vinagre na Capital, o sentro sem o reconhe-|cer; e as embarcações de guerra em hum ancoradou-|ro fora da cidade. A expedição do Rio tinha levado | à seu bordo 110 praças de caçadores do Maranhão e | esses mesmos muito a custo, porque os padrinhos do | Vinagre tinham assoalhado huma revolta da escrava-|tura, da qual se não fallo mais depois da sahida da ex-|pedição! || Vinagre nos seus proclamas já não invocca a líber-|dade; já não he a tirannia o pretexto de seus sacrifi-|cios a prol da humanidade: despotismo, escravidão, | recolonização, restauração &c. &c. tudo isto são cou-|sas velhas, são *bixas que já não pegão*; e o Ecco | do Norte diz: Exercito da Legalidade, Deffensor da | Legalidade, Ordem e Legalidade, he o que escrevem | e falam os gazeteiros, a Regência e o Vinagre!... | E como não será assim, se no Brazil todos entendem | por legalidade o seu interesse, como outr'ora cada | hum tomava a liberdade politica por a execução dos | seus caprixos? O cazo he que, por meio da Legali-|dade nos vemos na mesma confuzão que no tempo em | que a liberdade era o Santo do dia das rugas. Quan-|do a civilização discipará as artimanhas das facções | deparando-nos huma tranquilidade permanente?

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da atenção aos melhoramentos políticos e à prosperidade do paiz, que parte do partido conservador.
4. Data do documento: 01 de fevereiro de 1856.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 1.566
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal O Paiz nº 1, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 33.)

Recife, 31 de janeiro de 1856

O PAIZ

O partido conservador desta província obri-|gado a discutir com os seus adversários, tem | cumprido este dever sustentando na imprensa | diferentes órgãos, como o *Libertador* e a *União*, | que se encarregaram de defender os principios | de ordem n'uma luta pela qual a provincia to-|mou interesse. || Uma das mais concludentes demonstrações | dos serviços
5 prestados por esse partido é sem | duvida o arrefecimento dessa luta ardente e do | interesse predominante que ella até certo tem-|po inspirava. || A sociedade brasileira, regularmente cons-|tituida e tendo passado por todos os riscos do | periodo da organização, póde hoje curar dos | interesses que se ligam ao futuro e que devem | assegurar-lhe um lugar distincto no meio das | nações. Para nós antigos conservadores e de | certo grande
10 triumpho podermos, já livres dos | botes da anarchia e da influencia dominadora | das paixões, consagrar a nossa atenção aos | melhoramentos politicos e a prosperidade do | paiz. || O gabinete do 7 de setembro e os seus dig-|nos delegados nesta provincia, hasteando no | campo da ordem e da opinião moderada a | bandeira da conciliação e dos melhoramentos. | Maes, comprehenderam as necessidades publi-|cas e determinaram o
15 character que deve tomar | a politica brasileira. || Esta politica ordeira e conciliadora de con-|servação e de progresso moral e material, pa-|rece de hoje em diante a politica nacional do | Brasil, que tem de substituir os desregramen-|tos da opinião, as agitações e revoltas estereis e as polemicas pessoaes, tão ociosas e aviltan-|tes. E esta a politica que o *Paiz* adopta, to-|mando um lugar humilde entre os seus Illustres collegas da imprensa. || Se o
20 cuidado dos negocios politicos é o de-|ver de todo cidadão assim como na phrase de | um estadista, o governo é o maior emprego | das faculdades humanas e dos homens eminen-|tes, os quaes a sociedade por interesse proprio | deve atrahir e conservar na administração

dos | seus negocios, e inegavel tambem que a po-|litica não deve constituir a unica
preocupação | da humanidade, e por conseguinte o assumpto | exclusivo da Impresa diaria
25 para satisfazer a | universalidade dos leitores. || Por este motivo o *Paiz* pretende occuopar-
se | de objetivos de interesse da lavoura, da indus-|tria, do commercio e da litteratura, e
abrir as | suas columnas a quaesquer avisos a publica-|ções de utilidade publico ou
particular. || A communicação em que vivemos com as na-|ções estrangeiras, com a capital
e as outras | provincias do imperio e com as comarcas desta provincia, tornando-as cada vez
30 mais frequen-|te, exprime uma das feições caracteristicas da | epoca – a aproximação
nacional e humanitaria. | Este movimento impõe deveres ao jornalismo, | e nós nos
propomos a satisfazê-los, informan-|do o publico dos acontecimentos que passarem | e das
questões que se agitarem nas diversas na-|ções e nas provincias deste imperio. Obriga-|mo-
nos também a noticiar as occurrencias das | nossas comarcas e a exprimir as suas neces-
35 |sidades e interesses por meio de breves episto-|las dos nossos correspondentes. ||
Começando uma existencia diaria, duvida-|mos poder conseguir plenamente o fim a que |
nos propomos com um formato tão acanha-|do. Provalmente pois teremos de augmen-|ta-lo
para a melhor servir os principios que de-|fedemos, para acompanhar mais de perto | a
discussão das necessidade publicas e para sa-|tisfazer a utilidade de nossos leitores.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata dos embates políticos pela imprensa.
4. Data do documento: 04 de fevereiro de 1856.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 977
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal O Paiz nº 2, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 34.)

OS PARTIDOS POLITICOS

A lei do repouso é também uma lei de Deos; | elle foi o primeiro a pratica-la no sétimo dia. |
Depois de longas fadigas, a natureza pede des-|canso. O trabalho sempre activo, sempre in-
|cessante e nunca interrompido não é o mais fe-|cundo em resultados proveitosos. || O
agricultor amanha o terreno, rega-o com | o suor de seu rosto, entrega-lhe a semente e |
5 espera a sua fecundação. O mesmo faz o pes-|cador. Prepara sua rede; toma-lhe as malhas;
| enlaça-lhe os fios, e, arremessando-a sobre o | lago dos peixes aguarda a sua colheita. São
| actos successivos, é verdade; mas ha sempre | um respiro, um intervallo de cessação. ||
Os partidos politicos vivem sob as mesmas | condições. Lutam, esbravejam, triumpham, |
tripudiam ao remanso da victoria, mas o can-|saço se manifesta logo em todas as suas arte-
10 |rias. Suas legiões debandam-se, e lá vão in-|vernar em seus arraiaes. Os lidadores ainda |
há pouco activos e ardentes, vê-los-heis agora | tibios e bisonhos. Surgem mesmo periodos
de | verdadeira indiferença, symptomas de com-|pleto marasmo. Muitas vezes se crè que os
| principios morreram de inanição; mas o seu | germen vive. Quando menos se cuida, os
cam-|peões que se suppunham inválidos se levantam | dessa espécie de vertigem
15 convencional, son-|dam a situação dos espíritos, espreitam o mo-|mento opportuno, sòa o
rebate, e ei-los, como | por encanto, de Morrões accesos nas amcias do | castello, em nova
attitude de combate. || O espírito humano é bem caprichosos senão | incomprehensivel nas
diversas phases de suas | manifestações! Ora electrico como a materia | inflamada que vibra
nos seio da nuvem; ora | calmo e seremo como a luz benefica que sobre-|vem á
20 tempestade! || Tudo em torno do homem são segredos e | mysterios. || O nosso silencio de
algun tempo á esta par-|te, além de explicar-se pelas leis que deixa-|mos escriptas, tem
também uma explicação | mui razoável e convincente nas circunstancias | especiaes da
nossa provincia. || Acabavamos de uma luta desesperada, que | havia azedado

profundamente as discussões | politicas. A injuria, o sarcasmo, e, não raro, | a calumnia
25 voavam de um á outro campo. A | atrocidade era santa, a verdade apenas um si-|mulacro
que se despedaçava nas mãos das fac-|ções. Ninguem por mais fascinado pela magia | de
suas cernças deixaria de reconhecer que | esse estado de cousas era affligidor, e que se-|ria
mesmo impossível que o progresso da no-|ssa terra não mirasse ao suão abraçador que |
nos estorcia. || Por outro lado viamos que o pensamento de | restituir a calma ás
30 paixões, de chamar os es-|piritos á um centro senão de accordo quanto | aos principios, ao
menos de moderação quanto | ás formulas do discutir, surgia nas altas re-|giões da politica
do paiz. Observamos que o | supremo depositario das summas do imperio, | inspirado por
esse immenso amor paternal que | consagra á seus subtidos, deixava entrever mui |
claramente a necessidade de reprimir os ex-|cessos do espirito de partido por meio de uma |
35 politica da indulgencia e de mansuctude. As-|sim uma revelavam os actos de seu governo,
por | largas concessões e favores aos que se diziam vencidos. || Nós, que sempre nos
distinguimos pela mo-|deração de nossos princípios, inclinámo-nos ao | reclamo que vinha
do alto, por entendermos | que havia nesse desígnio a maior pureza e ge-|nerosidade de
coração. Accordámos em tem-|perar o mais possível as discussões da impren-|sa, e evitar
40 assim qualquer estimula á vivaci-|dade dos espíritos, deixando que o tempo, a | experiência,
os factos e a reflexão dobrassem os instictos de esperidão e de violencia que |
progressivamente patenteava o jornalismo po-|lítico. || Procuramos dar uma nova
dircção ao espi-|rito publico, lisongeando-o com as perspecti-|vas brilhantes de emprezas
grandiosas que sin-|ceramente temos fomentado, e cujos resulta-|dos hão de engrandecer o
45 futuro do nosso paiz. || De feito, as nossas experiencias, bem que | ainda fluctuem na
esphera das tentativas, pois | que os grandes melhoramentos não se fundem | de um só
jacto, deixam-nos as mais gratas es-|peranças de que havemos de colher os fructos | que se
nos antolharam. O que se não pode con-|testar é que a calma e a reflexão vão resurgin-|do
em todos os animos. As animosidades | acham-se indubitavelmente mais modificadas | e em
50 véspera de acabarem. Os nossos proprios | adversarios, pondo de parte algumas manifes-
|tações de ódio pessoal que lá uma ou outra vez | surgem em seus periodicos, revelam sem
du-|vida muita tendencia a repudiarem esse genero | de combate, com improprio de
cavalleiros | que disputam o futuro; parece mesmo que se | vão envergonhando desses
transbordamentos ir-|racionaes, que, além de contratarem com a | indole e character deste
grande povo, são ver-|dadeiros anachronismos. || Cumpre, pois, que os estimulemos a
55 abjura-|rem por uma vez essas velhas usanças, e que | os convidemos muito ingenuamente
a levar as | questões politicas ao seu campo proprio, ba-|nindo essas insolencias de
linguagem, esses | pungimentos de estylo, essas investivas desal-|madas, esse aggre-
dir desapiedado que barbari-|sam a nossa imprensa politica, desvairam as | imaginações do
60 povo, e attacam de frente to-|das as máximas da moral christãa. || Nestas
vistas aceitamos a collaboração do | jornal que hoje sauda á nova phase de regene-|ração em que
temos entrado. É tempo de co-|nhecermos e deplorarmos os erros da nossa in-|fancia
politica. A justiça de ambos os pleitos | que se debatem está julgada. É mister que fa-|çamos
novas explorações e descobertas, não | nos dominios da vida privada dos individuos, | mas
65 sim no grande campo do progresso huma-|no, e assim emparelharmos com os outros po-
|vos que marcham para o seu aperfeiçoamento | moral. || Somos pequenos, he verdade;

mas nem isso | he vergonha, nem impedirá que as grandes | nações nos respeitem se formos respeitaveis.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da avaliação do ano que se acabou e das expectativas para o que se inicia.
4. Data do documento: 02 de janeiro de 1857.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 3.116
9. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 1, p. 2.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 35.)

O DIARIO DE PERNAMBUCO

Recife I de janeiro de 1957

Um anno que começa e outro que acaba são um | assumpto fecundo que o tempo offerrece á medita-|ção geral, uma lição para o futuro das sociedades, | e um motivo de novas esperanças. || Talvez que o anno que hontem se sumio no | golphão do passado não seja mais privilegiado do | que outro qualquer nas suas diversas variações de | bem ou mal, 5 porem se delle nos queiramos com | especialidade, he porque o consideramos de mais | perto e nos successos contemporamos. || Por outro lado, sempre que começa um anno | novo, imaginamos que será differente do que pre-|cedeu, e que melhores condições futuras de felici-|dade nos indenisarão das perdas passadas: he | um bello motivo para progredirmos a inspiração | do porvir, e uma ds leis supremas da historia do | genero 10 humano. || Em geral, a Europa encerra todo o mundo para | nos, porque a Asia, e a Africa pouco ou quase nenhum | interesse os inspiram. Assim, se dermos balanço | aos acontecimentos mais notaveis que durante o anno | de 1856 tiveram lugar no continente europeu, | veremos que o trabalho de Paris foi o facto culmi-|nante desta época. As primeiros dias deste anno | ainda se passaram sob as palpitações de susto e a-|gonia que 15 causava o grande conflicto orienttal, | ainda os arsenaes de guerra e de marinha da França | e da Inglaterra se occupavam com preparativos | bellicos; e o Baltico era o theatro escolhido para | continuar-se a representação do drama, cujo prolo-|go fora a tomada do collosu moscovita no Mar | Negro: mas a 30 de março o congresso reunido em | Paris proferio o acto que deu a paz a Europa, e | que parece ter resolvido a questão oriental, suspen-|sa ha 20 muitos annos sobre o mundo, como uma | ameaça perpetua. || Em consequencia deste acto, he provavel que a. | Turquia ao menos por algum tempo, não tenha | o que tomar a ambição secular da Russia, pois | que o tratado levantou uma barreira, que nehu-|ma potencia

poderá transpôr impunemente, assim como a Europa não recebe mais nada da politica |
tradicional dos czares. || Segundo os protestos que fez o filho Nicolao, | parece que não
25 quer herdar as idéas que inspira-|ram os seus predecessores e assignando o instrumen-|to
de paz, deve ter abjurando solenemente a tradic-|ção dos seus avós, que foi talvez ainda
menos | vencida pelas armas das potencias occidentaes, do | que pelo espirito e tendencias
da civilisação mo-|derna. || As estipulações que se referem á neutralisação | do Mar negro,
ao projecto de novas fronteiras en-|tre a Russia e a Turquia e a futura organisação | dos
30 principados [ilegível] de maneira que es-|capem para sempre a um protectorado estrangeiro,
| são outras tantas garantias que protegerão o impe-|rio dos sulhões contra qualquer
agressão futura, | fortificarão a Turquia e consolidarão o equilibrio | da Europa. || A
admissão do império ottomano no conceito | europeu, a garantia collectiva das grandes
poten-|cias para tudo quanto diz respeito a integridade | do imperio, o seu concurso e
35 compromissos diplo-|maticos sobre todas as questões, que se lhe referem | serão ponto de
partida de um novo direito pu-|blico para a Europa e o aniquilamento formal de | qualquer
preponderancia exclusiva, de qualquer | ambição pessoal de qualquer politica que se não |
ligue completamente aos interesses da Europa e | da civilisação. || Numa palavra, se o
tratado de 30 de março | não comprehendeu as nacionalidades extinctas, nos | seus trinta e
40 quatro artigos se o cadaver da Po-|lonia não recobrou a vida, se Hungria continua | a
nutrir-se com as recordações gloriosas dos seus | oito séculos de existencia passada, e a
Italia ainda | permanece mutilada, sob o peso cruel de despo-|tismo diferentes, ao menos,
considerando sagra-|das as propriedades particulares para os bellige-|rantes, fundando-se a
theoria das sociedades civilisa-|das, de que a guerra se deve fazer de estado a estado, e |
45 não de individuo a individuo, riscou do código das nações o velho direito maritimo acerca do
arma-|mento de corsarios, e [ilegível] a Europa a paz | que gozara por espaço de trinta e
tantos annos. | Verdade he que foi comprada por um preço mui | elevado, pois que só de
cinco potencias occidentaes | custou sete mil milhões de cruzados: mas he pro-|vavel que a
sociedade moderna dê um novo passo | e realise uma conquista sobre o futuro. || Outro
50 successo importante que teve lugar no | velho continente europeu, foi a revolução operada |
na Hespanha a 14 de julho; apenas a guerra do | Oriente se havia terminado, quando uma
nova per-|turbação surgiu naquelle desgracado paiz, e o san-|gue correu em Madrid,
Saragoça, Barcelona e em | outros muitos lugares. Espartero que o governava | a Hespanha
desde julho de 1854, foi derrubado do | poder pelo marechal O'Donnell. || Dahi em vante
55 começou a obra da reacção des-|potica, restaurou-se a theoria dos espingardiamen-|tos,
resgaram-se as leis liberaes emanadas das cor-|tes constituintes, restituiram-se os bens á
rainha | Maria Christine, que eram considerados como uma | depredação feita aos cofres
publicos, a final no principio do mez de outubro, Narvaez, causa princi-|pal da revolução de
1854, foi honrado com a | confiança da corôa, organisou um ministero intei-|ramente
60 reaccionario, e procura pôr em pratica as | suas theorias despoticas, restaurando todos os
ve-|lhos principios das monarchias gothicas. Pobre | Hespanha! Em menos de trez mezes
tem experi-|mentado trez homens prodigiosos e poucos que o | termo das suas dôres ainda
se acha mui longe: os | seus soffrimentos tem uma causa profunda que se | liga a natureza
das couzas, as suas insituições po-|liticas, e uma simples mudança de homens não | basta
65 para esconjura-|la. || Embora o tratado de 30 de março não estipu-|lasse nada acerca da

Italia, com tudo, nos proto-colos das conferencias, os plenipotenciarios, francez, inglez e sardo, profefiram algumas palavras sobre a sorte desse paiz. Estas palavras animaram o jornalismo da França e da Inglaterra, que começou a censurar e condenar energicamente o regimem interno do reino de Napoles e a administração a que estão sujeitos os estados pontifícios. || Por outro lado, sabe-se que a Austria he senhora da mais rica porção da alta Italia, que os tratados de Viena lhe adjudicaram a Lombardia e a Venecia, e que ella reina ahi despoliticamente como el-rei de Napoles nos seus Estados. Assim, as reformas que se exigem para os estados do Papa e de el-rei de Napoles devem ser igualmente applicadas as possessões austriacas. || As violencias dos jornais inglezes e as declamações que tiveram lugar nas camaras de Turim acerca da questão italiana, excitaram os animos e encontraram echo nas regiões superiores da politica. || Os governos da França e da Inglaterra, embora não se importassem com a Austria, dirigiram varias notas a Fernando II, aconselhando-lhe que adoptasse uma politica mais benigna para os seus Estados. El-rei de Napoles repellio as ensinuações dos gabinetes das [ilegível] de São James protestou contra a intervenção da França e da Inglaterra no governo interno dos seus Estados, e tratou de organizar os meios de defesa para se oppor a qual-quer aggressão estrangeira. || A Russia pelo orgão do principe [ilegível] publicou uma nota, em que manifestava as suas sympathias em favor de Fernando II, allegando que as duas grandes potencias accidentaes estavam em uma flagrante contradicção, querendo intervir nos negocios internos do reino de Nápoles - ellas que tinham sido as mesmas que em 1852 se haviam opposto ao czar Nicoláo, sob pretexto de que não podia ingerir-se nas questões domesticas do império ottomano. || Entretanto, segundo as ultimas noticias chegadas da Europa, consta que os embaixadores napolitanos, residentes nas cortes de Paris e de Londres, receberam ultimamente os seus passaportes e se retiraram. Eis situação actual dos negócios na Italia, e se a Austria, que tem grande interesse não se tornar medianeira na questão, he provavel que estas desintelligencias se tornem o santo para uma conflagração geral na peninsula indica, que se pode estender a todo o continente europeu. || Como dissemos no principio deste artigo, o tratado de 30 de março foi o facto mais culminante do anno de 1856. Todos os grandes acontecimentos que tiveram lugar neste periodo, derivam ou se explicam por via deste successo. A aliança franco-ingleza cimentada por tanto sangue derramado na Criméa e um dos acontecimentos mais singulares da primeira metade desse seculo, que nunca pôde ser realizado um tempo algum, esteve em vespera de dissolver-se um consecuencia da falta de cumprimento das estipulações do tratado de Paris; a *entente cordiale* entre França e a Inglaterra soffrem um resfriamento momentaneo, mas parece que as occurrencias que deram causa a este accidente se arranjarão amigavelmente, e o sobrinho do prisioneiro de Santa Helena continuará a ser amigo da neta de Henrique VIII, para juntos dirigirem os destinos do mundo. || Pondo de parte a inundaçáo que desolou a França, e deixou a mais de 30.00 familias sem abrigo e sem pão, e as discussões que tiveram lugar no parlamento inglez contra as tradições e doutrinas de governo que já não são da nossa época mas que ainda dominam no reino unido da Grã-Bretanha, eis pouco mais ou menos os acontecimentos que assignalaram a Europa durante o anno de 1856. || Os Estados Unidos continuaram a sua politica de egoismo e de contradicções, sob os auspicios do *self-governement*, [ilegível]

nas dobras espessas da grande felicidade. || Uma pequena differença suscitada entre o
110 gover-|no de Washington e o de Londres em consequencia | do alistamento promovido no
território da União | pelo encarregado de negocios da Inglaterra, durante | a guerra do
Oriente, por algum tempo alterou as | relações dos dous paizes. Ao principio a occuren-|cia
foi considerada como um rompimento e um ger-|mem de graves discussões entre os dous
Estados; mas; depois de algumas satisfações reciprocas, a diver-|gencia se ajustou
115 diplomaticamente e hoje prose-|guem nas boas relações de amisade. Ultimamente | teve
lugar a eleição do presidente da republica, e de | ter corrido o sangue em algumas partes,
obteve a | maioria dos sulfragios Mr. Buchanan, candidado do | partido democrata. || Se
volvermos os olhos para o nosso territorio, | veremos que vamos caminhando a passos
largos | para o futuro brilhante que Deos nos destunou, na | sua providencia divina, e que ja
vai causando inveja | as nações do velho mundo. || As nossas relações externas com a
120 Europa | como com as republicas do continente sul americano e a dos Estados Unidos, se
acham nas melhores condições | condições possiveis de paz, e a este respeito todos os
textos de estima e consideração da parte dos gover-|nos de algum dos estados visinhos, que
salientam | cultivar relações de amisade com nosco. || A desintelligencia que o principio do
125 anno passa-|do ainda presenciou entre o Brasil e o Paraguay foi, | resolvida
diplomaticamente e a 14 de julho publi-|caram-se tres decretos, promulgando os tratados de
| amisade, commercio e navegação entre o Brasil e a Republi-|ca do Paraguay, e a
convenção com a Republica do | Paraguay acerca de limites. Este acto foi geralmen-|te
applaudido, por que he considerado como um | passo seguro para o restabelecimento e
130 harmonia | das relações de amisade entre o Brasil e aquellas | republicas. || A prudencia e
habilidade do governo de um la-|do e do outro o bom senso do povo brasileiro e o | seu
amor aos dons de civilização, ha permitido que a | ordem publica não tenha sido perturbada
durante o | período do oito annos, depois da ascensão da poli-|tica que dirige os negocios
internos do paiz. Posto | que a morte prematura do Marques do Paraná fos-|se uma grande
135 perda para a nação, com[]rida esta | politica não soffreu alteração nas suas bases essencia-
|les - nem ao menos uma mudança no pessoal | do gabiente de que era presidente o Illustre
mar-|quez. || A epidemia que desolou todo o paiz, e roubou | milhares de braços á
agricultura, não interrompeu | a nossa prosperidade. || Pede a justiça que confessemos, como
um tributo | á verdade, que por esta occasião o governo imperi-|al e os presidentes nas
140 provincias, deram as pro-|vas mais evidentes do seu amor e solitude em fa-|vor das classes
desvalidas da sociedade. Os co-|fres publicos foram abertos e prodigalisados com os |
infelizes privados dos meios de subsistência, e em | todos os pontos se organisaram serviços
medicos | para os socorrer. Foi tal a dedicação do governo | e de muitos participantes, que a
este respeito não ti-|vemos de invejar a civilização europea. || Durante o anno que se findou
145 o Brasil gozou | de um credito singular em todas as praças da Eu-|ropa; ao passo que todos
os fundos publicos, bai-|xaram nas bolças de Londres e de Paris, os brazi-|leiros, depois dos
inglezes, eram os que tinham | maior credito, e se procuravam com prefe-|rencia. || Em
consequencia da situação pacifica e florescente | em que se acha o paiz, o commercio de
importação | augmentou com as precisões de uma população | crescente: as rendas publicas
150 duplicaram: a rique-|za material se desenvolveu e cresceu: a associação dos capitaes, essa
forma mais potente que o vapor | creou, multiplicou, e organisou empresas de todo | o

genero; e a corrente da emigração estrangeira | começou a dirigir-se espontaneamente para o nosso | territorio. Todos os dias chegaram navios car-|regados de colonos, já atraídos pelo proprio go-|verno, já convidados pelas promessas dos particu-|lares.|| Tudo entre nós
155 tende para uma prosperidade | invejvel. A nossa marinha de guerra, que já |contra quarenta e dous vasos, he a primeira de toda | a America do Sul, e a de cabotagem tornou inces-|santemente proporções grandiosas. A estatística | dos crimes diminuiu consideravelmente. O ex-|ercito recebeu muitas modificações, e todas as re-|partições publicas soffreram grandes reformas no | seu pessoal! e economia. Os melhoramentos mo-|raes e materiaes que
160 hoje constituem a grande pre-|ocupação universal do seculo, tambem não ficaram | esquecidos. || A segurança da vida e da propriedade do cidadão, | e o respeito as leis se vão tornando uma realidade, | graças á energia com que os delegados do governo | imperial nas provincias tem perseguido os crimino-|sos e feito sentir a sua acção justiceira as autoridades, cuja convivencia e tibieza concorriam para | a impunidade. || O anno que se
165 findou vio encerrar-se-se a legislatu-|ra que tinha começado em 1852. a ultima ses-|são das camaras foi mui pallida. Não appareceu | iniciação alguma digna da attenção: os quatro | mezes do costume apenas foram consagrados a algumas questões de interesse secundário e a discus-|são das leis do orçamento e de fixação de forças. || A 2 de novembro fez-se em todo o imperio, a primeira experiencia do novo systema eleitoral, e a 2 de dezembro
170 elegeram-se os deputados para le-|gislatura, que deve encetar os seus trabalhos em | maio do anno que hoje começa. Se o novo | processo não deu todos os resultados, que se aguar-|davam, se em todas as parte, a eleição não foi | uma completa realidade, ao mesmo desapareceram muitos abusos e escandalos, que eram tão communs | em todos tempos. Entretanto, fôra conveniente | que as condições de elegibilidade fossem alteradas | na
175 eleição primeira, de sorte que o votante offereça | mais garantias de independência. He certo que todos | os membros de qualquer communhão civil tem direito | a concorrer para formação do governo do paiz, mas em quanto todos não tiverem consciencia deste | direito, e o não souberem apreciar devidamente | a razão e justiça aconselham que se façam algumas | excepções no exercicio deste direito em bem da pro-|pria communhão civil, afim
180 de evitar-se a anarchia| e a desordem.|| Agora digamos algumas palavras a ceca desta | porção do solo da Santa Cruz onde a providencia | permittio que nascessemos. As florescencias de um | risonho futuo indicam que Pernmabuco está desti-|nado a uma prosperidade admiravel, e que dentro | em pouco poderá representar um magnifico papel | no concerto das outras provincias do impe-|rio, especialmente se tiver a fortuna de conser-
185 |var por alguns annos uma administração similhan-|te a do muito digno e illustrado administrador que | actualmente dirige os seus negocios, e se mantiver os habitos de paz e socego que desfruct ha mui-|tos annos. || Nas espheras ordinarias da actividade, esta provincia realisou alguns melhoramentos e encetou | outros no bissexto findo que devem accellar a sua | grandeza futura. || O Gymnasio provincial começou a funcionar | sob os cuidados e desvellos de um homem pratico | e dedicado que tem em seu favor a confiança una-|nime da provincia. Embora a epidemia não per-|mitisse que os trabalhos comesçassem no tempo con-|veniente, com todo o estabelecimento foi frequen-|tado por um numero consideravel de intermos ex-|ternos, tanto desta como de outras provincias do | sul e do norte do imperio: e tudo indica que a | instituição he destinada a um brilhante porvir. || A

195 companhia Pernambucana continuou a suas | operações que tinham sido interrompidas pelo
si-|nistro do *Marquez de Olinda*. Recebeu de Lon-|dres o *Iguarassu*, que ja tem feito duas
viagens | redondas, e espera todos os dias outro vapor o *Per-|senunga* para poder
estabelecer a regularidade das | que se [ilegível] deste importante melhoramento. | A
200 companhia de vapor de roboque tambem inau-|gurou as suas operações, e o commercio está
mui | satisfeito com este passo dado na carreira do por-|gresso. O Patent-|slip, esta medida
de [ilegível] alcance | elevado, em breve dará a somma de bens que delle | se esperam. ||
Com a proclamação da paz a 30 de março or-|ganisou-se em Londres a companhia que se
encar-|regou da construção da nossa estrada de ferro; | passaram-se todas as acções,
começaram-se os tra-|balhos da primeira secção, que já se acha bas-|tante adiantada, e o
205 conselho de direcção espera a-|bri-la ao tranzito publico até o mez de junho vin-|douro. ||
A alfandega augmentou as suas rendas n'uma | proporção magnifica, o espirito de
associação te-|ve grande desinvolvimento: na esphera da segu-|rança individual e de
propriedade não apparece-|ram as violações, que outras epochas eram tão |
frequentes, e depunham horriavelmente contra a nos-|sa civilisação. Se o anno de
210 1856 não foi com-|pletamente satisfatorio para nós, nem por isso foi | um dos mais
infelizes que contem os nossos an-|naes.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da estatística dos insultos e das pessoas insultadas pelo Liberal Pernambucano.
4. Data do documento: 24 de janeiro de 1857.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 1.179
9. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 19, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 36.)

Diario de Pernambuco

Continuamos hoje a estatística dos insultos e das | pessoas insultadas pelo *Liberal Pernambucano*, des-|de as eleições de setembro. He a terceira relação | que publicamos. || A primeira no *Diario* de 14 do corrente, compre-|hendendo os dias de 11 de setembro até 30 de ou-|tubro apresentou 82 pessoas insultadas por seus no-|mes. A segunda publicada no

5 *Diario* de 17 apre-|sentou 91 pessoas insultadas. A terceira relação | que agora damos apresenta 57, e chega até o dia 31 | de dezembro. || O numero pois das pessoas insultadas por seus | proprios nomes, ou por allusões claras sobe de 210 no | periodo que vai de 11 de setembro até 31 de dezem-|bro, isto em 111 dias consecutivos compreendidos | domingos e dias santos, e em 92 numeros que tan-|tos foram publicados naquelle espaço de tempo. ||

10 Nossos leitores devem ter sempre em vista que | nessas 230 pessoas não se comprehendem os que são | insultados em massa pela corporação, repartição pu-|blica, familia, ou partido político a que pertença, | menos ainda as grandes classificações de castas, como | a dos pretos e pardos tratados com soberano despre-|zo pelos homens brancos do *Liberal*. Também nes-|tes extratos não comprehendemos os insultos, e in-|jurias em artigos ou

15 comunicados assignados por | particulares contra outros particulares ou autorida-|des quer da cidade, quer das comarcas de fora, nem | as perguntas insultantes em que tanto tem abundado | o *Liberal*. || Sabemos muito bem que esta demonstração ma-|thematica e irrefutavel de que o *Liberal* tem sido uma provocação constante á paciencia do povo Per-|nambucano, não obstará que aquelles sapientíssi-|mos e profundissimos escriptores,

20 continuem a | afirmar que elles são os mantenedores únicos da | moralidade da imprensa. Também não he para os | convencermos, ou arrancarmos uma confissão que nós | escrevemos, he para que o povo o julgue. || Relação das pessoas diariamente insultadas, e

dos | epithetos injuriosos para isto empregados pelo | *Liberal Pernambucano*, depois da
eleição de se-|tembro. || Dia 11 de dezembro – Foram insultadas 3 pessoas | pelos seus
25 próprios nomes e uma por allusão, os | epithetos injuriosos mais usados foram de convarde,
| indigno, cão hydrophobico, charlatão miserável, mão | leprosa, baixo instrumento, vil
escravo, energume-|no, bebado, intrigante, insolente, o lugar do negro | he na cosinha, ou
no topo da escada, vendido, rou-|bador do estado, carrasco. Foram igualmente in-|juriados
os membros do partido conservador com os | epithetos de aventureiros, desordeiros,
30 fraudulentos, | sicarios, bandidos, espoletas, escravos. || Continuaram os ápodos e
sarcasmos ao *Excelentíssimo* Presidente da provincia. (...) || Dia 15 – Foram insultadas
duas pessoas nomea-|damente: os epithetos foram: criminoso no trafico | de africanos,
energumeno, detractor, cão hydropho-|bico, perverso, baixo e vil, mentiroso, miseravel, |
desleal como um [ilegível] charlatão perverso, filho do | espirito das trevas. Foi minoseado o
35 *Excelentíssimo* persidente da provincia com os epithetos de deslavado, | tem perdido os
sentimentos de pudor etc. etc. || Dia 16 – Foram insultados por allusões conheci-|das 8
pessoas e mais uma por seu próprio nome; os | epithetos foram os do dia 13, atheus
republicanos| etc., etc., etc., e mais mentirosos, especulador, ho-|mem incapaz de corar, um
escarro não pode appa-|recer nas paredes de uma cosinha, faz allusão a cor | da pessoa
40 insultada, miserável, espoleta traficante. | Nesse dia foram também insultados os membros
das | familias Cavalcanti e Rego Barros. Continua a | chover insultos a pessoa do presidente
da provincia. || Dia 17 – Nesse dia foi horripelmente injuriado e | calumniado o presidente
da provincia com nojentos | epithetos. Foram também insultadas 2 pessoas no-
|meadamente, e por aluões conhecidas, sete: os epi-|thetos foram contrabandista, chefe de
45 aventureiros, | caráter baixo, indigno instrumento de rancorosos | inimigos, miseravel
degradado, abdicou todo o sem-|timento de brio, desertor. Prodigalisaram-se aos | membros
do partido conservador e ao corpo eleito-|ral do Recife os epithetos de sicarios, servil e baixa
| ralé, canalha sem lei nem fé, conspiradores, per-|seguidores da honra, inimigos da virtude
e probida-|de, assassinos, miseraveis, beberrões, ganhadores, | traficantes, peraltas,
50 gatunantes. || Dia 18 – Nesse dia em um nauzeabundo artigo, | em que se intriga
infamemente a redação deste | *Diario* com o consul francez, foi injuriada por allu-|sões uma
pessoa, com os epithetos de ralado de ódio | e inveja contra a sociedade que o despresa,
hydro-|venenosa, etc., etc., etc. Foram ridicularizados os | eleitores de Olinda e igarassu, e
alguns candidatos | a deputação geral. || Dia 20 – Foram insultados os principaes membros |
55 da familia Cavalcanti, aos qaes se denomina de | contrabandistas de africanos,etc., etc., etc.
Neste | dia foi injuriado um membro da assemblea geral, | occupando-se a redacção do
Liberal com a sua vida | privada, seu nascimento ou descendência; cobri-|ram-no de
baldões, e improperios, os epithetos fo-|ram os de creado de servir, intrigante ,
prevaricador, | conquistador de raparigas, africanista, criminoso que | devia jazer em uma
60 prisão etc., etc., etc. || De volta com esta pessoa foi doestado o presi-|dente da
provincia. || Dia 22 – Foram insultados nomeadamente duas | pessoas com os epithetos de
contrabandista de afri-|canos, e passador de sedulas falsas. Continuaram os | doestos a *Sua*
Excelência. || Dia 23 – Foi nomeadamente insultada uma pes-|soa, e por allusões e
appellidos ou alcunhas conhe-|cidas cinco: os epithetos mais usados foram ins-|trumentos
65 de vinganças baixas e torpes, infame, mal | ganha reputação, tranquiernista, fraudulentos,

fra-|quistas, desordeiros, vis ganhadores, chefe de contra-|bandistas, socios de africanistas, descarado traficante, | escravo, bestunto, barão, eleitores comprados, torpes | sevandijas, venaes, prevaricadores, trahidores, be-|bados. Nesse choveram insultos e impropérios a | pessoa de *Sua Excelência* o presidente da provincia, e ao | partido conservador. || Dia 26 –

70 Foi insultada nomeadamente uma pessoa | com os epithetos de pirata, cínico esfarrapado, torpe | corruptor, reo confesso ao crime de pirataria, crimi-|nosos de redução de homens livres a escravidão, o | maior dos *calabares*, character baixo, vil e corrompi-|do, traficante, que por dinheiro he capaz de todas | as infamias, infame, sevandija, ingrato, lambe pra-|tos. || Em uma versalhada foram insultados os membros | do partido conservador, e com elles

75 *Sua Excelência* o presi-|dente da provincia: os epithetos foram – corrom-|pida caterva de jumentos, baianno pelor que Locuflo | corruptos cavalgadores, vil servidor, besta maldita, | fingido, fallaz, perverso, traidor, tyranno, lobo as-|gaz, cadino e voraz. || Dia 27 – Nesse dia oocupou-se o *Liberal* com a | vida publica e particular de um Ministro de estado, | e cobrio-o de baldões, e insultos, denominou-o cons-|tantemente de baixo instrumento, escravo,

80 improbo, | catavento, etc. etc. || Dia 29 – Foram insultadas por allusões conhecidas | dez pessoas, os epithetos foram: atheos, republica-|nos communistas, introductores de sedulas falsas, | contrabandistas de africanos, falsificadores de firmas, | prevaricadores expellidos de repartições publicas, in-|trigantes, apostalos, e assassinos. Nesse dia, mais | do que nunca, choveram os mais asquerosos insultos | a pessoa do presidente da provincia. || Dia 31 –

85 Nesse dia fez o *Liberal* um resumo de | descomposturas, e nellas envolvem o ministério, o | presidente desta provincia, os membros da assem-|blea geral, a familia Cavalcanti e o partido gua-|biru.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata de chamar a atenção dos supremos poderes do país sobre o que se passa na diocese de Recife.
4. Data do documento: 01 de fevereiro de 1860.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 981
9. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 26, pp. 2 e 3.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 37.)

Diario de Pernambuco

Clama,ne cesse

Quando o escriptor publico suscita uma dis-|cussão sobre pontos improtantes ainda que não
| tenha a fortuna de acertar em seu parecer, tem | sempre o merito de despertar a opinião
publica, | fixando-a n’um scopo transcendente; e a verdade e utilidade que d’ahi resultarem,
se não são | filhas suas, pelo menos lhe devem o primeiro sopro de vida. || Com este fim, ou
5 com o generoso intuito de | chamar a attenção dos supremos poderes do paiz | sobre o que
se passa na nossa diocese, manifes-|tamos no nosso primeiro artigo o desgosto pro-|fundo
que nos tem produzido a maneira tibia, | irregular, e ante-canonica, porque vai sendo regido
[[regido]] um dos bispados mais importantes | do imperio. || Despidos de toda a
10 indisposição pessoal para | com o digno prelado, a quem sempre venera-|mos, e cujos
serviços d’outr’ora sempre registra-|mos com prazer, commettemos o trabalho de re-
|produzir em nossas columnas as murmurações, | e acerrimas censuras que ahi rompem de
todas as boccas contra o mão systema da nossa admi-|nistração espiritual. E não
permitindo a gravi-|dade desta discussão que desçamos á especifica-|ção particularisada de
15 anedotas pouco decoro-|sas, que a cada canto repetem contra indivi-|duos que fazem parte
do *consistorio* episcopal, nos ocuparemos hoje da apreciação de um facto, que mais clamores
tem excitado, e que no nosso | entender importa uma violação flagrante dos ca-|nones do
Concilio de Trento, e das leis que re-|gulam as attribuições dos dous poderes no esta-
|belecimento de officios e beneficios ecclesias-|ticos. || Este facto não é nada menos que a
retardação | indefinida e calculada, que tem havido em pôr-|se á concurso as igrejas vagas
20 do bispado – dis-|posição canonica que ha quasi tres annos se não | executa entre nós, com
reconhecido detrimento | do bem espiritual dos povos, dos interesses da | parte do clero que

quer dedicar-se a vida paro-|chial, e com infracção das regras da igreja a | quebra dos
direitos dos Supremo Padroeiro, que devendo collaborar na distribuição dos benefi-|cios
eclesiaticos, acha-se privado de sua de sua ju-|risdição *quasi espiritual*, na phrase dos
25 cononis-|tas só porque assim o quer a curia espicopal! || Inquirindo o motivo desse
acotecimento, tão novo na nossa diocese, houve quem nos assegu-|rasse com perfeito
conhecimento de causa, que a | curia resolveu em sua sabedoria e conselhos, que não se
celebrariam concursos do bispado em quanto não fosse decidida uma questão, que |
30 suscitou-se ha tempos entre ella e o governo | imperial, a proposito da apresentação do
paro-|cho da freguezia de Nazareth! || Pondo de lado essa questão, da qual natural-|mente
termos de fallar, se nos forem administra-|dos os pormenores que se deram, pergutaremos,
| se esse motivo inteiramente especial, e que ape-|nas respeita aos interesses de uma
parochia, po-|de autorisar o quebrantamento de um ponto es-|sencial da disciplina da
igreja? || Ignora o *synedrio* episcopal o quanto é expli-|cito, e terminante o Concilio
35 Tridentino a res-|peito do provimento das igrejas vagas e não | se recorda ou não sabe do
que elle estatua no cap. | 18 da sessão 24 de reformatione? Se se esque-|ceu, como cremos,
nós lhe despertaremos a me-|moria. "O bispo, e o que tem direito do pa-|droado, diz o santo
Synodo, dentro de dez dias | ou d'outro prazo que o bispo prescrever, nomeará alguns
clerigos idoneos, que hão de ser exa-|minados para regerem a igreja, etc. *Episcopus, et qui*
40 *jus patronatus Haber, intra decem dies Del aliud tempus ab episcopo praseribindum, idôneos*
aliquot clericos ad regendum: ecclesiam, etc. || Vê, pois, a curia que o Concilio ligou tanto, a
| maior importância ao provimento das igrejas, | que a sua primeira palavra foi marear o
prazo | de dez dias; e quando elle marcando este prazo | accrescenta - ou outro que o bispo
prescrever - | fica entendido que a sua mente é, que esse prazo | não seja tal, que exceda o
45 quadruplo dos dez dias, cuja designação patenteia a urgencia com | que elle quer e
determina que as igrejas vagas | sejam providas. Dar outra interpretação con-|traria a esta,
é falsear todas as regras da herme-|neutica; é não comprehender o espirito e sentido | que
dominam as disposições do citado capitulo. || A curia dirá que não há tempo marcado para |
o bispo fazer os concursos e as propostas: mas | nós lhe responderemos que há o prazo de
50 seis | mezes marcado pela lei commum, *alem do qual não devem estas vagas as igrejas,*
conforme se | exprime o *Senhor* conde de Irajá no seu direito ec-|clesiastico. || Nesta
mesma obra tratando elle das preroga-|tivas que cabem ao patrono ecclesiastico, e ao |
patrono leigo, declara, que o primeiro, por di-|reito commum, tem o prazo de seis mezes
para | fazer a apresentação do candidato, e o segundo | quatro mezes; mas conclue dizendo,
55 que estas | disposições são applicaveis ao padroado em ge-|ral, e que não comprehendem o
padroado espe-|cial da Corôa Brasileira, que é regido por outras | leis; pois que o soberano
padroeiro *não está sugeito* na sua apresentação aos prazos indica-|dos. Logo, privado do
direito de apresentar os | parochos, que pela nossa actual disciplina sup-|põe a proposta do
bispo, é atacar as suas prero-|gativas, e elle pode soberanamente dizer: "Não | fazei pagar
60 as côngruas aos vossos parochos instituídos sem a minha intervenção". || Reflecta, portanto,
a curia nas difficuldades | de que se vai cercando, e nas serias consequen-|cias que esse seu
acto de verdadeiro capricho, e | de visivel arbitrio pode trazer á diocese. Alem | das
tempestuosas lutas que elle pode provocar, | e da infração que ahi vai do direito canoneco,
ha muito que attender ao bem espiritual dos | povos, que reclamam pastores legítimos e

65 perpetuos, que muito differem de parochos encom-|mendados, no zelo, amor e dedicação pelo seu | rebanho, como o demonstraremos em outro ar-|tigo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata do posicionamento adotado contra a nova teoria adotada pela curia episcopal.
4. Data do documento: 08 de fevereiro de 1860.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 1.486
9. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 31, p. 2.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 38.)

DIARIO DE PERNAMBUCO

Clama ne cesses

Tendo nós demonstrado, de moda a não deixar | duvida, no nosso ultimo artigo, que a
retardação | indefinida dos concursos synodales constitue uma | violação flagrante da
disciplina canonica e ao | mesmo tempo a nullificação mais acintosa dos | direitos e
prerogativas do Supremo Padroeiro, | que indubitavelmente deve intervir como Poder |
5 Soberano na distribuição dos beneficios ecclesias-|ticos: passaremos a demonstrar também,
que | essa nova theoria adóptada pela curia episcopal | e evidentemente attentatoria da
inamovibilidade | dos parochos, que são de sua natureza *perpetuoss*, | segundo o disposto
nos sagrados canones. || Em favor e sustentação do principio da *inamo-|viabilidade*
legislaram sempre todos os concilios | geraes, desde que a instituição dos parochos en-|trou
10 como artigo de disciplina, e de regimen pra-|tico nos estatutos da igreja; o primeiro concilio
| que estatuio as condições de *perpetuidade* dos | presbyteros, que fossem addictos ao
serviço d|alguma igreja, foi o de Nicéa, celebrado no anno | de 824, ordenando que se
expungisse por todos | os modos o costume, que se havia introduzido | em algumas partes
contra os cânones – *praeter regulam*, de ser o bispo, o presbytero ou o dia-|como
15 transferidos de uma cidade para outra. || O quarto concilio geral de Calcedonia adoptou | a
ordenança de Nicéa, proibindo formalmente | que os sacerdotes, uma vez constituídos em
uma | igreja, transmigrassem de cidade em cidade. E o | de Antiochia, reunido em 211
impoz a pena de | deposição ao presbytero que, movido de interes-|se ou da ganancia
desertasse de sua propria | igreja, para ligar-se á outra. *Qui propriam de-/serens parochiam*,
20 *ad alteram properavit*. || Nos seculos posteriores, especialmente depois | da constituição
dos beneficios ecclesiasticos, a *inamobilidade* dos parochos continuou a ser sustentada pelos
canones. O concilio de Trento, | conformando-se com todas as decisões dos con-|cilios

geraes, e provinciaes, ordenou em varios | artigos que os clérigos fossem ligados *perpetua-*
|mente as suas igrejas, e que só por *circunstan-|cias imperiosas* fossem dellas tirados. || A
25 practia actual consagra todos estes princi-|pios: pois que, segundo ella, nenhum beneficia-
|do, nenhum parochos é destituído, se não por cer-|tos e determinados crimes, mediante um
proces-|so ordinário. Tudo isto, pois, convence e persua-|de de que a perpetuidade está no
caracter e na | indole da instituição dos parochos. Esta *perpetui-|dade* supõe [a collação], a
collação e idoneidade, a | supõe finalmente idoneidade e exhibição de titulos | de
30 *sufficiencia*: o que se não pode verificar, se não | pelo preenchimento da disciplina actual,
que | prescreve os *concursos synodaes*. Logo a omissão | deste preceito tão
determinativamente imposto | pelo concilio – Tridentino, torna irregular e anti-|canonico o
estado daquellas igrejas, cujos paro-|chos são amoviveis pelo bispo *ad mutum*, como |
actualmente se está praticando neste bispado! O | ministro da justiça baixa um aviso
35 determinan-|do que nenhum parochos collado seja encommen-|dado em alguma igreja, sem
primeiro resignar a | sua parochia. A curia episcopal, saltando por | cima de todos os
canones, facilita immediatamen-|te essa transmigração e ei-la encommendando | em outras
igrejas parochos, que, sem passarem | pelo processo canonico, rompem todos os laços | que
o ligavam perpetuamente ao seu rebanho, e | o abandonam aos lobos! Pois isto não importa
40 a | remoção do parochos? Pois o bispo pode remo-|ver um parochos, só porque uma lei civil o
or-|dena? Quem tiver uma pequena lição das | leis da igreja ignora, que o bispo não pode
dar | esse passo, sem permissão da Santa-Sé, unica | que pode dispensar os canones que
estabelecem | a inamobilidade dos parochos? || Ha um facto mui notável, e que na especiali-
|dade que nos occupa, nos pode servir de aresto | Este facto teve lugar em 1815. o bispo de
45 [ilegível] | para poder cumprir um dos artigos da concorda-|ta de 1891, que autorizava a
remoção dos paro-|chos recorreu a Santa-Sé, rogando-lhe permissão | para isso, allegando
na sua rogativa, que os bis-|pos poucas vezes costumavam, e sem com | toda prudencia,
usar da autoridade de transfe-|rir os parochos, em atenção á *estabilidade* do | ministério
sagrado; respondeu a Sé Apostolica, que annua as supplicas do bispo, mas que essa |
50 concessão era *ad tempus, conditionalmente, e | para certas e determinadas igrejas (as*
succur-|sales.) || Trouxemos este facto; para corroborar a impor-|tancia que a igreja siga a
fixidez dos parochos em | suas freguezias; fixides, que se não pode dar, | senão por meio da
collação. É por isto que os | canonistas, quando desenvolvem o sentido moral | da parochia,
dizem: *é uma instituição de sacer-|dotes fixos em diversos districtos da diocese*. Quan-|do
55 se diz parochia se sub-intende o consoreio | espiritual, perpetuamente effectuado entre o pa-
|rocho e suas ovelhas. Toda a interinidade no | exercicio destas funcções é condemnada pela
lei | da sua instituição: é manifestamente contraria | aos interesses dos povos. || Os
parochos amoviveis, dizem alguns, esfor-|çam-se por bem servir as suas igrejas, porque re-
|ceiam que sejam postos fóra do beneficio; entre-|tanto que assim não o fazem os
60 perpetuos, por-|que contam com a inamobilidade: Á esta ob-|jecção oppoemos as opiniões
doos dous bispos | mais sabios do Brasil: quem não conhece, diz o | *Senhor* arcebispo da
Bahia, a summa differença que | com mui raras excepções copstuma haver entre | o proprio
pastor, que olha, e que ama como pro-|prias as ovelhas, e o assalariado, ou mercenario, |
que na phrase do evangelho não pode ter por | ellas o mesmo interesse, attendendo
65 unicamente | aos lucros, e proveitos resultantes de sua tempo-|raria administração? Quem

não vê que os povos | ordinariamente tem menos respeito, e confiança | em um parochio
encommendado, do que no seu | legitimo pastor, que elles sabem ser obrigado a | vigiar
perpetuamente sobre suas acções, e assis-|tir-lhes com todo os soccorros , que exigir o seu
bem espiritual? Ninguem por certo era mais | digno de fazer ás vezes de Moyzes no governo
70 | do povo de deos, do que o summo sacerdote | Aram: mas notam os Santos Padres, que
apenas Moyzes retirou-se ao monte, a condescendencia | de seu irmão fez cahir o povo na
mais funesta | idolatria! || "Há mais motivos, diz o *senhor* bispo monte, para | que o
parochio collado sirva melhor a sua igreja, | do que o encommendado. Sim , o parochio colla-
|do tem tempo de adquirir experiencia, de conhe-|cer as suas ovelhas, e saber das suas
75 necessida-|des, para satisfaze-las da maneira mais apropria-|da: e como tem de estar
sempre no meio dellas- | sem que jamais possa deixa-las, tratará de attra-|hi-las a si, de
contenta-las, e de zelar tudo o | que pertence a sua igreja: porque emfim zela | o que é
proprio; e nada disto há de fazer pela | natureza das causas o parochio encommendado, |
que somente se demora por algum tempo em uma | igreja, sem nenhuma esperanza ou
80 certeza d'ahi | permanecer. Não procura por isso conhecimen-|tos, e afeições; e, em uma
palavra, exerce um | precario." || Mas o que vale o testemunho destas duas gran-|des
autoridades em presença do consistorio epis-|copal de Pernambuco, onde, não o direito, mas
| o capricho, domina e prepondera? Que importa | que o concilio Tridentino, que as
prerrogativas | do summo padroeiro exijam que as igrejas sejam | providas regularmente,
85 dentro do tempo, canonico, | se os governadores da nossa diocese atopelam-se | com o
concilio, e com o cheque da nação, o pro-|tector dos canones, e supremo mantenedor de |
culto? Não ha de haver concurso, dizem elles, | em, quanto não for decidida a questão de
Naza-|reth, em cuja parochia queremos que seja colla-|do o padre tal, e não o padre qual
que o impe-|rador apresentou, ainda mesmo que este padre | seja idoneo, ainda mesmo que
90 o soberano pa-|droeiro usasse de suas legitimas attribuições, a-|presentando-o! || Se a
coroa imperial apresentasse em uma igre-|ja um padre, que não houvesse passado pelos |
tramites canonicos, e que de mais a mais fosse | incapaz de exercer o ministerio pastoral, o
Senhor | bispo estava em seu direito se lhe recusasse a | instituição, e nesse caso nós
estariamos na de-|fensiva das prerrogativas episcopaes. Mas o caso | que se dá é mui
95 diverso. O sacerdote proposto | para Nazareth havia sido examinado, e approvedo | em
concurso; *Sua Excelência Reverendíssima*, o considerou ido-|neo para as funções
parochiaes e como tal o | submettem á escolha do soberano padroeiro. Este | em virtude dos
amplissimos privilegios de que | goza na apresentação dos beneficios, mandou que | o
sacerdote, considerado apto pelo bispo, fosse | collado na igreja de Nazareth, que de
100 preferencia | foi por elle assignada em concurso: como, pois, | a não ser o desejo intenso de
travar um conflicto | desesperado, inoportuno, resiste a curia em | sancionar o acto do
imperador? || Mal haja quem aconselhou passo tão impru-|dente!

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da questão industrial que se agita no sul do império.
4. Data do documento: 06 de junho de 1864.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 1.009
9. Informações Levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco nº 128, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 39.)

DIARIO DE PERNAMBUCO

Estamos habituados e erguer a nossa voz em | prol das grandes medidas do paiz e
principalmen-|te quando o resultado d'essas medidas reflecte so-|bre o progresso desta
provincia. || Não podemos, pois, conservarmos silenciosos em | presença de grande questão
industrial que actual-|mente se agita no sul do império, e á qual se pren-|dem as cadeias do
5 nosso commercial politico e moral. || Referimo-nos ao projeto que actualmente se dis-|cute,
com um decidido patriotismo, na camara | dos senhores deputados sobre a decretação de
uma | rede de estradas de ferro no imperio. || Quando vemos a methamorphose porque
passam | os paizes novos pelo desenvolvimento que recebem | os seus meios de transporte,
quando sentimos o | effeito prodigioso que em toda ordem de progresso | experimentam
10 aquelles pela facil transmissão dos | seus productos, não podemos deixar de ligar a | maior
importância á medida em questão. || A's estradas de ferro, o mais poderoso ramo da |
industria dos transportes, se prendem os interesses | commerciaes, politicos e moraes de
qualquer paiz. Esta verdade, hoje reconhecida universalmente, | tem sido a grande cadeia
com que o progresso vai | arrastando por toda a superfície do globo essas po-|derosas vias
15 de communição. Hoje se aquilata | a força industrial de uma nação segundo o numero | de
vias férreas que se irrandiam pelo seu territo-|rio; assim é que a Inglaterra os Estados
Unidos, a França e a Bélgica hão attingido ao grão de pros-|peridade, que todos admiramos
pelo grande impul-|so que todos os recebem as suas linhas. || O Brasil, ainda que se ache
na infancia da sua | vida industrial, experimenta cada dia os benefícios | resultados d'esse
20 prodigiosos invento da mechanica. | As linhas ferraes actualmente decretadas e em | serviço
de transporte transformam as florestas do imperio em povoados que parecem surgir da noite
| para o dia, e concorrem para a solução do grande | problema industrial – baratear os
productos com o | augmento de lucro para o productor. || Para felicidade do paiz, para gloria
dos seus fi-|lhos, a questão dos melhoramentos materiaes en-|tre nós nunca desceu á um

25 arma de partido; considerada pensamento nacional, n'ella se teem | emprenhado os grandes
homens de todos os credos | politicos, que voz brandam -caminheiros, | abram-se as
estradas, contruaram-se os caminhos de | ferro. Estas que assim procedem teem diante de |
si o exemplo da França onde o atraso de cinco | annos na decretação da sua rede de
30 caminhos de | ferro, trouxe por muito tempo o paiz na re-|taguarda do progresso industrial
do seculo, e aqui-|latam devidamente que cada anno de demora para | o Brasil na realização
desse grande melhoramento | seria um embaraço de mais que no futuro teria o paiz de
vencer. || Ha mais de dez annos que se iniciou entre nós | a idéa da construção ou ao menos
do traçado de | uma rêde de caminhos de ferro, e os primeiros | passos se deram com a
35 decretação das linhas de *Dom Pedro II, São Paulo, Bahia e Pernambuco*. Estas | linhas foram
o sonho dos grandes homens que de | coração se empenham no progresso industrial do |
paiz. || Não ha muito que uma intelligencia brilhante | dizia tambem na imprensa: "seria
grande | meio de regularisar as concessões de estradas de | ferro e tornar mais provietosos
os auxilios do es-|tado, definir desde já as grandes linhas que um | dia devem compôr nossa
40 rêde, e recusar com | frimeza os auxilios do thesouro a todas aquellas | que não reunirem
estas duas recommendações, | 1.^a ter em si mesma elementos de prosperidade, 2.^a
entroncar-se facilmente em alguma das gran-|des linhas, fazendo parte do plano geral". ||
Hoje levantam-se os poderes do estado para | realizar este grandioso pensamento, todas
essas as-|pirações, e as grandes linhas vão ser estudadas e | traçadas. Entretado qualquer
que seja o pensa-|mento do governo em materia de tanta transcen-|dencia, elle não pode
45 affasr-se magestoso fim | que determinou as linhas já começadas. Não se | acredite que a
decretação dessas linhas não se li-|gasse um pensamento elevando, que agora se pa-
|tenteia em toda a sua luz. A estrada de ferro de | *Dom Pedro II*, a mais admiravel
construção da Amé-|rica do sul, com os seus ramaes; as estradas da | Bahia e de
Pernambuco, todas tendem a um gran-|de fim - ligar a côrte as provincias de 1.^a ordem. |
50 Estas linhas não podem deixar de ser considera-|das principaes na futura rêde de caminhos
de | ferro. || A grande missão que lhe está reservada cons-|titue por si os elementos para
que sejam ellas | troncos d'onde partidão os ramos que tem de ali-|mentar os centros
populosos que d'elles se affas-|tarem. || As tres linhas decretadas e em via de execução |
dirigem-se a um só ponto, que lhes servirá de cha-|ve de união. Effectivamente a
55 comunicação do | immenso valle do rio *São Francisco* com o lito-|ral foi o grande auxiliar
que se nos offereceu para | a realização d'aquelle desideratum. || A importancia do rio de
São Francisco, aos seus | immensos recursos se deve a direção d'aquellas | linhas. O *São
Francisco* banha a provincia de Mi-|nas em mais de 100 leguas, atravessa a Bahia e |
Pernambuco, divide Alagoas e Sergipe; tem por | si e pelos seus afluentes uma navegação
60 livre | acima das cachoeiras em uma extensão superior á | 400 leguas, sem comunicação
com o oceano. | Todos os interesses, pois, da estrada de ferro de *Dom* | *Pedro II* com os
seus ramaes se ligam aos das estradas do norte. || D'esta arte se vê que um só pensamento
deve | guair a realização d'aquellas grandes linhas que | aos interesses de uma, já pela
importancia de to-|das, já pelo peso que na balança politica do im-|perio exercem de per si,
65 não devem preterir nem | ferir os de suas imrãas. || Vejamos se o projeto da camara dos
Senhores depu-|tados prenche este fim.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata de uma crítica aos que por suas atitudes tornam-se inimigos da pátria e da república.
4. Data do documento: 10 de julho de 1891.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 616
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal A Província nº 150, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 68.)

A PROVINCIA

OS PEIORES CEGOS...

Houve tempo em que os republicanos his-|toricos, os inventados pelo movimento
revo-|lucionario de 15 de novembro affirmavam | ao Presidente da Republica que os actos
do | Governo Provisorio eram os mais louvaveis | e acertados. || Pelo prisma porque viam as
cousas, o Bra-|sil nadava em mar de rosas e a confiança, | fóra do paiz, implantava-se no
5 animo de | todas as nações com uma força irresistível, | tudo era feliz e esperançoso. ||
Então, o apoio franco e leal do valoroso | soldado, que teve o prestigio necessario para |
derrocar as velhas instituições e fazer brotar | sobre os processos monarchicos a forma re-
|publicana, o governo opposto completamen-|te diverso em sua essencia do que existia, |
era divinizado, recnhecido como imprescin-|divel á consolidação dos principios democra-
10 |ticos á transformação definitiva e perfeita do | paiz. || Mas o que é certo e está na
consciencia | nacional, constituindo uma verdade incon-|testavel no animo das nações
amigas, e não | póde deixar de sel-o, porque a verdade é | vida, é que, pondo-se de parte as
reformas | radicaes decretadas antecipadamente, deu-se | sob o dominio do primeiro
15 ministerio da re-|volução a inversão completa das praticas ra-|cionaes que servem de
normas invariaveis á | direção democratica dos paises mais adian-|tados na gestão de certos
ramos dos pu-|blicos negocios. || Dir-se-hia que, a par da inversão constitu-|cional do paiz,
prentendida pela revolução, | procurava-se tambem virar de baixo para | cima os elementos
de governo e com elles os | principios consagrados no direito publico, a | orientação das
normas administrativas. || O que foram as pastas da Fazenda e da Agri-|cultura nas mãos
20 dos secretarios provisorios, | [ilegível] todos. || Nunca reinou maior confusão nos negocios |
a elles referentes, e em certos assumptos re-|gistraram-se factos comprometedores do |
credito nacional e que tiveram a mais triste | repercursão no paiz e no estrangeiro. ||

Deixando o terreno politico, que so teve | umberdade para os germens de uma selecção |
repugnante e abjecta, de intuição de perse-|guição e terror, semeada pelos ministros re-
25 |cordemos ligeiramente a sorte da maior par-|te dos Estados, alguns dos quaes foram en-
|tregues á senha de verdugos d povo e sof-|freram a mais hedionda oppressão. || Não podia
o denodado factor da Republica | sellar, com a sua responsabilidade, esse pacto | tremendo ,
no qual pseudos-historicos e re-|publicanos de alluvião queriam dirigir a | nação, isolando-a,
dispensando-a e promovendo pelos processos mais irracionaes e | ante-patrioticos o seu
30 aviltamento. || Retirada a suspeição da nação e chamados | ao poder homens da sua
confiança – porque | só assim era possivel republicanisar os ele-|mentos monarchicos
existentes, fazendo com|vencel-a de que a Republica era nacional e | não *historica* – todos
aquelles que cavaram | profundo abysmo para n'elle afundar a pa-|tria, mudaram de ponto
de vista e começa-|ram a ver tudo por um prisma diverso, tro-|caram o optimismo pelo
35 pessimismo. || Hoje, no dominio da mais stricta economia | dos dinheiros publicos, deante
da legalidade | constitucional dentro do paiz e da recon-|strucção do credito brasileiro no
estrangeiro, | o Ministerio salvador da honra nacional, pro-|cura sacrificar o Brasil e o
benemerito Deo-|doro é o responsavel por tão grandes males | de má fé phantasiados. ||
Virarão o governo, a politica e a justiça | pelo avesso, e vendo-a agora perfeita, radi-|ante,
40 infundindo a confiança em todos os | espiritos e soerguendo a patria brasileira do |
abatimento em que a prostaram, voltão o | rosto e fingem ver em suas imagens os |
mesmos aleijões por elles creados. || São estes os peiores cegos e os maiores | inimigos da
patria e da Republica.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da dificuldade de organizar chapa de candidatos sérios para o novo partido republicano.
4. Data do documento: 22 de agosto de 1891.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 388
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal A Província nº 186, p. 2.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 69.)

A PROVINCIA

TRISTE DESILLUSÃO...

Começa bem cedo a desillusão para os adeptos do prodismo no que toca a eleição municipal. || Praticamente, as esqualidas figuras dos resumidos *ex-justoricos* leoninos, hoje francamente declarados *novo partido republi-*cano, vão conhecendo a dificuldade insuperavel de organizar, mesmo no municipio da capital, chapa de candidatos serios e capazes. || Batem em todas as portas, aceitam todos os matizes politicos existentes e imaginaveis, julgam-se felizes e honrados com a aquisição dos sebastianistas, tudo lhes serve entre a gente melhor conceituada, mas ninguem se presta ao papel diffamante de figurar na chapa da *nova obygarchia republicana*.|| As recursas succedem-se apezar dos perdidos instantes dos agentes recrutadores de candidatos aos cargos de conselheiros municipaes! || Convencidos da propria nulidade politica do nenhum valor civico, da ausencia absoluta de qualquer elemento que disperte a confiança publica, exercem todos os meios ao alcance d'aquelles para quem não existem escrupulos, lançam mão de convites e exigencias que se revesam e repetam diversas vezes no periodo de pouco mais de uma hora... || É a isto que se chama impudicamente um partido! || O conciliabulo dos inimigos do povo, constituido por meia duzia de parvos, resolve apresentar chapa á uma eleição qualquer e para conseguir candidatos sahemos pelas ruas quatro individuos de castadura sinistra e repulsiva, afim de confiar a vontade dos candidatos. || A revolução surgiu no antro em que se machina a desgraça do povo, na escuridão em que as feras saboream os seus instintos destruidores, mas a especulação trope, miseravel dá-se á luz meridiana em todas as ruas, nos domicilios dos nossos proprios amigos, de todos os chamados honestos e uteis á patria, entrando ora um, ora outro, e a repulsa tremenda não se faz esperar. || Essa reunião que o *Jornal do Recife* declarou ter tido lugar antehontem, como se fosse uma reunião e não um concluído dos de mais baixa esfera teve por

25 fim | principal a miseranda combinação da fin-|ta de candidatos naturalmente compre-
|hendida na segunda conclusão, visto que | só publicou-se a *primeira* e *terceira*. || Não podia
ter outro resultado a petu-|lancia dos *novos olygarchists* e esse proce-|dimento dos homens
serios já importa a | manifestação previa da opinião.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da convocação dos cidadãos às urnas para participar da eleição dos senadores e deputados ao Congresso Estadual.
4. Data do documento: 21 de fevereiro de 1892.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 571
9. Informações Levantadas: Editorial do Jornal do Recife nº 42, p. 2.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 70.)

A's urnas

O maior crime que um cidadão pode praticar é abster-se de intervir nos negócios de seu pais, ou do lugar onde reside e tem ra-dicado os seus interesses. || A politica é a arte de governar os povos; | é o modo praticado de encaminhar as socieda-|des aos seus destinos de progresso material e | moral; é o conjuncto dos mei[]s appropria-|dos a promoverem o bem estar de todos; e, | portanto, um cousa que se impõe ao homem adiantado, como necessario á coexistencia humana civilisada. || Renunciar, pois, a politica, é recusar con-|correr com o seu trabalho com o seu esfor-|ço com o seu apoio para beneficio dos seus | semelhantes; é negar o seu auxilio para que | a pátria, seja bem governada, para que os | dinheiros públicos sejam bem geridos e com-|venientemente applicados para que sejam | fortemente garantidas a liberdade, a honra a | vida, e a propriedade dos cidadãos, para que | sejam punidos emfim os criminosos e os per-|turbadores da tranquillidade publica. || Abater-se de politica, por conseguinte, é | não só refinado o revoltante egoismo, porque | importa na abstenção de actos de interesse | pelos outros que vivem comnosco em socie-|dade, de actos que fazem a grandeza e a fe-|licidade do torrão onde se hauriu a primeira | inspiração; mas tambem fraqueza de racio-|cinio, falta de zelo pelos próprios interesses, | porque importa na abstenção de actos que | redundam em proveito pessoal, e na abdica-|ção dos mais sagrados direitos individuaes. || É hoje o dia marcado para a eleição dos | senadores e deputados ao Congresso Esta-|dual; assim como para a de prefeito, sub-|prefeito e membros do Conselho Municipal. || Trata-se de eleger homens que pelos seus | principios republicanos, pela sua honradez | immaculada, pelas suas aptidões especiaes e | pela sua incançavel actividade possam orga-|nizar definitiva e autonomicamente o Estado | e o Municipio, de modo a satisfazerem ple-|namente ás aspirações da Nação. || O verdadeiro,

o democrata, o esforçado, o | generoso e benemérito Partido Republicano | desta terra faz
um appello a todos os ho-|mens de bem deste Estado, a todos os per-|nambucanos de
25 kharacter, a todos os brazi-|leiros de honra e de dignidade, para que com-|pareçam ás urnas
e suffraguem os nomes dos seus | condidatos, homens habilitados e que | são animados dos
mais nobres intuitos; e | confia que serão coroados do exito mais fe-|liz os seus esforços,
uma vez que o actual Go-|verno tem sabido e requerido reerguer os | brios do Brazil e
especialmente de Pernam-|buco tão aviltados pela situação passada, e | uma vez que o voto
30 é livre, que a eleição é | séria e que serão respeitadas as instrucções do | eleitorado, como
nunca foram! || Cidadãos: absterdes-vos de votar hoje, é | um acto de indiferença pelo
vosso futuro e | pelo futuro de vossos filhos, pela vossa sorte | e de vossa familia, que não
se desculpa nem se | justifica; é um crime de leso-patriotismo que | nenhuma consideração
pode attenuar. || Reagi contra isto! || Vinde por ao serviço da pátria as vossas | melhores
35 energias, porque ella disso carece. || Comparecei; porque trata-se de negocio| que vos
interessa, e interessa aos vossos con-|cidadãos muito de perto!|| É preciso salvar a
Republica, e consoli-|dal-a de maneira que nunca mais possa ser | prêsa dos miseráveis
especuladores! || A's urnas, pois, cidadãos.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: A industria de brinquedos no Brasil.
4. Data do documento: 07 de janeiro de 1940
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Jornal do Commercio 3 de jan. A 31 de mar. De 1940 – Ano: XXII – nºs: 1 a 75
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 851
9. Informações levam tadas: Editorial do Jornal do Commercio – Ano: XXII – nº 5.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XX - Editorial 12.)

A industria de Brinquedos

A economia de um país qualquer com- | prehende duas grandes ordens de factores |
que, infelizmente, se separam na considera- | ção commum, perdendo-se de vista, as mais |
das vezes, uma dellas cuja importancia não | é, no entanto, desprezível nem secundaria. ||
Em materia de exportação, por exem- | plo, ninguem ignora a significação que pos- |
5 algodão e o café, impressionando a | todos o volume e o valor de suas remessas. | Fala-se ,
ocasionalmente, num ou noutro | producto que exportamos tambem, mas a desigualdade da
attnção merecida leva | muuitos á ilisão de ver apenas aquelles pro- | ductos citados e mais
dois ou três que figu- | ram nas primeiras linhas dos quadros de | estatistica. || A verdade é,
no entanto, bem diversa. | A esses artigos, que alcançaram os primeiros | lugares,
10 destacando-se consideravelmente dos | outros, – acrescenta-se a massa das pe- | quena
parcelas que consegue, ás vezes, equi- | librá-los, ainda que, examinados de um e | um,
nenhum consiga qualquer das formas da | actividade economica: em todas ellas, ap- |
parecem sempre essas duas ordens de fac- | tores a que nos estamos referindo – de | um
lado, os que mesmo isoladamente valem | muito e, do outro, os que só representam | muito
15 quando reunidos. É obvio, porém, que, | desprezando-se qualquer dellas, a somma |
enfraquecerá. E, generalizado esse despre- | zo, podem surgir consequencias bastante de- |
ploraveis para a actividade geral e o pro- | gresso do país. || Não é, portanto, apenas pelo
exame dos | productos de grande venda ou de grande | consumo, que conheceremos a
realidade eco- | nomica do Brasil, mas, tambem pelo estudo | da situação de artigos só
20 raramente | lembrados. || A proximidade do Natal chama a at- | tenção para um aspecto
deveras interessante | de nossa industria e que encontramos salien- | tado no ultimo numero

do *Observador Economico e Financeiro* – a industria de brinquedos. ||
25 Considerando-se
apenas São Paulo, cujos serviços de estatística e cujo desenvolvimento industrial
fazem com que seja, nessas questões, o Estado mais citado, naturalmente, – o
progresso da industria nacional de brinquedos exprime-se em algarismos cuja elo-
30 quencia dispensa commentarios: em 1930, o valor dos brinquedos produzidos nas
fabricas paulistas, então existentes, era de 1.471 contos de réis; dois annos
depois, subira para 3.388 contos; em 1937, superava o dobro dessa ultima
quantia, chegando a 7.762 contos de réis. || Isso quer dizer que augmentaram de
35 numero os operarios mantidos por essa industria e augmentaram as
contribuições que ella carrega para os cofres publicos. Só ahi estão dois aspectos
bastante significativos. Numa estatística do imposto de consumo arrecada-
do em São Paulo nos dez primeiros meses dos dois ultimos annos, vemos,
com effeito, que a arrecadação do citado imposto, quanto a brinquedos, foi de 212 contos,
40 de janeiro a outubro de 1932, e de 305 contos, de janeiro a outubro de 1939: um
augmento de quasi 100 contos de réis. || Se a essas consequencias do desenvolvi-
mento da industria de impostos, accrescemos outra, tambem inevitavel, que
é a diminuição das remessas de ouro para o Exterior, concluiremos
facilmente a importancia geral que podem ter, para a economia do país, essas
45 actividades que nos habituamos a considerar quasi insignificantes. Que é, com
effeito, a industria de brinquedos quando comparada á de guerra ou á compra
de trigo argentino? Do conjunto de todas essas actividades grandes e minimas é
que resulta, porém, o progresso real do país. || Sabe-se a posição que occupavam,
até, bem pouco tempo, no nosso mercado, os brinquedos *Made in Germany* ou
50 *Made in Japan*. Eram, os dois centros industriaes, os nossos grandes
fornecedores, soffrendo alguma concorrência das fabricas francesas e britanni-
cas. Naturalmente esse commercio continua ainda hoje. Mas, a circumstancia de
termos, deixado de comprar mais de dez mil contos de réis de brinquedos (sete mil
da producção de São Paulo e três mil, na peor das hypotheses, para a producção
dos demais Estados), é valiosa para a nossa economia. E note-se que esses
55 numeros se referem a 1937, sendo mais que provavel ter havido um adiantamento
digno de nota nos dois annos seguintes. || Essas pequenas industrias,
effectivando-se aqui e ali, reunindo capitaes ás vezes bem modestos, têm, ao
mesmo tempo, uma função social inestimavel pela solidez que conferem á
actividade de uma grande maioria alheia aos complicados interesses das
60 grandes Bolsas, possuidoras de capitaes inaptos para empresas faustosas e
<<trusts>>, | mas, desejosa de trabalhar e ardendo de iniciativas.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: Ruídos urbanos na cidade do Recife e a solução para esse problema.
4. Data do documento: 06 de agosto de 1941
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Diario de Pernambuco 1 de jul. A 30 de set. de 1941 – Ano: 116 – nºs: 151 a 229
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 504
9. Informações levantadas: Editorial do Diario de Pernambuco – Ano: 116 – nº 182.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XX - Editorial 13.)

Ruidos Urbanos

Depois das providencias adotadas pela Secretaria da Seguranca, proibindo o uso das businas de automovel, depois das 22 horas, e por outro lado obrigando os proprietarios de carros, de qualquer categoria, a intensidade do som, a cidade apresenta um aspecto muito mais silencioso. Ninguem atravessa mais as ruas tocando as businas por simples desfastio, e tambem não se vêem mais nas praças de automoveis aquelas interminaveis experiencias de motores, utilizando-se até o escape livre com uma impertinencia verdadeiramente irritante. Tudo isso acabou. Houve a respeito uma perfeita coordenação de esforços: dos jornais, mostrando as vantagens de entrar na cidade numa fase de mais silencio; das autoridades ponderando em pratica medidas de interesse coletivo; e do publico em geral que aceitou a inovação com perfeito sentido de cooperação. O que passava antigamente no Recife era uma selvageria. Dificilmente se poderia vêr numa cidade civilizada, um espetaculo tão triste. A verdade é que num aglomerado urbano todos devem dar sua quota parte para que a vida em comum se torne mais suportavel. Ha todavia, muito a fazer ainda para que a campanha contra o ruido tome um caracter definitivo. Todas as estatisticas mencionam que o trafego entra com uma percentagem elevada para agravar o ruido urbano. E para combatelo, utiliza-se nos Estados Unidos o isolamento acustico e vibratorio dos trilhos. Si, no Recife, depois das 22 horas ninguem pôde mais usar a busina do automovel, entretanto nada mais barulhento do que um bonde descendo ou subindo as pontes, quando a cidade toda se acha recolhida. A impressão que se tem é de um bombardeio tal o ruido que produz o veiculo. Um técnico no assunto mencionava em trabalho recentemente publicado, que em varios Estados da União americana se combatem essas vibrações aplicando aos trilhos blocos de granito, cobertos por uma camada de partes iguais de

25 asfalto e areia, ou en- | tão usando-se uma camada isola- | dora, constituída de folhas de
me- | tal, em formas especiais, cheias | de concreto, colocadas sobre uma | larga base de
uma composição de | asfalto e abesto. || Era o caso de adotar, aqui, o | processo toda a vez
que se | tivesse de realizar qualquer obra | de prolongamento, ou então | quando se fizesse
a substituição | de trilhos emprestáveis. || Em todo o caso, e enquanto não | conseguimos
30 êsse melhoramento, | já é um alívio para o recifense, | que mora e trabalha no centro ur- |
bano, ficar livre da estridência | das businas.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da prestação de contas do Estado relativas ao ano de 1945.
4. Data do documento: 01 de janeiro de 1947.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 682
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 1, p. 4.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XX - Editorial 14.)

AS CONTAS DE 45

A imprensa quaremista foi | mais uma vez pegada em fla-|grante de mistificação quando se | embandeirou em arco a proposi-|to do parecer do *senhor* Luiz Cedro, no Conselho Administrativo, so-|bre o prestado de contas do Es-|tado, relativa ao exercicio de | 1945. Agindo de má fé como | sempre, atribuiu a esse parecer – e isso da maneira mais es-
5 |candalosa – uma identidade ab-|solutamente inexistente com a | sumaria aprovação dada antes ás | contas pelo conselheiro | Luiz Cabral de Melo. A audacia | dos ludribiadores chegou a tais | extremos que o *senhor* Luiz Cedro | teve de voltar ao assunto, fa-|zendo incluir, na ata da sessão | de ante-ontem, do Conselho, im-|portante declaração para restabe-|lecer a verdade e protegê-la con-|tra o envolvimento de mesqui-|nhos interesses
10 | politicos.Vale | apenas repetir um trecho da de-|claração que incluimos na inte-|gra em nossa adição de ontem: || “No meu voto acentual a falta | de plano preconcebido e do res-|pectivo orçamento de algumas | dessas obras a serem realizadas | pelos municipios e tanto assim | que muitas dessas obras consisti-|ram em entradas de pequena dis-|tancia de duração precaria, pelo | que já não é mais possivel a ve-|rificação de que o dinheiro em-
15 |pregado fosse reamente nelas | consumido. Citei a informação | da Contadoria Geral de que al-|guns desses prefeitos, que rece-|beram o auxilio do Estado para | aquelas realizações, ainda não | prestaram as suas contas e tam-|bem a informação do *Excelentíssimo Senhor* | Interventor Federal de que o Go-|verno estava interessado na to-|mada dessas conas para com os | responsaveis por tais recebimen-|tos. Nestas condições, o meu vo-|to pela
20 | aprovação das contas do | Estado foi dado sem que impor-|te em meu acordo com a orien-

25 |tação e fiscalização na distribui-ção daqueles creditos, como ain-|da foi proferido sem
prejuizo das diligencias a serem raizadas | para o perfeito esclarecimento e | quitação das
contas dos prefeitos | municipais responsaveis pelas | verbas recebidas e que aina es-|tão
em falta para com o Tesouro | do Estado". || Permanecem assim inteiramen-|te de pé todas
30 as restrições que | dizemos, em sucessivos editoriais, | á aplicação dos dinheiros publi-|cos
pelo governicho d Estado | Novo, no ultimo periodo dos seus | desmandos em Pernambuco.
Pa-|ra ganhar eleições á custa de cer-|tas generosidades, desde que de outro modo, não
seria possível, | distribuiu a torto e a direito, | "auxilios" aos prefeitos, aparen-|temente para
a inversão em obras | municipais. Era essa a camou-|flagem agora oficialmente ras-|gada no
35 Conselho Administrati-|vo, quando um dos seus mem-|bros mais idoneos revela que |
"muitas dessas obras consistiram | em estradas de pequenas distan-|cias, de duração
precaria, pelo | que já não é mais possivel a verificação de que o dinheiro em-|pregado fosse
realmente nelas | consumidos". Poderíamos classifi-|car de criminoso um plano de |
40 melhoramentos publicos executa-|do nessas bases, mesmo se ele ti-|vesse existido em
condições tão | miseraveis e extranhas. Mas as | circunstancias indicam que as es-|tradas
foram apenas simbolicas | e apenas serviram á passagem | dos eleitores... || É ainda o
conselheiro Luiz Ce-|dro quem afirma que: || "alguns desses prefeitos, que | receberam o
auxilio do Estado | para aquelas realizações, ainda | não prestaram as suas contas." || que o
seu voto "foi proferido | sem prejuizo das diligencias a se-|rem realizadas para o perfeito |
45 esclarecimento e quitação das | contas dos prefeitos municipais | responsaveis pelas verbas
rece-|bidas e que ainda estão em falta | para com o Tesouro do Estado." || Os responsaveis
pelo desbarato | das rendas do Tesouro pode as-|sim contar vitoria com a opinião | do
conselheiro Luiz Cabral de | Melo sobre os gastos até hoje | sem explicação. O conselheiro |
Luiz Cabral de Melo é um po-|litico militante e não iria preju-|dicar com "divergencias
50 inocuas" | a sua entrada na chapa de depu-|tados possedistas. Mas, quanto ao | parecer do
senhor Luiz Cedro, o me-|lhor é meter a viola no saco, se | não querem destacar mais um |
elemento que os poderia levar á | barra dos tribunais.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: A criminalidade no Estado de Pernambuco.
4. Data do documento: 19 de julho de 1951
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Diário de Pernambuco 1 de ju. A 30 de set. 1951 –Ano: 126 - nºs: 148 a 226
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 426
9. Informações levadas: Editorial do Diário de Pernambuco – Ano 126 – nº 162.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 15.)

Crimes de Sangue

O noticiário policial está cheio hoje de crimes de sangue. Saímos de um espetáculo tão confortador de fé cristã como as festas do Escapulario; e nem por isso se atenua a sede de sangue que rebenta do instinto de desajustados sociais. Como podemos conciliar a demonstração de fé do povo, com tudo o que isso representa de compromisso e de amor entre os homens, e esse desvairamento criminoso? || Em primeiro lugar, é necessário que os crimes sejam devidamente apurados e punidos. Muitos crimes de sangue aqui não foram punidos, por falhas monstruosas do nosso aparelhamento policial. || Quem matou as idiotas senhoras da Avenida João de Barros? | Ninguém sabe. || Quem matou o desventurado engenheiro Becker? Também ninguém sabe. Ambos os crimes resvalaram para o perpétuo silêncio. || Desde que o criminoso seja apanhado pela polícia e julgado rigorosamente pela justiça, o crime terá de declinar. Ao lado disso, impõe-se ampliar as medidas de caráter profilático. Antes de punir, é preferível prevenir. Que o crime não compensa – aí está o caso do bandido Concris e de todos os bandidos que mais cedo ou mais tarde são apanhados. Mas não vamos pensar que, somente anunciando não haver compensação no crime, evitemos os delitos em delírio. || É necessário um esforço de conjunto da parte de todos os elementos interessados em resguardar o organismo social. O desenvolvimento ainda não foi feito com o rigor que seria de desejar. Também no interior a política muitas vezes entra em ação para proteger e apadrinhar criminosos, os quais no momento preciso prestam serviços. || Tudo isso é preciso acabar, para determos a onda sinistra do crime. Pelas notícias dos jornais se vê que o bandido Concris tinha uma verdadeira cadeia de colteiros, que o resguardavam da ação policial. É talvez por isso tanto tenha custado à polícia enfrentá-lo, de uma maneira vantajosa. || O atual secretário da Segurança, desde o primeiro momento, sentia a necessidade de

25

reaparelhar a policia para lutar com eficiencia | contra o crime; e esperamos que a sua ação se estenda ao interior, | de onde nos vêm hoje tantas coticias tragicas. || Se conseguimos eliminar o cangaceirismo organizado, tambem | poderemos fazer baixar a media da criminalidade, que nestes ulti- | mos anos tem atingido em Pernambuco a cifras verdadeiramente alar- | mantes.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: O crescimento de serviços de abastecimento de água e de saneamento em Pernambuco.
4. Data do documento: 18 de agosto de 1951
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Diário de Pernambuco 1 de ju. A 30 de set. 1951 -Ano: 126 - nºs: 148 a 226
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 442
9. Informações levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco - Ano: 126 - nº 188.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais - *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 16.)

Expansão dos serviços de | água e esgotos

As rendas publicas estão em crescendo, quer as do Estado, quer | as do Município. Isso é auspicioso, revela revigoramento economico | e só podem causar em todos os circulos a mais lisonjeira impressão. | A boa doutrina não é guardar dinheiro, mas aplicá-lo com zelo e | honestidade. || O governo tem diante de si planos de trabalho, quer com a pa- |
5 vimentação de estradas, quer com melhoramentos urbanos. | Os ser- | viços concernentes ao municipio do Recife não são apenas condi- | cionados aos recursos normais da Prefeitura, porque ha dois de | excepcional importancia, que incumbem ao Estado ou á autarquia, | por este supervisionada. || Queremos nos referir ao abastecimento e ao saneamento. Todo mundo sabe que o Recife tem ainda muitos bairros por sanear e | abastecer, entre os quais
10 Casa Forte, Prado e Boa Viagem. No ul- | timo numero do Boletim Tecnico da Secretaria de Viação e Obras | Publicas, tratando das atividades do D.S.E, em 1950, o diretor ge- | ral se refere á necessidade de expansão das redes de aguas e es- | gotos, mas indica que a realização desse plano, quanto ao reforço | do abastecimento exige a aplicação de cerca de
15 [.]0 mil contos, os | quais só poderiam ser fornecidos pelo governo do Estado. E quanto | á expansão da rêde de saneamento, pelos três bairros, pode ser es- | timada em 10 a 12 mil contos. || O Saneamento do Prado pode desde já ser incluído no orça- | mento de 52, do DSE, com recursos proprios: mas o de Boa Via- | gem e o de Casa Forte sugerem ao diretor geral uma emis- | são de <<bonus>> a serem adquiridos pelos proprietarios de imoveis | localizados nas zonas atingidas pelo melhoramento: sendo o bonus | depois recolhidos, como
20 pagamento das taxas regulamentares. || Como acontece com a taxa de pedagio, essa

modalidade de financiamento também é adotada nos Estados Unidos. No caso da Avenida Beira-Mar, a sugestão do diretor geral é que a contribuição se faça na razão de 500 cruzeiros por metro de frente. O caso é para ser apreciado com o interesse que todos

25

os assuntos públicos estão a merecer. Mas desde que as arrecadações do Estado estão em ascensão progressiva (é possível que atinjam este ano a cerca de 600 mil contos) parece que se poderia encaminhar o assunto para uma obra de colaboração, em que a autarquia, o Estado e os particulares fizessem na medida de suas possibilidades.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira
GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata dos rios e das pontes do Recife.
4. Data do documento: 10 de janeiro de 1953.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 430
9. Informações Levantadas: Editorial do Diariio de Pernambuco nº 8, p. 4.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 17.)

Diario de Pernambuco

Sábado, 10 de janeiro de 1953

O rio, as pontes e os largos do Recife

Das duas uma: ou a Prefeitura se decide a rever, num elevado | sentido urbanístico, a localização de bombas de gasolina e postos de | lavagem de automovel e refugios destinados á venda de refrigerantes, | bombons e outras bugingangas, ou o Recife, dentro em pouco, estará | completamente descaracterizado. || O que faz a beleza do Recife, em primeiro

5 lugar, é o rio. O rio | constitui um acidente geografico, de que deveremos tirar o maximo | partido. Quando falamos do rio, falamos tambem das pontes. Infe-|lizmente, a Prefeitura, por administrações anteriores, está contri-|buindo por estragar o efeito paisagístico das pontes. Numa das ca-|beças da ponte da Torre, inexplicavelmente se permitiu construir um | abarracamento, que se destina ao que parece á venda de generos ou | de artefatos de

10 automovel. O fato é que, num lugar onde deveria ha-|ver um jardim ou um refugio arborisado, vai levantar-se uma caran-|guejola qualquer, com fins utilitarios e mercantis. || Esses recantos precisavam ter plantas e arvores ornamentais, | não barracas de “compra e vende”. Como vai ser agora, que se per-|mitiu o monstrengo? || A Prefeitura tem ou não tem uma Diretoria de Obras? Tem ou | não tem uma repartição dita de censura estetica? E

15 se tem uma | cousa e outra, como é que permitem atentados de tal natureza? Ou | é que a Diretoria de Obras e a Censura Estetica são exercitadas por | pessoas jejunas em assuntos urbanisticos? || Não queremos falar de hoje; mas é que por essa Diretoria têm | passado verdadeiros cegos de nascimento, ainda mais acossados pelo | vírus do “eleitoralismo” não

20 resta a menos duvida. Quem foi que | teimou em construir a Escola Normal no Jardim 13 de
Maio, senão | um desses? E tanta coisa aqui se tem feito, que para arrolar os de-|sacertos
seriam necessarias paginas e paginas deste jornal. || Outro dia, qual não foi a nossa
surpresa, quando vimos o largo | de Caxangá, tomado por um posto de automovel, no lugar
onde de-|via haver um jardim. Faça mão forte o Prefeito porque, na pisada | ora que vamos,
qualquer dstes dias se montam bomba e posto no | largo de Dois Irmãos. || É preciso rever
25 cuidadosamente todas essas concessões, não dar | novas licenças, e cancelar as concedidas,
logo que termine o prazo | porque os beneficiados já têm no gatilho "mandado de
segurança". | Ou isso se faz ou o Recife será uma cidade inteiramente perdida.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: A Pátria brasileira e o patriotismo.
4. Data do documento: 07 de setembro de 1965
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Jornal do Commercio 1 a 29 de setembro de 1965 - Ano: XLVII - nºs: 205 a 228
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 920
9. Informações levantadas: Editorial do Jornal do Commercio - Ano: XLVII - nº 204.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais - *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 18.)

Pátria

Nos grupos, nas escolas, nos colégios, | a cada 7 de setembro, e durante tôda a |
semana que o antecede, um clima festivo | e entusiástico é vivido. A Pátria é sauda- | da co
hinos e poemas, palestras e dis- | cursos; fitas verdes e amarelas e bandei- | ras nacionais.
As vozes das crianças al- | teiam-se, cheias de devotamento e orgulho | patrióticos, aos sons
5 do hino nacional; a | imaginação infantil exalta-se ante a con- | templação e o
deslumbramento de nossas rique- | zas do nosso solo, a vastidão dos nossos | mares, a
ampliação dos nossos céus, a pu- | jança de nossas florestas, a bravura de | nossos heróis. E
mãos ainda pouco hábeis, | no manejo absorvente de seus lápis de côres, desenham em
10 cadernos de aula o Príncipe legendário, da espada erguida e | cabelos ao vento, lançando, à
margem do | Ipiranga, seu grito libertador. || É o quadro de hoje, foi o quadro de ontem.
Olhemos o entusiasmo dos nossos | filhos, ainda pequenos e quantos não es- | tarão,
imaginação ardente, repetindo em | oitão de casa, opulenta ou humilde, com | uma
simbólica espada erguida e a voz es- | forçando-se por ser vigorosa, mas de qual- | quer
forma vibrante, aquêlê <<Independência ou Morte>> de 1822. || Olhemos, sem dúvida,
15 com ternura os | arroubos patrióticos dessas crianças e re- | cordamos, numa imperceptível
saude e | disfarçada malancolia, nossos anos de es- | cola, quando os acordes de hino da
Pátria | ou o balouçar do pavilhão nacional nos | faziam, também a nós, fremir da mesma |
emoção e vibrar de idêntica exaltação. || Passaram-se os tempos: tornamo-nos | jovens e
adultos e ano após ano, bandeira | e hino, civismo e Pátria foram sendo te- | mas de galhofa
20 e numa nampanha insidio- | sa que quase passava despercebida, fa- | ziam com que nos
fóssemos envergonhando- | do daqueles sentimentos vividos na infân- | cia, cobrindo de
ridículo as expressões que | cantamos convictos e ardorosos, nos tem- | pos da meninice:

<< Teus risonhos, lindos | campos têm mais flôres; nossos bosques | têm mais vida; nossa vida| no teu seio mais amores! >>. || O << Pátria amada >> passou a ser ex- |pressão de
25 giria , senão chula. E o brasilei- | ro terminou, quase, tendo vergonha de | ser patriota... ||
De certo houve o exagero do <<Porque sou ufano do meu país>>, quando se pre- | tendeu,
em movimentos inexpressivos e | às vezes suspeitos, transportar para a ida- | de adulta
uma visão infantil, e por tanto | primária do patriotismo. Mas o trágico | do que se vinha
fazendoera que, ao invés | do desenvolvimento de um patriotismo | de criança para o
30 patriotismo adulto, se | destruiu todo o sentido e tôda vivência | do patriotismo. || Ninguém
pretenderia a permanência de uma visão infantil do patriotismo, en- | tre adultos. Ao
contrário. É imperioso, po- | rém, que ao lado da reabilitação a ser fei- | ta na consciência
popular da grandeza e | do valor dos símbolos pátrios e dos heróis | da nacionalidade,
posuamos, justamente | uma visão adulta, amadurecida e objeti- | va de amor á Pátria.
35 Amor que exalta, es- | pontâneo, nas grandes datas históricas; | que vibra, nas
comemorações cívicas, que | cultua a memória dos heróis. Assim o fa- | zem todos os povos
que não se deixam au- | to-destruir por interesses estranhos. Re- | corde-se a grande festa
popular que é, | nos Estados Unidos, << Independence Day>>. | Rememorem-se as
majestosas celebrações, | em Paris, do 14 de julho. E mesmo na | Rússia comunista, os
40 impressionantes e | formidáveis festejos com que assinalam a criação da União Soviética e o
culto qua- | se idólatra com que cercam seus heróis. || É preciso que o dia da Pátria seja,
para | cada um e para todos, a reafirmação dos | compromissos que temos para com as ge-
| rações que nos legaram uma Nação unida | e livre; e , sobretudo, o compromisso, tal-| vez
maior, de entregarmos às gerações fu- | turas uma Pátria que igualmente livre e |
45 igualmente unida, se tenha engrandecido | pelo nosso esforço; pelo nosso trabalho; | pela
nossa capacodade de sacrifício. || O patriotismo adulto não elimina, nem | exnlui a exaltação
das grandes datas ou a | emoção dos festejos cívicos. Ao contrário, | surgem êle como
exteriorização e proje- | ção espontâneas de um sentimento mais | profundo, mais sério,
mais racional. || Certo que não é o patriotismo só de 7 | de setembro; mas, sobretudo não
50 será o pa- | triotismo só da Taça do Mundo. Certo | que não é o patriotismo só em tôrno de |
Caxias; mas muito menos será o patrio- | tismo reduzido à admiração por Pelé. || É o
patriotismo cotidiano, silencioso, | constante, cheio de fidelidade e devota- | mento, de
quem aceita os sacríficos de | hoje e arca com os esforços do presente | na plena consciência
de que está contri- | buindo para a gandeza do futuro. || Sete de setembro, de certo, não é
55 o | único dia de patriotismo. Será, porém, o | auto-horário, em que falamos à Pátria e a |
Pátria nos fala na efusão de sentimentos | comuns e na renovação de nossos jura- | mentos
de fidelidade, de trabalho e de | amor.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: As expectativas para o futuro com a chegada do ano de 1967.
4. Data do documento: 01 de janeiro de 1967
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa 1 a 31 de janeiro de 1967 – Ano:XLVIII – nºs: 1 a 26
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 751
9. Informações levam tadas: Editorial do Jornal do Commercio – Ano: XLVIII – nº 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 19.)

Ano Nôvo

5 Ontem era a despedida, ho- | je é a esperança que se reacende | nos corações, à
entrada do ano | nôvo, saudado sempre como | ano bom. O desconhecido, que | temos
diante de nós, é um estímulo à ação, ao trabalho, à con- | fiança. Sabemos que tudo foi di- |
fícil e que as dificuldades não | desaparecerão como que por mi- | lagre. Mas somos um
10 povo que | se habituou a lutar. O Nordeste | é essa lição que o tempo não | desmente. ||
Cada ano é um apêlo ao oti- | mismo. E é isso que nos susten- | ta, que nos promove ao
grau de | progresso resultante da tenaci- | dade e do otimismo. Dissemos | adeus a 1966,
sem remorsos. Ca- | da um de nós sente que houve | um esforço para honrar e efeti- | var a
responsabilidade que nos | cabe nesta hora de transição. | Nem tudo foi em vão. O Brasil |
15 cresceu um pouco mais. O ano | velho levou consigo -- ao toque | da despedida -- a
lembrança | das horas decisivas, das esperan- | ças renovadas, que nem sempre | são
perdidas. || Que nos traz o nôvo ano? | No horizonte da vida, quando tudo se reuniu para
anunciar, | festivamente, a chegada de 1967, | essa pergunta se desenhou como | de outras
vezes. Não é o temor | que nos assalta diante da nova | jornada. Quem ignora que tudo |
20 será novamente um lomgo esfôr- | ço, entre vitórias e decepções? | Assalta-nos, antes, a
reflexão | interior do nosso dever; e êste | há de ser cumprido nestas ter- | ras já tão
marcadas pelo sofri- | mento. || É a Deus, que nos dirigi- | mos para pedir que nos dê as |
mesmas fôrças, os mesmos estí- | mulos. A mensagem do ano nôvo. | é essa -- a segurança
de que não desanimamos; a certeza de que | temos um papel indeclinavel na | hora nacional
que nos convida à | responsabilidade e à ação. Um | ano que termina é um tertemu- | lho
que fica. Vai-se num instan- | te o que foi luta, vigília, traba- | lho, ideal. O tempo marca o
ca- | minho feito que não foi de ro- | sas mas de orzes. E abre-se aos | nossos olhos, no
mistério dessa | passagem do velho para o nôvo, | do que é passado e já é presente, | a
clareira por onde vamos bus- | car os mesmos ideais e combater | os mesmos combates. Já

25 não | volta o que se foi, mas também | não se extingue o que é herança | e sugestão
para a continuidade | do próprio tempo. As tarefas de | ontem serão as que hoje nos
pe- | de o
mesmo sacrifício. Assim, o | ano nôvo é o ano bom, porque | nasce sob o [ilegível]
do otimis- | mo e da esperança nos corações. || Voltamos, neste momento, | o nosso
30 pensamento para o Nor- | deste, dizemos heroísmo. Dize- | mos tudo quanto se
mistura | num povo para engrandecê-lo: | a luta, a pobreza, a confiança, o |
patriotismo-- as virtudes tôdas | e também os defeitos que fize- | ram a nossa
humanidade. E sabemos que na- | da nos faltará, na caminhada que | começa para
ser a reafirmação | duma Região em busca de me- | lhores dias. Seja êsse o espírito
35 | que nos infunde o ano nôvo, seja | essa a inspiração que êle nos | traz a
mensagem que nos comu- | nica e que em todos os lares [e] | grupos humanos
sustenta o âni- | mo com que vencemos a adversi- | dade. || Com esse espírito de
reno- | vação e de alegria, de confiança | e de integração em nós mesmos, | o
JORNAL DO COMMERCIO | saúda, no limiar do ano nôvo, o | povo pernambucano, os
40 seus co- | laboradores, amigos, anuncian- | tes, leitores, as autoridades, a |
comunidade tôda como expres- | são autêntica do imenso traba- | lho com que,
unidos pela mesma | esperança, soubemos construir a | grandeza e o progresso de
Per- | nambuco, do Nordeste do Bra- | sil, fiéis ao destino que nos eno- | brece, ao
dever de que ontem | prestamos contas e hoje retoma- | mos sem mêdo e sem
45 remorsos.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata de cooperativismo.
4. Data do documento: 16 de janeiro de 1967.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 470
9. Informações Levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco nº 8, p. 4.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 20.)

A hora agônica do cooperativismo

Dos mais oportunos este encontro de | cooperativas que o DAC, em colaração | com
várias outras entidades, programou | para esta semana no Recife, no edifício | do Colégio
Estadual, graças á compreen-|são de sua direção e do secretário Bra-|sileiro da Educação. ||
É que, ate aqui esquecido, abando-|nado na prática, onde toda ajuda se li-|mitava
5 unicamente ao papel, o coopera-|tismo brasileiro viria enfrentar, de | parte do governo
revolucionário, seu mo-|mento de “agonia”, na pureza do étimo grego – de luta pela propria
sobrevivên-|cia. || Porque na linha ensandecida de “Ino-|var” – mas via de regra agindo
como | macacos em loja de louça – a legislação | revolucionária o que na realidade vem |
10 procurando fazer é atirar cooperativis-|mo fora da lei, retirando-lhe todas as | condições
honestas de viver livremente. || Ninguém, de certo, poderia censu-|rar tôda e qualquer
medida para sanea-|mento do cooperativismo que, seria inge-|nuidade querer negá-lo,
sofreu, nos úl-|timos tempos, e erosão da mais desbra-|gada corrupção, mergulhando aqui e
ali | numa degradação aterradora, a exigir, | por isso mesmo, a ação corretiva do po-|der
15 publico. Mas querendo ou pensando | em corrigir, o governo o que fez foi ma-|tar o
cooperativismo, como pretende li-|quidar a imprensa, com a lei rôlha co-|mo desorganizou o
credito, matou o de-|senvolvimento, sem conseguir a conten-|ção do surto inflacionario,
feriu mortal-|mente quase tudo, direito, leis, gramá-|tica, porque nada lhe escapou à
“razzia” | furibunda e bestial. As instruções XI e | XV do Banco Central foram um golpe | no
20 cooperativismo de credito urbano, en-|quanto, para coroar a avalanche arasa-|dora, o
decreto lei nº 59 golpeou de | morte o cooperativismo de crédito rural, | precisamente numa
hoa em que se fa-|zia preciso atacar, rijamente, a produção | de alimentos, porque, do
contrario, ire-|mos sentir de muito perto o espectro da | fome. Pouco adiantam as meias |

verdade com que pelo decreto lei nº 60, o governo traça as linhas básicas do fortalecimento do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, acenando com recursos financeiros que todos podemos prever a que se vão reduzir, erigindo-se em órgão basilar da política assistencial do Estado ao crédito cooperativo. De nada ajuda porque o BNC corre o risco de atuar no vácuo, financiando cooperativistas de que o decreto lei 59 apenas permitiu se conservassem os ossos, o esqueleto, as cinzas. Oportuno, pois, que as cooperativas cumpram também sua finalidade, começando pela ajuda mútua entre elas próprias, pesando suas forças, medindo sua capacidade de reagir e de resistir, tudo na filosofia daquela sempre a cada vez mais atual advertência de Montalembert de que "a liberdade não se dá: conquista-se". Em encontros como este do Recife, o cooperativismo terá de aprender como lutar para sobreviver...

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: A democracia racial brasileira.
4. Data do documento: 14 de janeiro de 1972
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Jornal do Commercio 1 a 30 de janeiro de 1972 - Ano: - nºs: 2 a 25
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 476
9. Informações levantadas: Editorial do Jornal do Commercio - Ano: F - nº F.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais - *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 21.)

Democracia Racial

5 Numa democracia racial como | o Brasil, sòmente maculada por | ocorrências marginais que não in- | fluem no todo, a sensibilidade na- | cional encontra-se ferida com um | fato ocorrido no navio liberiano | "Sea Treacer", um barco mercan- | te, em Fortaleza, Ceará. || Composta bàsicamente de lou- | ros marinheiros norte-americanos, | a tripulação amotinou-se para im- | pedir que o imediato hondurenho | Albert Mann, de còr negra, assu- | misse o cargo de comandante. || O capitão dos Portos teve que | tomar uma atitude e determinou | a ida de soldados armados para | bordo, procurando assegurar a pos- | se do imediato. O comandante, o | *caucasian* capitão Hommer, nas- | cido na Flórida, homem de idéias | racistas, havia antes brigado com | Mann e viajara, de avião, de vol- | ta aos

10 Estados Unidos. || Acontecimentos como êsse, ve- | rificados num pôrto brasileiro, são | repudiados pela maior democracia | racial do mundo, país onde os pe- | quenos incidentes de intolerância | racial são registados de maneira | isolada.Segundo as autoridades, o ca- | pitão Hommer e o imediato Mann | andavam sempre se desentendendo | ao ponto do comandante haver | reduzido o ordenado do negro de | 352 dólares (Cr\$ 1.820,00) para |

15 125 dólares (Cr\$ 700,00) , exigindo | ainda dêle serviços subalternos. || A crise atingiu seu clí- | max em Fortaleza. O capitão dos | Portos ameaçou enquadrar os ma- | rinheiros como amotinados e en- | tregá-los à Polícia Marítima. Sòmente assim a posse de Mann foi | admitida. || Durante um longo tempo [o] ra- | cismo vem distanciando negros e | brancos nos Estados Unidos. O | conflito de Sea Treader não passa | de uma projeção do problema

20 que | ainda é muito intenso no Sul da- | quele país, onde se localizaram os | primeiros negros escravos proce- | dentes da África e que prestavam | serviços nas *plantations* de algo- | dão. || Quando o presidente John | Kennedy assumiu o poder defla- | grou o

25 processo dos direitos civis, | estabelecendo a igualdade comple- | ta entre brancos e negros.

A lei | seria assinada em memorável dia | em plena administração do seu | sucessor, o presidente Lyndon | Johnson. || Os preconceitos raciais não po- | dem ser encerrados com leis, em- | bora ellas sejam o início de um | longo e lento mecanismo que pos- | sibilite a convivência sem atritos. || O problema racial que evo- | luiu dentro de um cargueiro libe- | riano, de tripulação norte-america- | na teve o seu desfecho num pôrto | brasileiro. || Diante do fato, O Brasil tem | motivos de sobra para confirmar | o seu orgulho de ser uma demo- | cracia racial.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: Conservação da natureza e progresso.
4. Data do documento: 30 de janeiro de 1972
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Jornal do Commercio 1 a 30 de janeiro de 1972 - Ano: - nºs: 2 a 25
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 471
9. Informações levantadas: Editorial do Jornal do Commercio - Ano: F - nº F.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais - *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 22.)

Natureza e Progresso

Em entrevista concedida à im- | prensa de Porto Alegre, o paisagista | Burle Marx chamou atenção para | a necessidade que há de ser con- | servada a flora brasileira, dizendo | ser preciso, inclusive, conscientizar | o povo sobre sua importância, sen- | do fundamental o equilíbrio entre | o progresso e a natureza. || Dizendo que só um urbanismo | planejado
5 permite uma perfeita re- | lação entre as áreas verdes de uma | cidade e o seu número de habitan- | tes, considerou como uma regres- | são o fato de "simplesmente der- | rubar árvores para construir edi- | fícios". || Para Burle Marx a maioria | das cidades brasileiras não possui | planejamento urbanístico adequa- | do às suas condições e caracterís- | ticas. ||
10 " Na Guanabara - exemplifi- | cou êle - existem ruas planejadas | para edifícios de até dois andares | e que hoje possuem arranha-céus; | São Paulo é monstruosa como ci- | dade e a Bahia que possuía exce- | lente parque urbanístico está mui- | to mal orientada pelos órgãos res- | ponsáveis". || Não se referiu o famoso pai- | sagista ao Recife, mas todos teste- | munhos aqui, em um crescen- | do de ano para ano, a ação verda- | deiramente predatória que a febre imobiliária tem deflagrado contra | a natureza. || Temos muitas vezes referido o
15 | extermínio de que foram alvo os | antigos sítios, cheios de manguei- | ras, que há cêrca de trnta anos ca- | racterizavam quase todos os nossos | arrabaldes. Mesmo em casas opu- | mentas, com vasto terreno, a gra- | ma e poucas plantas consideradas mais requintadas ou exóticas pas- | sam a existir. Uma casa com a de | Gilberto Freyre, por exemplo, sur- | ge como uma das poucas exceções. || Mas depois de acabar com os | sítios e até os quintais
20 dos arredo- | res da cidade - existiam, inclusive, na Conde da Boa Vista - as | praias mais próximas estão sofren- | do o mesmo processo. || Já não existem mais em Pie- | dade as

grandes áreas verdes cobertas por | pés de cajueiro e mangabeira, co- | mo háalguns anos. Não é diferente | o que se passa em Olinda. || Parques públicos ou jardins | temos poucos e mal cuidados, so- | frendo também como vem ocor- | rendo com o 13 de Maio, já mais | de uma vez mutilado, a invasão do concreto. || Certo que a ninguém deseja | que a cidade deixe de crescer. Nin- | guém será contra a construção de | edifícios e prédios. Mas que isto se- | ja feito de forma racional, conci- | liando, como pede Burle Marx, o | progresso com natureza.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: O desenvolvimento das tecnologias de comunicação.
4. Data do documento: 01 de fevereiro de 1972
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Jornal do Commercio 1 a 30 de janeiro de 1972 - Ano: - nºs: 2 a 25
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 490
9. Informações levadas: Editorial do Jornal do Commercio - Ano: F - nº F.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais - Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 23.)

Era das Comunicações

A cada dia que passa a televi- | são se torna mais poderosa como instrumento de
comunicação de | massa. Foi a partir dela que o pro- | fessor Marshall Meluhan, um ca- |
nadense que se converteu no papa | da nova ciência, chegou à conclu- | são de que as
comunicações moder- | nas propiciam o estabelecimento de | uma aldeia global. || Aldeia
5 global é hoje um termo | científico. Antigamente, somente os | fatos ocorridos numa tribo,
ou nu- | ma pequena cidade, integravam as | circunstâncias daquela tribo ou da- | quela
cidade. Hoje, não. Uma pes- | soa em Estocolmo poderá ao | mesmo tempo que outra em
Cara- | cas o mesmo acontecimento através | da televisão. Um homem do Nor- | deste
10 poderá ouvir no rádio a mes- | ma notícia naquele exato momento vi- | sando a informar o
homem comum | de uma cidade espanhola. || Para que se tenha uma idéia | de como se
antecipam as coisas, em | matéria de organização dentro dês- | se fantástico setor das
comunica- | ções, já está no Brasil, tanto quan- | to em vários outros países do mun- | do, o
15 contrato que a Alemanha e- | xige seja assinado para que nosso | país receba direto via
satélite, os | jogos da Copa do Mundo de 1974. | O "pool" de emissoras brasileiras | pagará
nada menos de 900 mil dó- | lares pelos direitos de transmitir| imagem viva dos jogos que
serão | realizados naquele país da Europa. || Atento à importancia da tele- | visão, o Canal
2, do Recife, um dos | órgãos de divulgação da Empresa | Jornal do Commercio S/A, |
promoveu uma reestruturação na | sua programação, alternando apre- | sentações ao vivo
com "vídeo ta- | pe" e aom uma programação cine- | matográfica da maior categoria. ||
20 Note-se na programação do | Canal 2 que há uma preocupação | de dar aos programas de
notícias | uma ênfase muito especial. A infor- | mação é, desde o início da televisão, | e
continua sendo em nossos dias, | uma das principais bases de comu- | cação com o
telespectador. || Os acontecimentos, aconteçam | aqui ou ali, são a maior matéria | prima,

25 em termos qualitativos e | quantitativos, dos órgãos de comu- | nicação de massa. || Não pode o mundo moderno | prescindir de eficientes meios de | comunicação. Entre êles, a televisão | é aquêle que oferece maior impac- | to e maior comunicabilidade. || A imagem do atrai o homem para | que êle tem se interessa pelo próprio ho- | mem que vê. || A tendência das notícias é cor- | rer cada vez mais. As informações |

30 envelhecer com muito mais faci- | lidade hoje do que ontem. É a di- | nâmica do mundo na era das co- | municações.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: O Hospital da Restauração como única unidade hospitalar de emergência da cidade do Recife.
4. Data do documento: 04 de janeiro de 1985
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Diário de Pernambuco 1 a de de 1985 – Ano: 60 – nºs:
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 206
9. Informações levadas: Editorial do Diário de Pernambuco – Ano: 60 – nº 4. Na primeira página do jornal, logo abaixo e do lado esquerdo, aparece sempre um quadro cujo título é Opinião informando sobre os textos opinativos e suas respectivas páginas.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 24.)

Emergências

- Com um atendimento diário que oscila entre 350 e 360 pacientes, o Hospital da Restauração está assegurando um recorde como unidade hospitalar de emergência no Recife. Segundo noticiário da Imprensa, paralelamente a essa constatação, sua capacidade de 335 leitos encontra-se inteiramente lotada, depois do movimento de fim de ano. Eis aí um problema que precisa de ser resolvido no que toca aos serviços de emergência e pronto socorro de que está a reclamar uma capital com mais de um milhão de habitantes. Tendo-se elevado a uma categoria de estabelecimento hospitalar realmente única do Estado, o Hospital da Restauração, se não for o caso de ter ampliadas as suas condições de atendimento, precisa de contar com a colaboração de outras instituições similares, através da criação por parte destas, de atendimentos também de emergência. Sua diretoria está preocupada com essa exclusividade que pode até desajudar a comunidade recifense. Não é possível a um hospital do porte do Hospital atender com a eficiência requerida a pacientes de urgência numa cidade do índice demográfico do Recife.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX- Editorial

Edição: SILVA, Jéssica Pereira

GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Editorial (artigo-editorial)
3. Assunto: A alimentação como prioridade do Governo de Tancredo Neves.
4. Data do documento: 14 de janeiro de 1985
5. Local de origem do documento: Brasil- Pernambuco- Recife
6. Local de depósito do documento: Fundação Joaquim Nabuco- Seção de Microfilmagem- caixa Diário de Pernambuco 1 a de de 1985 – Ano: 60 – nºs:
7. Identificação do autor: não há autoria.
8. Número de palavras: 610
9. Informações levantadas: Editorial do Diário de Pernambuco – Ano 60 – nº 14. Na primeira página do jornal, logo abaixo e do lado esquerdo, aparece sempre um quadro cujo título é Opinião informando sobre os textos opinativos e suas respectivas páginas.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira. Editoriais – *Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XX - Editorial 25.)

Prioridade Alimentar

A coordenadoria econômica do | virtual Presidente Tancredo Neves, | que se antecipa nos estudos a respeito | dos rumos a serem tomados no decor- | rer do futuro Governo, já se pronun- | ciou acerca da principal de suas me- | tas: a que considera o alimento como | prioridade. O economista José Serra, | um dos chefes da citada coordena- | ria, em entrevista aos jornais por sinal | já aqui comentada, colocou a questão | da produção de alimentos como fun- | damental para a saída das dificulda- | des por que atravessa o País nesse | particular que se refere à subsistência | da população brasileira. Já tínhamos | comentado as afirmativas do sr. | Serra. Voltamos novamente a elas. || Na opinião do economista so- | mente o aumento de produção deter- | minará a queda de preços, coisa que | pouco se tem levado em consideração | neste Brasil inflacionário e recessivo | em que vivemos já há alguns anos, se- | guidamente. Para Serra isso repre- | senta dizer que nem todos compreem- | dem isso. "Com frequência até apare- | cem gênios como fórmulas complica- | das de tabelamento, acordos de cava- | lheiros, que não são respeitados, "| disse. || É impressionante a conclusão a | que acaba de chegar a aludida coor- | denadoria do sr. Tancredo Neves, no | que toca a esse aspecto da situação | nacional vinculado à agricultura. Nos | últimos anos verifica-se uma queda | no consumo de alimentos que alcança | mais de 15%. E o interessante, para | não se dizer o que alarma, é que nesse | contexto é que entra o quadro de alta | dramaticidade do Nordeste, onde se | chega a frisar aquilo que todos nós os | nordestinos já estamos cansados de | saber: que cientistas de grande ex- | pressão têm advertido de que a carên- | cia nutricional na região está afe- | tando o desenvolvimento humano e | prejudicando a formação mental de | milhares e milhares de crianças. || É necessário acentuar, conforme | declara Serra, que a

decadência da | agricultura brasileira é das que estar- | recem: "ninguém
compreende que es- | tejam os
a importar arroz, feijão, ce- | bola, alho, trigo e etc. Podem téc- | nicos dar as mais
diversas
explica- | ções, mas fica sempre a impressão de | incompetência administrativa." ||
Insinua-se francamente con- | vincentes, as declarações de José | Serra,
precisamente porque dirigem- | se a um dos problemas efetivamente | vitais da vida
econômica brasileira-- | o da rural. Segundo as disposi- | ções manifestas da
coordenadoria do | candidato presidencial, a prioridade | principal do Governo que se
vai ini- | ciar a 15 de março próximo, terá de | ser a que se volte para a questão ali-
| mentar do povo. Daí o relevo que se | há de emprestar às reivindicações de |
natureza agrícola. || Dentre as soluções aventadas se | situa a que se relaciona com
a reforma | agrária, que segundo os economistas | da equipe tancredista é um tema
| mais político do que social. Em razão | disso é que não será impossível que | ela
seja encarada sob um prisma mais | objetivo: o da intensificação da pro- | dução
agrícola. Porque, como conclui | o coordenador, " raros são os que pro- | curam
saber se a terra está sendo útil | às sociedades, se vêm sendo cuitiva- | das, que
deveria ser o cri- | tério básico." Especialmente para | uma política de prioridade
para a | questão alimentar do País.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: O texto relata duras críticas ao “thetro publico” por meio dos seus administradores. Tanto no que diz respeito aos cuidados com suas instalações quanto às apresentações realizadas.
4. Data do documento: 12 de setembro de 1842.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario Novo*.
7. Identificação do autor: “G. G.”
8. Número de palavras: 425
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XIX – Carta de leitor 12.)

THEATRO PUBLICO

Srs. Editores. – A aparição de sua estimável Folha, | nos convidou a escrever para o publico sobre um objecto, | que tem sido por todos esquecido, e sobre o qual deviaõ | chover todos os dias acres censuras: nosso fim será com- | bater os erros e grandiozissimos defeitos de
5 um velho e ar- | ruinado armazem, a que chamam theatro publico. Em | que parte Senhores Edictores, haverá um theatro publico | taõ relaxado, e taõ nojento como o nosso, e onde, em | Pernambuco, onde a civilização progride agigantadamen- | te; onde se reconhece um gosto extraordinário para re- | presentações theatrais [ilegivel] Se a policia, debaixo de cujas | vistas estão os theatros publicos, em toda a parte (me- | nos em Pernambuco) cumprisse
10 aqui os seus deveres, nós não veríamos pisar em scena, pessoas, que para tal, | miste nunca tiveraõ, ou tem o menor jeito, a mais leve | vocação: alem de que se em outros theatros, onde exis- | tem comicos, dá-se sempre, pará estudo de qualquer par- | te, dez e quinze dias, como poderaõ os galinhas do Sr. | Gambôa (expressaõ sua) representar com dous e tres dias, | d’ entrevalos[ilegivel] ! | Nós queremos e tambem desejamos muito tecer
15 tambem ellogios, | mas só o faremos quando elles sejaõ merecidos. Se olha- | mos para a decoraçã da scena la vemos velhas e horren- | das vistas, quase sempre sem analogia alguma ao que se re- | presenta; o tablado preto de sujo onde parece que agoa | não passou mais desde que elle la se colocou que limpe- | as de platéa, que aceio de camarotes, tanto externa como | internamente; donde os vestidos e as casacas sahem sem- | pre
20 mascarados, e com 20 por cento menos de seu valor, | não fallando entaõ no principal objecto, isto é nos Srs. co- | micos poe excelência, de cuja rigorosa censura só nos es- |

capará com justiça a Senhora Gambôa, porque bem certos | estamos, que se estivesse em
seu poder melhorar a sorte | desse theatro, onde ella taõ garbamente pisa, e sem receio |
nos apparece, ella o faria: nós a estimamos respeitosa- | mente pelos sacrificios que ha
25 feito, e por sua exemplar | virtude mui rara por certo na mais de sua profissão, o | que tudo
a faz separar da classe desses laponios, a quem | d'ora avante combateremos, e para o que
desde ja con- | vidamos o Sr. Gambôa a refutar-nos. || G.G.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta retratando algumas das peculiaridades que antecederam e deram ascensão à Revolução Praieira. Nesta carta, o autor do texto – defensor das causas da Rua da Praia – se defende de acusações e acusa os editores do jornal *Diário de Pernambuco*.
4. Data do documento: 06 de setembro de 1844.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diário Novo*.
7. Identificação do autor: “O inimigo dos velhacos”.
8. Número de palavras: 262
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XIX – Carta de leitor 14.)

Srs. Editores. – Lendo casualmente o infame Diário | de Pernambuco n.196 nelle deparei com um communi- | cado em o qual pretendeu seu autor persuadir ao brioso | povo pernambucano que do lado baronatico estavaõ as | capacidades, os verdadeiros patriotas &. &c. e que da- | li deviaõ faser a escolha dos representantes da provin- | cia, e não do lado a

5 que elles chamaõ – praeiros, que | somente querem impolgar os | lugares para depois aca- | brunharem o povo com impostos e mais impostos . || Srs. E [ilegivel] itores, não se pode ler sem indignação seme- | lhante desaforo. Dizei- nos escravos, não foi desse lado | baronatico que appareceraõ as sedulas falsas, o contra- | bando de escravos e pao Brasil. Os assassinos perpetra- | dos mesmo pela polícia, os roubos nos terrenos de ma- | rinha nas

10 obras publicas, os vexames em todas as | classes com as posturas municipaes organisadas pelos | commissarios do barão da Boa Vista, e como ousaes di- | zer que do nosso lado é que tem de apparecer as Perse- | guições? Miseraveis, estanhaí essas caras para ouvi- | res a maldição geral dos briosos Pernambucanos, e ape- | sar de teres de vosso lado toda protecção, contaí desde | já com a derrota eleitoral, e podeis sem medo de errar | seder o

15 campo aos verdadeiros liberaes, aos Pernambu- | canos livres, que para defenderem a constituição jurada, | e o Senhor D. Pedro || não hesitaõ sacrificar a própria | vida se necessário for | O inimigo dos velhacos.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta assinada por um padre se defendendo de acusações na participação de revoltas armadas e declarando sua obediência às autoridades eclesiásticas e a Deus.
4. Data do documento: 22 de fevereiro de 1849.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario Novo*.
7. Identificação do autor: "Padre João José Pereira".
8. Número de palavras: 174
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XIX – Carta de leitor 16.)

Srs. Redactores- Tem chegado á minha noticia, | que maõ inimiga procura infamar-me, inculpandu- | me de ter tomado parte na revolta que se debella | actualmente nesta provincia por isso não posso dei- | xar de declarar que a regra de minha conducta tem | sido obedecer ao imperante e aos seus ministros e | autoridades constituídas, não somente por temer | mas ainda por consciência, pois que quem lhes dê- | obedecer, desobedece ao mesmo Deos; que eu não | tenho tomado parte em dita revolta, nem directa | nem indirectamente; e que, finalmente, pronun- | ciei-me e pronuncio-me contra esse partido, hoje de- | cahido, logo que lançou mão das armas para ir de | encontro as ordens do governo de sua magestade Im- | perial. || Rogo a vossas mercês, Sr. Redactores, queiram | inserir no seu Diario esta declaração de seu | constan | te leitor | O Padre João José Pereira, vigário collado da freguezia de | San- Pedro- Martyr de Olinda | 14 de Fevereiro de 1849.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Texto que expõe explicitamente uma intertextualidade com outra publicação anterior de autoria do "Sr. Commendador Lopes Gama". Na carta atual, o Sr Dulcamara (assinante da carta) além de questionar os conhecimentos científicos do Sr. Lopes Gama ainda o acusa de ter levantado várias difamações em nível de linguagem sem a moderação adequada.
4. Data do documento: 22 de maio de 1850.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: "Dr. Dulcamara".
8. Número de palavras: 274
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XIX – Carta de leitor 17.)

Senhores redactores: - Grande He o conceito | que goza na opiniaõ publica os escriptos do [ilegível] | Sr. Commendador Lopes Gama, e por esta ra- | são ninguém duvidara que os comunicados | que o mesmo Sr. publicou no seo Diario ha- | viam de dar grande corte na renda dos frascos | homeopathicos a 10,000 rs. Eu estou pelo me- | nos bem convencido disto; porque nestas duas | ultimas semanas o meu *especifico elixir* não tem tido nenhuma sahida ; porem, senhores | redactores, parece-me que apesar de todos os | pesares os referidos communicados não me au- | torisam a mim, nem ao Sr. Dr. Sabino a dar | respostas insolentes e nojentas como este Sr. | Dr. Fez no seu communicado (em dous actos). | Meu charo Dr. he preciso mais moderação, e | ser mais civil, para que se lhe não diga- "*li dottor he'troppo scaído*" || Agora, Sr. Dr. Sabino, tenho a dizer-lhe que | como eu não receio entrar em uma polemica | homeopathica com V. S. muito embora se sir- | va da arma da insolencia, e convido para este | fim, pois desejo ter uma discussão franca com | o charo doutor, visto eu ser bastante habilitado | para isto, *andiamo, mio dottor*, não me tema | apesar de si dizer que *Io sono insicliopedico*: es- | teja persuadido que não receio a sua arma | pois desejo provar-lhe que a sua homeopathia | não tem tanta virtude como o meu elixir. || La vostra pura [homeopathia] bísogna da lícor. [ilegível] á mol á qui vous avez á faire. | O Dr. Dulcamara.

Edição: SILVA, Andréa
SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Texto que expõe a ideia sobre a limpeza urbana. O autor da carta evidencia que para a cidade ficar limpa é necessário que os moradores efetuem a limpeza da rua na faixa de frente para suas respectivas casas.
4. Data do documento: 25 de janeiro de 1851.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: “Um estrangeiro”.
8. Número de palavras: 161
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 18.)

Srs. Redactores – Para limpeza das ruas | e saude dos habitantes desta bella cidade | era bem conveniente que o morador de | qualquer casa fosse obrigado a mandar lim- | par duas vezes por semana, quarta- feira e | sabbado, a rua adiante da sua casa, e que | houvesse carroças para levar o lixo para os | lugares proprios a recebe-lo, que um ou | outro morador mande limpar a rua , não | serve para nada, como o transito do povo a | pé e a cavallo, tambem o vento, transferem | o lixo de um lugar para o outro. Todos os | habitantes devem ser obrigados como naes | principaes cidades da Europa, a mandar | ajuntar no mesmo dia e na mesma hora | o lixo, para as carroças o levarem. Deos I que [ilegivel]a que as
5
10
authoridades competentes to- | mem a medida indicada para bem do publi- | co, por I Um estrangeiro.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta criticando cobranças – comum na época – feitas por meio dos periódicos. O autor do texto relata que o local correto para tais cobranças são os tribunais.
4. Data do documento: 15 de janeiro de 1852.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: "J."
8. Número de palavras: 147
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 19.)

Srs. Redactores- Não deve passar impu- | ne, no século presente, o que geralmente se |
está vendo, ora nos temos tribunaes para | cobrar as nossas dividas, meios estes que |
chamo grande ao seo autor; e como appa- | recer nos jornais chamando-se a diversas |
5 pessoas a pagarem, mostrando-se a natureza | das dividas, e até o tempo das mesmas, e |
ingratidões ocorridas; eu creio que he motivo de injuria, e por isso os injuriados de- | vem
queixar-se ao juiz competente, e pro- | cessar contra os injuriadores, só desta fór- | ma se
pora termo a tanta petulancia e des- | credito, não se persuadam que sou dos in- | juriados,
por ora nada devo á praça; ama- | nhãa posso dever, e para consultarem se he | exacto ou
10 não, me vejo na necessidade de | declarar meu nome. J.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta em que o autor expõe o teatro com características que vão além da arte educativa e alcançam o lazer e o “recreio”. O autor ainda evidencia vários atores, que do ponto de vista dele, são ícones nas apresentações teatrais.
4. Data do documento: 12 de agosto de 1852.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: sem identificação.
8. Número de palavras: 493
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 20.)

T[H]EATRO DE SANTA ISABEL

A nova companhia dramática | São inconstetaveis as vantagens que o | theatro proporciona, e
as modificações que | imprimi na vida de um povo. Contribue po- | derosamente para o
desenvolvimento da li [ilegível] | tera e aperfeiçoamento das lingoas: he | uma circunstancia
favorável para o appare- | ção de grandes talentos, e entre varias na- | ções modernas tem-
5 se visto o gosto do dra- | ma confundir-se com o da gloria e da liberdade || Hoje já não há
quem repute o theatro um | lugar somente on[d] e se vai beber lições de | moralidade, ou
uma eschola de vicios. O | bom censo da civilização despresou essas | pretenções syst
[ilegível] maticas, e o theatro he considerado um lugar em que o homem, de- | pois das
fadigas do dia, vai passar rápidas | horas de innocente recreio; em q[u]e a imagi- | nação se
10 compraz em todas as tradições po- | pulares; em que o espírito se alimenta com | emoções
nacionais, e se engradece a vista | das imagens de nossos antepassados. || Ora, há quase
dous mezes que a popula- | ção desta cidade se achava privada desse ho- | neste
passatempo, e das vantagens de outra | ordem que delle resultam. Entretanto cons- | tanos
que o actual empresario não ha pou- | pado esforços nem sacrificios para organizar | uma
15 companhia digna do publico | desta grande capital. || Esta companhia se acha definitivamente
| constituída, e encerra em seu grêmio bellos | talentos, ja p[ilegível] opularisados em todo o
Brazil. || Entre os nomes que a compõem- vê- se o | da Sra. Maria Leopoldina. Todos
conhecem | esse distincto talento, cuja habilidade se | apodera de tal sorte dos papeis que lhe
ca- | bem, que as vezes o seu nome fica insepara- | vel do titulo da peça. || O Sr. Costa he
20 dotado de uma habilidade | vari [a] vel, de um talento múltiplice, e um | dos mais distinctos

25 caracteres artísticos flu- | minenses, não vem fazer entre nós o tero- [ilegível] nio de actor. Na corte do Rio de Janeiro, | theatro das glorias do Sr. João Caetano, o | Sr. Costa gosa de brilhante reputação, e te- | mos para nós que esse illustre artista que | ora esmalta a companhia do S. Izabel e veri- | fica-a com as chammass do seu bello talento | há de satisfazer as exigencias dos amadores | da scena pernambucana || A Sra. Maria Amália, os Srs Guimarães, Monteiro, Senna, Amoedo, Bizerra, etc,,, | etc, são nomes bem conhecidos entre nós; | todos gozam de sympathias, e contam mui- | tas dedicações || Assim, visto já se acha organizada a | companhia, rogamos ao digno empresário | que abra o theatro, a fim de termos um lu- | gar em que passemos algumas horas de dis- | tração

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta destinada a evidenciar as qualidades do “gymnasio Pernambucano”. Segundo o autor do texto, um local que além de educar muito bem ainda acolhia seus estudantes com excelente presteza. Exemplo dessa qualidade é evidenciada e relatada quando o autor da carta cita o tratamento dado ao seu filho quando acometido pela cólera.
4. Data do documento: 19 de abril de 1856.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Francisco de Pinho Borges.
8. Número de palavras: 859
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 21.)

Srs. redactores- Se as boas instituições, maximo, | as que dizem respeito ao aperfeiçoamento moral, e | intellectual da mocidade em que se baseam as espe- | ranças da pátria, devem ser animadas, e a todo tran- | se protegidas, não me posso furtar de concorrer com | o meu fraco contingente para que tenha todo en- | grandecimento e esta[[ta]]bilidade aquella que, como |
5 o gymnasio Pernambucano, vai principiando a mos- | trar por factos que devemos delle esperar os resul- | tados mais lisongeiros! || He hoje corrente, que não são somente os melho- | ramentos materiaes: as estradas de ferro, as casas | de detenção, os cemiterios publicos, que como mui- | to bem comprehendeu, o Exm. Sr. Dr. José Bento, | contituem a grandeza e prosperidade de um povo, mas | também, e principalmente os melhoramentos
10 Moraes, | os estabelecimentos de educação regular, e systema-tica pelos quaes se consegue as boas reformas dos | costumes, a cultura do espirito, e obtem adoçar os | gênios, abrandar o coração dos mancebos, fortifi- | cando-os com o exemplo para que um dia, possam e- | levar-se e para melhor dizer conhecer-se forte, e po- | deroso como um homem do evangelho, que tem a | sua força em sua propriae san consciencia! || Não he intenção minha entrar aqui
15 em todas as | particularidades, que são relativas ao gynnasio, no | seu sistema de ensino, organismo etc. [ilegivel] o que | quero he tão somente dar um testemunho de excel- | [ilegivel] encia dos aspucios, sob que vai estreando sua exis- | tencia aquella instituição. || Quando há pouco, na força da terrível epidemia, | que tantos males nos há causado, os espíritos esta- | vam agitados e assombrados, a palavra cholera era | ouvida como synonyma
20 de morte, a desolação, o hor- | ror, e a consternação se derramavam por toda a par- | te; era estupendo, e appresentava um magnífico contraste ver-se o aceio, a ordem, e harmonia, que | reinavam em todo aquelle estabelecimento. || Todos os seus empregados, desde o regedor

até o porteiro se esmeravam, e esforçavam-se em acti- | vidade e energia nos soccorros que
prestavam aos e- | ducandos, que por infelicidade eram accomettidos | deste devastador
25 flagelo. || Disto fui testemunho occular || Sabendo, que meu filho, que he um dos pensio- |
nistas, tinha sido atacado do cholera, e não podendo | por maneira alguma permittir, que elle
fosse tratado | fora de minha casa, dirigi-me ao gynnasio acompa- | nhado de uma cadeirinha
com a firme resolução de | o conduzir para o seio de minha família. || Mas Srs redactores, foi
tal a admiração, que me cau- | sou o desvelado tratamento que meu filho alli rece- | bia, e
30 que com os meus proprios olhos vi empregan- | do-se, não obstante ter eu chegado de
surpreza, que | fiz voltar a cadeirinha, e deixando meu filho entre- | gue áquelles distinctos
empregados, que tão bem | sabiam supprir minha falta, fui tranquillizar minha | família. ||
Depois tive de ir re[[re]]tidas vezes visita-lo, e sem- pré voltei satisfeitíssimo por presenciar
que nada | absolutamente lhe faltava, e que até era tratado | com um zelo e carinho
35 partenaes. || Como este muitos outros factos observei naquel- | lê estabelecimento a respeito
de outros educandos, | que alli adoeceram. || E na será já isso um motivo importante para
que | os senhores pais de família, que conservam ainda prejuízos, e preconceitos contra os
collegios, e gym- | nasios, desarraigando-os de [ilegivel] si, se [ilegivel] esforcem para que |
seus filhos sejam educados naquelle foco de instrucção, e civilização [ilegivel] ! || Não
40 poderemos já nos ufanar de possuir um esta- | belecimento da instrucção secundaria, que
muito de- | ve contribuir para o derramamento das luzes, e bem | estar social [ilegivel] || Mil
louvores pois a todos os empregados do gym- | nasio Pernambucano, e com especialidade ao
dis- | tincto Rvm. padre Joaquim | Raphael da Silva pelo modo lisongeiro com que | vão
executando a nobre e honrosa missão de que se | encarregaram. || Em todo os tempos há
45 caracteres tão distinctos | e importantes que por si so constituem um elemen- | to de ordem,
de sabedoria, e de confiança. A no- | meação do Rvm. padre Joaquim Raphael da Silva | para
regedor, desse homem enérgico, sabio e mo- | desto foi uma garantia, que o Exm. Sr.
Conselheiro deu aos pais dos educandos de que estes iriam | para o gymnasio illustrarem- se,
e não perderem- se. || Tributemos por muitos louvores ao Exm. Sr. pre- | dente da província
50 José Bento da Cunha e Figuei- | redo, e ao Rvm. regedor, este pelos serviços que | nos está
prestando, e aquelle por haver trabalhado | tanto para dotar á nossa [ilegivel] provincia com
um estabe- | lecimento tão necessárias, e que por ter feito tão a- | certada escolha para
regedor, he credor de todos os | encômios, e da mais sincera gratidão dos Pernam- | bucanos
honestos. || Francisco de Pinho Borges.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta contendo a explicação de uma proposta que, segundo o autor do texto que é o mesmo autor da proposta, foi publicada de forma controversa quando comparada com os argumentos de sua defesa. O enredo textual se baseia numa proposta de iluminação pública oferecida pelo Sr David W. Bowman ao governo de Pernambuco.
4. Data do documento: 16 de maio de 1856.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: David W. Bowman.
8. Número de palavras: 336
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 22.)

Senhores redactores- Pensei que a minha pro- | posta para illuminar esta cidade com gaz de
carvão de pedra, que eu fiz ao governo há quasi dez annos, | ja estava completamente
esquecida , porém sendo de | novo trazida a’ luz de publicidade pelo seu corres- | pondente
no Diario de sabbado 10, e por elle pos- | la em desfavoravel comparação a respeito de preço,
5 | com o contrato recentemente celebrado com os se- | nhores Dr. Lopes Netto, Manoel de
Barros Barreto e | Henry Gibson, peço licença para corrigir algumas | inexactidões que o seu
correspondente inadvertida- | mente commeteu. || O preço que a minha proposta exigia não
era 240 | rs por noite, porém oito libras esterlinas por anno. | Esta quantia ao cambio actual
de 27 1[ilegível] 2 he equiva- | lente a 186 rs. Por noite. || A condição que marcava o tempo
10 em que os lam- | peões deviam estar acesos era o seguinte: || << Os lampeões deverião
acender – se meia hora de- | pois do sol posto, e estar acesos até meia hora antes | que elle
nasça, excepto durante o período em que a | lua se acha *elevada* acima do horisonte, não se
in- | cluindo todavia neste periodo os quatro primeiros | dias da lua nova, nem os quatro
ultimos do quarto minguante em que ella não offerece bastante clari- | dade>> || O tempo
15 médio por noite, resultando desta clausu- | la de estarem os lampeões acesos, não deve ser
cal- | culado em menos que sete horas, e talvez de oito, se | contarmos o tempo necessario
para accender e apagar | todos os lampeões || Pelo contrato recentemente celebrado, parece
que | o governo terá de pagar pelo tempo medio de 7 ho- | ras a quantia de 210 rs. e pela de
8 horas 240 rs. || Sou de Vmcs. muito respeitador e attencioso cria- | do. – David W.
20 Bowman. || Recife 12 de maio de 1856.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Texto introduzido pelo entusiástico momento de empolgação popular em que vivia a província de Pernambuco com a visita da Majestade Imperial. Contudo, a narrativa eufórica deu lugar a críticas e cobranças ao governo pela deficiência nas construções de fontes de água.
4. Data do documento: 09 de março de 1860.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Amintus
8. Número de palavras: 763
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 23.)

Parece que uma nova era renasce para Pernambuco, há como um sentimento comum que se disputa em todo este povo depois da imperial visita. O imperador deixou uma animação, que se propaga por todas as classes e por todos os indivíduos. || O que se revela actualmente, o que mais sobressahe é o espirito publico adormecido por tantos annos, ou cansado das lutas políticas, que acabaram por quebrar-nos as forças, reduzindo-nos a um estado de torpor e de lethargia; hoje esse espirito renasce, como a Phenix, de suas próprias cinzas. || Move-nos o dizello assim, entre outros, um facto bem significativo e é a attitude, ou a posição que este anno tem tomado a nossa assemblea provincial com respeito aos negocios mais importantes da provincia. Está-se desenvolvendo nellum interesse immediato por muitas cousas, que existiam antes um completo abandono ou pelo menos em notável esquecimento. || O Diario de Pernambuco de 7 do corrente publica um requerimento feito pelo deputado o Sr. Cintra, em que propõe se peça ao governo informações sobre o estado de cumprimento das estipulações do ultimo contrato da companhia de Beberibe, relativamente á collocação de novos charizes em outros lugares desta cidade, que delles precisem ampliando assim seu numero para cômodo do publico. || O Sr. Mello Rego, ampliando este requerimento, pedio igualmente copia do dito contrato. Tanto o requerimento como o additamento foram approvados. Honra pois á assemblea provincial, e especialmente aquelles que se lembraram de uma necessidade tão palpitante. || Com effeito, quem se lembrar que o extenso e hoje populoso bairro de Santo Amaro não tem um chafariz, o que das ultimas casas da rua da Aurora é mister prover-se d'agua na ponte da Boa – Vista; quem se lembrar que a companhia de Beberibe apenas calcula a cifra do seu rendimento actual, sem importar-se com as necessidades publicas,

dirá infalivelmente, que os con- | tractos entre nós só teem um valor real, e é a | vantagem
de uma especulação mercantil com a | garantia do governo. || Em todas as partes do mundo
25 civilisado os | chafarizes são verdadeiros monumentos publicos | por sua construcção
architetônica, por sua bel- | leza e por sua utilidade. E não se diga que isso | se dá somente
onde o governo dá agua gratuita | ao povo, isto é, onde os chafarizes são obras pu- | blicas,
pois que na Bahia, onde existe uma com- | panhia com as mesmas condições que a nossa |
tem enriquecido a sua capital já com os magníficos | e bellissimos chafarizes, já elevando o
30 nivel de | suas aguas para assim fornece- las aos | andares superiores das diversas
habitações. Entretanto, | o que acontece entre nós [ilegivel] || Temos apenas o chafariz da
praça da Boa- Vis- | ta, que não é lá grande cousa e o mesquinho do Passeio Publico no cães
deste nome; tudo o mais | não passa de uns caixões de ferro sem forma al- | guma exterior,
que embeleze, ao mesmo tempo | que só serve para conservar alguma agua em- | pregnada
35 de oxido de ferro, que a torna desagra- | davel ao paladar, dize-mos alguma agua porque |
em certos lugares há pouca e em outros senti- se | as vezes falta total. || Nota-se um
demaselo na administração da | companhia, um não sei que de abandono e de | incuria, que
não valem reclamações e até dizem, | que nem advertencias, ou solicitações do gover- | no. O
povo estará sempre condemnado a comprar | a agua que bebe, ao passo que nem ao menos |
40 este sacrificio reverte em utilidade publica. || Prosiga pois a assemblea provincial no cami- |
nho tão sabidamente encetado; leve avante o pro- | jecto de melhorar e corrigir as nossas
cousas | pelo seu poder e pela sua autoridade: cha- | me a attenção do governo da provincia
para mui- | tos outros negocios, que affectam o bem estar e | a e[c] onomia dos habitantes
da provincia desta ca- | pital, onde o abandono e o deleixo parecem qua- | lidades essenciaes
45 em todos e em tudo; e Deus | abençoará a sua obra meretora para torna-la dig- | na do
agradecimento nacional. Amintus

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta relatando problemas e discussões a respeito do tratamento homeopático. O problema, segundo o autor do texto, concentra-se em discussões realizadas por uma determinada associação homeopática que almeja fazer publicidade de teorias já anteriormente publicadas em um grosso volume versando sobre a medicina homeopática.
4. Data do documento: 21 de junho de 1860.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: "B.T."
8. Número de palavras: 439
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 24.)

O expositor dos trabalhos da associação medi- | ca a [ilegível] pathica de Inglaterra
(Bristish) publicados | neste Diario, tenha a bondade de expor tambem | as razões pelas
quaes a mesma associação julgou | o systema homeopathico destituído de toda a |
probabilidade, e de toda a verdade em theoria, e | igualmente nos resultados da pratica. ||
5 Sem estas razões não pode convencer, e [ilegível]seas | não tem também, não há razão,
nem para ser | [ilegível] a associação, e nem para o expositor con- | tinuar a dar
publicidade a conclusões suscintas | da referida associação, pois que nada menos im- | porta
seu procedimento, que barulhar com pa- | lavras, princípios fundamentaes, que foram devi-
| damente discutidos e se acham escriptos em | em grossos volumes homeopaticos, como o
10 uni- | co padrão de gloria da sciencia medica. || Lembre-se o expositor, ou alguem por elle, |
que a ser o verdadeiro principio, que | considera- | vel numero de molestia se pode curar
sem tra- | tamento, e unicamente pelos esforços da natu- | reza e pelo poder da hygiene,
tambem não é | menos verdadeiro o principio que as molestias | que não estiverem
comprehendidas neste numero | se não podem curar, nem pelos esforços da na- | tureza, e
15 nem pelo poder da hygiene. || Destes principios resulta evidentemente, | que na ordem das
molestias, ha molestias curaveis e | ha molestias incuraveis. || As molestias curaveis não
precisam tratamen- | to, porque basta os esforços da natureza, e o po- | der da hygiene,
como diz a associação (Bris- | tish). || As molestias incuraveis tambem não precisam |
tratamento, porque é da essencia da | moles- | tias incuraveis zombar da medicina. || Ora, á
20 vista destes principios estabelecidos | pela associação medica da Inglaterra, e publica- | dos
neste jornal, quaes serão as consequencias | que delles resultam. [ilegível] || Que a
medicina e uma phantasmagoria doce | desfarçada em systemas por meio de palavras | nos

quaes, uns são enganados, e outros engana- | dores como uma organização commercial. ||
Se porem a resinga estabelecida entre os dous | systemas, é por amor a sciencia, e da
humani- | dade, firmado nestes principios, direi que são | elles como dous cegos, que vivem
rindo. Se um | do outro. || No entretanto é mais prudente não vexar | as crenças nesta
quadra de epidemia, porque ha | quem ter há fé em um e no outro systema e a fé é | um
principio verdadeiro de grande proveito em | todos os tempos. || B.T.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Texto discorrendo críticas a uma publicação anterior do *Diario de Pernambuco* do dia 25 de janeiro de 1862. A carta versa sobre argumentações fundamentadas em teorias e conceitos para o tratamento de miasmas, desinfecções e outros acometimentos do corpo.
4. Data do documento: 06 de fevereiro de 1862.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Jose da Rocha Paranhos
8. Número de palavras: 2.167
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 25.)

Senhores redactores- Ainda algumas conside- | rações tenho a fazer ao communicado sim
assig- | natura, publicado no Diario de 25 de janeiro | proximo passado, que tratou de
combater as de- | sinfecções por meio das fumeгаções. || Disse o seu autor: - *Se estivesse
conhecido a | natureza dos miasmas, então converia adoptar-se qualquer processo chimico,
que destruisse es- | sés miasmas.* || A essa argumentação responde- se, que o com-
5 municante não tem conhecimento dos reagentes | capazes de fazer desaparecer os gazes
mephe- | ticos de qualquer natureza que sejam: se esti- | vesse bem a par delles, certamente
não avança- | ria tal proposição. || Não sabe o communicante que por meio da | sciencia se
tem conhecido que os reagentes há, que | se expondo ao ar, quando tudo empregado | de
10 miasmas sorvem os gazes fetidos até o vo- | lume que póde comportar, e quer por ter sorvi- |
do apresenta nova forma alem de que são co- | nhecidos por meio de experiencias com outro
reagente. || Diga ao menos o communicante qual um | desses reagentes para poder
conhecer; se o com- | municante está a par da sciencia em todos os | seus pontos. || Ainda se
responde, que, tendo a experiencia | fundada na sciencia reconhecido, que as epide | mias
15 atacam sempre aos indivíduos, que as epide | mias atacam sempre aos indivíduos que se
acham | predispostos a obte-la pelo ar, que respiram, e | pelo contacto claro está sempre
convenien- | te combater-se o mal pelo meios que ella tem aconselhado. || O meio que até
aqui se tem conhecido são as | desinfecções em regra, que não compreendem so- | mente as
fumeгаções. Como diz | pois, que não | estando conhecida a natureza dos miasmas de | nada
20 valem as desinecções, quando muitos auto- | res os aconselham, certos sem dúvida de que o
chloro e mais reagentes conhecidos tem a capa- | cidade de combater a todos os miasmas
[ilegivel] || Bem convencido estou de que se a athmosphe- | ra quando carregada dos

vapores miasmaticos | fosse conhecida por algum signal, certamente se- | ria facil de
25 combater-se uma epidemia qualquer | no seu todo, pois, que viamos o lugar em que não | se
achava o ar em estado regular, e então com os | meios que a sciencia tem descoberto far-se-
hia des- | apparecer com os reagentes conhecidos, e como | não se possa conhecer para
previnirmos o mal | faça-se o que está ao nosso alcance, que é por isso | que os autores
aconselham que quando se tenha | de resolver os focos seja com as cautellas pre- | cisas. || O
30 communicante em sua segunda correspon- | dencia publicada no Diario do 1º do corrente
avan- | çou uma proposição que não é capaz de provar, | quando diz – *que na reunião da
comissão cen- | tral dos soccorros medicos desta cidade são to- | dos de opinião, a excepção
do Sr. Dr. Firmo | Xavier, do que expendeu no seu primeiro com- | municado.* || Não se queira
o communicante apadrinhar com | a comissão central dos soccorros medicos por- | que
conhecemos todos os seus membros; todos, | sem excepção de nenhum tem dado provas de
35 se- | rem amigos das desinfecções completas, admit- | tindo as fumeгаções, pois essa
asseveração do communicante não é exacta, para o que passa – | mos a analysar a cada um
de seus membros a | tal respeito. || O Sr. Dr. Sarmento, alem do que se sabe, deu | o seu
parecer na exposição por mim apresentada I a tal respeito, donde se conclue estar de accor- | do
40 do com as desinfecções. || O Sr. Dr. Sergio delegado militar, sempre foi | amigo das
desinfecções, e na qualidade de chefe | militar da saude nesta provincia tem mandado |
proceder no hospital militar e em geral em todos | os estabelecimentos desta [rasurado]. || O
Sr. Dr. Ferreira tambem tem mandado pro- | ceder, já na qualidade de chefe de saude do por- |
to, e ja no tempo nque fez parte da junta de hy- | giene desta cidade, e não podia em vista
do re- | gulamento que ordena taes desinfecções, deixar | de po- las em pratica, se hoje esta
45 de accordo | com as opiniões dos escriptores de 1801 e 1803 | na Hespanha não fazendo
proceder as fume- | гаções, quando precisas, esta infringindo o mesmo | regulamento, etc;
etc; devendo ser fiel executor | de suas prescripções sob pena de ser infractor, e | infiel ao
juramento que prestou de bem cumprir | com seus deveres; a sua vontade neste caso não |
pode ser soberana, pois logo que acceitou o em- | prego, e que o exerce, tem ordem e leis a
50 cum- | prir; e se as deixa de satisfazer, pode-se- lhe | applicar o epitheto de que não é bom
empre- | gado. || O Sr. Dr. Aquino Fonseca quando presidente | da comissão de hygiene
publica desta cidade, | foi por demais severo nas medidas sanitarias; | foi no seu tempo, que
as cartas vindas dos luga- | res affectados eram fumegados; foi no seu tem- | po, que se
creou o lazareto do Pina, para as qua- | rentenas por seu conselho, foi por elle aberta a | mais
55 formal opposição ao desembarque do cada- | ver de uma filha do Sr. desembargador Figueira
| de Mello, que [ilegivel] trouxe do Rio de Janeiro em- | balsamada para ser sepultada nesta
cidade, sob | pretexto de ter fallecido de cholera; se pois, ho- | je está de opinião, e accordo
com os escriptores de | Hespanha de 1801 e 1803, não e certamente se- | não porque, sendo
eu pharmaceutico encarrega- | do pelo governo das desinfecções, poe este mo- | tivo ficou
60 despeitado. || Já vê o communicante que não tem razão quan- | do diz: - *A opinião do Sr. Hr.
Paula Candido, | não tem mais peso do que a de qualquer um dos | membros da commissão
central dos soccorros | medicos, e se o que diz o distincto presidente da | junta central de
hygiene publica fosse sempre | verdade incontestavel, então não teria appareci- | do no Rio de
Janeiro a febre amarella, depois do | que elle disse na camara dos deputados em 1855, | e se
65 acha escripto, não obstante as fumeгаções | e medidas sanitarias alli empregadas.* || Deste

trecho do communicante se conclue, que elle quer que todas as vezes que sejam as medi-
[[di]]das sanitarias adoptadas nos lugares onde ti- nha havido necessidade de sua execução,
esteja isento para sempre de ser invadida por qualquer epidemia; quer que o serviço feito
no passado previna o mal futuro; esta argumentação não precisa mas comento, porque
70 seu mesmo au- tor a destruiu, quando escreveu, e salta aos olhos de qualquer pessoa a
sua sem razão; e neste caso bem se pode dizer, que o communicante quis que um
individuo, que se tratou de uma moles- tia nunca mais possa della ser acometido, ou de
outra qualquer. || Diz ainda o communicante: - *Não e a data das experiencias feitas em*
75 *Hespanha que destroe o seu valor, outras muitas tem sido feitas, e o resultado por toda ha*
sido o mesmo. || Isto e querer negar a verdade dos factos, e tudo confundir, e assim poder
dizer que disse uma verdade: cite os autores que assim dizem declare as datas, para
saber-se. Nesta maneira o communicante, sem combater os factos, que se lhe
apresentam, salta por elles, e tudo atrapalha, escrevendo tudo o que lhe a- prouver. ||
Diz, ainda mais o communicante: *O que se lê em alguns tratados de hygiene publica, não*
80 *passa disso, que se encontra em muitos livros: são asserções que a experiencia não*
confirma, e só serve para encher papel e fazer avultar o numero de paginas. || Admira que
sendo o communicante homem entendido, queira que sejam sempre infalliveis os
resultados das experiencias! Se estes que se propõe a executar as desinfecções, não
cumprem muitas vezes os seus preceitos, por ignorar o modo pratico de os executar,
85 como queres um resultado favorável [ilegível] || Julgará talvez o communicante, que a
palavra desinfecção comprehende somente as fomegações; esta enganado: encerra
outros muitos sitios. || Eu sei o que quer o communicante, e vem a ser que estando
esta cidade, devidada em districtos, e atesta de cada um o seu medico, seja por elles feita
a desinfecção, se a julgar conveniente. || Não sabe o communicante, que a lei deu attri-
90 buições ao medico, e ao pharmaceutico, e que a- quelle tendo muito em cuidar não pode es-
perdiçar o seu tempo em trabalho, que competem aos pharmaceuticos [ilegível] Assim
succede com as desinfecções: ellas devem ser praticadas pelo pharmaceutico, que tem os
apparehos convenientes, e tempo para isto, prescindindo dos conhecimentos dos
medicos, todavia não estão elles prevenidos desses preparos. Mas isto não quer o
95 communicante; não porque queira chamar a si essa attribuição pharmaceutica, mas sim pelo
facto de ser eu o que mais se tem dedicado a esse trabalho; e então por essa razão não
convém, que se adopte essa medida sanitaria, e isso devido as nossas desavenças
passadas, que do cavalheirismo do communicante deveriam estar esquecidas pelo
tempo que tem decorrido. || Não esteve nesta cidade o communicante quando reinou a
100 epidemia da angina e escarlatina [ilegível]. Não viu as vantagens das desinfecções em regra
[ilegível] Não viu quase todos os periodicos, pelas noticias que tinham elogiar essa medida
adoptada pelo governo [ilegível]. Não tenho em meu poder uma declaração do Sr. Dr.
Procurador fiscal Fernando Afonso de Mello, em que declara o bem que produziu a
desinfecção em sua casa por mim praticada [ilegível]. || Não tenho em meu poder ainda
105 outro igual documento do Sr. commandante do corpo de policia, no qual declara as
mesmas vantagens por mim obtidas [ilegível]. Alem de muitos outros de pessoas bem conhe-
cidas, que seria enfadonho enumerar-los; mas nada serve de prova ao communicante,
porque deu-lhe a birra para isso. || Se as provas assim apresentadas nada valem para o

communicante, não sei o que quer: pois | que ladeando sempre da questão não acha rama |
110 em que se apegue, nem fundo que tome pé: vai | sophismando quanto pode, com tanto que
não se | proceda as desinfecções, porque sabeque fui eu | o que se propoz por ter os
apparelhos necessários | e por mais uma vez as ter praticado. || Porque não appresentou o
communicanteI provas relativamente a morte do pharmaceutico que | alludiu em seu primeiro
comunicado, no qual | disse morrêra das desinfecções [ilegível]. || Não lh'[ilegível] pedi
115 [ilegível] Seria esse pharmaceutico ata- | cado por ventura, na occasião das desinfecções
[ilegível] | Saberia desempenha-la com os quisitos da scien- | cia [ilegível]. Teria elle o
cuidado de entrar nas casas af- | fectadas com o chloro desenvolvido [ilegível]. Teria esse |
pharmaceutico o cuidado de trazer consigo a | chloredina, principio menos ativo que o chloro,
| que pode ser respirado sem encommodar os or- | gãos respiratórios . Não podia [ilegível]m
120 hora de des- | canço ser atacado de uma camada de ar empreg- | nado de miasmas [ilegível]
| Declaro ao communicante | que como encarregado da desinfecção desta ci- | dade, tive
sempre o zelo de recommendar aos | meus agentes, que tivessem o cuidado de, logo | que
entrassem nas casas afestadas, fosse com o | chloro em exalação; e tendo dezesseis pessoas
| empregadas neste serviço caso nenhum de mor- | te, de molestia se deu com ellas. || Digo
125 ao seu communicante que em muitos lugares | não se praticam as desinfecções em regra,
con- | tenta-se apenas em fazer pequenas fumeгаções | e essas sabe Deus, como! || O
mesmo communi- | cante não é capaz de declarar como se faz uma | desinfecção com os
predicados da sciencia, nem | conhece todos os agentes desinfectantes. || Dê-me alguma
explicação á esse respeito: es- I tou certo que não é capaz. Diga- me como se ob- | tem o
130 chloro, a chloredina e outros desinfectan- | tes d'essa ordem, espero por ella. || Recife, 04 de
fevereiro de 1862. | Jose da Rocha Paranhos.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta destinada ao governador da Província de Pernambuco relatando à ascensão e, ao mesmo tempo, o descaso dado à estação férrea de Pontezinha – devido ao aumento populacional e das variadas profissões que ali se estabeleceram – e, obviamente, solicitando providências no sentido de corrigir a defasagem entre a rentabilidade gerada pela estação e os investimentos realizados na infraestrutura.
4. Data do documento: 27 de março de 1862.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Pedro Gaudiano de [ilegível] e Silva
8. Número de palavras: 1.106
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 26.)

Srs. Redactores. – A supressão da estação | da Pontezinha, annunciada pelo seu jornal de
21 | do corrente, causou-me tanta surpresa e admi- | ração que, não podendo conter-me, e
abafar em | meu coração o desejo, que tenho de levar ao | conhecimento do publico a
injustiça de semelhan- | te medida, tomada pela superintendencia da via | ferrea, saio do
5 meu silencio habitual, e recorro | ao prelo. Todos sabem que o lugar da Pontezinha, antes da
construção da estrada de ferro, | nenhuma importancia tinha, e era [a]penas co- | nhecido
pelo nome, que lhe emprestava ou- | tr’ora uma pequena ponte, que depois foi substi- |
tuida por um aterro: todos sabem que nesse | lugar apenas haviam alguns mocambos,
habita- | dos por gente [ilegível] miamente pobre, e que, não of- | ferendo então futuro
10 algum, ninguem para elle | affluia; mas, feita a estrada de ferro, e estabele- | cida ali uma
estação, mudou-se complet[a] mente | a condição desse lugar, e começou elle a tomar | um
incremento espantoso, edificando-se casa de | telha em systema de povoação, de modo que
| hoje é um [p]ovoado, que contem mais de um | cento de casas de telha pela maior pa[r]
te caiadas | e pintadas, sem duvida alguma pelos [n]ovos e di- | versos meios de vida, que
15 a estrada [ilegível] ferro of- | ferecia, e a vantagem de um ponto de embarque | convidava.
Muitas vendas de molhados se esta- | beceram, e pessoas de diversas industrias, ar- | tes
e officios, como p[e]dreiros, carpina, marci- | neiros, sapateiros, alfaiates, ourives, ferreiros,
| [ilegível] noeiros, etc... enxergaram no lugar da Pontezi- | nha um ponto de moradia
vantajoso, tanto que edificaram suas casas em terrenos aforados ou | arrendados, e até eu
20 que vivo da profissão de ad- | vogado, e que gosto da habitação do campo, | achei que a
Pontezinha era uma solidão agrada- | vel, d’onde pela via ferrea podia todos os dias ir | para

o meu escriptorio na villa do Cabo. Já se vê que não foi, abssolutamente fallando, a estrada de ferro, que deu animo e vida a esse lugar; mas sim o ponto de embarque e desembarque. || Supprimindo, pois, este, é fora de duvida que a Pontezinha, perdendo toda a sua importancia, tor- nara ao seu primitivo estado. Não será, pois, a Companhia da estrada de ferro, ou a superintendencia summamente injusta, causando males e prejuizos incalculaveis aos que se estabeleceram e habitam hoje este lugar, por contarem com a facilidade da communicação d'alli para o Recife e para os lugares que ficam na direcção da linha ferrea é Ninguem o contestará. Não é [u]ma especie de logro, para assim dizer, que a companhia, ou quem a representa prega os habitantes da Pontezinha ? O estabelecimento da estação, dando aos habitantes da Pontezinha uma ideia de estabilidade, e ainda mais por ter sido approvada pelo governo, os desafiou a se estabelecerem, e quando viram realizados as suas previsões e calculos, quando se consideravam bem arran [ilegível] ados, tendo convertido seus capitães, já em edificações, já em estabelecimentos commerciaes, proporcionados ás suas fortunas; quando o lugar está prosperando, e por consequente promettendo vantagens mesmo aos interesses da companhia, é neste ponto que se lavra a sentença de sua aniquilação, que se faz a ruína, e quiçá a desgraça de muitas famílias, que com tal medida vêem desas [ilegível] parecidas completamente as propriedades, que fundaram, e o negocio que estabeleceram, em que consistia toda a sua fortuna [ilegível] Oh! Isto é cruel, é inexplicável e anti-humano mesmo. || Não podendo descobrir a razão de tão injusta resolução, quia acha-la na exiguidade do rendimento da estação para fazer face ao menos as despesas do seu costeio; mas os factos por mim presenciados attestam o contrario, e me respondem que não; porque a estação da Pontezinha tem somente um empregado que é encarregado do registro, o qual percebe diariamente 1\$ 280 rs. e nemhum outra despesa ha mais senão de cinco garrafas de azeite ou óleo para luz, não chegando por consequente toda a despesa a 50 \$ 000 mensaes; entretanto que a estação rende, segundo me tem informado todos os empregados que alli tem estado, de 200\$000 para cima só de bilhetes de passageiros, além do [ilegível] das lenhas que d'alli constantemente manda-se para o Recife, pagando-se por cada wagon [ilegível] de frete. || Ora, sendo certo, como sou tesmunha ocular, de que todos os mezes vão de 20 a 30 wagons com lenha, é evidente que só nos fretes da [ilegível] tem a companhia um rendimento mensal de 200 | a 300 \$ 000, alem dos que rende a venda dos bilhetes dos passageiros. || E, se não gozando ella do favor e importancia, que se tem dado a todas as outras estações intermedias, negando-se-lhe uma plata-fórma commodada e conveniente para o embarque e desembarque de cavallos e outros animaes, ella dá este resultado, é incontestável que, sendo olhada com igual consideração, teria um rendimento igual ou maior ao daquella intermédia, que mais rende actualmente; o que é sem duvida contra os interesses da companhia, não se podendo explicar mesmo a razão da antipathia, que lhe vota a companhia da estrada de ferro, que acaba de lançar tão injusta maldição a uma de suas filhas. || E por este facto entende com o interesse publico, é de esperança que S. Exc., o Sr. presidente da provincia, o tome na devida consideração, para não consentir que por este modo se offenda tão de perto, se aggrida mesmo o direito dos que, me parece, que o [ilegível] á conservação e permanencia da estação da Pontezinha, uma vez que ella

65 não foi creada e estabelecida | provisoriamente, mas sim com o caracter de | estabilidade, garantida pela companhia, quando a | estabeleceu dando-lhe regulamento, e pelo go- | verno quando approvou a sua criação. Assim pensa e espera o seu constante leitor || Pedro Gaudiano de [ilegível] e Silva.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta não assinada destinada aos deputados da província pernambucana na qual o destinatário expõe o abandono em que se encontra o museu e solicita aos parlamentares que aumente a verba destinada a sua manutenção.
4. Data do documento: 24 de março de 1865.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: sem identificação.
8. Número de palavras: 520
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 27.)

Sr. Redactor- Muito gostou Sua Magestade | Imperial de Pernambuco, na visita que se dignou | fazer-nos; mas do que vio aqui, nada lhe deu tan- | to gosto, como ver o museu do gymnasium, e na ver- | dade tive razão; não tanto pela abundancia dos | objetos, como da escolha delles e do estado de | conservação: nessa occasião alli fomos e ouvimos | as observações por elle feitas a Sua Magestade a | Imperatriz que o conduzio depois de o ter visto | de manhã, foi portanto duas vezes ao museu ! En- | tre nós as cousas passam differentemente; e ve- | mos a maior indifferença quase geral em tudo que | concorre para a instrucção [ilegível] , e assim mu- | seu, bibliothecas, etc, simulam a solidão dos cemi- | terios. || O museu acha-se [ilegível] tente todas as quintas-feiras, | como foi publicado [ilegível] este Diario, entretanto ainda | não pisou nelle pé [ilegível] gente; mas não é só isso que | admira sim a indifferença daquelles mes- | mos, que estão no caso de applaudir o interesse | que Sua Magestade Imperial mostrou pelo unico | museu da provincia, e tanto assim, que nas ses- | sões passadas de nossa assemblea provincial, a | quota voltada para conservação, administração e | augmento do museu foi de 400\$000!!! || Sem o augmento de novas aquisições existem | alli peles sem estar armadas, no duplo do que | existe montado, e que de dia a dia se deterioram: | para as montar precisa-se de dispendio não peque- | no, tanto em [ilegível] , drogas, mão d'obra, como ar- | marios, quadros, taboleiros, tudo envidraçado, pre- | cisa-se de empregados para esses misteres subordi- | nados ao administrador do museu: ora com a quo- | ta de 400\$ que não é bastante para pagar ao var- | redor, e que se ha de prover a tanto ? || E de mais essa migalha votada assim mesmo | não tem sedo empregada pela grande difficuldade | e dependencia de poder ser applicada pelos trami- | tes por que passa o mais pequeno pedido, quando, | em

semelhante caso, muito se pouparia, mesmo as | autoridades que pedem informação a meio
25 mundo, | a mandar entregar alli a pessoa competente a quo- | ta qualquer, obrigadas a dar
contas do emprego | das quantias dispendidas. || Ninguem é obrigado a trabalhar sem
interesse | ou gloria, e assim, se não houver desejo de acabar | o que tanto dinheiro tem
custado e realmente vale | tão distincta creação, é indispensavel votar-se no | orçamento
30 quantia correspondente as necessidades | do museu. || Não de diga de nós, que aquillo, que
chegamos a | ter, menosprezamos, e já que não augmentamos, | nem mesmo sabemos
conservar. A nossa esperan- | ça de vermos o museu progredir encerra-se em | uma só
consideração, e é na illustração, patriotis- | mo, e bom senso de nossos illustres deputados
pro- | vinciaes, que não quererão abandonar a sciencia a | poeira ou calamidades do clima e
as traças ...

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Carta de Leitor.
3. Assunto: Carta contendo um texto assinado pelo Sr. Henry Law esclarecendo sobre o projeto de melhoria do "Porto de Pernambuco", incluindo alterações nos cursos dos rios Capibaribe e Beberibe.
4. Data do documento: 21 de fevereiro de 1872.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Henry Law.
8. Número de palavras: 525
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da segunda metade do século XIX – Carta de leitor 28.)

Melhoramento do Porto de Per- | nambuco.

Srs. Redactores do Diario de Pernambuco- nas | observações do Sr. Galvão a respeito do melhora- | mento do Porto de Pernambuco publicadas no Dia- | rio de 16 do corrente, elle falta de parecer emit- | tido pelo Sr. Stawkshaw sobre os projectos dos | Srs. Law & Peniston. || Torna-se portanto necessario para mim pedir a | Vv. Ss. Para reproduzir a carta junta que fiz pu- | blicar no Diario Official do Rio de Janeiro em fe- | vereiro de 1864, pela qual se verá que longe do | Sr. Stawkshaw ter emitido uma opinião sobre o | projecto preparado por mim conjunctamente com | meu socio o Sr. Blount, elle ignorava que tal plano | existisse – De Vv. Ss. Att. criado – Henry Law. || Tendo sido annexo ao relatorio do ministro da | marinha um parecer apresentado pelo engenheiro | o Sr. John Skshaw < sobre as obras do melho- | ramento de Pernambuco> e tendo havido menção | do meu nome no mesmo, poderá ser que algumas | pessoas venham a suppor erroneamente que o pla- | no que eu apresentei ao governo imperial se acha- | va entre aquelles que foram enviados ao Sr. John | Stawkshaw. || Para que não haja equivoco devo agora decla- | rar que por motivos que não me tem sido indica- | dos exclusivo o governo imperial, não somente o | meu plano como tambem os pareceres que recom- | mendavam a sua adopção que foram dados pela | Sr. N [ilegivel] ate, e pelo Sr. coronel Raposo engenheiro | da repartição da marinha, engenheiro a quem foi | o meu plano mandado a informar em 1856. || Os documentos acima indicados e que não foram | submettidos ao Sr. John Stawkshaw são os se- | guintes: || 1º á memoria para o melhoramento de Pernam- | buço por A. Law, e John Blonnt em março de | 1856. || 2º O relatorio do Sr. N[ilegivel] ato sobre o plano de | Lawt Blount, julho de 1856. ||

25

30

3º O relatório do coronel Raposo sobre o mes- | mo em 1856. || Entre os
documentos que foram mandados ao | Sr. Stawkshaw havião cinco escriptos por
mim | contendo principalmente, observações sobre os va- | rios planos que tinhão
sido apresentados, protestos | contra as demoras que tinha havido e outras ob- |
servações sobre a alteração do curso dos Rios Ca- | pibaribe e Beberibe. || Parece
mesmo que não tinha sido informado o | Sr. Stawkshaw de que eu tinha proposto
plano | algum para o melhoramento do porto; e elle sup- | põe que eu tinha limitado
as minhas proposições | a simples alteração dos rios acima mencionado | pois que no
seu parecer faz elle a observação se- | guinte: || < Aproveitando o ensejo não
posso deixar de louvar a perspicacia de que deu provas o Sr. Law | nos desenhos que
apresentou para o melhoramen- | to dos rios, fim que elle se propunha alcançar>> .
|| Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1864. || Assignado Henry Law.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações a Pedido (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta de defesa contra publicações anteriores.
4. Data do documento: 10 de janeiro de 1904.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Manoel Moreira Souza Ponies.
8. Número de palavras: 398
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 1.)

UMA CARTA ANONYMA || Embora nunca me desse ao cuidado de | despender um
nickel de 10 réis com | um jornalzinho que por ahi circula com | o nome de Pimenta;
é certo que | - por | vezes – alguns números delle, natural- | mente esquecidos por
empregados, me | tem chegado ás mãos na fabrica ou nos armazéns. || A linguagem
5 insultuosa, propria de | moços sem critério, só me provoca sor- | risos de compaixão.
|| Acontecendo, porém, que os redactores | desse jornalzinho – tendo-se creado
mui- | tos inimigos –possa a ser desacatados | e como em número de hoje que me
foi | mostrado, me responsabilizam pela au- | toria de uma carta anonyma que
dizem | ter recebido, recheiada de ameaças e ou- | tros desconchavos, venho
10 declarar ao | exm. governador do Estado, ao digno | chefe de policia e ao publico em
geral | que sou completamente estranho a tal | disparate. || Nunca tive em mente
insultar ou amea- | çar quem quer que seja, nem nunca des- | ci nem desço a
infamias anonymas, ou a | recorrer a auxílios estranhos para des- | affrontar-me; os
meus ascendentes fo- | ram aquelles que- em casos graves- | sempre se
15 desaffrontaram pessoalmente. || Longe de mim, porém, a idéia de tomar | a serio
dislates de criançolas; com elles | faço o mesmo que com os charcos nau- |
seabundos que encontro no caminho: | desvio-me cautelosamente, para não ser |
atingindo pelos miasmas nauseabundos | ou salpicado pela lama pútrida. || Pelas
malévolas insinuações que dizem | conter a tal carta – se existe- só pode | ter sido
20 forjada por esses meus inimi- | gos gratuitos, para quem todos os meios | são bons,
servindo-se até das pobres se- | nhoras que manipulam cigarros para vi- | verem;
usando e abusando do que lhes | diz particulamente respeito, sem ellas | sequer os
suspeitarem. || Ahi fica explanado o assumpto, sobre | o qual chamo a atenção da

policia. Acre- | dito que as autoridades, que nunca des- | respeitei, e o publico a quem considero, | me farão a devida justiça de não acredi- | tarem que eu seja homem capaz de des- | cer do meu nível para ir contender com | crianças desmioladas. | Recife, 9 de janeiro de 1904. || Manoel Moreira Souza Ponies.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações a Pedido (Carta de Leitor).
3. Assunto: Texto filosófico sobre a aprendizagem de questões teóricas e da natureza.
4. Data do documento: 13 de janeiro de 1904.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Lino de Freitas.
8. Número de palavras: 237
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 2.)

UMA SATISFAÇÃO NECESSARIA || Se o illustre defendente do determi- | nismo fosse um
verdadeiro philosopho, | não se envergonharia por certo, em com - | petir com um homem
de character firme | e resolução inabalavel pelo sentimento | do justo, só pelo simples factu
de faltar | a este a instrucção secundaria! || Saiba o illustre escriptor que a verda- | deira
5 philosophia não se aprende nos li- | vros, mas estuda- se na propria natureza. || Saiba ainda
mais uma vez que o deter- | minismo não existe; pois se existisse, a | felicidade não teria
um sonho nem uma | utopia. | Ha dezenove séculos que está | *determinado* pela causa
eterna que todos | os homens s[e]jam justos e bons; mos- | trai- me um só que satisfaça os
requisi- | tos d'essa determinação!... || Tencionando não voltar mais á im- | prensa, e
10 summamente agradecido pela | benévola tolerância que me dispensa- | ram o publico e a
illustre redacção d'a | quelle jornal onde terminei os meus es- | tudos, peço a | quem por
acaso, involutariamente te- | nha offendido com as minhas idéas. || Fica em meu poder o
recibo da typo- | graphia onde vou publicar este artigo | para evitar que alguém venha
protes- | tal-o em meu nome como já uma vez | aconteceu. || Recife, 11 de janeiro de 1904.
15 || Lino de Freitas

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações Solicitadas (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta explicativa sobre esclarecimentos de uma ocorrência policial.
4. Data do documento: 08 de fevereiro de 1910.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: Caetano Nicodemo.
8. Número de palavras: 571
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 3.)

Sr. Redactor d' A Provincia | Hontem publicou o sr. dr. Joaquim | Amazonas em vossa
conceituada folha | um inicio de defesa generosa para a | causa que patrocina, em favor do
as- | salto e roubo que sofri em minha casa | de negocio do engenho *Gyndahy*, do Rio |
Formoso, com tentativa e ameaças de | meu assassinato, isto é, defesa do sr. Oc- | taviano
5 Lino Chaves. || Tudo quanto eu e meu socio José Ga- | briel, afirmamos em interrogatório
na | chefatura de policia, é verdadeiro e eu | alli não disse, que o cargueiro Cassiano |
Ferreira é portuguez, sim brasileiro. || O sr. dr. Joaquim Amazonas, declara | que não tem
conhecimento dos factos | que se deram em minha casa, e com que | direito vem pela
imprensa negando os | factos occorridos, e preparando de ante- | mão, generosa quão fútil
10 defeza a seu | amigo, allegando somente em seu favor | riqueza, e por isso honradez e
continuo | labor? || Iguamente, não tem o dr. Amazonas, | nem pessoa alguma direito para
duvi- | dar-se da minha honestidade e labor | commercial e privado, que nunca pode- | rão
provar em contrario. || Affirma (affirma!) o sr. dr. Amazonas | que nenhum roubo soffri.
Quererá dizer | que o sr. dr. esteja disposto a me indem- | nisar do seu bolsinho o que me
15 foi rou- | bado para patentear melhor e maior ge- | nerosidade em prol da sua fútil defeza?
|| Nunca imaginei, nem suppuz soffrer | tamanho assalto, para "maliciosamente" | occultar
os meus próprios bens e fazer | effeito". || O sr. dr. Amazonas é obrigado por | dever social
e educação a fazer melhor | conceito de um homem que não é rico | mas que é honesto e
laborioso. || Outra indiscripção do doutor; -- o tal | italiano, diz elle, não estava em "Gyn- I
20 dahy", quando se deu o assalto (a con- | tra gosto confessa felizmente que houve | o assalto
em minha casa) nem lá voltou. || Na occasião do assalto e roubo, e | ameaças de meu
assassinato, estavam | em minha casa minha irmã, a sra. D. For- | tunata Nicodemo e meu
socio José Ga- | briel alem de empregados; minha irmã | e meu socio sabiam perfeitamente

o es- | tado de meu estabelecimento e de minha | caixa. O sr. doutor sim, nada sabe, nem |
25 póde saber de minhas circunstancias e | recursos commerciaes, e está provado, | sr. dr.
Amazonas nunca foi meu guarda- | livros, nem meu caixa: meu barracão | estava sortido;
eu negociava na compra | de ouro velho, fornecia generos e dinhei- | ro aos lavradores,
tenho no engenho | safra ainda colhendo, muitas formas de | assucar feito nos andaimes e
uma gran- | de planta nova. No entanto sr, redactor, apezar das invectivas que contra mim |
30 atirou o sr. dr. Amazonas, preparando | generosamente a defeza de seu amigo | rico, creio e
espero que as autoridades | do paiz, para quem recorri, saberão le- | galmente fazer justiça
á minha causa | que é a da verdade, e ver-se-á quem af- | firma falsidades na policia e nos
jornaes. || Não voltarei: a minha queixa foi dada | na policia e no consulado italiano. ||
Recife, 8 de fevereiro de 1910. || Caetano Nicodemo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações a Pedido (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta contendo explicação sobre uma velada de ameaça.
4. Data do documento: 23 de março de 1910.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Província*.
7. Identificação do autor: João Russo.
8. Número de palavras: 168
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 4.)

Ao publico e á policia

O sr. Miguel Chiapeta dirigiu-me uma | carta insultuosa que respondi dizendo | – lhe não
querer manter com elle corres- | pondencia naquellas condições e por | aquella forma. ||
Novamente endereçou-me, o mesmo, | uma outra carta que lhe devolvi intacta, | pelo
correio, registrada com recibo de | recepção, pois mantenho o meu firme | propósito de nada
5 responder-lhe. || E como tenho motivos fundados para | receiar qualquer aggressão a minha
pes- | soa, como já o fui uma vez por um outro | seu irmão, responsabiliso-o, bem como |
aos demais irmãos Chiappeta, por tudo | que me possa acontecer, visto que não | tenho
outros inimigos nesta terra. || Fique portanto certo o sr. Chiappeta | que lhe não darei palha
e o chamarei á | responsabilidade, caso continue a ende- | reçar-me cartas injuriosas,
10 fazendo va- | ler os meus direitos perante ás autori- | dades competentes. || São Lourenço,
19 de março de 1910. João Russo.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações Solicitadas (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta dialogando com texto anterior esclarecendo acusações.
4. Data do documento: 24 de abril de 1910.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: Eugenio Samico.
8. Número de palavras: 2.147
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 5.)

Publicações Solicitadas

AO PUBLICO || O jornal *Pernambuco*, em edição de 20 | publicou noticia, calcada sobre
palavras | minhas a respeito de factos occorridos | no Cemitério publico. || Pretende-se por
dubida á veracidade | dos factos. || Devo provar a verdade. Faço-o com | facilidade. Não
invoco o testemunho de | pessoa alguma. Telo-ia muitos. Não | preciso. Basta a carta de
5 meu illustre | amigo sr. Mario G. de Mattos, que se | pretende servir de documento de con- |
testação. Ella é antes a confirmação da | justeza dos conceitos e da verdade dos | factos. ||
Começarei narrando as occorencias. | Com alguns collegas acompanhei o | enterro do
inolidável Joaquim Nabuco, | levando um andor com a capella da As- | sociação dos
empregados no commercio. | Chegando ao Cemitério, que já estava | cheio de povo, fizemos
10 guarda ao andor | que ficou, como todos os outros, em li- | nha ao lado da sepultura. Em
nossa | frente apinhava-se massa compacta de | cavalheiros, senhoras e crianças, que á |
porfia desejavam estar perto do tumulto | e dos oradores. Falou o illustrado dr. | Raphael
Pinheiro. Em momento dado | houve um recuo do povo. Durou pouco. | Restabeleceu-se de
prompto a ordem | anterior. Soube que tinha sido a appro- | ximação da carreta conduzindo
15 o ataúde. | Terminou o dr. Raphael Pinheiro sua | brilhantíssima oração, coberto de ap- |
plausos do povo electrizado. || Tomou a palavra o dr. Trajano Cha- | com. Falava havia 10
minutos ou mais. | quando o povo rompendo em protestos | enérgicos, recua espavorido.
Choviam | os gritos de –NÃO PODE—da parte até de | pessoas qualificadas, gritos de terror,
e | recuo forçado continuava cada vez | mais forte. Na minha frente vejo, se- | guindo a
20 llinha em que o povo era obri- | gado a recuar, o illmo. Sr. guarda-mor, | o meu amigo
coronel Alfredo de Britto | Carvalho, que falavam e gesticulavam. | Não conhecia o illmo. Sr.

guarda-mor, | reconheci-o pela farda que vestia. Ap- | proxima-se delle (do illmo. Sr. guarda- | mor) meu particular amigo sr. Mario | Mattos. Falam e entretanto a balburdia | continuava. Então o major Alfredo dos | Santos Almeida, cujo filho quase era pi- | sado, a
25 bons pulmões grita exprobrando | o que se passava, pedindo ordem e indi- | cando que
diante do cadaver do grande | morto era devido respeito immenso. || Serenou o tumulto.
Voltou o povo a | respeitada calma anterior. O dr. Traja- | no Chacon já tinha terminado seu
dis- | curso. Com toda ordem foram ouvidos | mais dois oradores. Começaram os com- | mentarios e as versões. Eram repetidas | palavras do illmo. Sr. guarda-mor e do | coronel
30 Carvalho. || Mal impressionado com o que havia | occorrido procurei meu ill. Amigo Ma- | rio
Mattos e inqueri do que se havia | passado entre elle e o illmo. Sr. guarda- | mor. Delle ouvi
o que foi publicado. | E possivel que não tivesse bem guarda- | do em memoria as palavras
textuaes do | meu amigo. Certo é, porém, que mes- | mo em rigorosa analyse, ha perfeita
con- | formidade entre os conceitos emittidos | na publicação inquinada e os da carta | que o
35 mesmo escreve em resposta á do | illmo sr. guarda-mor. || Narradas as occorrencias a
largos | traços, vê-se que há accordo entre esta | narrativa e a noticia do dia 20 do cor- |
rente. || Estatue a noticia a que me refiro: || 1º que houve balburdia; 2º que hou- | vê
protestos; 3º que o povo fôra | obrigado a recuar á força pelos guar- | das; 4º que estes
obedeciam a ordem do | illmo guarda-mór amistosamente para pedir ou- | tro proceder; 6º
40 que o illmo guarda- | mor dissera que em occasiões taes não | devia haver protestos; 7º que
s.s. dis- | sera ao sr. Mattos ninguem protestar no | Rio Grande do Sul, quando assim se fa-
| zia, e o sr. Mattos retorquia, que no | Norte se protestava; que o illmo. Sr. | guarda-mór e
coronel Alfredo de Brit- | to Carvalho gesticulavam exaltada- | mente. || Provas: || 1º *Houve
balburdia* . Diz a carta de | meu amigo sr. Mattos, na ultima linha || do 2º período *—quando
45 houvi grande vo- | zeria e balburdia—* Está feita a prova. 2º *Que houve protestos*. Diz a car- |
ta no 4º período: -- *Cortezmente v.s.* | (refere-se ao illmo sr. guarda-mór), | *respondeu-me
que um marinheiro havia | empurrado um rapaz e este se lembrara | de protestar*. – Esta
feita a 2º prova. E | o proprio sr. guarda-mór quem affirma | ter havido protesto. Outra
cousa não signi- | ficam suas palavras --- *aqui se protesta---* | ditas em tom amizioso. Não
50 são o pro- | texto vehemente do maguado, mas são | o protesto enérgico, filho da convicção
| de homem ponderado e calmo e do ami- | go sincero e leal. || 3º *O povo foi obrigado a
recuar á for- I ç.* | Se houve balburdia e vozeria, se | houve protestos por parte do povo, | se
um marinheiro empurrou um rapaz | como diz o illmo sr. guarda-mór, é cla- | ro que o povo
foi obrigado a recuar á | força. Se o povo recuasse por sua li- | vre vontade não gritava, não
55 protestava | nem o marinheiro tinha necessidade de | empurrar ninguem. Obrigado a recuar
| á força por quem? De um lado estava | o povo, do outro lado estavam os guar- | das. Se o
povo foi obrigado a recuar, | se ha affirmativa official que um ma- | rinheiro empurrou um
homem do povo; | quem poderia ter obrigado o povo a re- | cuar? A resposta é facil e a
prova está | feita. 4º *Que os guardas agiam em obediên- | cia ás ordens do illmo sr. guarda-
60 mor.* | O illmo sr. guarda-mór não é autori- | dade policial do estado de Pernambuco. | Suas
atribuições estão prescriptas nos | 24 §§ do art. 105, da "Nova Cons. das Leis | das
Alfândegas". Sua jurisdição se exer- | ce sobre a Companhia de guardas e e au- | xiliares.
Esta companhia tem organi- | sacão quasi militar. O ataúde do queri- | do Nabuco era
conduzido por uma tur- | ma de subordinados de s.s. que estava | presente e os

65 commandava trajando os | distinctivos de seu posto. Não é crível, | pois, que sem quebra de
disciplina, esses | guardas agissem de qualquer modo sem | ordem de seu commandante ali
presente. | Portanto, se no momento em que o po- | vo ouvia religiosamente a brilhante ora-
| ção do illmo dr. Chacon, os guardas | retiraram o ataúde da carreta para fa- | zeio baixar
a sepultura, isto fizeram, | por ordem de seu commandante; e se | para fazer este trabalho
70 elles tiveram | que empurrar o povo, essa balburdia e | esse recuo forçados são a
consequencia | das ordens de s. s. dadas em in[[o]]ppor- | tuno momento. || Se s. s. não
deu ordem alguma, se os | guardas de motu proprio fizeram baixar | o ataúde a sepultura, e
um marinheiro | empurrara um rapaz, no dizer de s. s. | se tudo isto foi feito sem ordem
supe- | rios, digo, houve indisciplina. E s. s. | não reprehendendo os guardas, não os |
75 obrigando a repor o ataúde a carreta | defendendo o acto do marinheiro que | empurrou o
rapaz, manifestando-se con- | tra o protesto do maguado que taxou de | imprudente (está
escripto na carta *im- | prudencia era protestar em taes occasiões*) | encapou e defendeu
uma indisciplina. | Ora, ninguem acredita absolutamente que | o illmo sr. guarda mor,
funcionário de | categoria superior, e zeloso, encampe | uma indisciplina. || Não sendo
80 absolutamente aceitavel a | segunda hypotese subexiste a primeira | e esta feita a prova. ||
*5º que o illm. Sr. Mario Mattos se diri- | gir[a] amistosamente ao illmo sr. guarda | mor
para pedir-lhe outro proceder.* || Confirma a carta do meu illustro ami- | go Mario Mattos
que elle se dirigira | amistosamente ao illmo. Sr. guarda-mór. | Discorda neste ponto: não
foi para pe- | dir outro proceder, foi para perguntar | o que se passava. E factu confirmado |
85 que se deu a intervenção de meu ami- | go M. Mattos. || O fim que teve em vista meu
amigo, | e que, no seu dizer, foi de simples curio- | sidade, e eu suppuz que elle tivesse a |
grande utilidade de um pedido, de um | conselho, é que nos colloca em ligeiris- | sima
divergencia, que em nada destaca | ou modifica a verdade da affirmativa. Ao | meu amigo
sr. Mario Mattos eu peço me | permita a mim, que o conheço bem de | longos annos, que
90 aprecio os dotes de | seu espirito ponderoso, e de seu cora- | ção bem formado, que sei bem
aconse- | lhar e praticar o amor e carinho, conti- | nuar na crença firme de que se dirigin- |
do amistosamente ao illm. Sr. guarda- | mor, de quem sei é amigo, não o fez só | com o fim
de inútil curiosidade. *6º Que o illm. Sr. guarda-mor dissera | em occasiões taes não deve
haver pro- | testos.* A carta de meu illustre amigo | Mattos diz: -- *que imprudencia era pro- |*
95 *testar em taes occasioes* –Palavras do | illm. Sr. guarda-mór, que vão além do | do que eu
disse. S.s. considera em taes occasiões uma---imprudencia—o protes- | to do maguado. *7º
Que s.s. dissera no Rio Grande do | Norte não se protestar quando assim se fa- | zia e o sr.
Mattos respondera que no nor- | te se protestava.* || A carta de meu amigo Mario Mattos |
confirma em absoluto essa asserção. Am- | plia até as palavras do ilm. Sr. guarda- | mor,
100 que diz ter se referido ao sul, ter- | mo mais lato, que pode abranger os es- | tados desde
Alagoas até o Rio Grande do | Sul. || Desta vez a carta provou a ver- | dade da noticia. *8º
Que o illm. Sr. guarda-mór e o co- | ronel Alfredo de Britto Carvalho gesticu- | lavam
exaltadamente.* || Eu poderia deixar de me ter referido | a esta asserção, porque a carta que
deu | causa a esta publicação, sobre ella si- | lencia. Entretanto não quiz deixar sem |
105 analyse nenhum dos pontos da noticia | calcada sobre a conversa que tive com o | meu
amigo. || Sobre este ponto seja-me permittido | suppôr, que meus olhos se tenham en- |
ganado, e conceder que a gesticulação | que me pareceu exaltada não era. || Feita as

provas, resta-me dizer, por- | que conversei sobre o assumpto com o | meu amigo dr.
Erasmus Macedo. || Impressionou-me muito mal a pressa | com que se fez descer a sepultura
110 o ca- | daver do patricio querido deste povo, | que elle estremezia; cadaver que na- | quelle
mesmo instante acabava de ser | entregue ao governo do povo pernamb- | bucano pelo
valente orador dr. Raphael | pinheiro. || Admirei a descortezia para com um | orador e
ouvintes ordenando-se em ple- | no discurso um trabalho que não dei- | xaria de perturbar a
atenção de todos. || Extranhei que, tendo o orador da illus- | ter commissão, que
115 acompanhou o cor-| po do grande pernambucano do Rio | para aqui entrigue os despojos do
ines- | quecivel brasileiro ao governo e ao po- | vo, ninguem quer pelo governo, quer | pelo
povo se apresentasse para receber | tão valiosa dádiva e prometter solemne- | mente
guardar e conservar com cari- | nho e amor eternos tão preciosa reli- | quia. E tal succedeu,
eu creio, por cau- | as das occorrencias a que me refiro. || Estas e quejandas considerações
120 ac- | tuaram tão profundamente em meu es- | piritito que encontrando meu amigo Eras- | mo
de Macedo, em quem, folgo em di- | zer, achei indentidade de vistas, com elle | conversei e
analysei os factos. --- || Terminando devo dizer que não julgo | ter commettido nenhuma
indiscreção | tratando de taes factos e envolvendo o | nome de meu particular amigo Mario |
Mattos. || Os factos foram públicos e o que me | disse meu amigo foi diante de tantas ou- |
125 trás pessoas, que não podia tel-o como | reservado. Recife, 24 de abril de 1910. || Eugenio
Samico.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações Solicitadas (Carta de Leitor/Declaração).
3. Assunto: Texto contendo uma declaração do Sr. Joaquim Lima Amorim sobre questões de legitimidade de posse de terreno.
4. Data do documento: 07 de janeiro de 1920.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Joaquim Lima de Amorim.
8. Número de palavras: 182
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 6.)

Coluna Solicitadas

DECLARAÇÃO NECESSARIA || Tendo tido conhecimento | pela "Imprensa Official" do | edital
de praça do terreno si- | to a rua do Brum numero 617 | na execução de sentença numa |
acção promovida por Jacyn- | tho Botelho de Amorim con- | tra a extincta Companhia de |
Serviços Maritimos de Per- | nambuco, venho declarar a | quem interessar possa que esse |
5 terreno é de minha plena pro- | priedade por compra feita em | concorrência publica em vir-
| tude da liquidação da mesma | Companhia por accordo legal | dos obrigacionistas nos ter-
| mos do Decreto numero 2519 | de 22 de maio de 1897 e que | foi homologado por
sentença | do Dr. Juiz de Direito da 2º | vara como tudo consta da es- | criptura lavrada no
cartorio do | tabellião João Silveira Car- | neiro da Cunha. || Saberei portanto defender | o
10 direito que me assiste sobre | o mesmo terreno, caso sej[a] | isso necessario. || Recife, 5 de
janeiro de 1920. Joaquim Lima de Amorim.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Publicações Solicitadas (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta de defesa contra acusações anteriores.
4. Data do documento: 08 de janeiro de 1920.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *Diario de Pernambuco*.
7. Identificação do autor: Francisco José da Silva.
8. Número de palavras: 366
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 7.)

Coluna Solicitadas

AO PUBLICO || Lendo o jornal do Recife do dia 5 | do corrente deparei com um artigo | sobre o titulo "Gatunos prezos" fi- | quei deveras admirado em deparar | com o meu nome acompanhado de | um piseudonymo que não uso, e taxa- | do com um nome tão vil e accres- | centando que o meu costume é "ope- | rar" nas tres linhas da Greal Wes- | tern. ||

5 E' um protesto que vou lançar | demonstrando que o jornal do Reci- | fe andou leviamente sem investi- | gar taxando-me de gatuno. Há quasi | 2 anos que vendo jornal na linha | da Parahyba e não tenho ganho es- | sas avultadas quantias; se assim fos- | se o meu único intuito era amparar | o futuro prevendo a velhice. Os ho- | mens de baixa posição, quando a fa- | talidade bate em suas portas, os [ilegível] | potentados não teem escrupulos de |

10 atirarem com nomes que o arrasta | para o desprezo social. Porem quan- | do succede com alguns d'esses srs. | vão logo 'cavar" umas palavras no | inglez, no francez ou no grego para | a acção ficar mais elegante e as ve- | zes fica até em moda. || Boto as 3 cartinhas e não tive es- | crupulos em afirmar ao dr. Apulehro | de Assumpção, porem isso é um jogo | como outro qualquer. Não se pode | jogar sem ter dinheiro: o cava- | lheiro que vem jogar

15 comigo | é com intenção de ganhar o que | me pertence, quando succede ga- | nhar não vão a policia dizer "ga- | nhei isso de fulano" porem quando | perde dizem "foi roubado". Veja o | publico que não se pode obrigar a | pessoa alguma a jogar e se alguem | vem jogar e com intenção tambem | de gabhar: já ver o publico que as- | sim torna-se uma acção recíproca. || E mais uma vez não sou gatuno, | nem vivo das 3 cartinhas, sou gaze- | teiro e é de que

20 vivo. Ahi fica o | meu protesto. || Francisco José da Silva.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: Coluna Queixas do Povo (Carta de Leitor).
3. Assunto: Reclamações sobre a falta de saneamento público.
4. Data do documento: 09 de janeiro de 1920.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: sem identificação.
8. Número de palavras: 143
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 8.)

Coluna Queixas do Povo

Solicitam, por nosso intermedio, | chamar a attenção dos illustres dr. | director de hygiene e coronel prefei- | to da capital, para a falta de asseio | existente na freguezia de São José, notadamente na rua [ilegível] | que mantém grande quantidade de | lama infecta e onde o movimento de | carroças é extraordinariamente in- | tenso dando logar a collisões entre | esses vehiculos e os transvios, occasio- | Nando, quasi sempre, prejuizos ma- | tereaes e mesmo pessoas , em pas- | sageiros que, á falta de assento, via- | jam na plataforma dos mesmos. || Esperam os reclamantes que as | autoridades acima, enpenhadas co- | mo estão pelo progresso da nossa ci- | dade, tomem as providencias neces- | sarias, bebeficiando, assim a saude | dos moradores daquela rua e das | demais.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: COLUMNS DO POVO (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta versando sobre doenças infecto-contagiosas..
4. Data do documento: 08 de janeiro de 1924.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: Os prejudicados.
8. Número de palavras: 282
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 9.)

COLUMNS DO POVO I Serviço mal feito | Escrevem-nos: | A repartição de Hygiene deste |
Estado resolveu mandar desinfectar | todos os prédios existentes nesta ci- |
medida [ilegível] | contra a peste e todas as moléstias | infecciosas e transmissíveis. || E é
por isso que vemos quotidiana- | namente um numeroso grupo de | **mata- m[]squitos**
5 munidos de machi- | nas apropriadas a tal serviço e de | longas e grossas mangueiras todas
| arrebetadas a jorrar agua por to- | dos os lados, fazendo assim lem- | brar as epochas
passadas carnavas- | lescas quando era permittido o | brinquedo d'agua. || Nas casas onde
se faz a tal desinfecção é um verdadeiro horror. [ilegível] | triumpho é agua com [ilegível] |
10 chimicos pelo chão, paredes e até | moveis. Terminando que seja o tal | serviço fica o predio
como se tives- | se havi[] uma horrivel inundaçãoI [ilegível]. || Enquanto tudo isso se faz
para | higienizar os prédios, a cidade apre- | senta [ilegível] porca, suja e immunda, la- |
ma [ilegível] a granel, sar- | get[]s desprendendo cheiros náusea- | bundos. Enfim
15 verdadeira praia em | abandono. || O [ilegível] Lobato em rua Chris- | tovão Colombo tem
[ilegível] sargeta, | **mãe** de todas as fedentinas e os in- | teressados no serviço de
higienização. || A travessa do Gazometro ou rua | do Mangue, logar este esquecido da |
Repartição de Hygiene tem duas | sargetas que estão como o Vesúvio | em erupção a
[ilegível] dia e noite um | ar pestilento. No mais gratos pela publicação. | recife 8 de janeiro
de 1924- | Os prejudicados.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: COLUMNAS DO POVO (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta versando sobre o saneamento básico na região de Tejipió.
4. Data do documento: 13 de janeiro de 1924.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: sem identificação.
8. Número de palavras: 93
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 10.)

COLUMNAS DO POVO. | SARGETA DO PATEO DO TERÇO. \ Tigipió-11-1-924.” | Escevem-
nos: || Continua um lamaçal no pateo | do Terço em frente a um café, pon- | to de recreio e
de parada para os | bondes de T[]gipió. || A immundicie proliferaali, e tan- | to isto é uma
verdade, que duas | sargetas existentes no referido local | servem para qualquer criatura
5 que | ali estaccione. || E enquanto semelhante miseria | continua, os “mata mosquitos”, an-
| dam botando uma bandeira amarel- | la nas portas alheias...

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XX – Tipo impresso/Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa

SILVA, Maurício Vieira.

1. Modalidade: Língua escrita.
2. Tipo de Texto: COLUMNAS DO POVO (Carta de Leitor).
3. Assunto: Carta versando sobre os maus hábitos da população.
4. Data do documento: 24 de janeiro de 1924.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
6. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
7. Identificação do autor: sem identificação.
8. Número de palavras: 424
9. Informações levantadas:
10. Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 11.)

COLUMNAS DO POVO | SOBRE UM BOND DE TIGIPIÓ | MAUS HABITOS | E' innegavel, já se tem escripto va- | rias vezes, que ha muito a desejar | de civilização de parte da nossa po- | pulação. São communs as manifesta- | ções de maus hábitos, partindo mui- | tas vezes de familias que deviam ter | as noções dos bons costumes. || Quantas vezes se tem visto de ca- | sas de boa apparencia jogar-se á rua | detrictos de fructas, papeis servidos, | etc.? || Quantos moços, que se presumem | civilizados, não têm o habito de fa- | zer do leite da rua sua servent'a du- | rante a noite? || Quanta gente, que se tem na con- | ta de bôa, não sabe orientar os seus | filhos nas medidas de hygiene domes- | tica? || E quantos são os transeuntes que | tem sido emporcalhados com porca- | rias jogadas á rua ou victimas de ac- | cidentes pelo mesmo motivo de atirar | á rua objectos servidos? || Ainda ontem noticiámos nesta co- | lumna o caso que occur- | rera com o | Sr. Francisco de Assis, victima que | ia sendo de uma "bilha" desabada | de um 1º andar ao solo? || Hontem, á noite, por exemplo, era | 21,50 e sobre um Bond de Tigipió | que passava pela rua Visconde de | Inhaúma (do Rangel) foi jogada uma caixa de calçado contendo matéria | podre, de animal humano. || A caixa cahiu em cheio sobre um | banco do centro do Bond, espalhan- | do-se o conteudo e salpicando varios | passageiros, que saltaram indignadis- | simos. || Espalhou-se um mau cheiro horri- | vel. || Um maritimo, passageiro desse | mesmo electrico, e tambem bastante | emporcalhado, no auge da indigna- | ção disse: - **"Eu sempre vi que Per- | nambuco é uma terra de ignorantes. | Tenho estado em muitos portos do | Brasil e nunca assisti a tanta immu- | nidade da cidade e porcaria da popu- | lação."** || Deixemos os exaggeros do concei- | to. | Mas observemos que alguma ver- | dade existe no mesmo. || Entre nós jamais haverá limpeza | publica, nem hygiene publica suffici- | entes, inveterados como são os maus | habitos em grande parte da popula- | ção de qualquer das

suas esferas. || Só uma lei, cuja execução se fi- | zesse severamente, sem excepções, |
poderia levar essa gente que assim | procede a ter alguma coisa de educação.